

The logo for the publisher LeYa, consisting of the word "LeYa" in white lowercase letters inside a red square.The author's name, "James Kimmel, Jr.", written in a dark, serif font.The title "O Julgamento de Shemaya" in a large, ornate, white serif font. The word "de" is smaller and positioned between "Julgamento" and "Shemaya". The word "Shemaya" is written in a red, ornate serif font.

DADOS DE COPYRIGHT

Sobre a obra:

A presente obra é disponibilizada pela equipe [X Livros](#) e seus diversos parceiros, com o objetivo de disponibilizar conteúdo para uso parcial em pesquisas e estudos acadêmicos, bem como o simples teste da qualidade da obra, com o fim exclusivo de compra futura.

É expressamente proibida e totalmente repudiável a venda, aluguel, ou quaisquer uso comercial do presente conteúdo

Sobre nós:

O [X Livros](#) e seus parceiros disponibilizam conteúdo de domínio público e propriedade intelectual de forma totalmente gratuita, por acreditar que o conhecimento e a educação devem ser acessíveis e livres a toda e qualquer pessoa. Você pode encontrar mais obras em nosso site: xlivros.com ou em qualquer um dos sites parceiros apresentados neste link.

Quando o mundo estiver unido na busca do conhecimento, e não lutando por dinheiro e poder, então nossa sociedade enfim evoluirá a um novo nível.

Ficha Técnica

Copyright © 2012 by James Kimmel, Jr.

Todos os direitos reservados.

Tradução para a língua portuguesa © Texto Editores Ltda., 2014

Título original: *The trial of fallen angels*

Diretor editorial: Pascoal Soto

Editora executiva: Tainã Bispo

Produção editorial: Maitê Zickuhr, Pamela Oliveira e Renata Alves

Assistentes editoriais: Marcelo Nardeli e Maria Luiza Almeida

Preparação: Vivian Souza

Revisão: Andréa Bruno

Capa: Retina 78

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)

Angélica Ilacqua CRB-8/7057

Kimmel Junior, James

O julgamento de Shemaya / James Kimmel Junior; tradução de Alice Klesck. – São Paulo:
LeYa, 2014.

ISBN 9788544100608

Título original: *The trial of fallen angels*

1. Literatura norte-americana 2. Fantasia I. Título II. Klesck, Alice

14-0518 CDD 813

Índices para catálogo sistemático:

1. Literatura norte-americana

2014

Texto Editores Ltda.

[Uma editora do Grupo LeYa]

Rua Desembargador Paulo Passaláqua, 86

01248-010 – Pacaembu – São Paulo - SP

www.leya.com.br

*Para John, Leo, Franz, Charles,
Herman e Emily, que vieram antes*

Tu que és...

“Acho bom que você me siga, e eu serei
seu guia, o conduzirei por um lugar eterno.
Lá, você verá os espíritos antigos em provação”.

— DANTE, *Inferno*

Não me lembro mais.

Meus olhos eram azuis como o céu ou castanhos como a terra recém-arada? Meus cabelos eram cacheados na altura do queixo ou pendiam por cima dos ombros? Minha pele era clara ou escura? Meu corpo era gordo ou esguio? Eu usava sedas de alfaiate ou algodão cru?

Não me lembro. Lembro-me que eu era uma mulher, algo que é mais do que uma mera lembrança uterina. E, por um instante, lembrei-me de todos os momentos em tempo linear, começando e terminando pelo útero. Mas essas lembranças agora estão se dissipando, como um mastro inútil de um navio que emergiu da tempestade. Não lamento a perda de nada disso; tampouco sou capaz de lamentar.

Eu me chamava Brek Abigail Cuttler. Acabei de descobrir que o que é é o que eu conheci quando criança e vislumbrei quando adulta. Daquilo que não é, eu escolhi o que é. E sempre será.

PRIMEIRA PARTE

1

Cheguei à Estação Shemaya depois que meu coração parou de bater e toda minha atividade cerebral cessou de forma irreversível.

Essa é a definição médica de morte, embora tanto os vivos quanto, eu posso lhe garantir, os mortos lamentem esse caráter final. As pessoas argumentam que sempre há motivo para esperança e, às vezes, para milagres. Até depois da morte. Descobri, por exemplo, que, se no último momento um milagre falhar em mantê-lo vivo, ainda há a possibilidade de surgir um mais tarde, no Juízo Final, para evitar que você passe toda a eternidade desejando que outros morram.

Quando cheguei à Estação Shemaya eu não sabia que morreria, nem tinha qualquer motivo para desconfiar de algo assim. Ninguém anuncia quando sua vida termina. Até onde eu sabia, meu coração ainda estava batendo e meu cérebro ainda funcionava; a única indicação de que algo fora do comum tinha acontecido era que eu não fazia ideia de onde estava, nem de como chegara ali. Simplesmente me vi sozinha num banco de madeira em uma estação de trem deserta com uma cúpula alta, vigas e pilares corroídos, e painéis de vidro quebrados, imundos de fuligem. Não me lembrava de uma jornada de trem nem de um destino que fosse. Um painel mal iluminado no centro da área de espera mostrava os horários de chegada, mas não os de partida, e imaginei, como a maioria das pessoas que vêm aqui, que o painel estivesse quebrado, ou que houvesse problemas nos trilhos de saída da estação.

Fiquei sentada olhando o painel, esperando que ele mostrasse alguma informação que me desse uma pista de onde eu estava ou,

pelo menos, para onde estava indo. Quando o painel se recusou a divulgar mais alguma informação, levantei-me e fui olhar os trilhos, como fazem os passageiros ansiosos, torcendo para ver algum movimento, uma luz piscando, à distância. Os trilhos desapareciam na profunda escuridão, quer fosse um túnel ou a noite sem estrelas, não dava para saber. Olhei novamente o painel e, angustiada, ao redor da estação: dez trilhos e dez plataformas, todos vazios; bilheteria, banca de revistas, área de espera, engraxate, tudo vazio. O prédio estava completamente em silêncio: nenhum anúncio nos alto-falantes; nenhum apito tocando, nenhuma sola de sapato rangendo ou compressores de ar soando; nenhum condutor gritando, passageiros reclamando ou músicos tocando e pedindo trocados. Nem mesmo o som de um zelador varrendo um canto longínquo da estação.

Sentei-me de volta no banco e notei que estava usando um conjunto de seda preto, de blazer e saia. O vislumbre desse conjunto fez com que me sentisse mais segura. A vida inteira fui advogada, e advogados sempre usam ternos ou conjuntos para se sentirem menos vulneráveis. Esse conjunto em particular era o meu predileto, porque me fazia sentir como a jovem mulher mais confiante e menos apologética possível quando entrava no tribunal. Alisei a frente da saia, admirando o peso e a textura rica do tecido e o caimento sobre minhas meias. Era realmente um belo conjunto – um que atraía olhares dos colegas, dos advogados da oposição e até dos homens na rua. Era um conjunto que dizia que eu era uma advogada que deveria ser levada a sério. O melhor de tudo era que eu o encontrara numa liquidação em uma loja *outlet* – era um conjunto poderoso e uma barganha. Eu o adorava.

Então, lá estava eu, sentada sozinha num banco nessa estação de trem deserta, enfeitada pelo meu conjunto de seda preto, quando notei pequenas manchas na lapela do blazer. As manchas formavam uma crosta em tom amarelo esbranquiçado, e imaginei que era provável eu ter derramado cappuccino ali mais cedo. Era uma das minhas bebidas favoritas. Raspei as manchas com a ponta de uma unha pintada, porém lascada, esperando sentir o aroma de café,

mas um cheiro bem diferente tomou minha percepção: leite materno.

Leite? Tenho um filho...? Sim, claro... uma filha... uma bebezinha... Agora me lembro. Mas qual é o seu nome? Acho que começa com S... Susan, Sharon, Samantha, Stephanie, Sarah... Sarah? Ah, sim, Sarah.

Porém, por mais que eu tentasse, não conseguia me lembrar do rosto ou dos cabelos de Sarah, ou do jeito como ela sorria ou chorava, ou do cheiro de sua pele, ou da forma como ela podia se contorcer quando eu a segurava. Apenas me lembrava que uma criança tinha crescido dentro de mim, havia se tornado parte de mim, e depois partiu para se juntar ao mundo ao meu redor – onde eu podia vê-la e tocá-la, mas não protegê-la da forma como fazia quando ela estava dentro de mim. Ainda assim, embora eu não conseguisse me lembrar de nada sobre minha própria filha, exceto seu nome, isso não me incomodava em absoluto. Sentada ali, no banco da Estação Shemaya, eu estava muito mais preocupada com as manchas no meu blazer – temendo que alguém visse o que eu havia deixado acontecer com meu conjunto de seda preto predileto.

Esfreguei as manchas com mais força. Como não saíam, dei uma lambida nas pontas dos dedos para umedecê-los. Em vez de sair, porém, as manchas foram ficando maiores e mudaram de cor, de um amarelo esbranquiçado para um vermelho vinho.

Ele solta tinta... por isso que o conjunto estava em liquidação.

Mas as manchas também começaram a reagir de forma diferente. Ficaram líquidas, escorrendo em filetes vermelho vivo por meu blazer, saia e pernas. Isso me fascinou. Passei o dedo no fluido vermelho, primeiro hesitante, como uma criança segurando um pote de tinta, depois fui ficando mais confiante, desenhando duas pequenas figuras de palitinhos no banco ao meu lado – uma mãe e sua filhinha. O líquido era quente e viscoso e tinha um gosto agradavelmente salgado quando levei o dedo à língua. Uma piscina dele se formou no chão de concreto da estação e tirei meus sapatos de salto, colocando os dedos dos pés ali, entregue à sensação de cremosidade.

No meio de tudo isso, um velho caminhou em direção ao meu banco e se sentou ao meu lado.

– Bem-vinda à Shemaya – disse o velho. – Meu nome é Luas.

Luas tinha olhos cinzentos úmidos, como se estivesse sempre pensando em algo pungente, e um tipo de rosto de sapo, bondoso, lânguido e sábio, como um livro gasto. Seu rosto parecia-me familiar, e depois de um instante eu o reconheci como o rosto do meu mentor, o advogado sênior que me contratou quando saí da faculdade de Direito.

Mas qual era mesmo o nome dele...? Ah, sim, Bill, Bill Gwynne. Mas o idoso sentado ao meu lado disse que seu nome era Luas, não Bill.

Luas dá as boas-vindas a todos que chegam a Shemaya. Ele aparece de forma diferente para cada um de nós, e em cada caso de sua própria maneira. Para um, ele talvez seja um mecânico de automóveis ou um professor, para outro, um pai ou pastor, ou talvez um maluco, ou todos esses combinados. Em Shemaya, nós vestimos uns aos outros para ser exatamente quem esperamos ver. Para mim Luas era um conjunto dos três homens mais velhos que adorei durante minha vida: ele usava uma camisa branca com um blazer de *tweed* que cheirava a fumo de cachimbo, o cheiro da roupa do meu avô Cuttler, e, como eu disse, tinha o rosto lânguido de Bill Gwynne. Quando lhe mostrei meus pés e minha mão esquerda, totalmente cobertos de vermelho, indefesa como uma garotinha brincando com seu espaguete, ele me deu aquele sorriso sabido do vovô Bellini, como se dissesse: *Sim, minha netinha, estou vendo; estou vendo o que você teme ver, mas vou fingir que não notei.*

– Vamos indo, Brek – disse Luas. – Vamos levá-la para se limpar.

Como ele sabia meu nome?

Olhei novamente para baixo, mas agora minha roupa tinha sumido – meu conjunto de seda preto e a blusa de seda bege, meu sutiã, minha calcinha, as meias e os sapatos. Na verdade nunca estiveram ali. Houvera apenas a ideia das roupas, assim como eu era apenas uma ideia, definida por quem insisti em ser durante quase trinta e um anos de minha vida. Somente meu corpo permanecia, nu e coberto de sangue. Agora eu sabia que o líquido vermelho era

sangue e que o sangue era meu, porque estava jorrando de três pequenos furos no meu peito, e porque era morno e precioso. Subitamente minha perspectiva mudou e eu parecia estar olhando tudo de um banco oposto.

Quem é essa mulher? Pensei. Por que ela não põe o dedo nos buracos e para o sangramento? Por que não pede socorro? Ela é tão jovem e bonita, deve ter muito pelo que viver. Mas, olhe só, como ela fica ali sentada – não faz nada além de olhar e não sente nada além de pena: pena das plaquetas coagulando tarde demais, pena pelas partes de seu corpo que um dia formavam o todo. E olhe só – veja como seu cérebro tremula, primeiro perdendo a razão, depois, a consciência. Ouça. O rugir do nada preenche seus ouvidos.

Luas tirou seu paletó e o colocou sobre meus ombros. Agora eu estava chorando, e ele me abraçou como a neta que eu talvez tivesse sido. Eu chorava por me lembrar de um passado que existira antes da Estação Shemaya e de Luas, antes das manchas de leite materno e de sangue. Lembrei-me dos meus olhos, de um tom verde irlandês como os de meu pai, e do meu cabelo comprido e farto, preto italiano, como de minha mãe. Das mangas direitas vazias da minha roupa: presas para trás, com um alfinete, dobradas, costuradas. Das pessoas imaginando – dava para ver em seus rostos – o que uma menina de oito anos poderia ter feito para merecer todas aquelas mangas direitas vazias? Lembrei-me de querer dizer-lhes, lembrar-lhes, que Deus pune os filhos pelos pecados dos pais.

Sim, por um breve e insuportável instante, recordei muitas coisas quando cheguei à Estação Shemaya. Os lagostins morrendo ao sol e a crueldade da injustiça. O fedor de cogumelos apodrecendo e a impossibilidade do perdão. A corrente na máquina de espalhar adubo do meu avô amputando meu braço na altura do cotovelo e lançando-o ao campo, junto com o restante do esterco. O rosto angelical da minha filha, Sarah, de apenas dez meses, tão jovem e preciosa. Recordei-me do leite pingando da mamadeira cair na manga direita vazia do meu conjunto, e da pontada de culpa por deixá-la na creche naquela manhã, e da culpa maior ainda por me sentir aliviada. Recordei-me da poeira nos livros de Direito e do gosto amargo do café. Lembrei de dizer ao meu marido que eu o

amava, sabendo que era verdade. De ir buscar minha filha no fim do dia e de seus gritinhos de alegria quando me viu, e de meus gritinhos de alegria quando eu a vi. Lembrei-me de cantar “Hot Tea and Bees Honey” para ela a caminho de casa, imaginando o que o meu marido teria feito para o jantar, porque ele sempre fazia o jantar às sextas-feiras. Acima de tudo, recordei o quanto a vida se tornara confortável para mim... e como eu faria qualquer coisa... daria qualquer coisa... *não pararia por nada...* para fazer aquilo durar.

Então minhas lembranças sumiram, como se um plug tivesse sido puxado da tomada. Havia apenas o leite da mamadeira transformado em sangue, agora por toda parte, em meu rosto, pescoço e barriga, escorrendo por cotovelo e punho, descendo pelo coto do meu braço direito, deixando minhas pernas, pés e dedos vermelhos, levando minha vida e a derramando em Luas, pintando nós dois juntos num abraço, encharcando seu paletó e sua camisa, espalhando-se por seu rosto, empoçando no chão e secando nas beiradas, coagulando em pedaços vermelhos horrendos ao redor da borda.

Foi assim que cheguei à Estação Shemaya quando morri.

E em algum lugar no universo, Deus suspirou.

2

Luas me levou da estação de trem até uma casa não muito distante. Seguimos por uma estrada de terra pelo meio de uma mata, passamos por um pasto, uma horta e um trecho gramado. A cidade que eu havia imaginado além dos muros da Estação Shemaya não existia. Agora estávamos numa zona rural.

Conforme caminhávamos, o céu sem lua tinha um tom escuro de violeta iridescente, como um vitral em mosaico. Luas me conduzia em silêncio, amparando-me quando eu tropeçava. Eu ainda estava confusa. A cada trecho de alguns metros o clima mudava de um extremo ao outro, entre quente e frio, úmido e seco, como se os céus também estivessem confusos. Eu não sentia nenhuma dor física. Num canto obscuro da minha memória, meu tórax latejava e meus nervos gritavam – mas essas eram sensações distantes, mais para recordações do que sentimentos. Minha pele parecia rija, incrustada com sangue seco, conforme eu me deslocava.

A casa para onde Luas me levou tinha uma varanda ampla na frente, com uma balaustrada branca e amplos degraus verdes. Havia um lustre octogonal pendendo do teto, projetando blocos de luz na grama. O lugar me lembrava a casa dos meus bisavós perto do Rio Brandywine, no nordeste de Delaware, com a mesma intimidadora torre e arestas vitorianas e belos arabescos nos beirais, como tantos casarões construídos nos anos 1920. Tudo ali era permanente e grandioso, um bastião contra o destino e o tempo: os pesados tijolos vermelhos e as pedras, o telhado em cascalho, as janelas e pés-direitos altos, as colunas grossas e maçanetas em bronze maciço.

Na varanda havia uma mulher idosa acenando animadamente em nossa direção. Luas apertou minha mão e se firmou para me ajudar a subir os degraus.

– Nossa convidada finalmente chegou, Sophia – ele anunciou.

Eles trocaram abraços educados, do jeito que os casais mais velhos fazem, e me preparei para os gritos da mulher quando ela percebesse que o marido tinha trazido para casa uma mulher nua, com metade de sua idade e coberta de sangue. Porém, mesmo com minha aparência escandalosa e nojenta, é de se imaginar que todos os convidados chegassem nessas condições. Ela se precipitou à frente e me abraçou, sem ligar se mancharia seu vestido de camurça azul com meu sangue, antes de recuar apenas o suficiente para ver meu rosto e afagar minhas bochechas.

– Obrigada, obrigada, Luas – disse ela, ofegante, quase chorando.

Luas piscou para mim e desceu novamente os degraus rumo à escuridão de onde viera, deixando um rastro de pegadas ensanguentadas.

Eles obviamente são loucos, pensei.

Sophia tinha um rosto étnico, mediterrâneo, expressivo e orgulhoso, com uma testa angular e lábios finos. Seus cabelos grisalhos estavam presos num coque e ela falava com sotaque italiano.

– Oh, Brek – sussurrou ela. – Minha criança tão preciosa.

– Bisa?

A palavra saiu dos meus pulmões como um gemido, acompanhada da lembrança de uma antiga fotografia, o rosto de minha bisavó Sophia Bellini, minha bisa. Ela havia morrido de derrame quando eu tinha quatro anos.

– Sim, filha, ah, sim – disse ela.

Minha memória mais antiga era a de seu enterro. Eu tivera uma crise de birra quando minha mãe me fez dar um beijo de despedida na vovó Bellini deitada no caixão aberto. Eu me lembrava do tapa que minha mãe me deu no rosto, e que seus olhos não abriram, e que seu sorriso, sereno e insano, não mudou.

– Bisa?

– Sim, querida – disse ela, novamente, me abraçando mais apertado. – Bem-vinda de volta.

Eu sorri e recuei.

Chega um momento em todo pesadelo quando a descrença já não pode continuar suspensa e é preciso escolher entre acordar ou deixar que o drama prossiga, confortando-se com a ideia de que é, afinal, apenas um sonho.

Contornei a bisa, a ilusão, e passei os dedos na coluna branca no topo dos degraus. Como esperado, havia as iniciais B.A.C., entalhadas com um prego, numa tarde de agosto quando sentei na varanda tomando chá gelado, imaginando se o verão algum dia terminaria e o ensino médio afinal começaria. O cheiro de naftalina e alho que emanava da cozinha era tão impossível de não associar ao lar dos meus avós como o cheiro de hortênsias ao final da primavera. A porta de tela rangeu duas vezes, como sempre fizera, e nossas fotografias de família estavam arrumadas na bancada do corredor.

– Estou sonhando – eu disse à bisa. – Que sonho mais estranho.

Um sorriso surgiu em seu rosto, o mesmo sorriso sabido de Luas na estação de trem, como se dissesse: *Sim, minha bisneta, eu entendo. Você ainda não está pronta para aceitar sua própria morte, portanto temos de fingir.*

– É um sonho bonito? – perguntou ela.

– Não, é um sonho assustador, bisa – respondi. – No sonho, eu estou morta, e você... você está aqui, mas também está morta.

– E isso não é um belo sonho, querida? – perguntou ela. – Saber que a morte não é o fim de tudo?

– Sim, é – eu disse. – Vou tentar me lembrar disso quando eu acordar e tentarei me lembrar de você também. Parece que eu nunca consigo recordar seu rosto, bisa. Eu era muito pequena quando você morreu.

Bisa sorriu para mim, entretida.

Bocejei e me espreguicei.

– Nossa, mas que sonho comprido – eu disse. – Tenho a sensação de estar sonhando a noite toda. Mas isso é bom. Significa que estou dormindo bem. Estou tão cansada, bisa. Quero dormir um pouco mais, mas não quero ficar com medo. Quero que seja um sonho agradável agora. Podemos transformá-lo num sonho agradável, para que eu não tenha que acordar e afugentá-la?

– Sim, querida – respondeu, abraçando-me novamente. – Podemos fazer dele um sonho agradável. Podemos fazer dele o sonho mais agradável que você já teve.

Ela me levou escada acima sem dizer mais nenhuma palavra, colocou-me numa banheira de ferro com pés em forma de pata e pendurou um robe atalhado na porta. O sonho já estava melhorando. Antes de me deixar de molho na banheira, ela parou para olhar o coto do meu braço direito. Sorri para tranquilizá-la, como sempre fazia quando alguém percebia minha amputação. Ela beijou minha testa e fechou a porta.

Embora o sangramento tivesse parado, tive que esvaziar a água vermelha da banheira e encher outras duas vezes. Havia três buracos no meu peito: um no meu esterno e dois no meu seio esquerdo. Passei o dedo em cada um com indiferença, como se estivesse meramente tocando uma mancha. Dava para sentir o tecido macio por dentro – rasgado e inchado – e as bordas retalhadas do osso quebrado.

Depois do banho me embrulhei no robe que bisa deixou para mim atrás da porta e fui até o segundo andar da casa antiga, ressuscitando lembranças, tanto boas quanto tristes. No quarto principal havia uma foto feliz da bisa e do bisavô Frank fazendo pose na frente do Teatro alla Scala, no trigésimo aniversário de casamento deles. Minha mãe me disse que um mês depois meu bisavô Frank confessou ter levado a amante à mesma ópera durante uma viagem de negócios a Milão. De alguma forma, bisa superou a humilhação e a raiva e concedeu o perdão que ele buscava. Em compensação, na parede entre as janelas o bisavô Frank pendurou um imenso crucifixo com um Cristo enorme, cujos olhos pesarosos guardavam seu lado da cama, como um lembrete. Um ataque do coração o levou no ano seguinte.

Meus avós se mudaram para a casa depois da morte da bisa e agora seus pertences preenchem o quarto, porém o crucifixo ficou: alerta, vigilante, remetendo à lembrança. Era realmente da casa deles que eu me lembrava, não a de bisa. Abaixo da cruz havia uma pequena estante cheia de edições de capa dura de Locke, Jefferson e Oliver Wendell Holmes e tratados sobre contratos e

procedimentos. Eram os livros de Direito do meu avô, e depois do acidente com meu braço e o processo judicial que se seguiu, passei a olhar as capas de couro com admiração e reverência. A busca pela justiça me parecia mais uma religião nobre e honesta do que aquela que eu ouvia nos sermões de domingo na igreja.

Na porta ao lado, o quarto do meu tio Anthony era uma máquina do tempo lacrada em 1968, um ano depois que bisá morreu. Em algumas das fotografias em preto e branco que estão na parede ele está agachado junto a um morteiro, a extenuação do medo e da fadiga retorcem seu rosto num sorriso assombrado. Há placas de identificação e um crucifixo com o braço direito quebrado pendurados em seu pescoço por uma corrente. A única foto colorida no quarto foi tirada dois anos antes dessas. Nessa foto, o Primeiro-Tenente Anthony Bellini está garboso e valente no uniforme de gala, ao lado de uma bandeira norte-americana. Meus avós mantinham essa foto sobre a cômoda, ao lado das placas de identificação, do crucifixo quebrado e de um triste triângulo de tecido azul, que lhes foi apresentado no funeral do tio Anthony. Eu adorava aquele crucifixo quebrado. Jesus estava sem o mesmo braço que me faltava, e quando eu o tocava acreditava que, de alguma forma, ele compreendia. Eu não me lembrava do tio Anthony; ele foi mandado para o Vietnã logo depois que eu nasci. Quando eu perguntava sobre ele só me diziam que tinha sido um herói.

O quarto do outro lado do corredor primeiro foi de Gus, irmão do meu avô e, depois, do tio Alex, antes que ele também fosse despachado para o Vietnã, dois anos depois do tio Anthony. No entanto, o tio Alex voltou inteiro da guerra, então meus avós não precisaram criar um segundo altar. Em vez disso, usaram o quarto para guardar cadeiras quebradas, caixas e outras tralhas para as quais não havia lugar no restante da casa.

Minha mãe era a mais velha dos três filhos Bellini. Depois que ela se casou, seu quarto passou a ser o quarto de hóspedes, mas meus avós guardaram as coisas dela. A cama era branca, com um dossel que eu odiava. Um par de bonecas velhas melancólicas ficava sobre os travesseiros, ansiando por afeto e precisando de um banho. As cortinas de renda que decoravam as janelas minha mãe costurara a

partir de uma toalha de mesa antiga, e no pé da cama havia um baú de pinho, cheio de cartas bobas, saias de tecido xadrez e fotografias de cavalos e gatinhos. Era o quarto de uma menininha e, em vários aspectos, minha mãe continuou sendo uma menininha durante toda sua vida. Seu quarto era lá no alto da torre, onde uma princesa dormiria – um refúgio em formato oval protegido de ladrões e dragões, com janelinhas com vista para a frente e a lateral da casa. Minha mãe e eu moramos ali por um ano inteiro depois que ela se divorciou do meu pai. Eu dormia ao seu lado na mesma cama toda noite. Nós comíamos pipoca, líamos livros e, às vezes, ela chorava até dormir. Eu que era a adulta naquela cama, e isso fazia com que eu me sentisse segura. Adultos eram sempre seguros. Ela cuidara de mim após o acidente com meu braço até eu sarar, e eu me sentia feliz em retribuir o favor. Eu não podia substituir meu pai assim como ela não podia fazer meu braço crescer novamente, mas, de algum modo, nós nos ajudamos a curar nossas feridas. Nunca fomos tão próximas quanto algumas mães e filhas se tornam, porém amávamos e compreendíamos uma à outra do jeito que só mãe e filha conseguem fazer.

Depois do meu banho eu pretendia me vestir e descer novamente para conversar com bisá, mas, de repente, senti-me sonolenta e fraca, como se estivesse mergulhando em meu sonho para um nível mais profundo. Sucumbi a esse ímpeto, entrando por baixo dos lençóis de algodão macio da cama de minha mãe, junto com as bonecas, apagando o abajur em forma de unicórnio branco. Adormeci rapidamente. Durante esse sono, comecei a sonhar com meu último dia na Terra.

É de manhã bem cedo e estou amamentando Sarah na cama, com a televisão ligada. Estamos assistindo a Bo, em seu primeiro mês como o novo âncora do noticiário *Morning News* do canal 10. Ele está tentando puxar papo com Piper Jackson, a nova garota do tempo, absurdamente insossa, mas incrivelmente linda. Independentemente das condições do clima, as saias e blusas apertadas de Piper garantem céu azul e alta pressão atmosférica. Bo e Piper formam um casal perfeito no *set* e sorriem um para o outro nos lustrosos novos *outdoors* que já ajudaram a aumentar a audiência do programa. Morro de ciúme toda manhã – até que Piper abre a boca. Hoje, enquanto conversava com Bo sobre um *tsunami* que acabara de devastar o Japão, ela confunde o nome do fenômeno com a palavra “samurai” e especula a possibilidade de ter sido assim que os guerreiros japoneses haviam ganhado seu nome. Bo se retrai.

– Pronuncia-se “tsu-na-mi”, Piper – diz ele.

Piper parece desnorteadada, como um cachorrinho que levou uma bronca por ter feito xixi no tapete.

– O quê? – pergunta ela.

– A palavra japonesa para uma onda gigante.

– Opa – responde Piper vagamente, seus lábios vermelhos passam de um bico de garota repreendida para um sorriso de garota levada.

– Bem, acho que isso explica por que os guerreiros japoneses são chamados *tsunamis*.

O câmera sabe exatamente o que fazer. A tomada de cena é aberta, focando o decote de Piper e seu notável vale entre os seios. Quase é possível ouvir o aplauso espontâneo dos homens em toda a região central da Pensilvânia e os gemidos em protesto de suas

esposas, namoradas e mães. Argumentei com Bo para se ater às notícias, mas Piper e seus seios são maiores e melhores que as notícias.

Sarah termina de mamar, alheia aos índices de audiência, perfeitamente satisfeita em ver uma miniatura de seu pai falando de uma caixa na cômoda, independentemente do que ele diga. Às vezes ela tenta responder, como se eles estivessem conversando.

Tomo um banho rápido, planejando, enquanto me esfrego, onde retomar o processo da ação no qual estou trabalhando, e espio para fora do chuveiro, para ter certeza de que Sarah continua na cama. Quando a emissora substitui seu pai às sete, nós mudamos para o Garibaldi, eu termino de me maquiar e coloco minha blusa de seda creme com meu conjunto de seda preto. Levo Sarah até seu quarto e troco sua fralda, vestindo-a com um macacão leve de algodão antes de trocar para calça e moletom, ao lembrar o alerta de Piper sobre a frente fria que chegará ao fim do dia. As mãos de Sarah sacodem acima da cabeça e ela fica olhando para elas, estarrecida, como se as estivesse vendo pela primeira vez, um par de pássaros vindos do nada, balançando conforme a música que entoa em sua cabecinha. Com toda minha determinação, tento guardar esse momento – o imenso fascínio dos olhos dela e as contrações delicadas de seus dedos, a luz do sol que celebra sua revelação, o brilho perfeito da pele de sua barriga – tudo guardado em minha memória, como uma joia num cofre, para ser retirada e adorada mais tarde.

Sigo de carro com Sarah até a creche administrada pelo Juniata College, como prática pedagógica. É um estabelecimento excelente, claro, alegre e limpo, com professores animados e alunos ávidos para experimentar os mais recentes métodos e técnicas para o desenvolvimento de mentes infantis. As salas são pequenas e Sarah nunca está carente de estímulo ou atenção. Ela está sempre rindo e brincando, e seu pediatra diz que as habilidades verbais e cognitivas dela estão bem adiantadas para sua idade. Quando faço uma visita durante o dia, fico convencida de que ela está melhor ali do que se eu tomasse conta dela em casa. Porém, quando lhe dou um beijo de despedida de manhã, e ela acena suas mãozinhas e fica me olhando

com aqueles olhos castanhos tristes, eu me pergunto se não estou enganando a mim mesma – ou se não é pior para mim, mesmo que não seja para ela.

Enquanto estou desafivelando o cinto de segurança da cadeira para bebê, ela vira a mamadeira ao contrário e parece propositalmente derramar leite na lapela do meu blazer.

– Ei, pare com isso! – digo, fingindo ficar zangada. – Ninguém brinca com o conjunto predileto da mamãe, nem uma belezinha como você.

Chego ao escritório às oito e meia e aceno para o cara de sapo Bill Gwynne, que já está ao telefone com um cliente e, cuja escrivania, reorganizada pela secretária ontem à noite, já está uma bagunça. Nossos escritórios ocupam uma casa histórica de tijolos vermelhos, ao lado do fórum municipal de Huntigdon, Pensilvânia, usado em princípio com uma loja de chaveiro à época em que a cidade foi fundada, em 1700. Jogo minha pasta e bolsa no meu escritório no segundo andar e preparo uma xícara de cappuccino usando um pote e o micro-ondas para espumar o leite. De xícara na mão, sigo até nossa pequena biblioteca no terceiro andar, onde continuo a pesquisa legal que venho fazendo nas últimas quatro semanas, tentando elaborar uma defesa que vai permitir que Alan Fleming, nosso muito abastado e lucrativo cliente, evite devolver os 500 mil dólares que ele pegou emprestado de um banco. Isso talvez pareça tarefa impossível, se não ligeiramente inescrupulosa, mas na verdade é a minha parte preferida da prática da lei: o desafio intelectual de desvendar um fato negligenciado ou uma lei esquecida e ganhar um caso que a maioria dos advogados poderia, e deveria, perder.

Nessa manhã em particular, a dama cega da justiça me concede um presente generoso na forma de um regulamento bancário pouco conhecido, da época da Grande Depressão, chamado Regulamento U, que proíbe bancos de concederem empréstimos para a compra de ações se outras ações são dadas em garantia colateral, mas valham menos que 50% do empréstimo. O regulamento tinha a intenção de evitar que a quebra dos mercados de ações levasse o sistema bancário junto, porém ele me chamou a atenção porque Alan

comprou ações com o empréstimo que sacou e, conforme me lembro, deu em garantia outras ações que só valem 30% do valor do empréstimo. Se o banco sabia disso, então violou o regulamento e estaria impedido de processar Alan pela recuperação da dívida. Nós ganharíamos o caso em caráter técnico.

Desço correndo de volta ao meu escritório para buscar a transcrição do depósito que peguei do funcionário de empréstimos, Jorge Mijares, para ver se ele sabia que Alan tinha a intenção de usar o empréstimo para adquirir ações. O transcrito é composto por centenas de páginas de depoimentos dados sob juramento diante de um oficial de registro do tribunal, com cada frase dos depoimentos numerada para facilitar a referência. Revendo as páginas, lembro a forma que, assim como a maioria das testemunhas masculinas que tive de confrontar durante minha carreira de advogada, Jorge Mijares se recusara a me levar a sério, por eu ser uma jovem mulher. Usei isso em vantagem própria. Eu havia descoberto que, em vez de me ressentir e resistir à arrogância de homens assim, eu poderia derrotá-los com mais facilidade flertando e usando seus preconceitos contra eles próprios. A presunção sem limites inevitavelmente os levava à distração e negligência – e a dizerem oficialmente mais do que pretendiam.

Na página 155 do transcrito, localizo o depoimento que estava torcendo para encontrar – o testemunho que destrói o caso do banco. Eu me empolgo. Pego o transcrito e o regulamento e levo até a sala de Bill, colocando-os no único espaço desocupado no mogno de sua mesa. Ele está mergulhado num arquivo e nem sequer ergue os olhos enquanto fala.

– Sim? – ele resmunga.

Bill está sempre irritadiço pela manhã, e nesta ainda mais, porque está preparando a audiência de dois casos de uma só vez. Seus olhos passam de um arquivo para outro, os dedos folheando os papéis. Ele está vestindo um terno cinza tradicional com colete combinando, camisa branca e gravata vinho. Ele é das antigas e nunca tira o paletó no escritório, nem em pleno verão.

– Leia isso – digo, orgulhosa.

– Por quê?

– Porque é como vamos ganhar um caso que deveríamos perder.
Ele dá uma olhada no regulamento.

– O que isso tem a ver?

– Mijares alegou que sabia que Alan estava usando o empréstimo para comprar ações. No entanto, ele não informou a garantia colateral exigida pelo regulamento. O empréstimo é inválido e não executável perante a lei. Nós ganhamos.

Bill arranca o regulamento da mesa. Faz-se silêncio enquanto ele lê, depois ele cai na gargalhada.

– Jorge se empolgou um pouco, hein?

– Ele se acha muito encantador – respondo.

Bill pousa o transcrito, pega o regulamento e lê.

– Ele não será tão encantador quando descobrir que você o superou no charme – diz ele. – Fico contente que você saiba lidar com homens assim. O pai de Jorge ficaria decepcionado se lesse isso. Ele era professor de arqueologia no Juniata College, muito educado e culto. Ele me contratou para representar os viticultores no caso do cianureto. Família abastada. Os Mijares ainda são donos de vinhedos no Chile.

– Nossa, e você também lidou com esse caso? – pergunto, sempre surpresa com a incrível carreira jurídica de Bill. Eu estava na faculdade durante a comoção pública sobre as uvas chilenas contaminadas com cianureto. Quando saiu a notícia alertando as pessoas a não comprarem as uvas, minha colega de quarto passou a comprá-las e comê-las o tempo todo. Ela detestava uvas vermelhas, mas seu namorado tinha terminado com ela. Disse que não tinha coragem para cortar os próprios pulsos e achou que as uvas seriam um meio mais fácil de morrer.

Bill assente.

– Mas achei que naquela época você só representasse querelantes, não réus.

– Os agricultores eram os querelantes – responde Bill. – Não havia cianureto. O temor foi uma farsa, porém centenas de fazendeiros chilenos perderam tudo; milhares de toneladas de fruta foram embargadas e destruídas. Nós processamos o governo para remover

o embargo e processamos as seguradoras para pagarem as alegações. E, sim, nós ganhamos.

Do lado de fora da janela ao lado da mesa de Bill o sol matinal bate nas amarelas folhas de outono de um pé de bordo, fazendo a árvore parecer em chamas. Um pequeno pardal pousa num galho, arriscando ser imolado.

– Espero que a gente ganhe outro – digo.

Bill não responde e um silêncio estranho se segue. Percebo que estou esfregando o coto do meu braço direito e ele está me observando. O pássaro no pé de bordo sai voando, sobrevivendo às labaredas.

– Quando você consegue concluir o esboço? – pergunta ele.

– O primeiro esboço, até terça.

Ele pousa o regulamento e começa a trabalhar nos arquivos à sua frente.

– Estarei no fórum a tarde toda e depois tenho reunião de diretoria – diz ele. – Tenha um bom fim de semana.

– Obrigada. Você também.

Junto meu material para levantar, porém Bill me impede.

– É um argumento criativo, Brek – ele diz, sem erguer os olhos. – Poucos advogados teriam pensado nisso.

– Obrigada.

Eu viro para sair, mas hesito. Estou gratificada pelo elogio raro, mas, subitamente, com remorso pelo desfecho.

– Então, Alan Fleming fica com os 500 mil dólares que não lhe pertencem, por conta de uma questão técnica?

Bill suspira, decepcionado.

– Sim – diz ele –, e com alguma sorte essa tarde vou colocar um incendiário de volta à rua, por conta de uma questão técnica. Porém, na semana que vem farei com que um homem inocente seja libertado, segundo a mesma questão técnica, e uma questão técnica legal irá ganhar um mandado de segurança contra o aterro sanitário que está despejando dioxina e matando os robalos do Rio Raystown. Não se pode ter um sem o outro, Brek. A justiça usa uma venda porque não deve ver quem está abastecendo a balança.

Saio da sala de Bill e volto ao meu escritório. Da minha janela dá para ver o Rio Juniata salpicado de reflexos vermelho e jasmim das folhas nas árvores, cada uma delas uma forma ímpar de outono.

Bill está certo, penso. Não fiz nada de errado defendendo meu cliente por meio de uma questão técnica legal. Na verdade, exerci perfeitamente a minha função, e o sistema está funcionando exatamente como elaborado, algo que vai além do que pode ser dito de um sistema que permite que alguém como Piper Jackson dê previsões do tempo. O que me lembra de ligar para Bo, no estúdio.

– Oi – diz ele. – Eu estava prestes a te telefonar.

De repente, dou um bocejo ruidoso.

– Nossa – digo –, desculpe. Foi uma longa manhã... Então, quais são as últimas notícias? Chegaram a capturar aquele guerreiro samurai que atacou a costa nordeste do Japão? Ouvi dizer que ele fez um estrago e tanto.

– Muito engraçado – diz ele.

– Parece que ele deu um *saquê* na costa.

Bo grunhe.

– Essa eu já ouvi três vezes essa manhã, sempre de mulheres. Vocês sabem ser bem invejosas e cruéis. Foi tudo bem ao deixar a Sarah na escola?

– *Vocês?* – reclamo. – Invejosas e cruéis? A mulher é uma idiota tagarela. Como consegue suportá-la?

Bo hesita, fingindo buscar um motivo. Sei que ele gosta dela, apesar do constrangimento que ela é. Ele finalmente diz, como se ficasse impotente diante de uma força irresistível:

– Bem, ela tem belos... conhecimentos em previsões do tempo.

– Você é um porco, Boaz – respondo. Ele detesta quando eu o chamo pelo primeiro nome. Seus pais o chamaram de Boaz em homenagem ao bisavô do Rei David, e ao soldado americano que salvou a família de sua mãe dos nazistas durante a Segunda Guerra Mundial. – Sarah estava bem – digo. – Ela derramou leite da mamadeira no meu conjunto.

– Ela adora fazer isso – responde Bo. – Estou a caminho de Harrisburg. Harlan Hurley será condenado esta tarde. Querem que eu cubra, já que dei o furo da história.

Minha secretária, Barbara, enfia a cabeça na porta para me dizer que Alan Fleming está na linha. Peço que ela anote o recado.

– A que horas você vai estar em casa?

– Seis e meia, a menos que as coisas desandem – responde Bo. – Ainda devo conseguir fazer o jantar.

– O que vamos comer?

– Algum pedido?

Começo a escrever uma lista de argumentos para o resumo do julgamento de Alan num bloco de papel e não ouço a pergunta de Bo.

– Alô? – diz ele. – Comida? Alguma ideia? Dá para notar que você está trabalhando em alguma coisa.

– O quê? É... no resumo do caso Fleming. Desculpe, acabei de levantar uma defesa genial. Até o Bill ficou impressionado. Não, não consigo pensar em algo para o jantar, pode ser o que você quiser.

– Ouvi dizer que os amigos *skinhead* de Hurley vão protestar no tribunal. Você raspou a cabeça essa manhã?

– Não – respondo –, mas fico muito bonitinha careca. Você já viu minhas fotos de bebê.

– Sabe – diz Bo, provocando, porque Bill e eu somos membros do Sindicato de Liberdades Civis Americanas –, eu valorizo a liberdade de expressão tanto quanto qualquer outro, principalmente por ser um repórter, mas comícios defendendo a opressão e destruição de grupos étnicos vão longe demais, você não acha? Por que devem ter o direito de usar propriedade pública para incitar o ódio e a violência?

Eu perco a minha linha de raciocínio e preciso voltar ao início do meu resumo.

– Realmente, eu quero saber – Bo pressiona. – Como você pode defendê-los?

Já discutimos isso centenas de vezes.

– Quem decide o que é legal dizer e o que não é? – respondo automaticamente. – É fascinante como vocês, judeus liberais, subitamente ficam todos conservadores quando o assunto é antissemitismo. Não dá para ter tudo, Bo. Usando sua teoria, os judeus devem ser banidos de manifestações em favor de Israel, porque Israel oprime os palestinos. Sua mãe viveu ao longo do Holocausto e até ela acha que os antissemitas têm direito de se expressar. Talvez você devesse ouvi-la de vez em quando.

– Minha mãe é tendenciosa – responde Bo. – E maluca. Você nem é judia, mas ela anda por aí dizendo para todo mundo da sinagoga que você é uma judia melhor que eu, porque esse ano foi às missas de Rosh Hashanah e Yom Kippur com ela. Você tem ideia do quanto está dificultando a minha vida?

– Eu gosto de pão *challah*, e daí? – digo.

– Hurley não é apenas qualquer antissemita marginal falador, sabe? – Bo persiste. – Ele foi o controlador financeiro de um distrito escolar e desviou quase 100 mil dólares do orçamento dos livros para seu grupo de supremacia branca, para produzir um documentário alegando que o Holocausto foi um embuste.

Lá vamos nós, outra vez esse papo. Juro que já ouvi tudo isso.

– Sim, isso é um absurdo – digo. – Mas ele não vai para a cadeia por negar o Holocausto. Negar a morte de 6 milhões de pessoas talvez seja ofensivo, porém ainda é liberdade de expressão. Ele está sendo condenado por apropriação indevida de recursos da educação e ponto-final.

– Deixe-me terminar – Bo insiste. – Nós estamos desencavando mais coisa. Você vai adorar isso. No fim das contas, o grupo de supremacia branca de Hurley, o Die Elf, também recebeu recursos de Amina Rabun antes de sua morte, e provavelmente até depois. Aparentemente, o sobrinho dele, ou algo assim, é membro. Acho

que seu nome é Ott Bowles. Você já esbarrou com ele em algum processo?

Agora estou vendo onde isso vai dar. Não é apenas sobre supremacia branca; é pessoal.

– Não, nunca ouvi falar dele. Só que você precisa parar por aí, Bo. Nós processamos Amina Rabun e ganhamos. Caso encerrado. Ela pagou à sua mãe uma restituição pela propriedade que os Rabun roubaram de sua família, na Alemanha, durante a guerra. O pai dela e o tio eram nazistas. Não chega a ser uma grande surpresa que ela ou o sobrinho estariam envolvidos com o Die Elf. Se você transformar essa história sobre Hurley numa rixa pessoal contra os Rabun, vai perder toda a credibilidade como repórter. Você tem que deixar isso para lá. Hurley foi pego roubando o dinheiro do distrito escolar municipal e agora ele vai para a cadeia por isso. A justiça foi feita. Fim de história.

– Ei, fica calma – Bo responde. – Só mencionei a ligação entre Rabun e Die Elf porque achei que você se interessaria, já que a conheceu. Não tenho intenção de divulgar nada disso. Concordo com você, é totalmente irrelevante. – Ele baixa o tom de voz a quase um sussurro. – Porém, agora vai o relevante. Prometa que você não vai dizer nada a ninguém. Nada disso ainda está aberto ao público.

– Tudo bem.

– Você conhece esse sujeito, o tal Samar Mansour, o cara que o Die Elf está pagando para fazer o documentário?

– Sim.

– Bem, Bobby acaba de descobrir que Mansour abandonou a faculdade, o Juniata College, alguns anos atrás e foi para o Líbano. Embora Mansour tenha nascido e crescido aqui, aparentemente seu pai era um refugiado palestino, depois que Israel ganhou a guerra contra os árabes, em 1948. Temos fontes que nos dizem que Mansour treinou com Hezbollah, o grupo terrorista islâmico. Isso significa que Hurley não estava apenas usando fundos de educação do município para apoiar o revisionismo do Holocausto, ele estava apoiando o terrorismo. Isso é mais que apenas liberdade de

expressão. Esse pode ser o primeiro caso documentado de supremacistas brancos unindo forças com extremistas islâmicos.

– Certo, isso é bem perturbador...

– É, é sim. Mas não é só isso. Uma de nossas fontes acaba de nos dizer que o Die Elf tem um arsenal em seu complexo na periferia de Huntingdon. Rifles, lançadores de granada, metralhadoras, nitrato de amônia e combustível diesel para bombas; tudo de que uma organização terrorista bem preparada precisa. Ele disse que vai deixar Bobby e eu filmarmos isso depois que Hurley estiver trancafiado, ainda hoje. Aposto que a CNN vai me colocar no ar ao vivo durante o horário nobre por uma semana inteira. Esse é o tipo de história que pode me levar de volta a Nova York.

Começo a ficar preocupada. Essa é a parte do emprego de Bo que eu detesto. Ele é judeu e, ainda assim, passou meses trabalhando sob disfarce com seu produtor, Bob Wilson, infiltrado num grupo de supremacia branco. Ele poderia ter sido morto – e ainda pode, se continuar a persegui-los. Quero que Bob os deixe de lado. Por mim, ele poderia ficar flertando com Piper Jackson no *set* do noticiário local todas as manhãs, em vez de arriscar a vida fazendo reportagens investigativas para ter uma chance nas redes nacionais.

– Por que outra pessoa não pode fazer isso? – pergunto. – Você não faz ideia do risco que está correndo. Essa gente é maluca.

– Não há com que se preocupar – responde Bo. – Eles não se atreveriam a tocar em mim. Agora o FBI está observando cada passo que eles dão.

– Mas como você sabe que não é uma armadilha? Pessoas desesperadas tomam atitudes desesperadas, Bo. E a vingança tem uma inclinação a abstrair o pensamento racional, não que essa gente pense de forma racional, para começo de conversa. Você mesmo disse que eles são terroristas. Eles não ligam se forem mortos, contanto que levem um bando de gente junto com eles. Você já noticiou a história principal. Se o FBI estiver vigiando, então você precisa contar ao FBI e deixar que eles cuidem disso. Eles são especialistas. Você é apenas um repórter, lembra? Você nem sabe usar uma arma.

– Está tudo bem, Brek – diz Bo, condescendente. – Lamento ter tocado no assunto.

Ele sempre faz isso, menospreza minhas preocupações. Isso me deixa furiosa. Não digo nada.

– Qual é o problema? – Bo pergunta.

– A decisão não é só sua – digo, tentando manter a voz baixa, para que minha secretária não ouça a nossa discussão. – Se você fosse solteiro as coisas seriam diferentes e você poderia fazer o que quisesse. Mas agora você tem esposa e filha, Bo. E quanto a nós? Não é só a você que está colocando em risco, está colocando Sarah e eu também.

Bo tampa o telefone. Ouço alguém falando com ele ao fundo, depois ele volta. – Desculpe – diz ele –, a equipe está esperando na van. Preciso ir para Harrisburg.

– Por favor, tome cuidado, está bem? – eu respondo. – E não terminamos de falar sobre isso. Realmente acho que você deveria deixar tudo por conta do FBI.

– Certo, vou tomar cuidado. E nós podemos conversar a respeito, essa noite. A que horas você acha que irá terminar hoje?

– Por volta das seis.

– Fica meio apertado com o horário da creche, não? Mesmo com dois salários, não sei quanto tempo mais nós vamos conseguir pagar a multa de cinco dólares por minuto de atraso, por pegar Sarah tarde. Daqui a pouco eles vão expulsá-la.

Ele estava certo. Nós já tínhamos 500 dólares de multas por atraso no ano, e o diretor tinha começado a nos alertar, num tom cada vez mais direto, que a cadeira do castigo, para os adultos, significava ser expulso de vez.

– Não se preocupe com isso – digo. – Estarei lá no horário.

– Está bem. Tchau. Eu te amo – diz ele.

Ainda estou nervosa.

– Tome cuidado, Bo.

– Eu prometo.

– Está certo. Eu também te amo. Tchau.

Desligo o telefone e olho a fotografia na minha prateleira, de Bo e eu no casamento da irmã dele, Lisa. Ele está com o solidéu e parece

tão encantador e feliz. Eu me apaixonei por Bo Wolfson por todos os bons motivos – porque ele era incrivelmente bonito, maravilhoso, sensível e carinhoso, um homem que fazia eu me sentir especial, amada e completa, e que até aceitava minha deficiência física como um traço charmoso, não um motivo de medo ou repulsa.

Mas a religião de Bo tornou o pacote irresistível. Embora eu fosse uma garota católica, criada por protestantes fundamentalistas, a herança judaica de Bo, com suas histórias de luta e heroísmo, e a promessa de terem sido escolhidos por Deus, reluziu como uma joia exótica. Meus pais ficaram decepcionados, mas eu vivia uma guerra eterna com o cristianismo. O ensinamento de Jesus de dar a outra face, que, para mim, formava a base da religião, não fazia sentido em um mundo cheio de guerra e violência, um mundo repleto de gente como Harlan Hurley, um mundo que permitia que uma menina de oito anos perdesse seu braço direito.

Foco no solidéu que Bo usa nessa fotografia, no entanto esse símbolo universal do judaísmo subitamente me faz lembrar, como gentia, não das bênçãos de um relacionamento escolhido com Deus, mas do sofrimento e sacrifício de 5 mil anos de tragédia. Um frio sobe pela minha espinha quando penso em Harlan Hurley e o Die Elf tentando reacender o ódio dos nazistas e, talvez, dos incineradores. Imagino como deve ser a sensação de ser caçado e assassinado ao longo dos séculos. Será que sou corajosa o suficiente para suportar esse fardo? Quero isso para minha filha?

Em minha ignorância, na verdade, eu tinha presumido que o Rosh Hashanah, o Ano-Novo judaico, seria uma comemoração festiva e alegre, como o nosso Ano-Novo. Mas acabou sendo exatamente o oposto – sorumbático e agourento, o dia em que Deus julga as vidas que vivemos durante o ano anterior. Estrondos do *shofar* evocavam a congregação ao louvor dentro da sinagoga, onde a voz aterrorizante – a voz de Deus – está condenando uma raça humana inteira. Mas a liturgia do dia, a Musaf Tefillah, teve o efeito de reafirmar minha crença de que Deus e justiça são inseparáveis e apenas um. Talvez pelo fato de ser uma advogada treinada para buscar justiça eu tenha me juntado aos Escolhidos e encontrado um caminho interior de redenção. Na missa de Yom Kippur, ao cair da

noite, fiquei imaginando se o meu nome estaria marcado no Livro da Vida ou no Livro da Morte.

Volto ao meu rascunho do resumo, trabalhando durante o almoço e parando somente quando percebo que faltam dez minutos para chegar à creche e evitar a temível multa de cinco dólares por minuto. Quando chego, Sarah é a última criança, transformando um biscoito Nilla Wafer numa pasta marrom pegajosa em volta de sua boca enquanto assiste a um vídeo de Barney, o Dinossauro. A vergonha de ser a última mãe a pegar seu filho quase estraga meu prazer de vê-la. Sarah está coberta de manchas de tinta vermelha por todo seu pequeno moletom, blusa e calça, e nas mãos, no pescoço e no rosto. Ela vem caminhando com passos incertos em minha direção, o mais depressa que pode, de bracinhos estendidos, sorrindo e dando um gritinho. Eu me ajoelho. A srta. Erin, estagiária da faculdade, sorri.

– Oi, filhinha – eu digo a Sarah, pegando-a em meus braços, beijando seu rosto, inalando o cheiro gostoso de seus cabelos. Olho para a srta. Erin. – Como ela se comportou hoje?

– Ótima – diz a srta. Erin. – Ela foi uma boa garota.

A srta. Erin está no primeiro ano da faculdade e decididamente encontrou sua vocação. Ela parece um desenho animado que ganhou vida, com dois pontinhos pretos como olhos, gravetos finos como braços e pernas, e bochechas sardentas, emolduradas por longos cabelos cor de laranja. Ela *adora* crianças, e elas a adoram.

– Desculpe pela bagunça – diz a srta. Erin. – Vou sentir tanta falta dela. Ela era minha favorita.

– Você está indo embora? – pergunto, supondo, por sua resposta, que ela não voltará a ver Sarah.

– Bem, vou pra casa hoje – ela responde, intrigada pela minha pergunta.

– Mas você acabou de dizer que ela é sua predileta e sentirá falta dela... Imagino que esteja se referindo ao fim de semana.

A srta. Erin me olha de forma estranha e dá um beijo em Sarah.

– Tchau, querida – diz ela. – Eu te amo.

Sarah dá um beijinho no rosto da srta. Erin.

– Obrigada por cuidar tão bem dela – digo, pegando a bolsa de Sarah, com mamadeiras quase vazias, projetos de arte e a folha de atividades do dia. – Tenha um bom fim de semana.

Sigo com Sarah até o carro, coloco o cinto de segurança nela e ponho uma fita cassete de “Hot Tea and Bees Honey” no toca-fitas. Enquanto sigo dirigindo, dou uma olhada no espelho retrovisor e pergunto a ela como foi seu dia. Ela finge responder, com seus gritinhos e som balbuciado.

No caminho nós paramos numa loja de conveniência para comprar leite. O estacionamento está vazio. Uma brisa de outono refresca o carro quando abro a porta. Ainda não são nem seis e meia, porém já está escuro como à meia-noite.

Solto Sarah do cinto e a ergo de sua cadeirinha. Ela estica as mãos para pegar meu cabelo e eu brinco, me afastando. Ela dá risadinhas, mostrando seu único dente. Seus cabelos, escuros e cheios de cachos como os do pai dela, caem-lhe nos olhos. Carregando-a pelo estacionamento, estou cantarolando uma canção que estávamos ouvindo no rádio.

Entramos na loja e seguimos à geladeira, nos fundos. Tenho que manobrar com um braço enquanto pego meio galão de leite. Nós viramos e seguimos de volta ao caixa, passando pela seção de doces. Sarah estica o braço e, com sua mãozinha, derruba uma fileira de cupcakes no chão. Conforme me abaixo para pegá-los, um cheiro forte de cogumelos podres paira no ar. *Que estranho*, penso. Viro-me para localizar sua origem, mas, subitamente, vejo-me de volta à Estação Shemaya, no banco embaixo da cúpula enferrujada. Sarah sumiu. E eu estou sentada ao lado de Luas, coberta em meu próprio sangue.

Gente morta duvida da irrevogabilidade de sua própria morte. Ou não acreditamos que estamos mortos, ou tentamos encontrar um jeito de reverter isso. Só aos poucos nós aprendemos a aceitar a morte, em nosso próprio ritmo ou condições. Mas isso cria confusão, porque trazemos os fragmentos partidos de nossas vidas para dentro da ferida aberta do pós-vida, enxertando e unindo as duas coisas. Para almas sensíveis – as almas dos santos e poetas que viveram suas vidas com o conhecimento de que a verdade só existe no mundo espiritual – a transição para Shemaya talvez parecesse perfeitamente suave e imediata. Porém, para o restante de nós, incluindo gente como eu, que coloca sua fé na lógica e na razão, e no que pode ser medido com instrumentos e visto com os próprios olhos, a transição da vida para a morte leva muito mais tempo. Nós resistimos, negamos e explicamos nossa mortalidade em cada oportunidade. Dessa forma, a primeira coisa que esquecemos quando morremos é como aconteceu. Ou, mais precisamente, essa é a primeira coisa que escolhemos não lembrar, porque lembrar de um acontecimento tão fatídico é ceder ao inconcebível.

Na manhã seguinte, que foi minha primeira em Shemaya, acordei com o cheiro de café e canela. Esses eram os aromas com os quais eu havia me acostumado nas manhãs de sábado durante toda minha vida, e até onde eu sabia aquela era apenas mais uma manhã de sábado. Bo levantaria cedo para correr e traria café da padaria, saindo de casa silenciosamente e voltando com um saco cheio de pães doces e outras guloseimas. Eu o amava por isso. Enquanto ele estava fora eu tinha o privilégio de ficar na cama de olhos fechados, sonolenta, aquecida e satisfeita, embaixo das cobertas.

Naquela manhã em Shemaya fiquei na cama exatamente desse jeito, no feliz estado à beira do sono, sem conseguir discernir o significado dos sonhos bizarros sobre a estação de trem, Luas e minha bisavó, tentando guardá-los na memória antes que sumissem com o ruído e as distrações de um novo dia. *O que ela disse mesmo, que eu queria me lembrar...?* Eu já tinha me esquecido. Sonhos podem ser evasivos nesse sentido. A casa estava quieta, com Sarah ainda dormindo. As imagens surreais da noite e as possibilidades do dia flutuavam em minha mente como vaga-lumes, e eu corria atrás de alguns e deixava outros fugirem. Seria um lindo fim de semana de outono. Amigos haviam nos convidado para uma caminhada subindo a Montanha Tussey e, mais tarde, para visitar um pomar de maçãs, tomar sidra e passear de carroça. Sarah pegaria no sono na mochila canguru, ao ritmo dos passos de Bo. Havia folhas para serem puxadas com ancinho, pisos para aspirar e compras para fazer no mercado. E eu teria que voltar ao escritório por algumas horas no domingo, para trabalhar no meu esboço.

Ali, deitada na cama, pensei na possibilidade de finalmente estar me tornando uma boa advogada. Que sensação maravilhosa com a qual se acordar. Empurrei as cobertas e abri os olhos...

Havia sangue por toda parte, nos lençóis e no meu corpo.

Eu gritei e pulei da cama, batendo a cabeça em um mastro que não fazia parte do meu quarto – o mastro branco e largo da cama da minha mãe na casa dos meus avós, em Delaware.

Ah, mas que maravilha, pensei, esfregando a cabeça e tentando me acalmar. *Acordei do meu segundo sonho, mas não do primeiro.*

Dei uma olhada pela janela que dava para a frente da casa. Só um sonho poderia explicar o que eu via. Metade da propriedade dos meus avós reluzia em tons de dourado, alaranjado e marrom, nas cores efêmeras do outono, enquanto a outra metade reluzia nos tons verdes e pastéis da primavera. Girassóis envergavam e abóboras amadureciam numa ponta do jardim, enquanto narcisos e tulipas se abriam na outra. Esquilos vermelhos se aglomeravam por entre melros em busca de minhocas. Dois bandos de ruidosos gansos do Canadá passaram voando acima, um rumando ao sul, outro ao norte, separados por uma zona dissonante onde uma

nevasca voraz de inverno sumia sob o sol escaldante de agosto. Fiquei maravilhada com a fusão das estações, arrebatada pela enormidade da compressão de espaço e tempo. Isso explicava o calor e o frio, o úmido e o seco, que eu havia vivenciado caminhando até a casa com Luas na noite anterior.

Bisa deve ter ouvido meu grito. Ela entrou no quarto sem bater, vestida com seu pijama e um robe de estampa floral.

– Você está bem, querida? – perguntou, com uma voz preocupada.

– Isso não é real – disse calmamente, apontando para fora da janela do quarto. – É falso... um sonho... como você.

Bisa abriu a janela, deixando que os aromas e as temperaturas conflitantes lá de fora inundassem o quarto, em ondas iguais e opostas.

– Mas não é sonho, querida – ela me corrigiu, abanando montinhos de pólen amarelo e neve do parapeito da janela. – Durante sua vida, você só sonhou em estar acordada. – Ela começou a fazer a cama, ignorando o fato de que os lençóis estavam encharcados de sangue. Puxando e prendendo o edredom, ela disse:

– Vamos até lá embaixo tomar café. Fiz bolinhos de cenoura, do jeitinho que você gosta. Podemos fazer aquela caminhada até a Montanha Tussey mais tarde. Sei que você estava na expectativa de fazer isso.

Eu a observava, intrigada pelo sonho.

– Mas não é de manhã, e eu ainda não estou acordada – insisti. – Se eu estivesse acordada, você teria sumido, portanto, acho melhor nós mudarmos de assunto. – Bisa pousou a mão em meu braço, uma mão de idosa, enrugada e áspera, sobre a minha pele. Ela estava tentando me convencer que eu não estava sonhando. O efeito era autêntico, mas eu não estava impressionada. – Gente morta não fala – eu disse. – E não tem olhos para ver uns aos outros, ou corpos para tocar.

Ela apertou meu braço.

– Isso é verdade, querida – disse ela. – Mas, agora, é mais fácil para você pensar na morte dessa forma. Você ainda não está pronta para abrir mão da vida.

– Mas eu não estou morta – respondi. – Olhe...

Eu pulei, fazendo uma pequena dança no quarto e acenando meu braço para provar.

Bisa me confortou com um sorriso.

– Sua mãe não deveria ter lhe estapeado daquela forma – constatou. – Eu também teria ficado assustada. Não posso imaginar o que ela estava pensando ao fazer uma menina de quatro anos beijar uma velha morta.

Olhei para ela, horrorizada. Esse era um dos momentos de um pesadelo, pouco antes de acordar, quando aquela coisa que você mais teme está prestes a acontecer e você sabe que está impotente para impedir, o momento que resulta no terror máximo, fazendo com que grite no meio da noite. E foi exatamente o que eu fiz.

Corri lá para baixo, gritando a plenos pulmões:

– Nãããããão!

Atravessei a cozinha e saí pela porta dos fundos, passei correndo pelo corredor de louça, com assadeiras, e a mesa, com um prato de bolinhos de cenoura. Parei na varanda dos fundos e fechei os olhos, torcendo para que tudo passasse.

Imaginei estender a mão ao outro lado da cama, à procura de Bo, e encontrar seu quadril com a cueca samba-canção enrolada, e suas pernas, mornas e felpudas, flexionadas na direção do peito. Aconcheguei-me, colando meu corpo ao dele como um rio segue o formato de sua margem, definindo-se pelo que não é. Sua pele tinha um cheiro masculino e forte, e os pelos do seu bigode atçaram meu braço, quando este roçou seu queixo. Eu o beijei na nuca e ajustei minha respiração até ela acompanhar o movimento de seu peito, enchendo e esvaziando. Ele se mexeu e estalou levemente os lábios. Deviam ser duas ou três da manhã, porque eu jurava que estava ouvindo o riso dos universitários que moravam em nossa rua, voltando para casa depois das festas de sexta à noite. Mas, quando abri os olhos para olhar o relógio da cômoda, vi que estava na varanda dos fundos da casa da bisa, em Delaware, com aquelas estações colidindo com minha sanidade.

– Bo! Bo! – gritei.

– Brek, meu bem, está tudo bem – bisa gritou lá da cozinha. – Estou bem aqui.

– Bo! Me abrace! Me abrace!

Mas eu não conseguia mais senti-lo.

Dei um pulo da varanda e contornei a casa correndo, torcendo para que o esforço repentino me sacudisse e despertasse. Passei por inverno, verão, primavera e outono, passei correndo pelo carvalho com o balanço de pneu pendurado, passei em volta do jardim, simultaneamente verde e estéril, e pelos canteiros de tulipas molhadas de orvalho e crisântemos cobertos de neve. Tropecei numa raiz e caí de cara no capim macio, meu robe aberto à minha volta como asas de um pombo caído. Fiquei ali por um instante, recuperando o fôlego, inalando o cheiro adocicado do pinho e buscando respostas – lógicas, materiais. *O que está acontecendo comigo? Por que não consigo acordar?* Esse era o sonho mais aterrorizante que eu já tivera.

Levantei, espanei o capim do meu robe e olhei em volta. Para minha surpresa, vi meu carro estacionado logo atrás. Subitamente, a luz mágica recuou, levando com ela a ideia de que tudo isso era um sonho, como se a própria razão tivesse sido uma passageira presa no carro, esperando para ser libertada pelo meu olhar. *Quente e frio, terrores noturnos, alucinações... febre? Sim, claro! Uma febre poderia explicar tudo que vinha acontecendo comigo!* Até me lembrei de não estar me sentindo muito bem na sexta-feira, e de ter imaginado se não estaria pegando um resfriado, pois minha pele parecia fria e úmida. Olhei novamente em volta, o gramado e a casa. Olhei para baixo, para minhas pernas e pés, e flexionei minha mão esquerda. Tudo estava como deveria, funcionando como deveria. Só as estações estavam trocadas, e isso certamente poderia ser resultado de uma febre.

Devo ter vindo de carro até a casa dos meus avós em meio a algum tipo de delírio e apaguei.

Bisa tinha sumido quando voltei para dentro da casa. A louça da pia tinha sido guardada, a bancada estava limpa. Uma fina camada de pó cobria tudo, como se não tivesse sido usado havia semanas. O fogão estava frio. O cheiro dos bolinhos já não pairava no ar.

No fim das contas, estou inventando tudo isso. Realmente estou na casa dos meus avós, em Delaware.

Subi correndo até o banheiro e me olhei no espelho. Lá estava meu cabelo preto, intacto, mas desganhado, uma pele pálida e olhos vermelhos. Cuidadosa e lentamente, usando a ponta dos dedos, abri o robe. Os buracos no meu peito e as manchas vermelhas tinham sumido. Ri tristemente, por ter olhado. Peguei o termômetro do armário e coloquei embaixo da língua; marcava 41, confirmando o meu autodiagnóstico. Eu obviamente precisava ir ao médico, mas era igualmente óbvio: *estou viva!*

Entrei no quarto dos meus avós e liguei para casa, porém caiu na secretária eletrônica.

– Bo, sou eu. Você está aí? Bo? Não sei o que aconteceu... acho que estou realmente doente. Estou com febre e acho que apaguei. Vim até Delaware, na casa dos meus avós. Não sei como cheguei aqui; não consigo me lembrar de nada depois de pegar Sarah na creche ontem. Meu Deus, espero que ela esteja bem. Ela não está aqui comigo. Não tem ninguém aqui... Sinto muito. Ela deve estar morrendo de fome. Tem leite no armário e fraldas limpas no porão... Não sei se volto para casa ou se tento ir a um médico daqui... acho que estou me sentindo um pouquinho melhor, talvez eu tente chegar em casa e ver o que acontece. Qualquer coisa, eu posso voltar. Certo... estarei em casa em algumas horas. Dê um abraço e um beijo na Sarah, por mim... Eu amo vocês. Tchau.

Encontrei minhas roupas empilhadas na cama do quarto de hóspedes, meu conjunto preto de seda com as manchas de leite (sem sangue) na lapela, minha blusa, minhas meias, minha roupa íntima e meus sapatos. E lá estava a minha bolsa, com a carteira e as chaves. Eu me vesti rapidamente e deixei um bilhete para os meus avós, dizendo que tinha passado lá e depois explicava.

6

O sol de outono aquecia o interior do meu carro, esturricando os confetes de folhas no capô, apesar dos brotos de açafreão surgindo do outro lado da entrada da garagem. Entre eles uma nevasca derretia, transformando-se em vapor no verão do meio-dia. Devo ter contraído alguma doença tropical, tipo dengue. Independentemente do que fosse, era melhor do que estar morta.

Coloquei a chave na ignição e fiquei na expectativa, ainda incerta se minha febre tinha cedido e preocupada de haver mais surpresas a caminho. O motor ganhou vida.

– Graças a Deus! – disse em voz alta, para mim mesma.

Meu carro sempre foi meu santuário, aquele lugar no mundo onde, apesar de me faltar um braço, eu era igual a todas as outras pessoas e estava no controle. Eu não tinha placas especiais e não estacionava em vagas preferenciais perto das lojas, mas em todos os outros aspectos meu carro era um veículo para deficiente. Meus pais o haviam me dado como presente de formatura do segundo grau, e o vovô Cuttler fez as alterações necessárias na oficina ao lado de seu celeiro. Ele colocou um manete rotativo de alumínio anexado ao volante, para que eu pudesse girá-lo com uma mão, e passou a ignição e o som para a coluna do lado esquerdo. Havia extensores no câmbio, no limpador de para-brisa e no controle de aquecedor, que me permitiam operá-los com o coto do meu braço direito. Eu me recusava a usar prótese, mas não tinha vergonha de dirigir uma. Quando eles me fizeram surpresa com o carro, foi um dos dias mais felizes da minha vida, e da deles também. O carro comprou a independência com a qual eu tanto sonhava e, para eles, foi a penitência pelo pecado de minha desfiguração numa idade tão tenra.

Respirei fundo e engrenei a marcha. O carro acelerou suavemente, e eu até gostei de passar pelas estações flutuantes, pelas rajadas alternadas de chuva, neve e asfalto seco. O trajeto do nordeste de Wilmington até nossa casa, em Huntingdon, levava três horas. Tentei me lembrar da viagem para Delaware, vindo de Huntingdon, na noite anterior – o que eu vira, no que pensara, o que ouvira no rádio. Não conseguia me lembrar de nada. Isso me preocupava, porque sempre tive uma memória excelente. Eu me lembrava dos primeiros capítulos dos romances que li quando adolescente e das decisões e veredictos da Suprema Corte que li quando estudava Direito; eu me lembrava da letra de antigos temas de programas de TV e de todos os aniversários da família do meu marido, até o terceiro grau de parentesco. Porém não conseguia me lembrar de nada após ter ido buscar Sarah na creche ontem e ter parado na loja de conveniência a caminho de casa.

O ponteiro da gasolina marcava tanque cheio quando deixei Delaware. Ele não se mexeu durante todo o trajeto de volta para casa. Estranho, mas não mais do que todas as outras coisas que vinham me acontecendo. Fora isso, a viagem não teve incidentes. O número habitual de carros e caminhões ocupava a estrada, fazendo as coisas habituais que carros e caminhões fazem. A paisagem, o céu, as placas na estrada, as edificações e *outdoors* pareciam como sempre foram, exceto por tudo estar envolto em faixas de inverno, verão, primavera e outono. As montanhas se estendiam pelas margens do Rio Juniata como imensas lagartas, as florestas se alternando em tons de vermelho, laranja e amarelo, cobertas pela neve branca, começando a florescer e salpicadas de verde, chegando a um verde profundo e viçoso, em tom de jade. Deslumbrante. Outro aspecto agradável, ainda que inesperado, da viagem foi o modo inusitado como as rádios tocavam as músicas que eu queria ouvir quando eu queria ouvi-las, sem qualquer DJ ou interrupções com comerciais.

Em geral, as coisas pareciam mais promissoras para mim a cada quilômetro que passava, e eu acreditava que o fim da minha infelicidade estava próximo. No entanto, quando virei na Rota 522 em direção a Huntingdon, uma sensação de ansiedade me tomou,

eliminando meu otimismo. Comecei a me preocupar com a natureza da minha doença e o que isso poderia significar. *Talvez eu tenha um tumor cerebral*, pensei, preocupada. *Ou, talvez, minha alucinação de estar morta seja uma premonição do acontecimento real que está por vir.* As mulheres da família Bellini, desde minha tataravó, juravam terem sido visitadas por um anjo no meio da noite para prepará-las, quando alguém próximo estivesse prestes a morrer. *Será que a bisá Bellini era um anjo, vindo me preparar para minha própria morte?*

Subitamente, a possibilidade de uma doença terminal era mais insuportável que a possibilidade de já estar morta. Imaginei-me ao receber a notícia de um médico, arrasada, depois contar a Bo e abraçar Sarah, sabendo que eu não a veria crescer. Quem trançaria seus cabelos ou faria suas fantasias de Halloween, ou a ensinaria a fazer biscoitos? Quem a apresentaria a Louisa May Alcott e Harper Lee, ou a levaria para o acampamento, ou ao balé, ou a consolaria ao longo da puberdade e adolescência? Quem além de sua própria mãe poderia convencê-la de que não havia nada na vida que ela, como menina ou mulher, não pudesse fazer? Eu estava quase histérica quando entrei em nossa rua.

O carro de Bo estava estacionado em frente de casa; freei cantando pneu e entrei correndo. Tudo estava como eu havia deixado na manhã de sexta-feira. Mas não tinha ninguém. A tigela de cereal de Bo, com um restinho de leite, estava na mesa de centro perto das seções não lidas do *The New York Times*. Farelос de pão e potes de pêssegos e peras murchos se amontoavam em cima da bancada; a tigela de comida da nossa cadela labrador preta, Macy, estava pela metade, mas ela não latiu quando eu entrei e não estava em lugar algum. Nossa cama ainda estava desfeita e o macacão que preferi não colocar na Sarah ainda estava pendurado na grade do berço. Olhei a garagem e encontrei o carrinho de passeio, portanto eles não tinham saído para caminhar. Não havia bilhete perto do telefone. Voltei lá fora e olhei em volta da casa e na garagem. Ninguém. A vizinhança toda estava deserta.

Nós morávamos numa rua liliputiana de Huntingdon, perto da Juniata College, com casas de tijolos pequenas que pareciam

minúsculas diante das antigas árvores de plátano, em formato de brócolis gigantes. Nascido e criado no Brooklyn, Bo insistiu em morar numa cidade que tivesse uma faculdade. Era sua única esperança na transição de Manhattan para Appalachia. Seu sonho era ser repórter e âncora de notícias na cidade de Nova York, mas as emissoras de televisão lhe disseram que ele primeiro precisava de experiência em mercados pequenos antes que pudessem considerar seu vídeo de teste. Isso o deixou decepcionado e aterrorizado. Ele achava os pequenos mercados de televisão tão distantes quanto um terceiro mundo, cheio de válvulas eletrônicas e estática, existente em algum lugar entre o Rio Hudson e as colinas de Hollywood.

Candidatar-se ao Canal 10, em Altoona, tinha sido ideia minha. Era uma das estações com as quais cresci nas visitas à fazenda do meus avós Cuttler, uma das duas únicas emissoras de transmissão VHF com potência suficiente para alcançar a antena presa na chaminé de tijolos da casa deles. Altoona era um dos menores mercados disponíveis. As escolas e os negócios da região central da Pensilvânia fecham no primeiro dia da temporada de caça e, em contraste com os arranha-céus de Manhattan, as estruturas mais altas feitas pelo homem eram os galpões de grãos e carvão. Quando Bo conseguiu o emprego eu liguei para Bill Gwynne, o advogado de Huntingdon que tinha representado a mim e minha família após o acidente com meu braço. Embora Huntingdon ficasse ainda mais no fim de mundo que Altoona, Bill era considerado um dos melhores advogados do estado e, por acaso, ele estava precisando de uma associada. O momento e a localização pareceram ideais para mim, quase obra do destino.

Ouvi música tocando na casa ao lado da nossa e fui até lá, esperando encontrar alguém que talvez tivesse visto Bo e Sarah. Ninguém atendeu à porta quando bati. Então bati com força nas portas da frente de todas as casas de nossa rua: algumas com janelas com camadas de geada, as calçadas em frente cobertas de neve parcialmente derretida, outras assando sob o calor da tarde. Ninguém atendeu e eu comecei a entrar em pânico. Corri até Washington Street. A lanchonete e a livraria estavam abertas, mas vazias – nada de clientes ou empregados. Todo o centro comercial

estava estranhamente silencioso, exceto por um som ocasional de carros e ônibus passando. Corri pela calçada, passando por bicicletas acorrentadas a parquímetros e carros estacionados junto ao meio-fio, olhando pelas portas à procura de algum sinal de vida, espiando dentro das lojas e cafés vazios. Isso não fazia sentido. Essa era a área mais movimentada da cidade num sábado de outono. Acabei correndo até uma fileira de carros num cruzamento, para perguntar se alguém sabia o que estava acontecendo; mas, quando me aproximei e olhei pelas janelas, não vi motoristas ou passageiros em nenhum deles. Mesmo assim, quando o sinal abriu, eles aceleraram e seguiram pela rua, no tráfego normal de sábado.

Um uivo atormentado subitamente irrompeu no silêncio sinistro da rua. Olhei em volta para ver de onde vinha e descobri que vinha de *mim*. Era o som da loucura. Saí em disparada pelos cafés e lojas, derrubando coisas das mesas e prateleiras, quebrando louça e copos. Eu queria que alguém, qualquer pessoa, viesse me acalmar. Como não apareceu ninguém, corri para o meio da rua, sem olhar, desafiando os carros a me atropelarem. Na mesma hora, eles freavam ruidosamente, soltando fumaça dos pneus.

– Onde está todo mundo? – gritei, a plenos pulmões. – Por que ninguém me ajuda?

Subi no teto de um dos carros para ter uma visão melhor e fiquei olhando, incrédula, enquanto o tráfego recuava, em ambas as direções, passando pelas mudanças de estação. Alguns carros estavam de janela aberta, alguns de janela fechada, de limpadores e faróis ligados e desligados. Duas viaturas da polícia se apressaram até a cena com as luzes vermelhas e azuis piscando, sirenes tocando, porém nenhum policial desceu. As viaturas só ficaram voltadas para mim, ameaçadoras.

Caí em prantos no teto do carro. Não havia mais nada a fazer. Só fiquei tão assustada assim uma vez na vida, quando criança, na sala de emergência do Hospital Tyrone, quando os enfermeiros me puseram numa maca e colocaram meu antebraço decepado numa caixa de gelo ao meu lado. Até aquele momento eu tinha ficado incrivelmente calma. Acreditei no meu avô Cuttler quando ele me prometeu em sua picape, enquanto me levava correndo para o

hospital, que se eu ficasse de olhos fechados tudo daria certo. Mas depois eles foram empurrando minha maca pelo corredor, e eu vi a angústia no rosto dele, as lágrimas escorrendo. A maca passou voando pelas portas vai e vem, e eles me colocaram numa sala cirúrgica horrível. Fiquei enlouquecida de pavor. Arrancaram minha roupa, espetaram agulhas em minhas veias e tiraram o braço decepado de dentro da caixa de gelo, segurando-o contra a luz como se fosse um troféu esportivo. A princípio o braço não parecia real: a pele estava suja e acinzentada, o osso branco do cotovelo espetado na ponta, manchado de cocô de vaca e sangue, e os dedos – meus dedos – retorcidos num punho fechado grotesco. Briguei com os enfermeiros até que eles me forçaram a pôr uma máscara anestésica e perdi a consciência.

Perder a consciência... Era tudo que eu queria agora, chorando aos berros em cima do carro, no cruzamento da Washington Street. Mas não era para ser. Fiquei em cima do teto de um carro naquela primeira tarde em Shemaya, até que o sol acima se dividiu em quatro sóis, um para cada estação, cada sol se pondo na montanha, em pontos e horários diferentes, pintando o céu de labaredas rosadas e douradas. Inconsolável, desci do carro e caminhei de volta para casa. O engarrafamento se desfez conforme os carros seguiam seus caminhos a lugar nenhum.

Quando cheguei à nossa casa, ouvi uma voz.

– Lamento, filha – disse bisa Bellini. Ela estava sentada na cadeira de balanço da varanda da frente, aproveitando a bela noite, como se tivesse acabado de chegar para o jantar. Agora eu tinha certeza de que logo seria trancafiada e sedada. Obviamente estava louca. Eu conversei com ela enquanto esperava para ser levada.

– Como foi sua viagem? – perguntei, adotando a postura dela de *“Tudo está normal e todos estamos felizes por estarmos aqui”*.

– Não estamos lá, querida – disse ela.

– Não estamos onde?

– Lembra-se de quando você era uma menina e seu quarto se transformava num palácio, e os cavaleiros andavam embaixo de sua janela em grandes cavalos brancos?

– Quem é você?

– Lembra-se, filha? Você fingia passear com vestidos longos esvoaçantes, sonhando com o príncipe do castelo ao lado. Você criou um mundo dentro do mundo que havia sido criado para você. Pintou seu céu, construiu seus muros, encheu seus espaços. Como uma pequena deusa, você fez com que uma terra existisse, com nada além de sua mente. Porém, conforme ficou mais velha você descobriu que as estruturas existentes do tempo e do espaço eram mais convincentes e deixou de lado seu próprio poder criativo, favorecendo as criações alheias. Mas seu poder de criação não se perdeu, Brek. Ele nunca pode se perder. Para você, é natural primeiro recriar os lugares que lhe foram caros.

– Onde estão meu marido e minha filha? – perguntei. – Onde estão todos?

Bisa sorriu – aquele sorriso paciente e sábio, dela e de Luas, como se dissesse: *Sim, minha bisneta, procure agora, procure as respostas.*

– Não estamos mais lá, filha – disse ela. – Foi uma linda ilusão, mas passou. Você voltou para casa. E não os verá até que eles também voltem. O livre-arbítrio é absoluto. Não podemos dirigir o movimento da consciência de um reino a outro...

Ela estava me amedrontando outra vez.

– Deixe-me em paz! – gritei. Corri pela calçada, até meu carro.

– Espere, filha. Para onde você vai?

Eu não sabia. Só sabia que precisava encontrar Bo e Sarah. Eu tinha que arranjar ajuda. Talvez não fosse sábado, talvez ainda fosse sexta e eu pudesse pegar Sarah na creche e começar tudo de novo. *Tudo isso é só um sonho*, eu ficava dizendo a mim mesma, *somente um sonho ruim; você está com febre, está doente*. Entrei no meu carro e liguei o motor.

Bisa gritou para mim:

– Que tal a creche?

Assim que pensei, lá estava ela. A casa sumiu e, com ela, meu carro também, assim como as árvores, a rua, o bairro inteiro. O muro de tijolos da casa do vizinho foi transformado no muro branco liso da creche, decorado com baleias azuis de papel que Sarah e outras crianças tinham pintado com a ajuda da srta. Erin. Tapetes

coloridos e recém-aspirados agora cobriam o que antes era o gramado. O chiqueirinho que eu tinha abarrotado de lençóis limpos, fraldas e lenços umedecidos, na manhã de sexta, agora estava no lugar onde antes era o banco de passageiro do meu carro. Brinquedos coloridos pré-escolares de plástico estavam caprichosamente empilhados perto do meio-fio. Uma mesa de trabalhos manuais com caixas de palitos de pirulitos, tubos de cola e resmas de papel colorido surgiu dos degraus da varanda da frente. O cheiro de talco de bebê e pomada para assaduras pairava no ar. Mas não havia riso na creche, nada de gritinhos ou choro. Nenhuma criança. Nenhum professor. Nenhum som.

Bisa estava na porta, vendo-me percorrer o lugar à procura do mágico atrás da cortina.

A ideia seguinte que me ocorreu foi o bloco de notícias matinais em que Bo tinha tentando brincar com Piper Jackson. Com a mesma rapidez que a lembrança veio, a parede de baleias coloridas se metamorfoseou em um mural com o sol nascente que servia de imagem de fundo para os jornalistas. Câmeras de estúdio estavam onde antes havia berços, e *spots* de luz pendiam do teto. Porém, assim como meu bairro e a creche, o *set* estava deserto.

Em seguida, pensei em meu escritório de advocacia. Minha escrivaninha, meu computador, os arquivos, as prateleiras de livros, as dissertações, os diplomas e as fotografias de Bo e Sarah instantaneamente me cercaram. Depois veio a delicatessen de Stan, na Penn Street, e a casa de praia dos meus avós Bellini, em Rehoboth Beach, seguida do celeiro dos meus avós Cuttler, e minha cama na ala infantil do Hospital da Filadélfia, onde assisti Bobby Hamilton, com dois braços amputados, aprender a amarrar os cadarços de seus sapatos, com uma agulha comprida de crochê presa à boca. Revisitei a trilha de corrida atrás da minha escola do ensino médio, onde eu ganhara várias competições com adversários de dois braços, espantando a mim mesma e à pequena multidão. Sentei no bar Smokey Joe's, na Fortieth Street, perto da Universidade da Pensilvânia, Filadélfia, onde eu costumava dançar noite adentro com minhas amigas, durante a época da faculdade de Direito. Ajoelhei-me diante do altar da igreja Old Swedes', onde

minha melhor amiga, Karen Busfield, que se tornara sacerdote episcopal, pediu que eu dissesse meus votos a Boaz Wolfson diante de Deus e nos declarou marido e mulher. Chorei na sala de parto do Wilmington Hospital, onde minha mãe me dera à luz e, novamente, no Blair Memorial Hospital, em Huntingdon, onde eu havia dado à luz a Sarah, e as lágrimas de Bo pingaram nos meus lábios.

Cada cômodo e espaço do meu passado vinha rapidamente, conforme eu pensava, como se eu estivesse escavando com uma pá, indo lá no centro da minha vida.

Voltei a protelar, caminhando pelas areias da costa de Delaware, subindo o monte de feno do celeiro do meu avô, puxando a máquina Nautilus, que fortaleceu meu braço esquerdo para fazer o trabalho pelo direito. Revisitei não somente os locais, mas a realidade em cada detalhe: o gosto salgado do filé do Stan, a fumaça da brasa e a cerveja passada do Smokey Joe's, a chuva morna do dia do nosso casamento, as ondas de frio da mesa da sala de parto. Bisa me acompanhava, mas não interferia. Seu fascínio pela minha vida quase se igualava ao meu, pelo poder de recriá-la. Porém, fazer tudo isso me deixou exausta e logo alguns pedaços de um espaço começaram a se misturar a outros. As imagens, as realidades, coagulavam numa única massa sem sentido, que finalmente parou sob seu próprio peso.

Tudo ficou vago. E, então, foi preenchido com uma luz indescritível que parecia emanar de lugar nenhum e de todo lugar. Através dessa luz bisa estendeu sua mão para mim, num gesto de amor, abrandando a chama do terror que quase me consumiu.

– Você está morta, filha – disse ela. – Mas sua vida apenas começou.

SEGUNDA PARTE

7

– Você não está preparada para o que veria. Por isso nós limitamos o que você verá, possível apenas, Brek Abigail Cuttler, porque você insiste em acreditar que tem olhos para ver.

Luas falava essas palavras enquanto colocava uma venda sobre os meus olhos, no saguão da Estação Shemaya. Ele parecia meu pai no dia do meu casamento, nos fundos da igreja antes de me entregar, irônico e ansioso, baixando o véu sobre meu rosto antes de me acompanhar ao desconhecido. Ele estava usando um terno cinza com colete, camisa e gravata idênticos ao que Bill Gwynne tinha usado no escritório, no último dia em que eu o vi. A semelhança entre Luas e Bill era sinistra, assim como a semelhança entre ele e os meus dois avôs. Ele às vezes parecia ser os três de uma só vez, mudando de feições físicas como um holograma. Quanto a mim, eu estava revigorada e apresentável, como no dia do meu casamento. Bisa tinha me paparicado a manhã inteira, com aquele jeito de mãe da noiva, assegurando-se de que meu cabelo e minha maquiagem estivessem em ordem. Porém, em lugar de um vestido de noiva, eu estava com meu conjunto de seda preto, do qual ela conseguira remover o leite e o sangue.

O conjunto se tornara meu uniforme em Shemaya: o traje que representava minha identidade, a prova de que eu vivera uma vida e, mais importante, o símbolo e lembrete, a mim mesma, de que eu pretendia regressar àquela vida. Porque eu não aceitava, não poderia aceitar e nem aceitaria, a possibilidade da minha morte.

Dizem que o primeiro estágio do pesar é a negação, mecanismo essencial de subsistência que protege os que sobrevivem à

enormidade da perda que acabaram de sofrer e que os possibilita seguir em frente. Isso não é menos verdade sobre os mortos, pesarosos por eles mesmos e por aqueles que deixaram para trás. Bisa e Luas queriam que eu aceitasse, mas eu estava disposta a fazer mais que apenas alegrá-los e aguardar minha hora, até que eu estivesse curada de qualquer que fosse a doença que havia tomado o controle de minha mente.

Essa estratégia me ajudou a lidar com a situação e me manter sã – sim, pode-se enlouquecer no pós-morte. Mas de nada adiantava para saciar o anseio desesperador que eu sentia por Sarah, que a cada momento ameaçava me consumir e me fazer passar dos limites, morta ou viva. *Onde estará ela?* Eu me preocupava, incessantemente. *Quem estará cuidando dela?* Bo era um ótimo pai e sabia o que fazer, mas não era eu. Ele não acordava três vezes durante a noite para arrumar as cobertas que ela chutava, se descobrindo. Não sabia a diferença de seu choro por fome, fralda suja, cólica ou tédio. Ele não tinha decorado os números de telefone do pediatra e do centro de controle de envenenamento. Não lia os ingredientes e o valor nutricional de tudo que ela comia, nem estudava os folhetos de inserção e interação medicamentosa, e os efeitos colaterais de cada remédio que ela tomava. Ele não ficava namorando as roupas de bebê nas lojas de departamento, para ter certeza de que ela seria a criança mais linda da creche. Não dedicava um tempo, todo fim de semana, para os registros em seu livro infantil, com todos os fatos importantes da vida da linda menininha que ela estava se tornando.

Ah, como eu ansiava em abraçá-la, sentir seu coração batendo e seu peito subindo e descendo, minha garotinha preciosa de olhos castanhos. Minha determinação de voltar a vê-la era o que me mantinha em frente. Eu fazia tudo que me fosse pedido para voltar à minha filha, meu marido, minha casa e minha vida. Eu de boa vontade cooperava com bisa e Luas na fantasia de que eu estava no céu, enquanto secretamente sabia que era só isso – uma fantasia, uma alucinação – e logo estaria com eles.

Bisa explicou que eu passaria o dia com Luas, mas não deu pistas de onde iríamos, ou o que faríamos. Esse seria meu primeiro dia

longe dela desde minha chegada em Shemaya. Enquanto eu arrumava meu cabelo no espelho do quarto, antes de deixar a casa dela, em Delaware, perguntei se Luas era meu bisavô Frank, a quem eu jamais havia conhecido.

– Não, não – disse ela com seu sotaque italiano, intrigada pela pergunta. – Luas não é seu bisavô, querida. Frank já seguiu em frente. Luas é o Alto Consultor Jurídico de Shemaya.

– O que isso significa? – perguntei. – Alto Consultor Jurídico?

– Significa que ele é o advogado-chefe aqui.

– Mas achei que estivéssemos no céu – eu disse, não totalmente sarcástica, no mesmo instante consciente da contradição e sorrindo por dentro. – Por que alguém precisaria de advogados no Paraíso?

Bisa pareceu surpresa.

– Você não acha que Deus deixaria que as almas enfrentassem o Juízo Final sozinhas, acha? Até assassinos na Terra têm um advogado para representá-los, e os desfechos desses julgamentos são apenas temporários. Aqui os riscos são bem maiores, querida. Toda a eternidade.

Fiquei sem palavras.

– Luas irá explicar tudo – bisa me garantiu. – Mas deixe-me contar um segredinho. Ele precisa de sua ajuda. Não deixe que ele saiba que eu lhe contei.

– Ele precisa da *minha* ajuda? – perguntei. – Sou eu quem precisa de ajuda.

– Sim, querida – disse ela –, e ajudando Luas, você estará se ajudando.

– Com o que, exatamente, ele precisa da minha ajuda?

Bisa parou por um momento e me olhou no espelho.

– Ele quer deixar Shemaya, mas não consegue encontrar a saída. Isso acontece com quase todo mundo. Shemaya não é o que parece ser. Na verdade, é exatamente o oposto. Tente se lembrar disso. Aqui é tão fácil de se perder quanto na Terra. Porém, aqui é mais fácil encontrar o caminho de volta para casa. Isso que as pessoas não entendem. Acontece automaticamente, quando se está pronto.

– Pronto para quê? – perguntei.

– Pronto para seguir adiante, querida.

Eu estava confusa.

– Achei que você tivesse acabado de me dizer que Luas queria ir embora...

– Ah, sim, ele quer, muito – disse bisa. – Mas ele não está pronto, por isso permanece. Só ele pode escolher.

– Há quanto tempo ele está aqui? – perguntei.

Bisa pensou, por um instante.

– Acho que faz cerca de dois mil anos, querida – respondeu. Ela sorriu e pousou a escova de cabelo. – Agora venha, está na hora de vê-lo. Ele pode explicar como Shemaya funciona melhor que eu. O trabalho dele é treinar os novos representantes. Só sei como ajudá-los a ir embora.

Luas continuou suas instruções no saguão:

– A estação de trem agora está repleta de gente nova chegando – disse ele. – Você não ouvirá nada, mas sentirá as pessoas passando por você. Não tente tocá-las e, em nenhuma circunstância, tire a venda. A entrada do Tribunal é do lado oposto da estação. Vamos atravessar direto. Você está pronta?

A venda estava amarrada ao redor da minha cabeça, e eu estava ficando cada vez mais nervosa.

– Por que não posso vê-los? – perguntei. – E o que você quer dizer com “Tribunal”?

– Depois eu explico – disse ele, puxando mais uma vez o nó da venda, para ter certeza de que estava bem apertada. – Se não formos andando, vamos perder o julgamento. Você consegue enxergar?

– Não.

– Então você está pronta. Siga-me.

Ele pegou meu cotovelo esquerdo e me levou adiante, seu corpo rijo contra o peso das portas. Entrando na estação, eu imediatamente senti uma multidão de gente circulando, num silêncio fantasmagórico. Corpos passavam esbarrando em meus quadris e ombros, mas atenta ao alerta de Luas não tentei tocá-los. Mesmo

assim, na metade do caminho eu não consegui mais resistir à tentação e dei uma espiada por baixo da venda.

O que vi é difícil descrever.

A estação de trem estava repleta, mas não com corpos de pessoas, e sim suas *lembranças*. Milhares de esferas cintilantes flutuavam no ar, como estrelas no céu noturno. Vidas inteiras de pensamentos, sensações, imagens e emoções de pessoas preenchiam cada esfera, piscando e acendendo por dentro, como raios elétricos reluzentes e coloridos. Eram lembranças em seu estado puro, não aquelas esmeradas que contamos uns aos outros enquanto tomamos uma xícara de café, ou até mesmo os relatos mais honestos que registramos em nossos diários; mas a vida em si, como foi vivenciada e lembrada pelos que viveram aquilo. Ao olhar a esfera, eu entrava em contato direto com as lembranças dentro e fora do filtro protetor da mente da outra pessoa, o que fazia as lembranças parecerem *minhas*.

Subitamente, como um ator num programa de premiações assistindo a cenas repassadas de uma vida inteira de filmes, eu me vi revivendo as experiências de outras pessoas que eu jamais conhecera, mas que num sentido bem real pareciam ser *eu*. Em certo momento, estou trabalhando numa máquina de costura num estabelecimento explorador em Saipan, depois olho outra esfera e estou subindo uma passarela num silo de grãos, na cidade de Kansas. Olho para mais outra esfera e estou percorrendo as ruas de Bagdá no banco traseiro de um táxi, depois arrumando o leme de um barco de pesca no mar tempestuoso de Newfoundland; passando por fileiras de vinhedos na Austrália; dirigindo um abastecedor numa mina da Sibéria; decapitando um menino tútsi com um facão, em Ruanda; beijando o pescoço de um amante, em Montreal. Eu era mais que uma mera espectadora nesses acontecimentos. Meus dedos tinham câimbra sob a agulha, eu tossia com as nuvens de pó do trigo seco, meu corpo se curvava conforme nos desviávamos para evitar um pedestre atravessando a rua; eu berrava as ordens para minha tripulação no convés e vi o medo nos olhos deles, quando as ondas batiam na proa; senti o jorro de sangue morno quando novamente golpeei o cadáver convulsivo; e

sussurrei baixinho, concedendo os desejos do meu amante. Memórias estranhas percorriam minha mente, como se eu estivesse emergindo de uma vida inteira de amnésia, deixando-me confusa e perdida. Sem conseguir mais suportar, coloquei novamente a venda nos olhos. Luas me conduziu em frente, até sairmos da estação.

– Você está bem? – ele me perguntou, quando as portas bateram, fechando atrás de nós.

Eu não conseguia responder, meu corpo tremia.

– Aqui – disse ele – você pode tirar a venda. Sente-se.

Agora estávamos num corredor remoto e vazio da estação de trem e nos sentamos juntos num banco. Luas afastou o cabelo que tinha caído nos meus olhos e sorriu.

– Eu sabia que você ia espiar – disse ele. – Você não é do tipo que obedece a regras, nem quando são para beneficiá-la. – Ele olhou na direção das portas pelas quais tínhamos acabado de passar. – Você os vê como eles são, Brek Abigail Cuttler. Você tem o dom.

Eu mal conseguia entender as palavras. Era como se eu tivesse sido criada numa ilha deserta, sem música, livros, televisão ou mapas, e subitamente tivesse um vislumbre do mundo. Eu queria ver mais. Precisava ver mais. Levantei do banco e virei na direção das portas.

– Ainda não – alertou Luas. – É cedo demais. Você não está pronta.

Eu segurei a maçaneta da porta.

– Não, Brek – Luas falou sério. – Você precisa fazer exatamente conforme eu lhe digo, ou perderá a noção de quem é. Está entendendo?

– E quem sou eu, Luas? – questionei, confusa e perdida. – Ou, devo dizer, quem era eu?

Puxei a porta, mas Luas me segurou pela manga vazia do meu blazer, fazendo-me virar para ele.

– Você fez de propósito – disse ele, apontando a manga vazia. – Na verdade, foi bem ousada. Ora, não há uma criança sequer que não tenha se consolado ao dormir, sabendo que se fosse forçada demais, poderia simplesmente negar aos pais o que eles mais prezam. As crianças jogam os mesmos jogos perigosos que os

adultos jogam com mísseis, porém, ao contrário dos adultos, a maioria das crianças reconhece a futilidade de tentar ganhar perdendo. Você, não, Brek Cuttler. Não, você ouviu as instruções de seu avô para ficar longe da corrente da máquina como um convite a trocar meio quilo de sua própria carne pelo prazer da dor no rosto de seus pais, e a tristeza em suas vozes.

Eu estava perplexa. Meu segredo mais sombrio. Sua tática foi instantaneamente eficaz. Agora eu me lembrava de quem eu era, e que minha vida foi muito diferente das vidas das almas da estação de trem.

– Como soube? – perguntei.

– Ah, sei muitas coisas sobre você, Brek Cuttler – disse Luas.

– Então você deve saber que eles estavam se divorciando, e minha mãe era alcoólatra e meu pai batia nela e ele... Você deve saber como eu só achei que me cortaria, quando estendi o braço à máquina, não que perderia meu braço. Eu só queria que eles ouvissem. Dá pra entender isso? Só queria que eles ficassem juntos. Será que isso é demais para uma criança pedir?

Olhei fixamente para Luas, como se ele fosse meu próprio pai. Luas estava em silêncio.

– Você não tem o direito de me julgar. Já fui punida minha vida inteira pelo pecado de tentar manter meus pais juntos. Já paguei além do meu crime, se é crime querer uma família. Você conhece todos os meus segredos, certo? Sabe das dores fantasmas, de quando você acha que seu braço está doendo, mas não tem um braço? Sabe o que é não poder abraçar outro ser humano porque lhe falta um braço para retribuir o abraço? Sabe como é tomar banho, se vestir, comer e dormir, com apenas uma mão, e da zombaria das crianças e da crueldade dos adultos? Sabe do constrangimento de cada encontro? Sabe das roupas com mangas direitas inúteis?

– Tudo isso foi perdoado há muito tempo – respondeu Luas.

– Perdoado? É mesmo? Não me lembro de ter perdoado ninguém.

– Por favor, Brek, sente-se.

Soltei a porta e sentei de volta com ele no banco. Duas esculturas tinham sido esculpidas na parede de pedra do lado oposto ao banco.

Uma delas era de um templo budista aos pés das montanhas do Tibete, e a outra era de uma sinagoga aos pés do Monte Sinai. Luas percebeu que eu estava olhando para elas. Elas pareciam fora do contexto ali na estação de trem.

– Você já ouviu falar do Livro da Vida e do Livro da Morte? – perguntou ele.

Eu assenti.

– Eles não existem – disse ele.

Exalei aliviada, prematuramente.

– Deus não os mantém. Nós que mantemos. Cada um de nós. Um registro de cada pensamento, palavra e ato de nossas vidas. A armazenagem é perfeita, na verdade. A recordação que é incompleta. Não que isso seja um defeito. Existem motivos importantes para se estreitar o campo. O esquecimento de acontecimentos traumáticos ajuda a pessoa a lidar com a vida, e há a necessidade prática de descartar parcelas do conjunto sempre crescente de experiências, para evitar ser consumido por elas. A lembrança não é uma gravação defeituosa, como você foi levada a acreditar. É o gravador em si, tocando as trilhas musicais que nós escolhemos e, às vezes, as que não escolhemos. Tocadas novamente na máquina certa, de alta qualidade, a música pode ser reproduzida com grande fidelidade e precisão, quase tão perfeita como na ocasião em que foi criada.

Embora extraídas de rocha sólida, os relevos na parede se metamorfoseavam enquanto Luas falava, reformulando-se em animações de pedra viscosa. Dois tronos elevados, cercados por grandes montes de pergaminhos amassados, substituíram o templo e a sinagoga. Na frente dos tronos havia longas filas de pessoas nuas, com seus rostos apagados de suas cabeças carecas, em formato oval. Magros, gordos, jovens, velhos, homens, mulheres, altos, baixos, cada pessoa trazia um pergaminho, alguns eram volumosos e pesados, outros, compactos e leves. Sobre os tronos havia duas órbitas idênticas, como o sol, com raios emanando em todas as direções. Aos pés dos tronos uma alma vestindo robe recebia o pergaminho do próximo na fila e parecia lê-lo em voz alta, enquanto o pergaminho se desenrolava. Quando chegava ao fim, os

pergaminhos eram lançados pelos leitores sobre os montes, e os donos desapareciam sem direção ou traço, sendo substituídos pela próxima pessoa da fila, para quem o processo era repetido. Luas parou para observar a procissão sombria.

– Você recebeu o privilégio e a responsabilidade de repassar a gravação para outros – disse ele.

– Não entendo.

– Isso é o que fazemos aqui, Brek – Luas explicou. – É o motivo para sermos trazidos para Shemaya, para ler e dissecar o registro de vida e pleitear ao Criador o caso imperfeito da criatura, como se a tinta a óleo na tela pudesse explicar ao artista as falhas da textura e cor, ou se as cordas de um instrumento pudessem dizer ao compositor as dissonâncias do tom e afinação. Fomos designados a contar o outro lado da história, Brek – a explicar os medos e arrependimentos, a cumplicidade e vitimização, a ganância e o sacrifício de todos eles. Estamos aqui para garantir que a justiça seja feita no Juízo Final.

As palavras de Luas deveriam ter me deixado morrendo de medo de Deus, mas, como eu havia dito antes, a essa altura ainda não tinha aceitado minha morte. Ao contrário, estava esperando e observando, em busca de uma brecha para reingressar na vida que eu tivera. No entanto, o que Luas disse era tão absurdo que meus pensamentos anteriores de febre e doença se transformaram na possibilidade de que eu talvez tivesse me envolvido num terrível acidente e sofrido uma séria lesão cerebral.

Talvez tenha sido um acidente de carro, ou eu tenha caído de um precipício durante a escalada na Montanha Tussey. Talvez um estado de coma seja assim. Talvez quando a bisa estava me vestindo antes de entrar na estação de trem, na verdade ela fosse uma enfermeira me preparando para cirurgia, e Luas seja meu neurocirurgião. Talvez a venda que ele colocou sobre meus olhos seja uma máscara de oxigênio para me manter viva.

Eu me agarrava a essas esperanças, enquanto Luas explicava as coisas, coisas aterrorizantes que eu não conseguia compreender nem aceitar; coisas que não poderiam ser reais, a menos que eu, de fato, estivesse morta.

– Certo – eu disse, seguindo o faz de conta, temendo que, se eu transparecesse estar fingindo, ele pudesse cometer um erro durante a operação e me matar, ou me deixar em estado vegetativo. – Então, você é meu advogado e está me ajudando a evitar ser mandada para o inferno por enfiar minha mão numa máquina de pulverização de adubo, é isso? Você não me consegue uma apelação, ou algo assim? Crédito pelo tempo já cumprido?

– Nem tanto – Luas riu. – Por que Deus prometeu inundar novamente a Terra?

Uma expressão intrigada surgiu em meu rosto.

– Ora, vamos – disse Luas. Ele tirou um cachimbo e um saquinho de tabaco do bolso do blazer e encheu o cachimbo enquanto falava. – Você certamente conhece a história. As coisas só pioraram depois do fiasco no Éden. Caim assassinou Abel, depois um de seus filhos matou uma criança. Os humanos começaram a se acasalar com feras e se envolver em todo tipo de devassidão. Deus ficou furioso, e com razão. Ele decidiu destruir a nós todos, como exige a justiça, mas, quando as águas do dilúvio baixaram, Ele sentiu remorso. Imagine isso, Brek. Deus sentindo remorso pelo que Deus havia feito. Notável, não? Ele nos faz uma promessa: “Eu nunca mais farei isso”, diz Ele, e lança arco-íris nas nuvens como um lembrete. Primeiro, Ele decide que o extermínio da raça humana é a solução final – para usar uma frase horrível – porém, assim que Ele leva a humanidade à beira da aniquilação, tudo é perdoado e nossa sobrevivência é garantida, mesmo que tenhamos que voltar aos nossos modos perversos. Por que Ele mudou de ideia? Por que poupou Noé?

– Acho que foi porque Noé foi o único que Lhe obedeceu – eu disse.

Luas parou para riscar um fósforo e acender seu cachimbo.

– Correto – disse ele –, mas e se Noé tivesse desobedecido?

– Ele teria sido morto com os outros.

– Correto, novamente – disse Luas, por entre as baforadas. – Justiça divina. Mas o que explica a segunda mudança de ideia de Deus, quanto ao restante de nós? É por causa dessa incrível reviravolta que por trás dessas portas no fim do corredor, dentro do

Tribunal, haverá argumento para que muitas almas hoje tenham um lugar na Luz e, para as mesmas almas, a Escuridão. Eles vão descobrir seus destinos hoje e saudar a eternidade. Sabe, Brek, cada nascimento de um ser humano é um crime potencial e um julgamento iminente. É o Tribunal, não um pote de ouro, que está no fim dos arcos-íris de Deus. Deus nos prometeu que aqueles arcos-íris garantiriam um lugar para o homem no mundo de sol e nuvens, mas Ele não disse nada sobre os mundos por vir.

Luas levantou do banco e gesticulou para que eu o seguisse pelo corredor.

– Claro – ele prosseguiu, baforando seu cachimbo –, aqui nós não lidamos com bodisatva ou santos, patifes ou demônios. As conclusões para eles são prévias, os julgamentos são óbvios e incontestáveis. Nossa preocupação no Tribunal é pelo resto da humanidade; as pessoas boas que às vezes trapaceiam, os maus que às vezes fazem coisas boas, os bilhões que fracassaram em sacrificar tudo para se tornarem sacerdotes ou profetas, mas resistiram à tentação de se tornarem demônios ou semideuses. Aqui nós não colocamos ares falsos. Não perguntamos se houve renúncia para o hindu, despertar para o budista, avaliação para o muçulmano, salvação para o cristão ou reconciliação para o judeu. Esses são meros obscurecimentos da Lei Divina. Só há uma questão a ser respondida durante o Julgamento Final de cada alma humana, e é a mesma pergunta que preocupava Deus antes do Grande Dilúvio: o que a Justiça exige?

Nós paramos diante das portas.

– Relatos preciosos e graves são reconciliados atrás dessas portas, Brek Cuttler. Você poderia falar honestamente de si mesma, aí dentro? Poderia se condenar, se a condenação fosse o seu mérito, deixando de lado o medo e o ódio, em favor da verdade? Poderia se colocar diante do Criador da energia, espaço e tempo, e salvar a si mesma? Poderia passar por essas portas sabendo que sua experiência da eternidade seria moldada pelo que você disse e deixou de dizer? Poderia explicar aquilo que, durante sua vida inteira, desafiou explicação?

Comecei a entrar em pânico. Eu não poderia ter elaborado essas palavras, nem se meu cérebro tivesse sido chacoalhado dentro do meu crânio durante um acidente de carro, ou caído de um penhasco. E tampouco poderia ter inventado as lembranças que vivenciei ao passar pela estação de trem – elas foram vivas demais, exóticas e reais demais. A possibilidade da minha própria morte estava se tornando cada vez mais inescapável.

– Então, você está me levando para ser julgada? – eu disse, recuando. – Eu realmente vou para o inferno, por colocar minha mão na máquina?

– Julgada? Você? Claro que não! – disse Luas, verdadeiramente surpreso com a minha pergunta. – Eu lhe disse que você foi perdoada há muito tempo. Vou levá-la para receber seu prêmio celestial, Brek, não mandá-la para o inferno. Você sempre torceu e rezou para vir aqui. Shemaya tem sido o motivo por trás de cada uma de suas decisões e a base de todas as suas interações, desde o momento em que você percebeu que sofria pela perda de seu braço, não porque jamais poderia se pendurar nos brinquedos do parque, ou girar um taco de beisebol, ou tocar violino, mas porque era injusto que milhões de outras meninas pudessem fazê-lo.

Luas parou um instante para analisar minha reação e baforar seu cachimbo. Mantive distância, convencida de que estava prestes a ser condenada.

– Um membro da lei, não do clero, lhe ofertou justiça após o acidente, não foi? – prosseguiu ele. – Você descobriu, ainda jovem, que os sistemas legais provêm a redenção que a religião já não pode ofertar, e que os advogados são verdadeiros sacerdotes e juízes, os verdadeiros profetas. Você ansiava pela justiça mais que qualquer outra coisa em sua vida. E no dia em que sua amiga de infância, Karen Busfield, lhe disse que havia sido aceita no seminário para se tornar sacerdotisa episcopal, você ficou repleta de desespero, não de alegria. Àquela altura, você já estava na faculdade de Direito. Lembra-se de como você debochou dela? Você disse: “Quando uma criança com hematomas pelo corpo lhe revelar que foi o pai que fez isso, Karen, o que você vai fazer? Pedir que ela reze e deixe nas mãos de Deus? E quando ela disser que tem rezado toda noite há

dez anos, mas as surras continuam, o que você dirá? Que as mãos de Deus não podem ser perturbadas com crianças, Karen? Se você realmente quer salvar as almas das pessoas do pecado – não apenas o pecado de odiar os outros ou a si mesmas, mas o pecado de odiar a Deus, que lhes deu a vida e depois as abandonou – você não vai rezar por elas, Karen. Você lhes dará um dos meus cartões de visita e dirá que me telefonem”.

Fiquei olhando para Luas, tentando entender como ele podia saber de todas essas coisas.

– E você se lembra da resposta de Karen? – prosseguiu Luas. – Ela disse que você não a deixou terminar. Ela estava pretendendo ingressar na Força Aérea, como o pai dela, e se tornar capelã militar. “A Força Aérea não liga para advogados quando alguém se comporta mal, Brek”, disse ela. “Eles jogam uma bomba em cima deles. *Isso, sim, é justiça*”. E você disse a ela: “Eles nunca irão aceitá-la, Karen. Verão, de cara, como você realmente é”.

Luas parou para baforar o cachimbo.

– Você compreendeu a grande verdade da vida, Brek Cuttler. Compreendeu que a busca da justiça é a mais pura forma de religião e mais alta aspiração humana. Você se tornou discípula da justiça. Agora chegou a hora de receber sua recompensa. Você foi escolhida para ingressar na elite de advogados de Shemaya, que defendem almas no Julgamento Final. Eu estava brincando quando lhe perguntei se você poderia se defender no Tribunal. Isso sempre prende a atenção dos recém-chegados. Não, agora a única pergunta é se você conseguirá entrar por essas portas, se *outra pessoa* depender do que você disser ou deixar de dizer. Se você falar pela humanidade, não por si mesma. Porém, essa pergunta foi respondida há muito tempo, não foi? Minha função não é verificar sua aptidão, mas lhe mostrar o caminho.

Luas esvaziou seu cachimbo num cinzeiro na parede, depois enfiou a mão no bolso do colete e tirou uma chave dourada da qual estavam penduradas uma estrela de davi, uma lua crescente do Islã, imagens de Shiva e de Buda, o yin e yang e um crucifixo.

– Isso é seu – disse ele, me entregando a chave. – É a chave do Tribunal.

Recusei-me a pegar.

– Vá em frente – insistiu Luas. – Isso não é hora de medo e indecisão. Você está esperando que Deus golpeie o mal e recompense o bom desde que tinha onze anos e colocou aqueles meninos em julgamento pelo assassinato de lagostins de água-doce. Que maravilha! Para você, até lagostins mereciam justiça! Alegre-se, Brek Abigail Cuttler! Suas preces foram atendidas! *Há* justiça, afinal! Finalmente a justiça, graças a Deus!

Atrás da casa da minha melhor amiga, Karen Busfield, além das pilhas de cinzas deixadas pelas antigas fornalhas de carvão e um pequeno prédio abandonado, reluzia o belo córrego conhecido como Rio Little Juniata. O riacho flui ao norte, originado nas Montanhas Allegheny, escoando os pequenos córregos e nascentes que abençoam as colinas e vales com vida, depois segue ao sul, até Tyrone, Pensilvânia, de onde vem a humilde família agricultora do meu pai, os Cuttler. Quando o Little Juniata chega a Huntingdon, ele deságua no grande Rio Juniata, que é um grande rio somente uma vez a cada vinte anos durante um tufão, e em outras ocasiões tem um tamanho normal, não muito largo nem muito fundo, ou muito veloz. O grande Rio Juniata segue ao sul até se fundir ao Rio Susquehanna, em Clarks Ferry, perto de Harrisburg; e o Susquehanna, que é um grande rio o ano inteiro, continua rumo ao sul, até chegar a Havre de Grace, Maryland, onde flui para dentro da enseada Chesapeake. Lá tem uma marina, onde a família da minha mãe, os Bellini, que eram mais abastados e bem-educados que os Cuttler, ancoravam seu barco a vela. E assim as famílias dos meus pais estavam ligadas dessa forma, por meio dos rios, muito antes de meus pais se conhecerem. Lembro-me de ter ficado estarecida quando descobri essa relação num mapa, como que subitamente reconhecendo o formato de um coelho em um jogo de ligar os pontos. Fiquei imaginando o significado disso e, como um astrólogo em busca de sinais do céu, passei a ler todos os tipos de mapas, à procura de sinais do que o meu futuro poderia trazer. Depois disso, quando eu entrava no Rio Little Juniata ou velejava na enseada de Chesapeake com meus avós, não conseguia deixar de imaginar de

onde a água vinha e para onde ela estava indo, e que vidas ela iria unir.

O Little Juniata é raso no meio do verão e tem um fundo de pedras escorregadias, com rochas cobertas de limo. Karen e eu podíamos andar por milhas pelas suas águas claras que batiam nos joelhos, vestindo nossos *shorts* cortados e tênis velhos, cambaleando, escorregando, nos encharcando e rindo alegremente. Levávamos nosso lanche e comíamos ao longo da margem, fingindo que éramos pioneiras exploradoras, avaliando o rio pela primeira vez. As tribos aborígenes que encontrávamos, que eram os meninos de bairros diferentes ao longo do rio, cautelosamente seguiam nossos movimentos, como se realmente fôssemos de uma terra distante.

Meninas nunca brincavam no rio, mas Karen e eu não éramos como a maioria das meninas – não por sermos molecas ou corajosas, mas porque víamos o mundo de maneira diferente. Por exemplo, nós achávamos o rio interessante e repleto de possibilidades, o que a maioria das meninas não achava, e acreditávamos possuir direitos iguais aos meninos de brincar nele, ao contrário da maioria das meninas. Nossa diferença era a curiosidade e perspectiva.

Numa tarde quente de julho, enquanto Karen e eu estávamos percorrendo o rio, chocamos a nós mesmas e aos meninos ao pegar lagostins com nossas próprias mãos – não era fácil para uma menina com um braço só. Os lagostins do Rio Little Juniata são difíceis de pegar. Assim como meninas deficientes, eles são criaturinhas tímidas, aparentemente cientes de sua vulnerabilidade e constrangidos por seus corpos bizarros. Você tem que abordá-los por trás, sem lançar sombra, enquanto eles estão se banhando ao sol na água rasa, sobre as rochas limosas que eles se esforçam tanto para imitar. Eles disparam para trás quando se assustam, sumindo numa nuvem de limo, ou entrando na fresta mais próxima. Você tem de ser veloz e precisa pegá-los pelo meio, na parte larga da casca, para evitar as garras – é como erguer um gato rosnando, pelo cangote. Se você os segurar dessa forma, são totalmente inofensivos. Mas, se

cometer um erro, eles dão uma beliscada dolorosa e você vai soltá-los de volta na água.

Karen e eu orgulhosamente acenamos nossos lagostins no ar naquela tarde, gritando e comemorando com empolgação de biólogas descobrindo uma nova espécie. Nós os examinamos atentamente, notando como suas caudas se curvam numa bola para proteger a barriga macia, e as garras se voltam para trás, por cima da cabeça, para beliscar nossos dedos. Afagamos as antenas e batemos a unha na casca dura. Finalmente os colocamos de volta no rio, temendo que eles não sobrevivessem se ficássemos muito tempo com eles.

Não tem muito mais coisa que dá para se fazer com um lagostim. Até dá para sacudir um deles na cara de um garoto para assustá-lo, mas só se pode constrangê-lo assim uma vez, e as consequências para o lagostim são terríveis. Quando os meninos viram que nós ainda estávamos vivas depois de segurar aquelas coisas danadas, eles corajosamente atacaram o rio, e uma competição voraz começou. Logo havia baldes cheios de lagostins e registros de quem pegou mais e o maior. É aí que as mentes de meninos e meninas seguem em direções opostas. Karen e eu estávamos contentes em estudar o lagostim por um minuto e libertá-lo. Os meninos, por outro lado, não ficaram satisfeitos até torturarem e matarem uma porção deles. Os baldes passaram a ser território de extermínio.

Karen e eu ficamos horrorizadas. Pedíamos aos meninos que parassem a competição e poupassem os lagostins. Tentamos arrancar os baldes, mas os garotos eram fortes. Jogamos pedras neles e os xingamos. Até ameaçamos beijá-los se eles se recusassem a parar – mas não adiantou.

Embora não conseguíssemos libertar os lagostins, eu estava decidida a levar os meninos à justiça por seus crimes. Assim, estabeleci um tribunal de pedras e tocos de madeira na margem do rio e fiz os julgamentos. Eu sabia exatamente como fazer. Meu avô Bellini era advogado e eu o vira, valente e correto, interrogando as testemunhas. Eu mesma tinha testemunhado no tribunal sobre o acidente com meu braço. Portanto, eu me indiquei como promotora e disse à Karen que ela poderia ser a juíza e o júri. Para meu

espanto e decepção, Karen traiu tanto os lagostins quanto a mim, recusando-se a participar, alegando que punir os meninos não faria nenhum bem. Achei que ela estava gostando de algum deles, provavelmente o Lenny Basilio, que toda hora vinha lhe mostrar seus lagostins. Até os meninos duvidaram dos motivos de Karen, porém, para crédito deles, sabiam que tinham agido mal. Eles tinham ficado entediados com a matança e acharam que o julgamento poderia ser divertido.

Como Karen não queria ajudar, os meninos se ofereceram para o papel de júri, uns dos outros, prometendo ouvir imparcialmente às provas e dar um veredicto justo. Fui contra isso, mas Karen, deleitando-se em seu papel de estraga-prazeres, lembrou-me que um júri tem de ser composto de membros do lado do réu, deixando-me sem alternativa a não ser concordar. Eu seria a promotora e juíza, e Karen ficaria só olhando.

Para provocá-la eu coloquei Lenny Basilio como primeiro a ser julgado. Lenny era o garoto mais fraco e sensível do grupo, aquele que está sempre sendo empurrado. Ele também era o mais legal. Primeiro tinha ficado com medo de pegar os lagostins e precisou ser provocado pelos outros para fazê-lo, mas, depois que começou, passou a ser muito eficiente e pegou o maior lagostim do dia – um crustáceo vovô, do tamanho de um filhote de lagosta. Embora fosse, de longe, o maior e mais poderoso lagostim de sua coleção, ele era pesado demais e lento demais para se defender dos outros e foi a primeira fatalidade do balde de Lenny. Ele pareceu ficar realmente com remorso quando o grande lagostim morreu. Eu sabia que seria fácil condená-lo por assassinato.

Chamei-o à bancada – um pedaço de rocha lisa em cima de uma plataforma de gravetos – e disse a ele que erguesse a mão direita. Nós não reconhecemos nenhum direito contra autoincriminação nas margens do Rio Little Juniata. Todos os acusados eram obrigados a testemunhar.

– Você jura dizer toda a verdade, Lenny Basilio, apenas a verdade, nada mais que a verdade? – eu disse.

Lenny deu de ombros e sentou.

Eu coloquei o balde à sua frente, cheio de pedaços fétidos de lagostins.

– Você colocou esses lagostins nesse balde?

Lenny olhou dentro do balde, depois para seus colegas.

– Lembre-se, Lenny – eu o alertei –, você está sob juramento. Você será atingido por um raio se mentir.

Lenny soltou um gemido.

– Mas o lagostim me beliscou primeiro!

– Sim ou não? – perguntei. – Você encheu esse balde de lagostins?

– Sim.

– Isso mesmo, foi o que você fez. E depois de enchê-lo você o remexeu para que os lagostins beliscassem uns aos outros, não foi?

Antes que Lenny pudesse responder, remexi na água e tirei o lagostim vovô morto, já esbranquiçado pelo calor, mais parecido com um camarão fervido. Mostrei o lagostim ao júri e fiz com que eles olhassem bem. Embora alguns deles estivessem de ironia e fazendo piadas, a expressão da maioria era de que até eles estavam tristes pelo que tinha acontecido. Então, eu o mostrei desafiadoramente a Karen, que sacudiu a cabeça, silenciosamente. Virei de volta para Lenny.

– Você fez isso, não fez, Lenny Basilio? Você o matou. Você o tirou do rio e o colocou no balde e o matou.

– Mas eu não tive a intenção – respondeu Lenny. Ele parecia estar prestes a cair em prantos.

Soltei o lagostim no balde e virei na direção do júri, com aversão.

– A promotoria não tem mais nada a dizer.

– Culpado! Culpado! – todos os garotos gritaram.

– Esperem um minuto – eu disse, solenemente. – Vocês precisam votar para oficializar. Temos que fazer uma apuração. John Gaines, qual é a sua posição? – Eu falava do jeito que os oficiais de justiça tinham falado, interrogando o júri, durante o meu julgamento.

John Gaines olhou fixamente para Lenny.

– Culpado – disse ele, inclinando-se à frente e mostrando os dentes para dar mais efeito. – Culpado como o pecado.

– Mike Kelly, sua posição?

– Culpado! – disse ele com entusiasmo.

– Certo. Robby Temin, sua posição?

Robby olhou compassivo para Lenny.

– Culpado – sussurrou.

– Jimmy Reece?

Jimmy jogou uma pedra em Lenny e riu.

– Culpado... e ele também é um bebê chorão!

Todos os garotos riram.

Fui para atrás da bancada do juiz e bati uma pedra na rocha do rio.

– Ordem no tribunal! – berrei. – Ordem no tribunal! – Os meninos ficaram instantaneamente quietos. Fiquei impressionada com meu novo poder.

– Wally Miller, sua posição?

Wally me encarava, cheio de insolência e malignidade. Ele era o maior e mais cruel dos garotos, o valentão do Rio Juniata. Todos temiam Wally Miller, inclusive eu. Ele tinha uma expressão permanente de malícia e uma fama merecida de comportamento quase criminoso.

– Inocente – disse ele, os olhos fixos em mim.

Meu queixo caiu. Antes que eu pudesse protestar, os outros meninos intervieram:

– O quê? Inocente? Sem chance! Ele é culpado como o diabo!

Wally ergueu a mão para silenciá-los.

– Eu disse inocente – ele insistiu.

O rosto de Lenny Basilio se iluminou. Por algum milagre, Wally, o valentão, tinha saído em sua defesa. Isso devia ser inédito. Com um sorriso terno de gratidão e amizade, Lenny literalmente dançou até Wally para agradecê-lo. Mas assim que Lenny chegou lá, Wally ergueu o braço e deu um safanão no peito de Lenny que o derrubou no chão. Ele olhou maliciosamente para os meninos.

– Brincadeira. Culpado. Culpa máxima! Vamos enforcá-lo!

Os garotos irromperam numa algazarra.

– Culpado! Culpa máxima! Força! Vamos enforcar o Lenny!

Lenny conseguiu se levantar e recuou. Parecia magoado e aterrorizado. As lágrimas minavam de seus olhos.

Eu bati as pedras do rio.

– Ordem! Ordem! – solicitei. – Ordem, ou vou deter todos vocês e interromper esse julgamento agora mesmo!

Os meninos se aquietaram e eu me virei para Lenny. Ele me olhava desesperado, mas eu não sentia compaixão por ele. Ainda estava pensando no que ele tinha feito com os lagostins.

– Lenny Basilio – disse, séria. – Você foi considerado culpado pelo assassinato de lagostins.

Lenny baixou a cabeça.

– Assassinato é o crime mais grave que há – continuei –, mas nós não podemos enforcá-lo, pois não há pena de morte no Rio Juniata.

Lenny endireitou a postura, porém os meninos começaram a vaiar e assoviar.

Bati novamente as pedras.

– Ordem! Não podemos enforcá-lo, Lenny, mas você tem de ser punido... – Pensei por um momento sobre qual deveria ser sua punição. Olhei para o balde, depois para o rio. – Você tirou os lagostins do rio, onde eles moravam e os colocou na terra, onde eles morreram. A justiça exige olho por olho, dente por dente. Como juíza desse tribunal, eu o sentencio, Lenny Basilio, a ser tirado da terra onde você mora e passar o resto de sua vida no rio.

– Juguem o Lenny no rio! Juguem o Lenny no rio! – gritavam os meninos.

Lenny tentou correr, mas eles o pegaram e arrastaram, enquanto ele chutava e gritava, e o levaram até o rio. Ele relutou por um tempo, mas finalmente desistiu. Depois de afundá-lo na água algumas vezes, os garotos voltaram para a margem, deixando Lenny em pé no meio do rio, com ar penoso, encharcado, um condenado atrás das grades. Eu estava exultante. A justiça havia prevalecido. Aos onze anos, eu tinha ganhado meu primeiro julgamento e minha primeira batalha entre o bem e o mal. Eu tinha entrado para os anais do sr. Gwynne e do meu avô Bellini, de diretores escolares e policiais, de soldados e super-heróis. Foi a melhor sensação que eu tinha sentido na vida, um momento glorioso. Sorri presunçosa para Karen, que olhava sem dizer uma palavra.

– Certo, quem é o próximo? – perguntei, observando cada menino, antes de pousar os olhos em Wally Miller, o valentão. Eu mal podia esperar para condená-lo e fazer com que ele fosse jogado na água.

– Wally Miller, eu o acuso por rapto e assassinato de lagostins. Qual é a sua alegação, culpado ou inocente?

Wally andou até mim, pavoneando-se.

– Culpado – disse, com sarcasmo. – O que *você* vai fazer a respeito?

Virei para os outros meninos para obter apoio, mas eles estavam petrificados. Nenhum deles estava disposto a desafiar Wally Miller. Eu não disse nada.

Wally riu.

– Foi o que pensei – disse ele. – Você não é nada além de uma aberração de um braço só. – Ele deu um passo à frente e me empurrou com as duas mãos, derrubando-me no chão, depois virou e riu com seus amigos.

Eu não ia deixá-lo se safar assim. Levantei e voei por trás dele. Os outros meninos tentaram avisá-lo, mas bem na hora em que Wally se virou, eu lhe dei um soco em cheio, no meio da boca. Ele caiu de joelhos. Um filete de sangue escorreu de um corte no lábio superior.

Wally estava estarelecido. Eu estava estarelecida. Os outros meninos estavam estarelecidos. E aterrorizados. Eles tinham acabado de presenciar uma garota de um braço só derrubar o provocador do Rio Juniata. Sabiam que cada um deles viveria um inferno, quando Wally tentasse recuperar sua fama. Um a um eles foram silenciosamente sumindo pela floresta de onde vieram. Wally levantou lentamente, limpou a boca e olhou o borrão vermelho na mão.

– Vou te pegar por isso, Cuttler – disse ele.

Eu me mantive firme, desafiadora, com meu punho fechado. Ele não era bobo de se meter novamente comigo e foi embora.

Então sobramos Karen, Lenny e eu. Aparentemente achando que a derrota de Wally significava que, de alguma forma, ele estaria exonerado, Lenny foi saindo do rio, mas eu o detive.

– Pode voltar pra água, Lenny Basilio – eu o alertei. – Você foi condenado à pena perpétua.

Lenny voltou, obediente. Ele tinha acabado de ver o que eu tinha feito com Wally e não ia se arriscar.

Sentei ao lado de Karen, numa tora. Os nós dos meus dedos doíam por ter batido nos dentes de Wally. Karen e eu não falamos. O que aconteceu foi traumático demais. Nós simplesmente olhamos para o rio e Lenny.

Depois de uns cinco minutos, Lenny ficou entediado e inquieto. Ele começou a lançar e chutar pedras na água, aleatoriamente. Quando isso já não o entretinha, ele começou a se afastar até a outra margem do rio, esperando que eu não notasse. Ordenei que ele voltasse. Ele obedeceu, mas virou e tentou novamente. Logo isso se transformou numa espécie de jogo. No entanto, quando eu ordenei que ele voltasse pela quarta vez, ele saiu correndo. Infelizmente para Lenny, ele escorregou na lama da margem do rio e abriu um corte no joelho. Eu o peguei, levantei e arrastei de volta para a água, pelo pulso. Ele tentou se livrar, mas minha pegada era forte demais. Eu o segurei no lugar, até ele parar de se remexer.

– Quanto tempo você vai mantê-lo no rio? – Karen gritou da margem.

– Pelo resto da vida dele – eu disse, apertando a pegada. – Ele tem que pagar por seu crime. Os lagostins merecem justiça.

– Então você terá que ficar aí o resto da vida também – disse Karen. – Ele simplesmente vai continuar tentando sair.

Ela estava certa, claro, mas eu estava determinada a fazer Lenny cumprir sua sentença. Eu estava com um cinto de tecido, com fivela de correr. Olhei em volta, em busca de algo onde pudesse amarrar Lenny, mas não havia galhos de árvores perto da água. Então, tive uma ideia. Tirei o cinto, amarrei em volta do meu braço e no de Lenny e apertei com meus dentes. Agora estávamos presos juntos, prisioneiro e guarda. Ele não tinha chance de escapar. Enquanto eu ficasse no rio, Lenny ficaria no rio. Olhei de volta para Karen, orgulhosamente. Ela sacudiu a cabeça, entretida.

Lá estávamos nós, na água, Lenny e eu. De vez em quando ele lutava para se soltar, mas não adiantava. Quando gemia ou reclamava, eu lhe dizia para calar a boca. Quando respingava água ou me fazia cambalear, eu lhe dava uma cotovelada na lombar. Ele

não receberia mais piedade do que demonstrara com os lagostins. Isso se estendeu por quase meia hora, mas pareceu a tarde inteira. Estava ficando tarde. Nós normalmente já estaríamos voltando para casa. Karen finalmente levantou e disse que estava indo embora.

– Espere – eu disse. – Você não pode ir. Tem que ficar e me fazer companhia.

– Não, obrigada – respondeu Karen, subindo a margem do rio.

– Mas você precisa. – Eu estava furiosa. Ela tinha me traído durante o julgamento e agora estava fazendo outra vez.

– Não, não preciso – respondeu Karen. – Não fiz nada para os lagostins, e não foi ideia minha colocar o Lenny no rio. Vou pra casa.

– Bem, o que devo fazer? – perguntei. – Ficar aqui a noite inteira com Lenny, sozinha?

Lenny parecia mortificado.

– Acho que sim – respondeu Karen. – Se você quiser mantê-lo na água pelo resto da vida dele. Divirta-se. – Ela começou a se afastar.

– Espere – pedi. – O que devo fazer? Não tenho escolha. Os lagostins merecem justiça.

Karen parou e me olhou, incrédula. Eu devia estar com uma expressão tão infeliz e patética quanto a de Lenny. Ela se virou e entrou na água. Parecia quase angelical, vindo em nossa direção com o rosto reluzindo radiante, sob o sol da tarde, os olhos azuis cintilando pelo reflexo do córrego. Quando chegou a nós, ela puxou o cinto que me prendia a Lenny.

– Você não pode trazer os lagostins de volta, Brek – disse ela, carinhosamente. – Mas pode se libertar. Não tem mais a ver com o Lenny. Tem a ver com você. Quanto tempo você quer esperar na água?

Enfiei na fechadura das imensas portas de madeira que davam no Tribunal a chave dourada que Luas tinha me dado. Subitamente, as portas e toda a estação de trem sumiram, deixando-me em pé ao lado de Luas num espaço imenso, composto só de energia. As paredes eram translúcidas e elétricas, e se pudessem ter uma cor definida, reluziria como água num *decanter* de cristal sobre uma bandeja de prata. Era uma sala como nenhuma outra, uma sala onde o tempo e espaço se fundiam. Uma sala na eternidade.

No lado oposto do Tribunal, a energia se condensava num monólito triangular a vários andares de altura, parecendo o teorema de Einstein, só que ao contrário. A placa era escura e luminescente, composta do que parecia ser a mais pura safira, com uma abertura triangular perto do topo, através da qual a luz entrava, mas não saía, impedindo a visão de qualquer coisa dentro da placa. Um semicírculo de luz âmbar clara irradiava para fora, a partir da base do monólito, criando um arco amplo, e essa luz formava o próprio piso. No centro do piso havia uma cadeira simples de madeira, absurdamente fora de proporção em matéria e tamanho. Atrás dessa cadeira, mas além do círculo de luz, e exatamente em posição oposta ao monólito, havia mais três cadeiras. Luas me conduziu até elas e insistiu para que eu sentasse na cadeira do meio. Ele foi até a da esquerda e, depois de sentar, pousou as mãos nos joelhos, fechou os olhos e me disse:

– Tobias Bowles vai apresentar o caso de seu pai, Gerard.

Um instante depois chegou outra pessoa e ficou em pé no mesmo local onde nós havíamos estado, girando em seus dedos uma chave dourada como a minha. Era apenas um menino, talvez de oito ou nove anos. Sua pele era escura e suas feições eram do Oriente

Médio, com olhos castanhos suaves que pareciam ter visto e entendido coisas demais para seus poucos anos. Ele tinha cabelos compridos e malcuidados. Um robe cor de creme pendia dos ombros até o chão. Luas levantou ao vê-lo, parecendo desapontado.

– Ah, é só você, Haissem – disse ele, franzindo o rosto. – Nós estávamos esperando o sr. Bowles... Bem, aqui estamos nós, de qualquer jeito. Haissem, essa é Brek Cuttler, a mais nova advogada da minha equipe. Brek, esse é Haissem, o mais antigo representante de Shemaya. Eu devo dizer, Haissem, ela chegou bem na hora. Pela sua aparência, nós acabamos de perder Jared Schrieberg e também o sr. Bowles.

Jared Schrieberg? Eu pensei. Estranho. Esse era o nome do avô de Bo.

Haissem veio me cumprimentar com a mão esquerda – um gesto perceptivo, já que a maioria das pessoas me cumprimenta, instintivamente, com a mão direita e se constrange, ao encontrar apenas uma manga vazia.

– Bem-vinda ao Tribunal, Brek – disse ele, curvando-se educadamente, com a voz alta e púbere. – Lembro-me de sentar aqui e testemunhar minha primeira apresentação. Abel apresentou o caso difícil de seu irmão, Caim. Mas isso foi há muito tempo, Luas.

– Bastante – Luas concordou.

– Desde então, pouca coisa mudou – suspirou Haissem. – Luas mantém a súmula em movimento, mesmo que o número de casos aumente. Temos sorte em ter você, Brek, e você tem sorte de ter encontrado alguém como Luas para ser seu mentor. Não há representante melhor em Shemaya.

– Exceto pela presente companhia – disse Luas.

– De jeito algum – disse Haissem. – Só lido com casos fáceis.

– Poucos considerariam Sócrates e Judas casos fáceis – respondeu Luas. – Sou apenas um assistente.

Haissem piscou para mim.

– Não deixe que ele a engane – disse ele. – Sem Luas, não haveria Shemaya.

– Espere um minuto – eu disse, desnorteada. – Caim e Abel? Sócrates e Judas? Do que estão falando? Qual é a piada?

Luas se virou para mim, impaciente.

– Você acredita que os casos deles foram claros, sobre os quais não havia dúvida? – perguntou.

– Acho que não... Realmente não faço ideia, mas o que quero dizer é que vocês não poderiam... Bem, então, o que aconteceu com eles? Qual foi o veredicto?

Haissem deu um tapinha nas costas de Luas.

– Preciso me preparar – disse ele. – Confio que você explicará tudo. – Haissem novamente pegou minha mão esquerda e, por um instante, seus olhos pareceram focar em algo dentro de mim, algo bem maior que eu. – Vamos nos encontrar de novo, Brek – disse ele. – Você se sairá bem aqui, estou certo disso. – Ele caminhou em direção à cadeira no centro do Tribunal, e Luas gesticulou para que assumíssemos nossos lugares.

– Nós apresentamos apenas os fatos – sussurrou ele, enquanto nos sentávamos. – Nossa preocupação aqui não é com os veredictos.

– Mas, se eles forem realmente colocados em julgamento, então, certamente vocês devem saber..

– Nada – Luas interrompeu. – Não sabemos nada sobre os desfechos. O Juiz nunca fala. É claro que é possível especular. Há momentos em que um representante sente que o resultado deve ser mais numa direção do que na outra, porém é estritamente proibido. As consequências para um representante que tente alterar a eternidade duram por toda a eternidade. Não podemos procurar influenciar o resultado.

Eu o observava, tentando ver além dele, ainda sem poder acreditar, ainda agarrada à vida como era antes, buscando explicações para o que estava acontecendo. Nada fazia sentido.

– A cirurgia não está indo bem, está, doutor? – eu disse. – Você está me deixando pior. Estou ainda mais delirante.

– Bobagem – respondeu Luas. – Olhe, Haissem já sentou. Você verá as coisas com mais clareza depois que ele apresentar o caso dele.

Haissem sentou na cadeira no centro do Tribunal, adotando a mesma posição que Luas, mãos nos joelhos, olhos fechados,

esperando. Mantive os olhos abertos, observando. Subitamente, um tremor forte sacudiu o monólito triangular, tremulando sua superfície lisa. Do centro do monólito, de seu âmago sólido, emergiu um ser como o que animava a escultura do corredor, humano em forma e tamanho, mas sem cabelo, rosto ou feições, vestindo uma capa cinza-escura. Haissem manteve sua posição e o ser ficou diante dele, por um momento, depois regressou ao seu lar escuro, sem emitir qualquer som. Quando o tremor parou, Haissem levantou da cadeira e, em pé, bem no centro do Tribunal, ergueu os braços a partir das laterais, formando um amplo arco. A energia das paredes e do piso pulsava violentamente e se impulsionou, na direção dele e vindo de todas as direções, aparentemente comprimindo o espaço ao seu redor, como uma estrela implodindo. A onda de choque atingiu o corpo de Haissem, instantaneamente vaporizando-o, deixando para trás apenas um vácuo e sua voz, detonando como uma grande explosão cósmica: APRESENTO TOBIAS WILLIAM BOWLES... ELE ESCOLHEU!

O Tribunal escureceu. Nenhuma luz. Nenhum som. Nenhum movimento. Então, o Tribunal sumiu de vez.

O que veio a seguir me deixou profundamente abalada. Não apenas testemunhei o julgamento da alma de Toby Bowles. Em vez disso, ao me fundir com suas lembranças, eu me tornei Toby Bowles. Revivi sua vida exatamente como ele a vivera. Como tinha acontecido quando eu caminhei por entre as almas na estação, Brek Cuttler deixou de existir.

Eu me vejo atravessando uma estrada de terra num acampamento militar da Segunda Guerra Mundial. Meu corpo parece pesado, cansado, ansioso. Meu rosto parece grosso e áspero, coberto de barba e fuligem. Minha boca tem um gosto desconhecido, como um primeiro beijo. Meus braços, agora dois, parecem vigorosos, mas mecânicos, como se eu fosse uma máquina. Há uma agressividade que eu nunca senti, um estado de alerta mais aguçado dos arredores e das outras pessoas. Meus pensamentos e reações são

aceleradas, mais analíticas; minhas emoções e capacidade de compreender sutilezas estão embotadas e sem uso. Estou fedendo a odores corporais que parecem tanto confortáveis quanto desagradáveis. Minha cabeça dói, por conta de uma ressaca.

Estou usando um uniforme verde imundo do exército e botas pretas novas. Esse é meu segundo par de botas esse mês – fato que sei implicitamente, mas não sei como tenho conhecimento disso. Também sei que posso ter quantas botas eu quiser, que há botas suficientes à minha disposição para vestir dois exércitos. São belas botas, brilhosas, pretas e quentes, porém não dá para mantê-las limpas aqui em Saverne – outro fato que sei: a localização do acampamento. O pó tira o brilho das botas, assim que você as calça, e aqui não há nada além de poeira, escurecendo o sol e desbotando as cores. Tudo tem poeira marrom: as roupas, as barracas e os uniformes que um dia foram brancos. Em Saverne, a comida tem gosto marrom, a água lava marrom, as estrelas cintilam em marrom, o ar tem cheiro marrom, e quando os mortos chegam ao necrotério daqui eles sangram marrom sobre o chão marrom, das cinzas às cinzas, do marrom ao marrom. Eu até sonho em marrom. A única coisa em Saverne que não é marrom é a ganância, que tinge os olhos e as pontas dos dedos num tom vibrante de verde brilhoso.

Atravessando a estrada de terra, eu argumento em minha cabeça se devo pechinchar com o chefe de suprimento médico, ou lhe propor uma oferta justa, para ele achar que estou lhe fazendo um favor, ao vender seus suprimentos extras no mercado negro. Mas quando chego ao meio da estrada poeirenta, alguém grita – Toby, cuidado!

De canto de olho, vejo um caminhão verde do exército vindo veloz em minha direção, levantando uma nuvem de poeira marrom. A poeira parece parada, por um instante, como se tivesse despertado de um cochilo. Dou um salto saindo da frente e girando numa pirueta com minhas botas pretas novas, e agradeço Davidson pelo alerta, dando um soco de agradecimento em seu ombro.

– Você precisa tomar mais cuidado, Toby – diz ele. – Você vai acabar sendo morto.

– Eu, morto? Sem chance – digo a ele. – Pelo menos, não por uma porcaria de um caminhão. Será preciso uma donzela francesa pra isso.

Davidson guarda a entrada de uma barraca marrom que um dia foi verde-oliva. A terra marrom que sopra da estrada empilha na lona, recriando em miniatura a neve que cai nos estreitos das montanhas ao sul, que tornam os Alpes impenetráveis nessa época do ano. O início do inverno traz um frio cortante aos picos e vales franceses, aniquilando os feridos e doentes dos campos de batalha e acampamentos, vilas e cidades. Um alpinista com sorte suficiente para chegar ao alto dos Alpes veria a guerra no horizonte, em todas as direções.

A barraca é aquecida por um fogão a lenha bem abastecido, e o isolamento térmico é provido por caixas de medicamentos estocadas do chão ao teto, com cruces vermelhas empoeiradas pintadas nas laterais. Cada caixa vale duzentos dólares no mercado negro francês, transformando a barraca num cofre forte. Elas formam um caminho parecido com uma nave de igreja até uma mesa no centro. Uma lamparina a querosene está pendurada no mastro da barraca e fornece um filete de luz. Um negro magro e de aparência poderosa está sentado atrás da mesa. O lado esquerdo de seu peito mostra o nome Collins, e seu ombro exhibe as faixas de cabo. Somos da mesma patente. Ele amassa um cigarro que estava fumando e acende outro, sem me oferecer.

– Scuttlebutt disse que Patton está cruzando o Reno, perto de Ludwigshafen – eu digo. – Duas divisões estão subindo, vindo do sul da Itália, para entrarem na festa. O preço de botas e luvas acabou de triplicar.

Os lábios de Collins se curvam.

– Onde estão eles? – ele pergunta.

– Aquecidos, em um château.

– Não me venha com joguinhos, Bowles – diz ele. – Não tenho tempo para isso agora.

Meu estômago revolve com um caldo amargo, misturado a café, subindo à garganta. *Finalmente terei um pouco de ação*, eu fico dizendo a mim mesmo. Apenas uma parcela do que todo mundo

tem. *Eu não queria vir pra cá. Queria ficar em casa e trabalhar com carros. Só isso que eu sempre quis. Tenho direito a um pouquinho de conforto, e nem ferrando um negro do Kentucky vai ter mais que eu.* Eles me designaram como intendente depois que fiz uma cena de um ataque de asma, durante o treinamento básico. Isso era melhor do que portar um rifle.

– Alguém tem que manter caras como você felizes e talvez seja eu, certo Collins? – digo a ele. – O que você quiser, eu tenho: uniformes, barracas, comida, biritá, utensílios, ferramentas, rádios, filmes, material de escritório, miudezas. – É tudo verdade. Como cabo intendente, sou uma loja de departamentos ambulante, e todos são meus melhores amigos. Assim que as abelhas percebem onde está o mel, vão direto em cima. Oficiais, soldados, nativos – eles são mais legais comigo do que com os médicos que lhes curam de sífilis. Apertam a minha mão e conversam comigo, sobre mim: De onde eu sou? Tem namorada? Claro, bonito como é, só pode ter uma namorada. Aposto que chove mulher bonita. Eles me mostram fotos de suas garotas, mães, pais e irmãos caçulas. Sou apenas um cara comum como você, todos dizem, e caras comuns precisam andar juntos, se quiserem conseguir voltar vivos. Tem um pouco de uísque guardado aí? É o que me ajuda a dormir melhor à noite.

– Você não tem nada que eu queira, Bowles – diz Collins. – Sou eu quem tem o que você quer. Você está pisando no meu cofrinho pessoal e meu camarada Davidson, lá fora, ele é o guarda. Agora, você quer assinar um empréstimo, ou digo ao Davidson para te jogar lá pra fora?

Fico ali um minuto, decidindo se devo pechinchar. Sei que Collins acabou de chegar, por ordem do cirurgião-geral. Ele não tem contatos na área, mas sabe que está sentado numa fortuna, porque suprimentos médicos para a população francesa se tornaram escassos e eles pagam quase qualquer quantia para obtê-los. Cheguei logo depois da força de invasão e fiz alguns relacionamentos com médicos franceses, com patrocinadores que vão até o sul, em Marselha. Decidi barganhar com ele para ver sua reação.

– Vinte e cinco por caixa, lacrada, e ainda te dou um jogo de botas e luvas, para cada duas caixas de medicamentos.

– Davidson! – ele berra. – Tire esse merda do meu escritório!

– Olhe, Collins – eu digo, recuando um pouco. – Você não poderia deslocar esse material, nem se armasse uma barraca embaixo da Torre Eiffel. Eu lhe dou três botas e luvas pra cada caixa de medicamento. Não posso subir mais.

– Cento e cinquenta por caixa, Bowles, e você pode ficar com as malditas botas.

– Cinquenta.

– Cento e vinte e cinco.

– Setenta e cinco.

– Cem.

– Tenho custos, Collins – digo a ele. – De jeito nenhum você vai sair na minha frente. Setenta e cinco, é pegar ou largar.

– Vou precisar de um depósito.

– Quanto?

– Mil.

– O quê?!

– Você não é o único interessado, Bowles. É o terceiro cara que vem fuçar por aqui hoje. Mil em dinheiro e ponto-final.

– Tenho quinhentos comigo – eu digo, enfiando a mão no bolso. – Eu lhe dou o resto esta noite.

Collins repensa.

– Sabe – diz ele, com os lábios grossos abrindo um sorriso dentuço e ávido por grana –, eu gosto de você, Bowles. Traga o restante até as dezoito horas.

Dou o dinheiro a Collins e saio da barraca, fazendo as contas na cabeça. Consigo levar pelo menos cem caixas por mês. A duzentas pratas por caixa, são vinte mil brutos, doze mil e quinhentos líquidos, menos o dinheiro para o transporte e a patrulha, talvez mil, no máximo. Acabei de ganhar onze mil pratas!

Quase dou um pulo no bar dos militares para tomar uma cerveja e comemorar. Mas, no caminho, vejo dois homens abrindo a traseira do caminhão que quase me atropelou, agora estacionado a uns cinquenta metros. Eles entram e começam a descarregar sacos

pretos vazios, sacos para cadáveres, empilhando vinte de cada vez. Paro para observá-los. Os caras do necrotério não são de muita conversa e todos se mantêm longe deles. Tem cara que nega ter qualquer tipo de superstição, mas muda de caminho para evitar chegar perto do necrotério. Fico imaginando se os sacos são novos ou se eles simplesmente são reutilizados repetidamente. Não parece correto reutilizá-los, isso viola a privacidade do primeiro cara e insulta o segundo. Eles deram suas vidas, pelo amor de Deus. O mínimo que o exército pode fazer é prover sacos novos.

Onze mil pratos... onze mil... porra!

Os sacos batem ruidosamente nas liteiras, como pilhas novas num balcão.

Saldo positivo, Toby. Apenas saldo positivo, digo a mim mesmo. O negócio está simplesmente ali parado, enquanto alguma criança francesa morre porque seu médico não consegue sulfa e penicilina. O sujeito precisa ser pago, quando se coloca em risco.

Virando para entrar no bar, ouço botas correndo em minha direção, vindo por trás, batendo como cascos. Antes que eu possa virar para ver o que está acontecendo, sou jogado no chão. Sinto uma dor aguda nas costas. Tento erguer a cabeça, mas ela não se mexe. *Ai, meu Deus, estão nos atacando e fui atingido!*

– Socorro! – eu grito. – Socorro! Médico! Fui atingido! Fui atingido!

A dor em minhas costas aumenta, como um peso imenso colocado em cima de mim.

– Pare essa maldita gritaria, Bowles – diz uma voz, bem perto, acima de mim. – Você está preso por roubo.

Dois policiais militares me puxam do chão e algemam meus punhos, atrás das minhas costas. Por cima dos ombros deles, vejo Collins na porta da barraca, apertando a mão de outro policial e dando-lhe o meu dinheiro.

Haissem estava novamente sentado na cadeira do centro do Tribunal. Tive a mesma sensação esmagadora de confusão e exaustão de quando passei por entre as almas na estação de trem.

- Consegue me ouvir agora, Brek? – perguntou Luas.
- Sim – respondi, mal conseguindo ouvi-lo, como se ele estivesse distante. – O que você quer dizer com “agora”?
- Eu estava falando com você, durante a apresentação – disse ele.
- Como você não respondeu, pedi a Haissem que parasse.
- Ah... – respondi, perdida, tentando separar minha identidade de Toby Bowles. – Desculpe. É que parece tão... real, como se eu estivesse me lembrando de minha própria vida.
- Sim, é assim mesmo, não é? – disse Luas. – Quando Haissem recomeçar, fique atenta para ouvir minha voz. Primeiro, você me ouvirá falando através dos personagens da apresentação, mas o que direi parecerá fora de contexto. Se você não responder, vou novamente mencionar as circunstâncias de seu acidente, para trazê-la de volta. Infelizmente, não é possível instruí-la sobre como se separar da alma que está sendo apresentada. Você precisa aprender isso fazendo, e esse é um dos motivos para que você assista.
- Que outro motivo há? – perguntei.
- Prepará-la para representar as almas você mesma – disse Luas.

Luas assentiu e Haissem continuou o julgamento da alma de Toby Bowles. Novamente, o Tribunal desapareceu e, com ele, a minha identidade como Brek Cuttler. Eu me tornei Toby Bowles.



A guerra acabou e estou de volta à minha casa, agora em Nova Jersey. Estou no salão paroquial da minha igreja, durante o café após a missa, espumando de ódio porque minha esposa, Claire, acabou de dizer às pessoas que não ganho dinheiro suficiente para sustentar a ela e meus filhos.

– Como você se atreve a dizer isso a eles! – sussurro por entre os dentes, para que ninguém mais ouça.

– Não sei do que você está falando, Toby – ela responde.

Eu a encaro fixamente antes de sair pisando duro pelas portas do salão paroquial, humilhado.

No estacionamento, Alan Bickel, um dos párocos, sorri para mim e estende a mão.

– Bom dia – resmungo, passando direto, sem apertar a mão dele, sem sequer olhar.

Entro em nosso enferrujado Chevy Deluxe 1949, bato a porta, ligo o motor e acendo um cigarro, puxando a fumaça bem fundo em meus pulmões e prendo ali, junto com minha ira, até que ambas já não possam mais ser contidas. Ainda não consigo acreditar que ela tenha dito isso. Exalo ruidosamente, falando comigo mesmo, repetindo o que Claire disse a Marion Hudson:

– Lamento, Marion, mas o dinheiro agora está apertado. Simplesmente não temos nenhuma sobra para o fundo de construção.

Como ela pôde? Para Paul e Marion Hudson? E lá vão eles agora, no novo Cadillac. Todo ano um carro novo. Com uma lavanderia? Eles só podem estar com algum negócio paralelo, ou sonegando impostos. Eu me abaixo e finjo não vê-los.

A porta traseira abre e meus filhos entram, Tad e Todd, depois Susan e Katie.

– A janela é minha – Tad grita.

Há uma grande comoção e Tad começa a chorar.

– Pai, Todd me bateu e a Susan não chega para lá. Eu pedi primeiro.

– Podem parar aí atrás, ou vou tirar meu cinto! – grito. – Pelo amor de Deus, Tad, você é o mais velho. Quantos anos você tem? Onze? E ainda fica o tempo todo chorando que nem um bebezinho. Se não gosta do que Todd e Susan estão fazendo, dá logo um soco na boca deles. É isso que eu fazia com seu tio Mike, quando ele me enfurecia. Está na hora de começar a agir que nem homem, filho, e eu estou lhe dizendo, você vai jogar futebol a partir de agosto. Ponto-final. Não quero ouvir mais uma palavra sobre isso. – Dou outro trago no cigarro. – Você vai jogar, certo, Todd?

– Pode apostar, pai – diz Todd. – O sr. Dawson diz que vou começar como zagueiro ou atacante.

Embora seja um ano mais jovem, Todd tem cinco centímetros a mais que o irmão e é pelo menos sete quilos mais pesado.

– Isso aí, garoto – digo a ele.

Claire senta no banco de passageiro, ao meu lado.

– Realmente não entendo por que você ficou tão aborrecido – diz ela.

Estou furioso. Jogo o cigarro pela janela, engato a primeira marcha e piso no acelerador, antes que ela possa fechar a porta. Deixamos o estacionamento como um raio.

– Toby, pelo amor de Deus! – Claire dá um gritinho. – Nem fechei a porta e as crianças estão no carro!

– Não! – grito, acima do barulho do motor. – Neste carro tem um bando de ingratos chorões e uma mulher que constrange sua família em público, e nem tem o bom senso de notar. – Meu peito está apertado e sinto as veias inchando em meu pescoço. Como sempre,

quando pego a Claire fazendo algo errado, ela se recusa a responder. – Você não tem nada a dizer? – grito mais uma vez. – Não tem nem ideia do que eu estou dizendo?

– As almas chegam à Estação Shemaya exatamente como foi com você – diz ela. – Um representante é designado a encontrar cada postulante antes do julgamento, depois eles esperam na estação de trem até que seu caso seja convocado e uma decisão seja tomada. Como eles não têm permissão para participar do julgamento, o representante precisa adquirir compreensão completa das escolhas que eles fizeram, durante...

– O que você acabou de dizer? – pergunto.

– Faça o que você quiser, Toby! – Claire grita. – Todo dia tem alguma coisa. Infringi alguma das regras invisíveis do seu livro de regras invisível. Você fica xingando na frente das crianças, no domingo, e dirigindo feito um maluco.

Eu explodo.

– O dinheiro está apertado no momento, Marion? Toby não pode cuidar da família, Marion? Nós mal conseguimos pagar as contas, com o emprego dele na estação ferroviária, Marion? E não pense que eu não vi o jeito como você olha para o Paul Hudson. Mas sabe por que não me preocupo? Porque não tem a menor chance de Paul Hudson deixar o que tem por essas coxas gordas horríveis que você tem.

Claire começa a chorar.

– Eu te odeio, Toby! – ela grita. – Eu te odeio! Quero que você vá embora. Apenas vá e nos deixe em paz.

– Não é da conta deles se o dinheiro está apertado! Não é da conta de ninguém. Entendeu bem? De ninguém! Lá vão eles, com seu imenso Cadillac, para seu imenso *country club*. Aposto que ele também é comunista. Tem comunista pra todo lado, Claire. Eles estão atrás de caras comuns como eu. Por isso que não consigo um bom emprego e nunca vou conseguir. Marion Hudson está rindo da gente e você nem sabe disso. Não está vendo? Ela sabe que não tenho dinheiro sobrando. Por isso que ela perguntou, pra ouvir você dizer. Assim que eles se divertem. Como você pode ser tão imbecil?

– A sra. Hudson não é assim, papai – diz Susan, do banco traseiro.
– Quando fico lá, com a Penny, eles sempre perguntam de você e da mamãe e são muito legais.

– Não quero mais vocês lá! – berro. – Estão me ouvindo? Meu Deus, Claire, eles fazem isso até com as crianças. Posso até ouvir: “Como vão seus pais, Susan? Nossa, mas que sapatos velhos... e esse vestido. O quê? Eles não a levaram pra fazer compras em Manhattan? Que pena”. E aquela tal de Penny Hudson, eu também não quero mais que ela venha à nossa casa. Bicicletas novas, vestidos novos. Ela está sempre com alguma coisa nova, aquela mimada nojenta.

Não consigo me controlar. Constrangimento, inveja e ódio transbordam de mim, como se não houvesse mais nada dentro, como se eu não fosse mais nada. Quero dar coisas novas aos meus filhos e à minha esposa. Quero ser respeitado na comunidade. Quero morar onde os Hudson moram e comer onde os Hudson comem. Entro que nem bala pela Greenwood Avenue, quase sem parar nos sinais.

Quando chegamos em casa, ligo para o Bob para ver se ele vem me buscar de manhã cedo; depois subo as escadas e começo a jogar na mochila coisas para a semana: lanternas, calças largas de trabalho, algumas camisetas e dois pares de luvas de trabalho. Claire fica lá embaixo com as crianças, preparando o almoço, tentando mantê-los quietos. Tiro minha calça, camisa social e a gravata, dobro tudo e coloco no fundo da sacola, junto com um frasco de Aqua Velva. Sheila gosta quando eu me arrumo e passo colônia para ela. Ela acha que sou um importante homem de negócios. Não tenho coragem de contar a verdade. Mal posso esperar para vê-la. Ela é a única pessoa que me entende. Fecho o zíper do saco e coloco meus Wolverines¹ em cima. Claire chama da cozinha.

– Você quer almoçar antes de ir? – a voz dela está fria, inexpressiva. Ainda está aborrecida, mas seu orgulho não a deixa demonstrar isso na frente das crianças. Ela sabe muito bem que Bob está a caminho, mas pergunta mesmo assim.

– Não. Bob e eu vamos comer alguma coisa no caminho de Princeton Junction.

– Quando você volta?

– Só na sexta.

Levo minhas coisas lá para baixo.

– Estamos levando vagões vazios até Scranton e os cheios para Pittsburgh, passando por Altoona.

Katie entra com seus passinhos de bebê na sala, com seu livro de colorir e os gizes de cera, seus bens mais preciosos. Ela só tem um ano e meio.

– Papai, o que aconteceu com seu braço direito? – ela pergunta. – Você fez isso por causa do seu papai e da sua mamãe?

– Claro, vou colorir com você, meu bem – respondo, infeliz por ter gritado e deixado todo mundo chateado. – Sente aqui no meu colo.

– Brek, você está me ouvindo?

– Luas?

– Ah, aí está você – diz ele. – Finalmente consegui chegar a você. Achei que a tivéssemos perdido de novo.

Minha personalidade se divide em duas. Metade de mim prossegue numa conversa com a filha de Toby Bowles, enquanto a outra metade segue conversando com Luas. Existo, simultaneamente, em dois mundos e duas vidas.

– Isso é um círculo, Katie. Você consegue dizer “círculo”? – Ela olha para cima, para mim, com seus olhos castanhos arregalados e suas bochechinhas rosadas, derretendo meu coração.

– Cirso.

– Concentre-se em suas lembranças – diz Luas. – Bo, Sarah, seu emprego.

Penso em Sarah e seus gizes de cera. Ela não é tão mais nova que Katie. Penso em Bo, que nunca gritou comigo do jeito que Toby gritou com Claire, e penso em meus pais. A distância entre as personalidades aumenta até que duas vidas distintas emergem: a minha, que tem profundidade, substância e nuance, e a vida de Toby Bowles, que eu conheço bem, mas só por episódios. Sinto suas emoções e enxergo através de seus olhos, mas agora finalmente entendo que ele não sou eu, embora seja alguém que eu vivenciei

de forma mais íntima e completa do que jamais vivenciei outra pessoa.

– Então – diz Luas –, o que você acha de nosso sr. Bowles?

Consigo ouvir Luas, mas não o vejo. Só vejo a sala de estar dos Bowles. É como se Luas e eu estivéssemos comentando um evento esportivo televisionado, da cabine de imprensa, mas o campo nos cerca completamente, como uma tela gigante de IMAX. Estamos no centro da ação, mas fora dela, e, no entanto, somos capazes de saber os pensamentos de um dos jogadores.

– Não ligo muito para... – eu me enterro. – Achei que não tivéssemos permissão para fazer julgamentos sobre outras almas.

– Muito bem – diz Luas. – Mas um pouco longe demais. Somos proibidos de fazer julgamentos, mas não observações. Um advogado pode reprovar as ações de seu cliente e, ainda assim, continuar a defender os direitos dele. Não foi assim com seu cliente Alan Fleming? Você reprovava o fato de que ele não pagara o empréstimo do banco, mas, no entanto, você o defendeu.

Agora consigo assistir à apresentação da alma de Toby Bowles sem confundir sua vida com a minha. Embora eu já não esteja mais dentro do corpo dele, de alguma forma sei todos os seus pensamentos e sinto todas as suas emoções, como se eu fosse Deus olhando sua mente.

Bob, amigo de Toby, encosta na frente da casa e toca a buzina.

Toby envolve Katie nos braços e lhe dá um beijo. Ele detesta se despedir e agora é ainda pior, por conta do modo horrendo como se comportou. Claire, Susan e Todd se aproximam, timidamente. Toby deseja poder retirar tudo que disse, mas um pedido de desculpas seria vazio, e eles não entenderiam. Ele beija Claire ternamente, e ela responde com um abraço demorado, absolvendo-o de seu crime e, ao mesmo tempo, ferindo-o com sua generosidade e seu perdão.

– Vou trazer alguma coisa bem legal para vocês todos – ele sussurra, com remorso, ainda convencido de que posses materiais são o que eles querem dele. Todd e Susan o abraçam, mas Tad fica na cozinha, brincando com seu ioiô, relutante em perdoar o pai e murmurando um “tchau” somente depois que a mãe ordena que ele diga algo. Toby não sabe mais como lidar com Tad. – Também vou

trazer algo especial pra ele – murmura consigo mesmo. – Talvez o revólver de estalinho que ele sempre pede. – Toby sabe que tem sido duro com Tad, mas é para seu bem. O pai de Toby era do mesmo jeito, antes de abandonar a família, quando Toby tinha onze anos. Pelo menos Toby não fez isso. A buzina toca novamente. Bob está esperando. Toby acena, pega suas coisas e sai pela porta.

– Haissem está recriando isso? – pergunto.

– Sim – responde Luas. – Notável, não?

Sete anos depois. Toby Bowles agora está cambaleando sob o peso da meia-idade. Os arrependimentos da juventude perdida, a deterioração de seu corpo, o medo de se aproximar da morte, a busca vã por propósito e reafirmação – todas essas coisas amargam sua vida, deixando-o inquieto e deprimido. Seus cabelos estão mais ralos e as rugas, mais profundas.

Ele caminha até o pequeno jardim de um prédio de apartamentos em Morrisville, Nova Jersey, e entra com a chave que Bonnie Campbell deixa pra ele embaixo de um tijolo solto. O apartamento está escuro. Ele se vira para trancar a porta, como sempre tem o cuidado de fazer, mas Bonnie estava esperando e vai logo aos seus ouvidos, lançando sopros sensuais em suas orelhas, afetando sua mente. Ele solta a maçaneta e eles rapidamente passam ao quarto escuro, antes que ele possa ajustar os olhos da claridade do sol do meio da tarde.

O robe de Bonnie cai no tapete dourado ordinário, revelando um corpo de meia-idade com dobras e vincos, desejável para Toby apenas porque a luz de velas é piedosa – e porque a atração de Bonnie por ele refuta o que ele vê nele mesmo, no espelho. Os lençóis estão jogados para trás e os corpos se abraçam, dedos e lábios unindo tudo que é oposto, proibido. Os deleites são intensos, fazendo o tempo parar. Mas o êxtase é fugidio e subitamente se estilhaça com o som inconfundível de metal com metal, da maçaneta da porta da frente. Toby levanta como um raio e sai da cama, e Bonnie entra embaixo das cobertas, colocando somente a cabeça

para fora, espiando como se fosse uma marmota olhando de dentro do buraco. Uma silhueta escura preenche a porta do quarto.

– Claire, meu bem? – diz Toby, numa voz trêmula de remorso, abalada pela onda esmagadora de culpa que o tem consumido, durante os seis últimos meses de romance com Bonnie Campbell. No entanto, agora ele está quase aliviado que isso finalmente vai acabar e ele poderá confessar seu crime e implorar pelo perdão dela. As velas sobre a cômoda tremulam com uma brisa invisível, depois iluminam as lágrimas que escorrem no rosto do invasor.

– Não é Claire! – Bonnie grita, puxando as cobertas até o queixo.
– É o Tad!

Bonnie Campbell conhece Tad desde que ele era um menininho. Na verdade, ela era uma amiga íntima de Claire, esposa de Toby e mãe de Tad, tornando a humilhação pelo encontro ainda mais completa para Toby do que se fosse a própria Claire ali. Bonnie era dona da única *pet shop* na cidadezinha e, conforme Tad foi ficando mais velho, ele comprava pelo menos uma de cada criatura que ela vendia, subindo a cadeia evolutiva conforme sua habilidade para cuidar dos animais: primeiro, uma fazenda de formigas, depois um peixe, um lagarto, alguns gerbos e hamsters, um coelho, um gato e, finalmente, um cachorro pastor-alemão. Ele até trabalhou na loja dela, depois do colégio. Tad conhecia o filho dela, Josh, que era bem mais novo. Ele conhecia seu ex-marido, Joe. Tinha feito muitas refeições na casa deles.

Bonnie acende a luz da mesa de cabeceira, indignada e sem remorso, cheia de orgulho pelo que conseguiu, desafiando Tad a falar. Porém Tad não a vê. Ele só vê o pai: nu, ofegante, perplexo. As lágrimas escorrem pelo rosto de Tad, mas ele não diz nada. Ele se vira e deixa o apartamento, sem dizer uma palavra.

A culpa e o remorso de Toby desaparecem com a mesma rapidez que surgiram, substituídas pela raiva e a sensação de traição. Agora ele se sente envergonhado, não por sua própria conduta, mas pela conduta do filho. Ele entenderia por que Claire o teria seguido, mas Tad? Seu filho de dezoito anos? E ficar ali, chorando, como Claire teria feito? Esse constrangimento vem coroar todos os outros constrangimentos e decepções que Tad lhe causou ao longo dos

anos: seu desinteresse por esportes, sua falta de amigos, sua fraqueza e inabilidade de se defender, sua defesa da mãe contra o abuso de Toby. Tad havia julgado Toby e se virava contra ele em cada oportunidade, no entanto, agora ele tinha passado dos limites.

Toby apagou a luz e voltou para cama. Agora ele toma Bonnie com uma paixão que jamais expressou, mas não porque a deseja. Na verdade, ela subitamente lhe parece horrível e repulsiva. Na verdade, ele a toma para restabelecer quem é o pai e quem o filho, para retomar sua posição biológica de acusador e a de Tad como acusado, para reaver sua autoridade para julgar o que é certo e o que é errado, e quem está certo e quem está errado. E Toby agora jura a si mesmo que terá Bonnie Campbell com mais frequência, e que vai se gabar disso orgulhosamente, para esfregar na cara de Tad – pois Toby não acredita que nenhuma conduta possa ser pecado se for feita abertamente e para ensinar uma lição. Ele irá desafiar Tad a dizer o contrário, a contar à mãe e correr o risco de destruir a vida dela. E se esse momento chegar, Toby resolve que não irá negar, porque, no fim, é culpa de Claire que ele tenha procurado outra mulher, não uma fraqueza dele.

Subitamente o Tribunal emerge do pano de fundo, substituindo o apartamento ordinário de Bonnie Campbell. A apresentação acabou e as luzes se acenderam. Haissem se curva solenemente diante do monólito, depois caminha para se juntar a Luas e eu.

– O julgamento acabou – diz ele. – Um veredicto já foi alcançado.

¹ Marca norte-americana de calçados fundada em 1883. As botas Wolverine foram usadas por muitos trabalhadores na construção de estradas, edifícios e ferrovias. (N.T.)

Depois do julgamento de Toby Bowles, eu soube que já não mais existia no mundo dos vivos ao qual um dia pertenci – seu mundo, aí na Terra. Algo significativo havia acontecido comigo. Algo tão mutante e absoluto que a própria realidade foi substituída por um novo arquétipo de existência que já não podia ser adiada ou negada. Não era uma questão de voluntariamente aceitar o fato de minha morte, tanto quanto aceitar o fato da morte de alguém. Era o simples reconhecimento de que isto é o agora, e o restante se foi.

Estranhamente, aceitar a minha morte não foi aterrorizante. Foi, de certa forma, libertador. Eu não precisava mais racionalizar as coisas bizarras que aconteciam comigo e à minha volta. Já não tinha mais que buscar pela cura de uma doença ou um ferimento que não existiam. E, mais importante, percebi que não tinha mais que carregar muitos fardos da vida. Eu não precisava mais tomar banho, escovar os dentes, comer, dormir, me exercitar, trabalhar, ou cuidar do meu marido e da minha filha. Em um sentido bem real, a morte representava as férias máximas, distantes de *tudo*.

Porém, a morte não fazia nada para abrandar a dor de perder Bo e Sarah. Eu sentia uma falta desesperadora deles. Ansiava por ela em meu âmago, e a dor de estar separada dela era angustiante. No entanto, eu não vivenciei o pesar agonizante e dilacerador de uma mãe que perde um filho. Porque, apesar de saber que eu estava morta, o fato de que ela não estava comigo, em Shemaya, significava que Sarah ainda estava viva.

A ideia de que Sarah levaria uma vida completa e feliz ajudava a atenuar a dor de enfrentar minha própria morte. No dia em que ela nasceu eu soube, como toda mãe sabe, que eu estaria disposta a sacrificar minha vida por ela. Perceber que eu não participaria da

vida de Sarah me feria profundamente. Eu não estaria lá para comemorar seus aniversários, vê-la abrir presentes de Natal e de Hanucá, não faria os trabalhos de escola com ela, nem iria ajudá-la a se arrumar para sair com o primeiro namorado, ou a organizar seu quarto no dormitório da faculdade; não dançaria em seu casamento, nem estaria com ela no nascimento de meus netos. Mas, pelo menos, ela vivenciaria essas coisas, as alegrias da vida. E da mesma forma como eu havia me reencontrado com minha bisavó morta, um dia Sarah e eu também nos reencontraríamos. E também Bo, de quem eu sentia falta como se fosse meu próprio corpo, pois nós éramos unidos como uma só pessoa.

Eu alternava, então, entre o desespero e a esperança, por estar separada de Sarah e Bo. Mas também me vi passando por sentimentos inesperados e sombrios, de profunda vergonha. Eu não conseguia evitar a conclusão de que havia falhado com meu marido, minha filha e comigo mesma. No fim, a morte é o maior fracasso da vida, a condição que tememos, lutamos e evitamos a todo custo, que nosso instinto biológico e nossa emoção abominam e resistem. Até as palavras usadas para descrevê-la são pejorativas: ou você “perdeu” sua vida, como se alguém, de alguma forma, tivesse sido negligente e colocado ela em algum lugar onde não consegue achar, ou sua vida foi “tirada”, “roubada”, “arrancada” ou “dada”.

Sim, eu era uma das perdedoras agora. O fato de todas as pessoas na história que me precederam também terem sido perdedores – e que todos os que virão depois de mim eram meros perdedores aguardando – não tornava minha morte menos humilhante. Eu tinha abandonado meu marido e minha filha. Pior, eu tinha abandonado a *mim mesma* – Brek Cuttler: ser humano, mãe, esposa, filha, neta, amiga, advogada, vizinha, acabou tudo. E nem conseguia me lembrar como eu tinha morrido! Será que tinha cometido suicídio? Nada poderia ser mais vergonhoso que isso. Seria esse o motivo para que eu não conseguisse me lembrar?

Quanto mais esses pensamentos me assombravam e eu começava a pensar em tudo que havia perdido, mais furiosa eu ficava. A injustiça de morrer depois de apenas trinta anos de vida me enfurecia como nada que eu já tivesse vivenciado. Era uma raiva

quente que ardia mais ainda porque eu não tinha como expressar a dimensão da minha perda. Bisa ouvia pacientemente, mas eu achava que ela não podia compreender meu estado, porque, ao contrário de mim, ela tinha morrido após ter vivido uma vida plena, completa, criando seus filhos até se tornarem adultos, vendo seus netos e até bisnetos.

Também descobri que o pós-morte, assim como a vida, é governado por uma lei de relatividade especial. Minha morte não parecia a morte de mim mesma – de certa forma eu ainda estava pensando, ainda estava vivenciando algo –, mas um tanto parecido com a morte de bilhões de outras pessoas na Terra, que continuavam vivas, mas não podiam mais ser vistas. Era como se eu fosse a única sobrevivente de um Armagedom nuclear. Segundo minha perspectiva em Shemaya, eu não tinha sido levada de minha família; minha família tinha sido tirada de mim. Perdi meu mundo inteiro – a terra que me abrigara, as águas que me nutriram, o céu que me inspirara, tudo desapareceu num esquecimento assombrado e lírico.

O que finalmente me quebrou, no entanto, a coisa que me conduziu ao silêncio prolongado do pesar, que substitui a raiva e se transformou em seu representante, não foi o desespero pungente por ter perdido tudo, mas a semelhança sarcástica do pós-morte com a vida em si. Não houve libertação no meu céu, nem salvação, nem consolo, nenhum “lugar melhor” para o qual eu teria ido depois de minha morte. Em vez disso, houve uma continuação perversa das amarras dissonantes da minha vida antiga, livres de leis e limitações físicas, como se a vida e a morte fossem meramente estados potenciais da mesma mente cínica. Onde estava a recompensa? Onde estava o eterno repouso prometido pelos profetas? Eu tinha fechado um ciclo inteiro: os fardos da vida tinham sido substituídos pelos fardos da morte. Para mim, o paraíso era ser treinada para um emprego em mais uma empresa de advocacia: Luas & Associados, Advogados da Lei Divina.

O julgamento assustador de Toby Bowles teve um efeito incongruente, por simultaneamente aprofundar e amenizar o meu próprio sofrimento ao me mostrar que as coisas poderiam, de fato,

ser piores. Em pé, no corredor externo do Tribunal, Haissem relatou que somente uma fração da vida do sr. Bowles tinha sido apresentada e que havia sido criado um retrato enganoso de sua alma. Fiquei estarelecida; no entanto, Haissem parecia perfeitamente satisfeito, e Luas estava indiferente. Eles pareceram quase intrigados com minha preocupação. Perguntei a Haissem que provas ele teria ofertado à defesa do sr. Bowles, se o julgamento houvesse prosseguido.

– Ah, muitas coisas – disse ele. – Na verdade, Toby Bowles viveu uma vida nobre.

– É mesmo? – perguntei, cética.

– Sim – insistiu Haissem. – Gostaria de ver?

– Claro – respondi. – Mas como? O julgamento já terminou.

Haissem virou na direção de Luas.

– Você tem alguma objeção a eu apresentar o restante da vida de Toby Bowles? – ele perguntou. – Acho que temos alguns minutos antes do início do próximo caso.

– Acho desnecessário – respondeu Luas –, mas fique à vontade.

– Muito bem – disse Haissem.

Haissem usou sua chave dourada para reabrir as portas do Tribunal. Regressamos ao interior. Haissem retomou sua posição na cadeira do centro, ergueu os braços, e o Tribunal desapareceu.

O que vi em seguida era um lado totalmente diferente de Toby Bowles, um lado que nunca imaginei existir, levando em conta o que tinha visto no lado que Haissem apresentara antes. Por exemplo, quando o trem de Toby parou na estação de Altoona, ele mudou de roupa, colocando o traje social de domingo que havia guardado na mochila, e subiu a montanha para visitar sua irmã, Sheila, que vivia numa bela casa particular para mulheres deficientes mentais, à margem de um pequeno lago montanhoso. Ela vivia nesse lar em lugar do hospício público horrendo ao qual ela havia sido confinada desde criança, porque todos os meses, de todos os anos desde a guerra, Toby Bowles pagava as contas que a permitiam viver ali – embora ele jamais viesse a ter um carro novo, ou uma casa tão bela como a de Paul e Marion Hudson.

Às vezes, Toby e Sheila brincavam juntos, caminhando pelos cômodos da casa em jornadas imaginárias que ela criava. Toby era seu cliente em uma loja que vendia somente abraços, ou o passageiro num avião, voando ao fim do arco-íris. Eles subiam nas árvores e relaxavam nas nuvens, ou remavam até o outro lado do lago, onde ela julgava ser o lugar mais exótico da Terra. Ele era sempre paciente com ela, e Sheila sempre levava Toby até seu quarto, antes que ele partisse, para lhe mostrar a fotografia em preto e branco dos pais deles, com sorrisos forçados no dia em que ela nasceu, segurando o bebê, mas não muito de perto por conta das deformidades em seu rosto e membros, que eram sinais clínicos da síndrome de Down.

Descobri que Toby sofreu muitas injustiças durante sua vida também. Ele tinha onze anos quando Sheila nasceu e aquela foto em preto e branco foi tirada. Foi a última fotografia que eles tinham do pai deles, Gerard Bowles, que voltou para casa, naquele dia, com o rosto sombrio de desgraça e aversão. Ele disse a Toby que sua mãe fizera algo muito errado e que Deus a punira por isso, e ele precisava partir e nunca mais voltar. A princípio, Toby chegou a ficar aliviado pela partida do pai, porque Gerard Bowles tinha sido cruel com Toby e sua mãe, às vezes batendo neles de cinto, enquanto citava passagens da Bíblia, sobre pecado e purificação da alma.

Mas Toby logo descobriu o que significava a perda de um pai quando sua mãe não parava de chorar e depois de empacotar todas as coisas para irem morar com os avós. Foi quando ele soube que sua irmã Sheila havia sido levada para um hospital público. Deitado na cama, à noite, Toby se preocupava com a segurança de Sheila e do pai. Ele rezava pelo regresso deles e pedia a Deus que, por favor, perdoasse sua mãe, pelo que ela tivesse feito de errado, causando a separação da família.

Em seus anos de adolescência, seu anseio e amor não correspondidos pelo pai se transformou em ódio do homem que jamais escrevera uma única carta para dizer-lhes que ainda estava vivo – ou para perguntar se eles ainda estavam vivos. Em seus momentos mais violentos, Toby fantasiava um encontro com o pai no meio da rua, apresentando-se como seu filho e puxando um

revólver do bolso, dando-lhe um tiro no meio da testa. Em outros momentos, quando as possibilidades de futuro pareciam amplas e promissoras, Toby imaginava se tornar um grande sucesso e um dia ser parado na rua pelo pai, um mendigo, e empurrá-lo para o lado, sem reconhecimento ou pena.

Houve poucas vezes na vida de Toby Bowles em que ele deixou de sentir a dor do abandono do pai. Mas Sheila se tornou beneficiária de seu relacionamento rompido, recebendo o amor que Toby teria dado ao pai. Ela precisava desesperadamente de um paladino assim, pois a mãe culpava Sheila por tudo que tinha dado de tão errado. Quando chegou a hora, Ester Bowles alegremente entregou Sheila ao estado, como se estivesse entregando uma portadora de tifo. Toby passou a ser tão protetor com Sheila quanto era das próprias filhas. Ele teria ido para a cadeia, ou à bancarrota, para conseguir livrá-la do hospício. Quase aconteceram as duas coisas quando a tirou de lá. Todo o dinheiro que ele angariou, roubando e vendendo suprimentos no mercado negro durante a guerra, ia para Sheila, não era para uso próprio – nem mesmo para alimentar seus filhos pequenos.

A única fotografia no quarto de Sheila, ao lado da cama, foi tirada pelo diretor do lar no dia em que Toby trouxe para Sheila um cãozinho terrier que ela batizou de Jack, e que foi para o céu um ano depois, quando atravessou a estrada. De braços dados, Sheila e Toby estão sorrindo para a câmera, segurando a bolinha peluda – a irmã orgulhosa e o abastado homem de negócios da cidade grande (pois, o que mais ele poderia ser, para ter condições de pagar por um presente tão extravagante?).

Sheila Bowles morreu dormindo, um ano antes do início do caso de Toby com Bonnie Campbell. Toby a enterrou numa manhã brutal de fevereiro, num pequeno cemitério perto da casa do lago, não muito distante da pequena cruz de madeira com a palavra “Jack” entalhada pelas mãos dela. Numa voz falha por tristeza e amor, Toby entregou a irmã ao Criador e disse-lhe, assim como à sua família e aos poucos presentes, que a Terra jamais voltaria a ser agraciada com tal inocência.

– Mas Deus não ouviu nada disso! – protestei a Haissem, interrompendo a apresentação e momentaneamente restaurando o Tribunal. – O momento de verdade chega para Toby Bowles, mas sua vida se desenrola do mal para o bem, não do bem para o mal, e ele é levado ao inferno, sem apelação? Que tipo de Deus conduziria um julgamento desses?

– Um Deus justo – respondeu Luas. – O Deus do Dilúvio. Haissem apresentou o caso através dos próprios pensamentos e ações do sr. Bowles. Algo pode ser negado?

– Não – eu cedi. – Mas somente os seus pecados foram apresentados.

– Então, somente os pecados são relevantes – respondeu Luas, irritado por meu desafio. – Foi o Juiz que terminou a apresentação, Brek, não Haissem. Quem somos nós, para pesar a gravidade das ofensas de Toby Bowles e determinar o que é justo ou injusto? Eu a alertei, anteriormente, para não especular.

– Espere, Luas – Haissem interveio. – É apropriado que Brek esteja preocupada. Isso mostra que ela leva seu trabalho a sério, que é exatamente o que queremos. Compreender os erros e triunfos da vida de Toby Bowles pode ajudá-la quando ela entrar no Tribunal representando seu primeiro cliente. – Ele se virou para mim. – Há mais coisa na história. Você gostaria de ver o restante?

Luas não estava disposto a deixar para lá.

– Minha intenção não era dizer que as outras partes da vida de Toby eram irrelevantes – disse ele. – Eu só quis dizer que a justiça é de Deus, não nossa, e essa justiça será feita.

– Compreendo, Luas – disse Haissem, conciso. – E meu ponto de vista é que a justiça não tem nada a ver com o julgamento de Toby Bowles.

Luas olhou para Haissem desconfiado.

– Então, respeitosamente discordo – disse ele.

Haissem ignorou o comentário e virou-se de volta para mim.

– Deixe-me terminar a apresentação – disse ele. – Você ainda não viu a parte mais importante.

O Tribunal novamente desapareceu e Haissem nos levou de volta ao tempo em que Toby era soldado na guerra.

Para evitar a corte marcial por ter roubado suprimentos médicos em Saverne, Toby foi forçado a deixar a corporação como intendente e ser "voluntário" da unidade de combate na linha de frente. Dos oito homens que inicialmente foram designados à sua unidade, todos, exceto Toby, foram mortos ou afogados no Rio Elbe, no leste da Alemanha, na última investida dos Aliados em Berlim. O próprio Toby foi atingido na perna, enquanto carregava seu sargento moribundo pela margem do rio. Ele seguiu mancando, sangrando e confuso, e desmaiou próximo a uma cabana na floresta perto de Kamenz.

No dia seguinte, quando Toby acordou, ele se viu dentro dessa cabana, delirante pela perda de sangue e por uma infecção, e cercado pela família que vivia ali: o pai, a mãe, uma filha adolescente e dois filhos menores. Eles fizeram curativos em seus ferimentos, deram-lhe comida e água, e ele dormiu por mais vinte e quatro horas, até despertar novamente, dessa vez com o ruído de disparos e gritos, enquanto a mãe e as crianças fugiam para o túnel embaixo do piso de madeira da cabana, e o pai corria da casa com uma espingarda.

Toby estava forte o suficiente para cambaleiar atrás do homem e ajudá-lo. Ele havia deixado seu rifle para trás, no rio, e só tinha sua baioneta. Eles foram até a beirada da clareira, de onde podiam ver uma casa bem grande, através da neblina na tarde chuvosa. Ajoelharam atrás de alguns arbustos e observaram um pelotão de soldados com estrelas vermelhas nas mangas tirando os habitantes da casa e levando-os para a entrada da garagem: um idoso, duas mulheres de meia-idade, uma garota adolescente, dois meninos menores e duas meninas pequenas, todos em traje de festa.

O líder do pelotão berrou algo, dando uma ordem em russo, e os soldados responderam rapidamente separando o velho e os meninos das outras e matando-os na hora. Quando as mulheres correram em direção às vítimas, elas também foram mortas a sangue frio. Só a adolescente e as meninas menores ainda estavam vivas. Tudo parecia um sonho para Toby, através da névoa fina, distorcido pela febre causada pela infecção. Corpos caindo como sombras na escuridão, um pesadelo bárbaro que prosseguia, que tinha

começado nas margens do Rio Elbe. Subitamente, o homem da cabana, ainda ajoelhado ao lado de Toby, pulou e atacou o pelotão, disparando sua espingarda para o alto. O pelotão revidou os disparos, matando-o e quase atingindo Toby.

Toby começou a rastejar de volta, por meio dos arbustos, em direção à cabana, mas percebeu que era quase certo ter sido visto e que isso levaria os soldados à família do homem. Para salvá-los, e talvez a si mesmo, ele lentamente levantou, com as mãos erguidas. Voltou mancando, saindo na clareira, gritando "Americano! Americano!". A grama estava molhada, e a água encharcava suas calças, ardendo em seus ferimentos. Durante todo o tempo, ele não pensava em si mesmo, mas em Sheila, e em quem cuidaria dela, e como a mãe mergulharia ainda mais no desespero ao saber de sua morte, e no pai, e como a notícia o assombraria com arrependimento pelo resto da vida.

Dois soldados russos se aproximaram cautelosos, com as armas erguidas, mas, quando chegaram perto de Toby e viram seu uniforme, eles baixaram as armas. "*Amerika! Amerika!*", gritaram eles, e o abraçaram. Porém, um dos soldados avistou a cabana, à distância, e começou a seguir em direção a ela. Toby sabia que a única esperança para a família era que ele convencesse os soldados que ele já havia tomado a família prisioneira.

Toby cambaleou atrás dos soldados o mais rápido que pôde. Quando eles chegaram à porta, ele passou por eles, pegou sua baioneta e gesticulou para que ficassem atrás. Um dos soldados arrancou a arma da mão de Toby, mas este abriu a porta, ergueu as tábuas do piso e ordenou à família amedrontada que saísse do túnel. Eles estavam brancos, tremendo de medo. Olharam-no fixamente, por tê-los traído após terem salvado sua vida. Toby apontou para eles, depois disse aos soldados. "Meus prisioneiros! Meus prisioneiros!" Ele pegou a mãe e a atirou violentamente contra a parede, depois a filha e os dois meninos. Apontou a medalha no peito de um dos russos, depois para o próprio peito, onde uma nova medalha seria colocada, se ele os apresentasse.

– Meus prisioneiros! Meus prisioneiros! – ele disse outra vez.

Os russos finalmente entenderam. Eles sorriram, deram-lhe um tapa nas costas e devolveram sua arma. Toby colocou a arma na têmpora da mãe, completando a farsa. Os soldados baixaram seus rifles e riram.

– Amerika! Amerika! – eles disseram, sacudindo a cabeça, enquanto se afastavam.

Depois que eles partiram, Toby piscou e sorriu para seus cativos e, para espanto deles, guardou a arma e deu um abraço na mãe. Quando ela percebeu que ele tinha salvado a vida deles, caiu em prantos.

Mas a comemoração terminou rapidamente quando a mãe e as crianças perceberam que o pai não tinha voltado. Eles queriam sair e procurar por ele, mas Toby os impediu e, usando sinais para alertá-los do perigo, os convenceu a ficar.

No fim do dia seguinte, Toby primeiro checou para ter certeza de que os russos tinham deixado a área, depois levou a mãe até a clareira para pegar o corpo do marido morto. Apesar da barreira da língua, ele tentou confortá-la o melhor que pôde, apontando os corpos das pessoas da casa, na tentativa de explicar que seu marido tinha sido corajoso, ao confrontar os soldados e tentar salvar a vida dos caídos. A mãe finalmente entendeu e só então percebeu o que o próprio Toby tinha feito para poupar sua família do mesmo destino.

Apesar dos ferimentos, Toby carregou o cadáver do homem de volta à cabana e ajudou os meninos a fazerem uma cova. A aflição da família o arrasou e, às vezes, ele chorava com eles, porque também perdera o pai, como eles. Mas Toby também chorava um pouco de inveja do pesar dessas crianças, que pelo menos tinham conhecido o pai e podiam enterrá-lo e se lembrariam dele como um pai que os amara o bastante para sacrificar a vida por eles e outros.

Embora Toby não conseguisse entender as preces estranhas, quando os filhos colocaram os solidéus em suas cabeças e ninguém fez o sinal da cruz, ele percebeu que eram preces judaicas, faladas em hebreu. Pela primeira vez, ele percebeu que a família não estava se escondendo dos russos, mas dos alemães. Ele fez o sinal da cruz mesmo assim, sussurrando uma prece pelo homem morto e por seu próprio pai, e pelo mundo inteiro também. Ao ver Toby fazer o sinal

da cruz, a filha, desesperada em seu pesar, começou a chorar, gritando "Amina! Amina! Amina!", repetidamente. Ela tirou uma pequena cruz dourada do bolso e fez o sinal da cruz no peito. Horrorizada, a mãe estendeu o braço para estapeá-la, mas subitamente uma profunda compreensão surgiu em seu rosto. Ela baixou a cabeça e começou a chorar com mais força. Toby não entendeu o que tinha acontecido entre mãe e filha, mas as ajudou a encher a cova.

O grupo começou a caminhar para oeste, em direção a Leipzig, onde Toby torcia para encontrar tropas Aliadas. Em Riesa, eles se depararam com uma unidade de infantaria americana. Com um pequeno suborno, Toby conseguiu colocar a família inteira no caminhão que seguia para oeste, ao território Aliado. Eles viajaram juntos até Nuremberg, onde foram levados a um hospital de campo, e Toby finalmente recebeu os cuidados médicos que salvaram sua perna da amputação.

No momento em que se separaram no hospital, a mãe estava constrangida porque não tinha como pagar a generosidade de Toby. Porém, subitamente, seus olhos se iluminaram. Ela sussurrou algo à filha e fez um gesto, pedindo que uma enfermeira próxima conseguisse uma caneta e um pedaço de papel. A enfermeira os deu à mãe, que cuidadosamente copiou o sobrenome de Toby da frente de sua camisa, B-O-W-L-E-S. Então, ela disse a Toby, em alemão: "*Mein erstes Enkelkind wird nach Ihnen benannt werden*". Toby obviamente não entendeu, então ela segurou o papel com o nome dele junto à barriga da filha e ergueu o dedo indicador para dizer "primeiro". Depois ela arqueou os braços, como se segurasse um bebê, e colocou o papel na mão da filha. Toby finalmente entendeu o que ela estava tentando dizer. Ele abraçou as duas e desejou felicidades.

O hospital subitamente desapareceu e o Tribunal ressurgiu. Eu estava perplexa pelo que tinha visto.

Luas conduziu Haissem e eu para fora do Tribunal. Em pé no corredor, enquanto Luas fechava e trancava as portas do Tribunal, Haissem disse:

– Portanto, está vendo, Brek, Toby Bowles teve mesmo uma vida nobre. É tudo uma questão de perspectiva.

– Mas e quanto ao julgamento de sua alma? – eu disse, alarmada pela terrível injustiça do procedimento. – Nada dessas provas foi apresentado durante o julgamento. Obviamente o veredicto foi injusto. Você não vai fazer algo?

– Como eu disse antes – respondeu Haissem –, a justiça não tem nada a ver com isso.

– Novamente, discordo – disse Luas. – A justiça tem tudo a ver com isso. A justiça foi feita. Não é nossa função julgar.

– Mas será que não podemos dar entrada numa petição ou recorrermos? – argumentei. – Não podemos simplesmente não fazer nada. Se o veredicto se mantiver, o Julgamento Final não será nada além de uma farsa. Que tipo de lugar é este? O acusado não está presente em seu julgamento, que ocorre diante de um tribunal que ninguém vê, com testemunhas que o acusado não pode confrontar, enquanto é representado por um advogado que também é promotor, e a coisa toda é finalizada pelo juiz antes mesmo que uma defesa possa ser apresentada? Certamente não pode haver no céu processos piores do que temos na Terra.

Luas me olhou fulminante.

– *Jamais* diga algo assim novamente, Brek – ele me alertou. – Essa é a forma da Justiça Divina, não da justiça dos homens. Não temos direito de questioná-la. Deus e a justiça são um.

Haissem tocou meu braço para me acalmar.

– Compreendo sua preocupação, Brek – disse ele –, mas você pode ficar tranquila, pois o julgamento da alma de Toby Bowles foi executado apropriadamente, chegando a um desfecho correto. Isso tudo ficará claro, depois que você lidar com seu primeiro caso. Agora preciso deixá-la, mas vamos nos reencontrar. Você está em boas mãos com Luas, apesar de nossos desacordos ocasionais.

Haissem e Luas curvaram-se educadamente em direção um ao outro, depois Haissem foi embora. Após sua partida, Luas me disse:

– Ele é o representante mais antigo daqui, mas às vezes eu me pergunto se seu tempo já passou. Algumas coisas que ele diz são muito perigosas.

Meu único consolo em Shemaya era visitar os lugares que me haviam sido queridos quando eu estava viva. Eles estavam todos ali, réplicas exatas da minha casa, minha cidade, meu mundo. A única coisa que faltava eram as pessoas; era como caminhar num estúdio de cinema vazio. Essas visitas eram solitárias, mas, no início, eu achava essa solidão reconfortante. Eu precisava me afastar de Luas, do Tribunal, de bisa. Precisava me afastar das lembranças e das vidas de outras almas. Então, fui para casa. No entanto, não fui até lá para lamentar. Não me atrevi a olhar o quarto de Sarah nem o armário de Bo. Eu sabia que iria desmoronar. Só queria voltar a ser feliz.

Portanto, tentando deixar minha morte para trás, a primeira coisa que fiz quando voltei foi fazer compras – meu passatempo predileto quando estava viva. Concluí que, se Deus ia me prender nesse sádico mundo inferior, onde tudo me lembrava os prazeres perdidos da vida, era melhor que eu me deleitasse em alguns desses prazeres e me divertisse um pouco.

Segui até o *shopping* local e, nossa, como eu fiz compras. Essa foi, sem exceção, a melhor saída de compras que eu já tivera: nada de filas, nem aglomerações, nada de vendedores insistentes; eu tinha o *shopping* inteiro só para mim e, o melhor, tudo era maravilhosamente *de graça*. Era, de certa forma, o céu.

Substituí o conjunto de seda preto que estava usando desde minha chegada a Shemaya por uma linda minissaia e um top de lã, absurdamente caros, que roubei de um manequim assustado. Saqueei estoques, abri vitrines e circulei alegremente, arrastando uma porção de araras cheias de roupas de todas as estações, sapatos, acessórios, maquiagem e belas joias. Eu pegava e

experimentava roupas no meio do salão das lojas em vez de ir ao provador no fundo. Se não gostasse de algo, simplesmente jogava por cima do ombro e seguia em frente. O único limite para a minha degeneração era a habilidade de carregar tudo. Como uma saqueadora após um furacão, dei ré com meu carro até as portas e o enchi.

Depois de um dia inteiro fazendo isso, arrastei-me até a praça de alimentação e me servi de um *cheeseburger* duplo com *milk-shake*, que instantaneamente surgiram no balcão, com mais cinco biscoitos de chocolate com macadâmia para completar. Nunca me sentia cheia; só uma sensação de decoro me impedia de consumir bandejas inteiras. Sim, era o céu, de fato.

Na hora em que eu voltei para casa, depois da minha sessão de compras, eu estava tão cansada que deixei tudo no carro e despenquei no sofá. Para meu deleite, a televisão funcionava normalmente e apresentava qualquer canal que eu escolhesse, contanto que estivesse passando algo previamente gravado, como um filme, ou programa de comédia. Os canais de notícias, meteorologia e esportes, só mostravam uma estática branca, mas, por mim, tudo bem. Eu cochilava e acordava alegremente, revendo reprises de *M*A*S*H* e *All in the Family*, mas, quando a noite chegou, os comerciais de fim de semana, com lindas modelos demonstrando equipamentos de ginástica, começaram a me despertar culpa (sim, mesmo após a morte). Levantei-me, vesti o elegante conjunto de short e top que eu tinha escolhido no *shopping* e fui para uma academia próxima, para malhar e exibir minha roupa nova.

Claro que a academia estava vazia e não havia a quem me exibir, o que foi um tanto desanimador porque achei que estava bem bonita para uma garota de um braço só que geralmente usa camisetas folgadas e calças largas de moletom durante os exercícios. Há anos que Bo me implorava para que eu desse uma melhorada nas roupas de ginástica e ele teria adorado a mudança. Pelo lado positivo, o fato de não haver ninguém ali significava não haver espera nos aparelhos e nada de homens suarentos e fedorentos, gemendo e cobiçando. Era como ser rica e ter minha própria academia. Subi na esteira e

tentei programar o tempo de exercício para trinta minutos, mas o cronômetro digital, assim como todos os relógios em Shemaya, não funcionava. Eu tinha que me guiar pelo odômetro. Comecei com meu ritmo normal e me senti tão bem quando cheguei a cinco quilômetros que continuei até dez, depois dezesseis (mais do que eu jamais havia corrido), trinta, até que o indicador mostrava que eu tinha corrido noventa e nove quilômetros e estava recomeçando, após zerar a marcação. Ironicamente, estar morta havia melhorado a minha resistência. Eu quase nem suava e meu pulso se manteve em perfeito equilíbrio o tempo todo. Minha força muscular na morte também melhorou. Sem esforço algum, consegui erguer pesos expressivos, do tipo levantado por fisiculturistas e jogadores de futebol americano.

Eu também notei que minha aparência estava melhor morta do que viva. Nos espelhos das paredes da academia, meus músculos pareciam rijos e torneados, como os de uma atleta olímpica. Minha barriga e coxas estavam rijas e lisas como no dia em que fiz dezoito anos. Não havia qualquer prova de que eu dera à luz um bebê apenas dez meses antes. Envaidecida diante dos espelhos, meu corpo parecia mais bonito e fascinante para mim do que jamais havia sido. *Mas que criação extraordinária e incrível*, pensei. Uma escultura renascentista fraturada, não menos perfeita pela amputação. Era, *sim*, arte, música, ciência e mistério. Eu não tinha recebido dois braços em Shemaya, provavelmente porque só conseguia pensar em mim mesma como uma amputada – mas meu corpo parecia ainda mais belo por isso. Quando esbarrei numa barra de aço da bicicleta ergométrica, um arrepio percorreu minha espinha, ligando-me novamente ao corpo que eu via no espelho. Naquele momento, lamentei por ter sido tão fútil durante a vida, por não ter notado todas essas coisas incríveis e pela dádiva que eu recebera. Esse corpo, meu corpo, exatamente da forma como era, sempre havia sido sagrado, sempre havia sido meu, e sempre havia sido tão belo e precioso quanto a vida em si. *Como deixei de saber disso?*, eu me perguntei. *Como pude subestimá-lo por tanto tempo?*

Terminei meus exercícios sem transpiração ou odor, sem precisar tomar banho. A noite havia caído e pensei em ir a um restaurante e

depois assistir a um filme sozinha, mas decidi passar a noite em casa, vendo algo na TV e comendo pipoca.

Quando voltei, mudei de roupa e vesti meu novo pijama de seda. Para meu deleite, uma tigela gigante de pipoca amanteigada e uma garrafa grande de refrigerante surgiram espontaneamente na mesa de centro. Aninhei-me embaixo de um cobertor e liguei a televisão. O clássico *noir* de 1950 *Com as Horas Contadas* estava passando em todos os canais – como se alguém quisesse que eu o assistisse, o que era algo meio assustador. Eu não via o filme desde minhas aulas de cinema na faculdade, mas gostava dele e fiquei contente em assistir novamente. Ele começa com um contador chamado Frank Bigelow entrando numa delegacia de polícia para relatar um assassinato – o seu próprio assassinato. Ele foi misteriosamente envenenado e só tem alguns dias, antes de morrer, para descobrir quem o matou e por quê. As semelhanças entre a busca de Bigelow e a minha se tornaram instantaneamente óbvias, motivo pelo qual era provável que eu tenha colocado o filme em todos os canais de forma subconsciente.

Por que eu morri?, eu imaginei. Será que eu tinha sido assassinada? E, novamente, por quê?

Essas perguntas rapidamente me distraíram do filme. Eu não podia esperar mais para ter respostas. Naquele momento, decidi que faria tudo para descobrir o que havia acontecido comigo. E começaria a refazer meus passos – os últimos passos que conseguia lembrar da minha vida.

Ainda de pijama, deixei a casa e parti em meu carro rumo à loja de conveniência. Tudo estava como eu me lembrava dos meus sonhos: a estrada, o céu, os prédios. Entrei no estacionamento cantando “Hot Tea and Bees Honey”, como havia feito naquela noite com Sarah. O ar de outono estava fresco. Entrei na loja, caminhei até os fundos, peguei uma caixa de leite da geladeira e virei para o corredor, onde Sarah tinha derrubado *cupcakes* no chão.

São quase seis e meia,
Diz o ursinho de pelúcia,

A mamãe já está vindo pra casa,
Ela já está quase chegando.

Chá quente e mel de abelha,
Para mamãe e seu bebê,
Chá quente e mel de abelha,
Que eu vou tomar com você.

Eu abaixei para pegar os *cupcakes*.

Era nesse ponto que todos os meus sonhos terminavam, desde que cheguei a Shemaya – vazio e interrogativo, como uma investigação de legista. Causa da morte: *desconhecida*. Porém, estranhamente, dessa vez não havia o cheiro esmagador de estrume e cogumelos, como havia antes. Caminhei até balcão com a caixa de leite e esperei, torcendo para que uma lembrança fosse estimulada e surgisse uma resposta. Nada. Eu não me lembrava de nada da minha vida a partir desse momento. Frustrada e enfurecida, joguei a caixa de leite ao outro lado do balcão. Ela explodiu de encontro às prateleiras de cigarros.

– O que aconteceu comigo? – gritei, em meio ao silêncio. – *O que aconteceu comigo?* – E voltei ao carro em prantos.

No trajeto para casa, um carro surgiu no meu espelho retrovisor – esse era meu primeiro encontro com outro carro desde Huntingdon, quando o tráfego tinha recuado na rua, e achei que estivesse ficando maluca.

O carro me seguiu a uma distância normal, por alguns quilômetros; porém, quando nós chegamos a um trecho longo e deserto da estrada, com campos de milho e feno em ambos os lados, os faróis altos do carro atrás começaram a piscar e flashes de luz vermelha estroboscópica preencheram meu espelho retrovisor, fazendo doer meus olhos. A luz vermelha vinha de baixo, junto ao para-brisa, como em um carro de patrulha civil. Resolvi encostar, embora eu soubesse que o carro estaria vazio. Sentada ali na lateral da estrada com meu carro parado, admirando a autenticidade do jogo virtual–real que eu parecia estar jogando comigo mesma, eu

me lembrei de Bo me alertando que ele recentemente tinha visto uma armadilha de velocidade nesse trecho da estrada.

Claro que nenhum guarda rodoviário surgiu em minha janela, mas eu decidi descer e dar uma olhada. O motor do carro de polícia estava ligado, mas não havia ninguém dentro. Abri a porta do motorista. Parecia o interior de um sedan normal de quatro portas, em vez de um carro de polícia. Não havia rádio de polícia ou qualquer equipamento esperado; a única semelhança a um carro policial era a luz vermelha estroboscópica no painel, ligada por um fio preto ao acendedor de cigarro. Olhando para trás, vi uma fita de videocassete no chão e contornei a porta traseira para pegá-la. Porém, quando deslizei no banco para alcançá-la, a porta bateu atrás de mim e me trancou ali dentro. Então, o câmbio misteriosamente se deslocou, engrenando a marcha, e o carro entrou na estrada, sem motorista. Olhando por cima do meu ombro, eu via meu próprio carro nos seguindo.

Eu ri. Tudo isso poderia ser muito assustador, até aterrorizante, mas depois que você aceita sua própria morte, o que mais há a temer? Peguei a fita de vídeo. Escritas à mão, na etiqueta, estavam as palavras "*O que aconteceu?*"

Ora, mas que apropriado, pensei. Talvez Deus fale com almas em vídeo, e eu finalmente descobriria o que me aconteceria. Mas eu teria que esperar até chegar em casa para assistir.

Recostei e relaxei, como se estivesse num brinquedo de parque de diversões, curiosa para ver aonde o carro me levaria.

Seguimos ao sul por alguns quilômetros. Não havia outros carros na estrada, e todas as casas e estabelecimentos comerciais estavam escuros. As estações tinham parado seu ciclo. Agora era outono em toda parte. As folhas coloridas caíam no para-brisa como pingos pesados de tinta. Viramos numa estrada lateral em Ardenheim e subimos por uma estrada de terra, rumo às montanhas. Os faróis de ambos os carros foram desligados. Avançávamos, passando por cima de raízes e poças de lama. O carro em que eu estava finalmente parou no meio da estrada. Meu carro, que vinha seguindo atrás, também parou, mas depois virou e deu ré numa estradinha rumo a um bosque de pinheiros, entrando em meio aos arbustos, até ficar

completamente coberto pelos ramos de pinho, invisível sob o luar. Um instante depois, a fita cassete sumiu do meu colo, como se tivesse sido uma miragem. O carro em que eu estava recuou pela estrada na direção de onde viéramos e seguiu para a rodovia, os faróis novamente acesos.

Que estranho, pensei. Mas eu já tinha visto coisas muito mais estranhas em Shemaya – e não tinha nada melhor a fazer –, portanto, decidi acompanhar.

O sedan sem motorista, comigo sentada no banco traseiro, continuou seguindo noite adentro, rumo a Harrisburg. Esse era o mesmo trajeto que eu fazia quando viajava entre Delaware e Huntingdon, e comecei a desconfiar que bisa e Luas, de alguma forma, tinham planejado isso tudo, como meio de me levar de volta para casa. O rádio ligou, trocando sozinho de estações, passando por várias de música *country*, conforme o sinal sumia, provando que minha mente não estava no controle do carro – eu raramente ouvia música *country*.

Passamos por Harrisburg e Lancaster, finalmente pegando a estrada principal e seguindo pelo município rural de Chester County, rumo a Delaware, exatamente como eu desconfiava. Porém, antes de atravessar o limite estadual, nós pegamos outra estrada secundária e seguimos por vários quilômetros até virarmos novamente, numa estradinha interna. Já não havia iluminação pública, ou rede elétrica. O céu estava negro como piche. A última casa não habitada tinha ficado quilômetros atrás, adormecida no ar fresco da plantação e impregnada pelo aroma de folhas e maçãs apodrecendo. Finalmente, terminou o asfalto e nós estávamos seguindo por uma estrada de cascalho, descendo um barranco por dentro da mata, virando numa estrada esburacada de terra, passando por um campo aberto, depois voltando à mata e descendo por uma colina ainda mais íngreme.

A estrada terminava numa edificação de concreto deteriorado, despontando do solo como uma crosta horrenda. As paredes sem janelas mal se mantinham em pé e estavam marcadas por filetes pretos de limo, sobre a tinta branca descascada. Lembrava a carcaça de um prédio industrial abandonado e parecia deslocado na zona

rural. Tive a sensação de ter estado ali antes, mas não tinha uma lembrança clara.

O câmbio se moveu sozinho ao estacionar, o motor desligou e as portas foram destravadas. Saí do carro e caminhei até a edificação iluminada pelos faróis amarelos. O fedor nauseante de esterco e cogumelos – o mesmo cheiro que eu tinha sentido na loja de conveniência, em meus sonhos – deixava o ar pesado e difícil de respirar. Agora eu estava com medo, ao puxar a porta devorada por cupins, embora soubesse que não havia nada ali dentro que pudesse me fazer mal.

Ao entrar, a luz radiante do dia irrompeu no céu, uma imensa explosão, vaporizando o prédio, o carro, a floresta e meu próprio corpo.

Subitamente me vi transportada aos aposentos de um imenso palácio romano – uma estrutura maior e mais esplêndida que o Panteão. Colunas brancas se erguiam até a cúpula de mármore acima. Abaixo dela, havia uma cama dourada cercada por sofás cobertos de tecido vermelho. Diante dessa cama, inchado e nu, estava o Imperador Nero Claudius Caesar. Aos pés dele, gemendo e implorando por piedade, estava sua esposa, Poppaea, inteiramente vestida e grávida de vários meses do filho dele. Seu vestido branco estava manchado de vermelho entre as pernas.

– Sua piranha ingrata! – Nero berrou, antes de dar um chute na barriga de Poppaea. – Coloquei a cabeça de Octavia numa bandeja, para sua diversão, e é assim que você me paga, me ridicularizando! – Ele a chutou novamente, com mais violência e, dessa vez, as costelas dela estalaram, quebrando como gravetos. Poppaea resfolegou tentando respirar, com sangue escorrendo de sua boca.

– Suma da minha vista! – Nero gritou.

Então, o palácio romano sumiu tão subitamente quanto havia aparecido. Em seu lugar surgiu o Tribunal, com Luas em pé no centro. O ser sem rosto do monólito sussurrou algo em seu ouvido, depois voltou para seu lar, dentro da rocha. Eu não fazia ideia de como tinha vindo do prédio de concreto na floresta, ao palácio de Nero, e depois ao Tribunal. A jornada foi contínua e desconcertante. Luas se aproximou e falou comigo.

– Olá, Brek – disse ele. – Lamento que você tenha visto isso. Como foi sua visita ao lar?

– Espere um minuto – eu disse, intrigada pelo que havia visto. – Vocês acabaram de apresentar Nero? O Nero que supostamente botou fogo em Roma?

– Sim – disse Luas. – Sujeito horrendo, não?

– Mas ele morreu há dois mil anos...

– Sim, mas eu o represento, desde então – disse Luas. – A apresentação geralmente termina aqui, ou logo depois que ele manda castrar o menino Sporus e o assume como esposa. No dia seguinte, quando regresso ao Tribunal, sou informado que, novamente, ainda não foi tomada uma decisão final sobre seu caso.

– Luas suspira. – Parece que é minha função colocar a alma de Nero em julgamento, diariamente, pela eternidade. Aparentemente, Deus não está decidido sobre esse.

– Não entendo – eu disse, desorientada e surpresa.

Luas me acompanhou para fora do Tribunal e me levou pelo corredor, na direção da parada do trem. Continuamos nossa conversa enquanto caminhávamos.

– Você não disse que nós só apresentamos os casos fechados? – eu perguntei. – O caso de Nero parece bem óbvio.

– Sim, bem, há dois lados em toda história, não há? Pode parecer estranho, mas Nero tinha algumas qualidades redentoras, assim como Toby Bowles. Claro que nunca chego a elas durante a apresentação, mas ele as tinha. De qualquer modo, isso não é para cogitarmos. Nero aqui é um postulante e nós o tratamos exatamente como todo o resto. Apenas fique feliz por ele não ser um de seus clientes.

Antes de chegar à parada de trem, Luas me levou a um corredor que eu não tinha visto antes, incrivelmente comprido e cujo fim eu não conseguia enxergar. Ele parecia se estender ao espaço, um corredor num vasto prédio comercial, com escritórios literalmente idênticos perfilando ambos os lados, cada um com portas altas de madeira, travas acima, mantendo-as bem fechadas. Luzes fortes fluorescentes banhavam as paredes com o clarão impiedoso da burocracia.

– Que lugar é esse? – perguntei a Luas.

– Aqui estão nossos escritórios. Como você pode ver, há um bocado de advogados em Shemaya.

Isso me deixou impressionada, mas ainda estava espantada pelo julgamento de Nero.

– Então, Nero e Toby Bowles são tratados da mesma forma? – perguntei. – Nada que eles tenham feito de correto, ao longo de suas vidas, é ouvido no Tribunal? Qual é o sentido de conduzir um julgamento se você nem pode chamá-lo assim? Por que não mandá-los direto para o inferno?

– Ah, voltamos a isso, é? – disse Luas. – Por favor, tente entender, Brek, não há uma Declaração de Direitos, ou nada parecido, em Shemaya. Os procedimentos de proteção, nos quais você depositava tanta fé como advogada na Terra, são inteiramente desnecessários aqui. Nenhuma mentira deixa de ser exposta no Tribunal e nenhuma verdade pode permanecer oculta. A justiça é garantida, contanto que os representantes continuem imparciais e não façam nada para desequilibrar a balança.

– Mas como pode haver justiça, se não são apresentados todos os lados do caso?

– Será que preciso lembrá-la – respondeu Luas, num tom de repreensão – que milhões de pessoas na Terra, incluindo o próprio Cristo, foram julgados, condenados e punidos injustamente? Certamente, Deus não exige nenhuma lição de nós, quanto à integridade. Claro, a justiça tem muitas dimensões e nós temos falado somente da justiça ao acusado. Você perdeu seu braço quando era apenas uma garotinha, Nero Claudius transformou cristãos em pavios e Deus uma vez aniquilou quase todas as criaturas vivas da Terra. Para saber se a justiça foi feita é preciso levar em conta todos os seus aspectos.

De alguma forma, nós chegamos ao final do corredor infinito. Luas parou no último escritório da direita. Uma plaquinha na porta dizia Alto Consultor Jurídico de Shemaya.

– Ah, aqui estamos – anunciou Luas, abrindo a porta. – A fase seguinte de seu treinamento está prestes a começar.

Havia uma escrivaninha simples de madeira no escritório, duas cadeiras atrás dela, uma na frente para um convidado, e duas velas sobre a mesa. Nada de janela, papéis, arquivos, telefones, lápis, nem outros itens de escritório. Luas fechou a porta e riscou um fósforo para acender as velas.

– Por favor, sente-se ao meu lado – disse ele. – Nós vamos entrevistar um novo postulante juntos e depois assistir à apresentação. Serei seu supervisor. Depois disso, você receberá seu primeiro cliente e conduzirá um julgamento sozinha.

– Estou sendo forçada a representá-los? – perguntei. – Quer dizer, e se eu me recusar?

– Forçada? – repetiu Luas. – Certamente não. A escolha é sua, mas é uma escolha que você já fez. Por isso está aqui. Você irá representá-los porque, assim como ocorre com todos os advogados, a justiça é o que você mais anseia e você não descansará até obtê-la.

– Não há justiça aqui – eu disse, secamente. – Pelo menos, não do tipo que anseio.

Luas sorriu condescendente.

– Então, talvez possa nos apresentá-la – disse ele.

Pensei a respeito por um instante e, pela primeira vez, considerei a possibilidade de que talvez poder ajudar essas pobres almas fosse o motivo para eu ter sido trazida para Shemaya, para consertar um sistema judicial falho. Advogados possuíam uma longa tradição de trazerem reforma e restaurar a justiça no mundo. Eu sempre sonhara em fazer algo significativo e louvável.

– Talvez eu possa – eu disse. – Talvez eu possa. – Então, olhei para baixo e percebi que estava vestindo meu pijama, para o que

deveria ser uma noite tranquila em casa, assistindo a um filme e comendo pipoca.

– Não precisa se preocupar com sua roupa – disse Luas, notando meu constrangimento. – Os postulantes não conseguem nos ver. Mas se você se sentir mais confortável, pode se trocar e vestir isto. – De uma gaveta na escrivaninha ele tirou o conjunto de seda preto, a blusa e os sapatos que eu tinha usado desde que chegara a Shemaya; aqueles que eu tinha descartado no *shopping*, durante minha sessão de compras.

– Você que pegou isso? – perguntei, confusa.

– Não peguei – disse ele. – Você que pegou. Vá em frente, vista. Vou até lá fora.

Ao me dizer que eu que havia pegado de volta as roupas, Luas estava tentando me lembrar que eu estava inventando tudo isso – minha aparência física e a dele, ou seja, não Shemaya em si, que parecia existir independentemente de mim. Mesmo assim, aproveitei a oportunidade para me vestir com um traje apropriado, em respeito à minha profissão, pelo menos.

Luas voltou ao escritório e sentou-se ao meu lado atrás da escrivaninha, cercado pela escuridão. As velas fracas davam ao seu rosto uma cor alaranjada opaca.

– Antes que eu convide o postulante a entrar – ele disse –, preciso alertá-la que há um sério perigo nesse encontro, um perigo para o qual eu venho tentando prepará-la. Mais do que o sr. Bowles, mais do que seus pais, seu marido, ou até sua filha, você passará a conhecer a fundo o postulante que estamos prestes a encontrar. Você conhecerá ligeiramente melhor apenas a si mesma. Para evitar perder sua identidade para sempre, você precisa empregar as táticas que eu lhe mostrei mais cedo. Independentemente do quão difícil possa parecer, você precisa continuar a lembrar a si mesma das circunstâncias de seu acidente. Tente relembrar dos menores detalhes: o cheiro do ar acima do esterco, na máquina, o som das moscas zunindo acima do monte, da expressão intrigada das vacas observando você e seu avô espalhando seus excrementos pelo campo. A forma como o estrume molhado, produzido pela primeira

alfafa da estação, entupia o recipiente como gesso, travando as pontas serrilhadas.

Seus pais lhe disseram que a levariam até o sítio de seu avô para que você se divertisse um pouco no campo, mas você tinha ouvido a crueldade da discussão deles, quando seu pai revelou que, contra o desejo de sua mãe, estava providenciando para que ela fosse a uma clínica de tratamento de alcoólatras, e sua mãe respondeu que vinha tendo um caso. Tudo que os mantinha juntos era você, e nesse momento você se convence de que somente uma crise evitaria a separação. Você pensou em fugir de casa, mas isso só a afastaria deles. Você já tinha tentado alterar suas notas, mas nota boa só os deixavam confiantes em sua adaptação, e nota ruim era outra fonte de culpa. Comportar-se bem ou mal tinha o mesmo efeito, e chorar só funcionava temporariamente. Você até havia contraído doenças, mas os médicos confirmavam sua saúde e o bom funcionamento de seus órgãos.

Eu já não estava mais suportando a dor de tudo isso.

– Chega! – eu disse. – Por favor, pare.

Luas ignorou meu pedido.

– Você não planejava o que aconteceu a seguir – prosseguiu ele. – Seu avô já tinha alertado para que você ficasse longe, enquanto ele trabalhava com o forçado, no monte. Ao terminar, ele desceu do recipiente e subiu novamente no trator, mas ele deixou a corrente sem proteção. Você viu a corrente oscilar por um instante sob a carga, depois se soltar com uma batida, zumbindo por entre as engrenagens dentadas, conforme o motor do trator rugia e o esterco voava. A ideia lhe ocorreu naquele exato instante, antes que ele pudesse desligar a máquina e recolocar o protetor. Você correu e enfiou a mão nas engrenagens. Achou que só cortaria ou quebraria o dedo. Porém, a princípio não sentindo nada além de um firme aperto de mão, você olhou, estarrecida e incrédula, conforme seu antebraço era arrancado, na altura do cotovelo, e atirado pela correia, como se fosse um brinquedo na linha de montagem. Por um instante, você ficou paralisada, como acontece quando se vê o próprio reflexo pela primeira vez, olhando a si mesma, mas não reconhecendo inteiramente a imagem. No instante antes de perder a

consciência, seu corpo formigava – não de dor, mas da breve exaltação de que você finalmente tivera êxito em reunir seus pais e tudo acabaria bem.

– Chega, Luas – implorei, aos prantos. – Por favor, pare.

– Mas tem mais – disse Luas, insensível. – Tem muito mais. Essa é a única forma de separá-la das lembranças poderosas dos postulantes que irá encontrar, e isso é o que tem de ser feito. Dois anos depois, Brek, após seus pais terem se divorciado e as mangas direitas de suas roupas terem sido costuradas, você sentou na cadeira de testemunha, no Tribunal do Condado de Huntingdon, onde um dia viria a exercer a lei, e um jovem advogado chamado Bill Gwynne lhe pediu que mostrasse ao júri o coto mutilado de seu braço, e lhes contasse o que aconteceu. Era o depoimento mais crucial do caso, para estabelecer a confiabilidade do fabricante da máquina de pulverização de adubo, e conceder à sua família uma pequena fortuna como recompensa. O tribunal estava em silêncio, todos os olhos voltados para você. Você tinha ensaiado seu testemunho com tanta frequência com o sr. Bill Gwynne, que de fato acreditava no que estava prestes a dizer. Ele havia lhe prometido justiça. Você encarou o júri. E se lembra do que disse?

– Sim, sim – eu chorava, traumatizada e envergonhada. – Eu me lembro. Você não precisa repetir.

– Ah, mas preciso, sim – disse Luas. – “Eu estava na ponta dos pés”, você disse ao júri, “tentando ver o que o meu avô estava fazendo. Escorreguei na grama molhada e caí de encontro ao protetor. Não bati com muita força, mas a proteção cedeu e meu braço prendeu nas engrenagens...” Você ficou emocionada demais para prosseguir. A lembrança do que aconteceu em seguida era dolorosa demais.

O relato impiedoso da história por Luas estava surtindo o efeito desejado. Ele me fez mergulhar tão profundamente na vergonha das minhas lembranças que eu não poderia confundir minha vida com a daquele postulante que eu estava prestes a conhecer. Conseguia me ver lá no banco das testemunhas, novamente uma menina de dez anos. O juiz de toga preta me olha fixamente de cima, em sua bancada, idoso e aterrorizante como Deus. A estenógrafa de rosto

espremido boceja, enquanto bate nas teclas. Meu avô, pálido de culpa e remorso, nervosamente remexe em seu cachimbo, ansiando por fumá-lo. Minha avó acena um tubo de pastilhas Life Savers, para me incentivar. Minha mãe está sentada sozinha do outro lado do tribunal, com sua cara de “eu avisei”, rosando para meu pai e meus avós. Meu pai chupa uma bala que minha avó insistiu para que ele pegasse e olha seu relógio. O advogado de defesa, de Pittsburgh, excessivamente elegante e condescendente para o Condado de Huntingdon, sussurra para o vice-presidente da fábrica do equipamento, um texano que cruza as pernas e afaga a bota marrom de camurça.

À minha direita está o júri que irá decidir o caso: três fazendeiros, uma cabeleireira, uma dona de casa e um mecânico de caminhão. Os fazendeiros, pouco à vontade, arrumam os colarinhos de suas camisas sociais; a cabeleireira, usando maquiagem demais, estoura uma bola de chiclete; a dona de casa, com pouca maquiagem, ajeita o cabelo; o mecânico de caminhão rói as unhas sujas, dando uma olhada para a cabeleireira.

– Está tudo bem, querida – diz o sr. Gwynne. Sei que ele está ali para me proteger, meu cavaleiro de armadura reluzente, galante e bonito. Tenho uma queda secreta por ele. – Pare um instante para assoar seu nariz; sei que é difícil com uma mão só, Brek. Lamento que tenha que fazer isso, mas os fabricantes da máquina querem seu momento na corte, e eles têm direito a isso. Só mais algumas perguntas, está bem? Agora, nós precisamos que você seja corajosa e nos diga a verdade. Tem certeza de que o protetor estava no lugar? Estou falando daquele escudo metálico sobre a corrente.

– Ah, sim, sr. Gwynne, tenho certeza.

– E você escorregou e bateu de encontro a ele?

– Sim.

– E ele cedeu?

– Sim.

– E seu braço prendeu na corrente.

– Sim. Nossa, sr. Gwynne, lamento muito. Lamento terrivelmente, por tudo isso. Eu deveria ter tomado mais cuidado.

– Você não tem nada do que se lamentar, Brek – ele me tranquiliza. – Nós é que temos que lamentar pelo que aconteceu com você. Você foi muito corajosa hoje, e agradecemos.

Em menos de uma hora, o júri retornou com um veredicto contra o fabricante, no valor de 450 mil dólares. Um especialista contratado pelo sr. Gwynne testemunhou que se o pulverizador tivesse sido elaborado apropriadamente, não haveria necessidade de remover o protetor para ajustar o problema, significando que minha mentira talvez nem fizesse diferença. Mas isso não mudava o fato de que eu havia mentido e cometido perjúrio.

Um terço do dinheiro foi para o sr. Gwynne, por seu trabalho; outro terço foi para me colocar num caro colégio interno quacre, quatro anos numa faculdade particular e três anos numa universidade de Direito da Ivy League; o restante do dinheiro pagou minhas despesas médicas com alguma sobra para outros gastos, incluindo um semestre na Europa. Só meu avô sabia, com certeza, que eu tinha mentido sobre o protetor, mas nunca falamos a respeito. Ele testemunhou que não conseguia se lembrar se tinha deixado-o no lugar ou não, o que tornava seu testemunho apenas meia mentira. Acho que ele conseguiu viver com isso.

Mas Luas ainda não tinha terminado:

– Ninguém no tribunal sabia, naquele dia – disse ele –, nem seus pais, nem Bill Gwynne, nem mesmo seu avô, que você deliberadamente enfiou a mão na máquina. Você só contou a uma pessoa, Karen Busfield, e isso foi vinte anos após o julgamento. Você se lembra?

– Sim – eu disse. – Eu me lembro.

Não podia deixar de lembrar. Karen Busfield, minha melhor amiga de infância, que era tão meiga a ponto de não conseguir punir os meninos que assassinaram os lagostins, que se tornou sacerdotisa episcopal e que me pediu para defendê-la num caso criminal, pelo qual ela poderia receber a pena de morte.

O caso criminal de Karen Busfield voltou à minha mente no escritório de Luas, como se eu estivesse vendo uma porção de minha própria vida sendo reprisada por Haissem, no Tribunal.

É tarde da noite; Bo e eu já colocamos Sarah para dormir e também já caímos no sono. O telefone toca, fazendo-me acordar assustada. Meu coração dispara enquanto tateio em busca do telefone, tentando compreender o que está acontecendo e temendo o pior, por ser tão tarde.

– Sim? Alô? – eu digo, sonolenta.

– Brek? Oi, sou eu, Karen.

– Karen? – eu digo, tentando me situar. Não consigo enxergar o relógio. – Meu Deus, que horas são? Você está bem?

– São duas da manhã – diz ela. – Realmente lamento muito por ligar tão tarde, mas estou com problemas. Preciso de um advogado.

Sons familiares de uma prisão ecoam ao fundo, vozes rudes e o bater de portas de ferro.

– Onde você está?

– Fort Leavenworth – responde Karen.

– Leavenworth? O que você está fazendo aí? Dando aconselhamento aos presos?

– Não – diz ela. – Estou presa.

Dá para ver que ela não está brincando.

Bo vira para o lado.

– O que está havendo? – pergunta ele.

Eu cubro o telefone.

– É a Karen – eu sussurro. – Acho que ela foi presa.

– O quê?

– Você é uma capelã militar – digo a Karen. – O que você pode ter feito?

– Não posso falar sobre isso agora – diz ela.

– Tudo bem – eu digo, entendendo que a ligação está sendo monitorada. – Você pode pelo menos me dizer do que estão te acusando?

– Agressão, invasão e...

– E o quê?

– Traição e espionagem.

– *Traição e espionagem?* Você está falando sério? – Os olhos de Bo estão arregalados.

– Sim, estou.

Sento na cama, pasma.

– Brek, você está aí? – pergunta Karen.

– Tem certeza de que eles disseram traição? – pergunto.

– Sim – responde Karen.

– Tudo bem, eu estou indo – eu digo. – E vou levar Bill Gwynne comigo.

– Não, só você – diz Karen.

– Traição é coisa séria, Karen – eu alerto. – Não quero assustá-la, mas isso implica em pena de morte. Vou levar o Bill comigo, e talvez mais vinte advogados. Deixe-me ligar para a companhia aérea. Estaremos aí assim que pudermos.

– Só você, está bem, Brek? – Karen pede. Dá para notar que ela está prestes a desmoronar. – Por favor?

– Tudo bem, querida. Farei o que você quiser. Por enquanto. Nós podemos falar sobre isso quando eu chegar aí.

– Obrigada. Não precisa correr. Cuide da Sarah primeiro. Estarei bem. Lamento muito por isso. Como vai ela?

– A Sarah está bem. É com você que estou preocupada.

– Sinto muito...

– Não tem problema. Isso é o que eu faço. Deixe-me fazer a mala. Você precisa de alguma coisa?

– Só você – Karen responde e então começa a chorar. Ouço a voz de uma mulher dando ordens ao fundo. – Estão dizendo que eu preciso desligar agora – ela funga.

– Vai ficar tudo bem – eu a tranquilizo. – Estarei aí assim que puder. Aguarde firme. E, Karen, independentemente do que você fizer, *não responda nenhuma pergunta*, está bem? Diga a eles que você está invocando seu direito de permanecer em silêncio até falar com seu advogado.

– Está bem. Obrigada, Brek – diz ela. – Preciso ir agora. Tchau.

Eu desligo o telefone.

Bo está totalmente acordado e sentado.

– Eles estão acusando uma capelã da Força Aérea de traição e espionagem? Você só pode estar brincando. Espero que você tenha se dado conta de que isso estará na primeira página do noticiário nacional.

– Eu sei – respondo, desanimada. – Mas você não pode dar o furo. Karen não ligou para mim como amiga. Minha conversa com ela foi confidencial, uma comunicação entre advogada e cliente. O fato de você por acaso estar dormindo ao meu lado não muda isso.

– Mas...

– Prometa, Bo – eu digo. – Isso é sério. Entendo por que você gostaria de ser o primeiro a divulgar uma história como essa, mas de jeito algum você pode relatar isso, ou dar a dica para outra pessoa. Não posso ser advogada de Karen, se tiver que me preocupar com o fato de que tudo que disser em casa pode acabar sendo divulgado.

– Tudo bem – diz ele, desapontado. – Mas prepare-se. Você vai enfrentar um monte de outros repórteres, caras que não serão tão legais como eu. Você estará na televisão todos os dias, talvez até mais que eu.

– Que ótimo – eu digo. – Talvez eu substitua a garota do tempo.

– Não vamos nos animar.

– Você consegue cuidar da Sarah enquanto eu estiver longe?

– Claro, daremos um jeito. Eu ligo e peço alguns favores.

Dou-lhe um beijo no rosto.

– Obrigada – eu digo. – Vou precisar de sua ajuda para enfrentar isso.

– Pode contar comigo. – Ele me beija na testa, depois me olha nos olhos e sorri. – Bota para quebrar e nos encha de orgulho.

Eu o abraço e sigo para o chuveiro.

Mais tarde naquela manhã, pego um voo até a cidade do Kansas, alugo um carro e dirijo pelo resto do trajeto até Fort Leavenworth, chegando no fim da tarde. Duas guardas escoltam Karen, vestida de macacão laranja de presidiária e algemas, até a salinha com uma mesa e duas cadeiras, reservada para visitas com os advogados. Karen está com uma aparência horrível – pálida, magra, com olheiras sob os olhos vermelhos e inchados, como se não dormisse ou comesse há dias. Ela senta na cadeira de frente para mim e dá um sorriso fraco. As guardas deixam a sala, fechando e trancando a porta para que nossa conversa seja confidencial, porém continuam a nos monitorar através de uma janela.

– Ah, querida – eu digo, lutando contra as lágrimas e estendendo a mão para tocar a mão dela. Uma das guardas bate na janela e gesticula para um aviso na sala que diz “Nenhum Contato Físico é Permitido”. Karen faz uma cara feia para a guarda, mas eu obedeço, colocando a mão no colo. Nós olhamos uma para a outra, silenciosamente.

– Lamento muito por ter arrastado você até aqui – diz ela. – Como foi seu voo?

– Bem – eu digo –, sem problemas. Como você está? Eles estão te tratando direito?

Ela olha para baixo e puxa o macacão.

– Levaram meu colarinho de sacerdotisa.

– Não se preocupe – eu digo –, nós vamos pegá-lo de volta. Vou me encontrar com o procurador-geral esta tarde, para ver se consigo esclarecer isso, ou pelo menos negociar uma fiança baixa. Você é uma sacerdotisa sem antecedentes criminais; obviamente não representa ameaça ou risco de fuga. – Dou uma olhada no meu relógio. – Só temos quarenta e cinco minutos. Conte-me o que aconteceu.

Karen boceja e esfrega os olhos.

– Eles estão me interrogando há dois dias. Não dormi nada.

– O quê? – eu digo, alarmada. – Interrogando você há dois dias? Não lhe disseram que você tem direito a um advogado?

– Sim – diz ela –, mas eu disse que achava não precisar de um.

– Achava não precisar de um! – esbravejo, meio ranzinza por ter acordado no meio da noite para viajar da Pensilvânia até o Kansas. – Eles estão te acusando de traição e espionagem, e você não achou que precisasse de um advogado? Então, por que se deu ao trabalho de me ligar?

– Por favor, não grite comigo – diz Karen.

Eu respiro fundo.

– Desculpe – eu digo. – É que será muito mais difícil defendê-la, se você esteve falando com eles por dois dias. Você confessou alguma coisa?

– Claro que não... pelo menos, não que eu saiba.

– É exatamente isso que eu quero dizer – eu digo. – Dois dias sem dormir, quem sabe o que eles te fizeram. Nada de falar mais, está bem?

Karen concorda obedientemente.

– Tudo bem, não falarei mais nada.

– Bom, agora me conte o que aconteceu.

Ela me olha. Depois, remexendo os dedos, desvia o olhar.

– Não posso ajudá-la a menos que você fale comigo, Karen.

– Eu sei.

Fico sentada quieta, esperando, mas ela não fala. Dá para notar que ela está completamente humilhada.

– Tudo bem – eu digo, finalmente. – Vou lhe dizer uma coisa. Deixe-me lhe contar algo que nunca antes disse a ninguém, algo que *eu* fiz de errado uma vez.

– Você nunca fez nada de errado – diz Karen.

– Fiz, sim – eu digo. Puxo a manga vazia do meu conjunto, o mesmo conjunto preto de seda que eu estava usando quando cheguei a Shemaya; eu o usei naquele dia, pois sabia que precisaria de toda a confiança possível para encontrar o procurador-geral. – Está vendo isso? – eu digo, mostrando a manga vazia. Então, começo a contar tudo, sobre como perdi meu braço, incluindo meu

perjúrio durante o julgamento. Quando termino, Karen sorri com gratidão e compaixão, como uma sacerdotisa.

– Você era só uma criança – diz ela, baixinho. – Você já foi perdoada. Sabe disso?

– Sim, eu sei. E *você* também já foi perdoada pelo que tenha feito. Sabe disso?

Ela sorri novamente e limpa os olhos.

– Sim, acho que sim.

– Agora, conte-me o que aconteceu.

– Certo – diz ela, criando coragem. – Bem, já que você é minha advogada, acho que posso lhe contar... Eu sou capelã para os operadores de mísseis.

– Para quem?

– Operadores de mísseis: os aeronautas que acionam os silos de mísseis nucleares. Sabe, aqueles que ficam com os dedos nos botões, prontos para lançarem as bombas e acabarem com o mundo, quando o presidente dá a ordem?

– É mesmo? – fico impressionada. – Achei que você fosse apenas uma capelã comum na base, ministrando para os homens alistados e suas famílias, ou algo assim.

– Eu era. Lembra, um ano atrás, quando eu lhe disse que eles estavam me transferindo para a Base Aérea de Minot, na Dakota do Norte?

– Sim.

– Bem, Minot é uma das bases com homens em alerta, com mísseis balísticos nucleares. Por conta da sensibilidade do que fazem ali, e da liberação especial que tive que receber na segurança, não podia dizer a ninguém que parte da minha função incluía servir como capelã dos operadores de mísseis e suas famílias, na base. Eles não querem russos ou norte-coreanos transformando clérigos em espiões.

– Interessante – eu digo. – Tudo bem, então o que aconteceu?

– Sou contra o uso de armas nucleares – diz Karen.

– Isso pode ser um problema – eu respondo. – Mas não é traição.

– Bem – diz Karen –, acho que disse a alguns dos operadores que lançar mísseis nucleares é errado e eles deveriam se recusar a fazê-

lo, se recebessem essa ordem.

Eu a interrompo.

– Espere um minuto. Quando você diz “errado”, você quer dizer errado, a menos que eles nos atacassem primeiro, certo?

– Não – diz Karen –, mesmo em retaliação.

– Então, se os russos ou os norte-coreanos lançarem mísseis nucleares nos Estados Unidos, nós não devemos reagir?

– Devemos perdoar, Brek. Não devemos resistir à violência com violência.

– Mas isso é o que os militares fazem, Karen – eu digo, incrédula.

– Eles resistem à violência com violência. Essa é a linha de trabalho deles; é a razão da existência de todos eles. Por que se tornou uma capelã militar se não concorda com o que eles fazem?

Karen parece intrigada.

– Você perguntaria por que um médico trabalha num hospital se ele não concorda com as doenças? Nós vamos aonde somos mais necessitados, Brek. Médicos vão aos hospitais porque é onde estão os doentes; e advogados vão às prisões para ajudar pessoas acusadas de crimes. Ninguém precisa mais de ajuda na prática da não violência e do perdão do que os militares. E ninguém nas forças militares precisa aprender sobre isso mais do que as pessoas que podem destruir o mundo, num ataque de vingança.

Fico perplexa. É o julgamento dos lagostins novamente.

– Tudo isso é ótimo na teoria – eu digo –, mas a melhor forma de impedir um ataque nuclear é assegurar que nossos inimigos entendam que eles terão o mesmo destino, se algum dia tentarem isso.

– Mas se fôssemos atacados a intimidação nuclear teria fracassado, então, por que se dar ao trabalho de retaliar?

– Não estou entendendo seu raciocínio – eu digo.

– Digamos que fôssemos atacados por armas nucleares esta tarde... – Karen explica. – Se isso acontecer, será mesmo com a garantia de nossa ameaça de retaliação e destruição mútuas. Em outras palavras, nossa ameaça de retaliação não funcionou, não impediu o ataque.

– É, imagino que sim...

– Sendo assim, se isso não impediu o ataque, retaliar seria arriscar a destruição do mundo para aplicar uma estratégia já fracassada. Seria tanto ilógico quanto imoral.

Coço a cabeça, tentando acompanhar a lógica.

– Olhe – eu digo, irritada –, não estou aqui para discutir a estratégia nuclear nacional. Estou aqui para defendê-la da acusação de traição e espionagem. Existe um direito de liberdade de expressão neste país, um direito que protegemos, por acaso, com mísseis nucleares. E isso significa que você pode dizer o que quiser, sem que os outros concordem, portanto, ainda não entendo o que você fez de errado e por que está aqui. Dizer aos operadores de mísseis para não lançarem seus mísseis talvez seja uma violação de seus deveres como oficial da Força Aérea e pode resultar numa dispensa por desonra, mas não é traição. Você não mobilizou uma guerra contra os Estados Unidos ou deu assistência e incentivo aos nossos inimigos.

Karen dá uma olhada para as guardas e baixa o tom de voz.

– Tem mais coisa. Desci até um dos silos de mísseis.

– O quê? Você invadiu?

– Não, um dos oficiais da minha congregação, Sam, quer dizer, o Capitão Thompson, um dos operadores de mísseis, me deixou entrar com ele e Brain, o Capitão Kurtz, durante o turno deles, no IAM.

– O que significa IAM?

– Instalação de Alerta de Mísseis, um local subterrâneo de onde eles lançam e controlam as cápsulas. Cada IAM controla dez mísseis e seus lançadores.

– Ele tinha autorização para levá-la até lá?

– Consegui autorização especial. Geralmente, são equipes de duplas e eles ficam no subterrâneo por vinte e quatro horas, mas a Força Aérea vem estudando se equipes de três pessoas em turnos mais longos trabalhariam melhor, portanto, minha presença não foi tão incomum. E eu já tinha a liberação de alta segurança, porque dou aconselhamento para eles. Eu queria ver como era lá embaixo, para entender melhor. Você não faz ideia da pressão que eles sofrem, sentados durante horas, com os dedos nos botões. Eles têm perguntas e precisam de alguém com quem conversar.

– Posso imaginar – eu digo –, mas ir ao IAM também não é traição.

Karen me olha fixamente.

– Eles entraram em estado de alerta, enquanto eu estava lá embaixo. Um satélite supostamente captou algo que parecia ser o lançamento de dois mísseis da Coreia do Norte. O protocolo exigiu que Sam e Brian deixassem seus mísseis prontos para lançamento em cinco minutos.

– Nossa... eles pediram que você saísse?

– Sim.

– E você saiu?

– Não exatamente, nem imediatamente. É surreal lá embaixo, Brek. As cápsulas do IAM são suspensas em imensos amortecedores de impacto, como gemas dentro de ovos, para ajudar a suportar uma explosão nuclear. Elas trepidam bastante, portanto, a primeira coisa que Sam e Brian precisam fazer é colocar os cintos de segurança. O lugar inteiro começou a sacudir quando as portas metálicas imensas, acima dos mísseis, começaram a deslizar, abrindo. Nós podíamos vê-lo, no circuito fechado de monitores. Em segundos, as pontas dos mísseis estavam apontando para o céu.

– Isso parece surreal, mesmo – eu digo.

– E foi.

– Então, o que aconteceu depois?

Karen respira fundo e expira.

– Sam me pediu para sair, mas eu fiquei paralisada. Eles estavam a cinco minutos de matar milhões de pessoas inocentes. A dimensão daquilo era além da compreensão. Eu estava em posição de impedir e salvá-las. Talvez Deus tenha me colocado ali para fazer exatamente isso. Eu tinha uma obrigação moral. Não podia deixar isso acontecer.

Eu sacudo a cabeça.

– Não sou a criminosa aqui – diz Karen. – Em qualquer outro contexto, eu teria sido uma heroína por salvar aquelas pessoas, e Sam e Brian teriam sido presos como terroristas, por planejarem a detonação de uma arma de destruição em massa. Mas, de alguma forma, nesse mundo maluco eu que sou detida por tentar impedi-

los? Isso é insano. É como se as pessoas estivessem drogadas, ou enfeitiçadas, ou algo assim. Elas não enxergam a loucura de tudo isso. Alguém precisa acordá-las, antes que seja tarde demais.

Karen me olha fixamente.

– Você entende, não é? – ela pergunta. – Por favor, diga que você pelo menos entende.

Não entendo, porém não quero mais discutir com ela.

– Tudo bem, Karen – cedo. – Eu entendo.

– Acho que preciso acordar você também – diz Karen. – Tudo bem, ainda há tempo.

– Olhe, realmente não importa o que eu acho, Karen. O que importa é se o que você fez lá no silo dos mísseis configura traição. Até agora, eu diria que não. Tem mais coisa?

– Sim – ela diz. – Quando me recusei a sair, Sam pegou o telefone e ligou para a segurança da Força Aérea, para descer e me acompanhar para fora. Enquanto ele fazia isso, Brian estava focado em sua lista de verificações, para preparar o lançamento de seus mísseis. Realmente fazem uma lavagem cerebral neles. Brian estava completamente alheio e metódico, como se estivesse sentado na sala de casa, seguindo instruções para montar um móvel. O fato de que ele estava seguindo instruções para matar milhões de pessoas não pareceu incomodá-lo em nada. É o teatro do absurdo. Se uma raça futura habitasse a Terra, depois de uma guerra nuclear, e encontrasse um registro disso, eles não acreditariam. Nós propositalmente extinguindo a nós mesmos em nome da justiça. Incrível. Eu tinha que fazer alguma coisa. A contagem regressiva para o fim do mundo havia começado. Faltavam quatro minutos.

– Então, o que você fez? – pergunto, quase que me retraindo, temendo que ela os tivesse atacado.

– Eu o sacudi – responde Karen.

– Você disse *sacudi*, certo? Você não disse *atingi*, não atirou nele, ou algo assim, não é?

– Não tem graça, Brek – diz Karen.

– Eu não estava tentando ser engraçada. Só quero ser clara. O que exatamente você quer dizer com “sacudi”?

– Eu o peguei pelos ombros, por trás, e sacudi. Estava tentando acordá-lo. Isso que estou tentando lhe dizer. Eles estavam em transe. Eles entram num tipo de transe quando descem aos IAMs. Assim que chegam ao elevador, a moralidade e o raciocínio racional são suspensos. Alguém precisa despertá-los.

– Você o feriu?

– Claro que não – diz Karen. – Olhe pra mim. Não peso nem cinquenta quilos. Aqueles caras têm um metro e oitenta. Ele nem sentiu quando eu o sacudi. Era como se eu nem estivesse lá, Brek. Ele simplesmente continuou repassando a lista de checagem, apertando os interruptores, reconfirmando os códigos de lançamento, checando medidas e monitores. Um dia antes, ele estava brincando com seus dois filhos na creche da capela da base, rolando no chão com eles, rindo e abraçando-os. Agora ele era uma máquina, uma máquina da morte. Foi aterrador. Eu nunca tinha visto nada assim.

Karen me olha melancólica.

– Como não consegui acordá-lo sacudindo – ela prossegue –, fui para sua frente. Empurrei sua lista e agarrei seu punho. “Brian”, eu disse, olhando nos olhos dele. “Sou eu, Karen. Acorde. Você não pode fazer isso”, eu disse. “Você não pode matar milhões de pessoas. Mesmo que você sobreviva, jamais irá perdoar a si mesmo. São pessoas como você e eu. São mães e pais, e criancinhas como seus filhos. Eles têm famílias e sonhos. Por favor, Brian”, eu disse, “acorde”.

Karen olha para o espaço, revivendo o momento. A dor em seu rosto é palpável. Penso em Bo e Sarah, e em meus pais e avós. Meus olhos começaram a lacrimejar pouco a pouco. Agora eu entendo. Por um instante, eu desperto.

– O que ele fez? – pergunto.

– Foi terrível, Brek – responde Karen. – Ele me empurrou com força a ponto de me jogar no chão. Depois tirou o cinto de segurança, puxou a pistola do coldre, embaixo do braço, pois todos eles têm que portá-las, e ficou em pé, acima de mim, apontando a pistola pra mim, com ambas as mãos. Os olhos dele pareciam enlouquecidos. “Saia daqui!”, ele gritou para mim. “Você está

atrapalhando o lançamento de um míssil! Estou autorizado a usar força letal, Capitã Busfield! Dê o fora daqui, ou vou matá-la!”

– Meu Deus, Karen.

– Olhei para o Sam, em busca de ajuda, mas ele nem virou a cabeça. Ele só continuou checando a lista, aprontando os mísseis. Antes que eu conseguisse me levantar do chão, dois seguranças irromperam pela porta, armas em punho. Tinha acabado. Eles me algemaram e me levaram pra fora. Fiquei sob guarda por algumas horas na superfície, até que uma equipe do FBI e agentes da CIA chegaram. Eles me colocaram num voo pra Leavenworth naquela noite e, desde então, vêm me interrogando. Eles acham que sou espiã, agente dupla, ou algo assim. Mais teatro do absurdo. Obviamente, o negócio todo foi alarme falso e não havia nenhum lançamento de míssil coreano, ou não estaríamos conversando neste momento.

Olho para Karen, boquiaberta de espanto.

– Ainda bem que ele não atirou em você.

Karen afasta o cabelo do rosto.

– Eu também – diz ela. – Então, foi isso que aconteceu. Você vai aceitar o meu caso?

Minha expressão de choque lentamente se transforma num sorriso de admiração. Por mais maluco que fosse, ela havia arriscado tudo em nome de suas convicções.

– Bem – eu digo –, no voo pra cá pensei em pelo menos vinte possibilidades do que você poderia ter feito pra ir parar na cadeia por traição, mas nenhuma delas envolvia armas nucleares. Como você disse, médicos vão aos hospitais, advogados vão às prisões... e acho que sacerdotes vão aos silos de mísseis.

– Acho que sim – disse Karen, com orgulho.

Fico em silêncio por um momento.

– Mas sempre há um risco de chegarmos perto demais e pegarmos a doença de nossos pacientes, não é? – Estendo a mão e pego a mão de Karen, fazendo a guarda bater novamente na janela. Não ligo. – Sim, Karen – eu digo. – Claro que vou aceitar seu caso.

Tudo isso voltou a mim enquanto estava sentada no escritório de Luas, esperando a chegada do novo postulante. Luas não disse mais nada. Ele tinha alcançado seu objetivo de me lançar tão profundamente no miasma do meu próprio passado que não haveria chance de me perder na vida de outra alma. Pelo menos era o que eu achava.

Luas riscou um fósforo para acender seu cachimbo, acrescentando uma terceira chama na sala escurecida. Subitamente, a porta se abriu e surgiu aquele ser sem rosto, de robe cinza, do Tribunal. Numa voz subserviente, ele perguntou se estávamos prontos.

– Sim – respondeu Luas, exalando uma nuvem de fumaça de seu cachimbo. – Creio que a sra. Cuttler agora esteja pronta. Por favor, faça entrar Amina Rabun.

A vida de Amina Rabun passou diante dos meus olhos num instante, terminando setenta e sete anos depois de ter começado, no calmo amanhecer de um dia que parecia como outro qualquer. Nossa entrevista de Amina Rabun consistiu em apenas sentarmos em sua presença e recebermos o registro de sua vida. Não foram feitas perguntas e não houve conversa. Não era necessário. As lembranças de Amina Rabun chegaram a nós inteiras.

Ainda assim, a princípio só captei alguns vislumbres da vida dela, como ocorrera com outras almas na estação de trem. De certa forma, encontrar a alma de Amina Rabun no escritório de Luas era como pegar um romance e folhear suas páginas, aleatoriamente. Relaxei diante de um momento, no começo, em sua infância na Alemanha, antes do início da Segunda Guerra Mundial, quando seu pai a segurou nos braços num balanço de árvore em uma noite quente de verão e cantou sua música favorita. Tudo naquele momento parecia tão seguro e tranquilo, tão novo e promissor para uma garotinha tão linda e seu pai amoroso. Mas depois trapaceei, pulando adiante, para a última página do livro, descobrindo que Amina Rabun morreu amarga e traída, nos Estados Unidos. Como tudo pôde ter dado tão terrivelmente errado? E descobri uma passagem significativa, em algum ponto do meio da história, onde nossas vidas se cruzaram brevemente – quando ela recebeu a queixa que eu havia elaborado contra ela, em nome da mãe de Bo, buscando reparação pelos crimes perpetrados contra os Schrieberg, pelos Rabun, durante a guerra. O fato de ter conhecido essa mulher, cuja vida logo seria julgada no Tribunal, era assustador – não somente pela gravidade do Julgamento Final, mas também porque

eu conhecia seus pensamentos mais íntimos, seus sentimentos e lembranças.

Como eu disse, foram apenas breves capítulos, vislumbres. Eu nem poderia começar a compreender a vida de Amina Rabun, ou as escolhas que ela fizera, ou os mundos onde vivera e as pessoas que os habitaram, até que eu lesse todas as páginas, do começo ao fim. Isso levaria tempo. E o empenho de Luas em me ajudar a manter minha vida separada da dela tinha sido bem-sucedido, tornando-me muito mais interessada em reler capítulos da minha própria autobiografia. Não tive qualquer dificuldade ao me distinguir de Amina Rabun, pelo menos não inicialmente. Nossa entrevista terminou no que parecia ser simultaneamente um *flash* e uma vida inteira. Logo, o ser do Tribunal reapareceu na porta do escritório e conduziu a alma de Amina Rabun de volta ao grande *hall* da estação de trem, onde ela esperaria com as outras almas até que seu caso fosse chamado.

Luas me olhava cauteloso, sob a luz tremulante de seu escritório, tentando avaliar como eu tinha me saído.

– Quem é você? – ele perguntou.

– Sou Brek Abigail Cuttler – eu disse com orgulho. – No fim das contas, isso não foi tão difícil.

– Bom, muito bom – disse Luas. – Vejamos se continua assim. O risco de relapso entre os novos advogados é alto e pode ocorrer a qualquer momento. Pode ser algo muito confuso e desconcertante. Quero que você fique com sua bisavó até estarmos certos de que você se adaptou inteiramente ao fardo de ter outra vida residindo na sua.

– Tudo bem – respondi, sem ter mesmo outro lugar para onde ir. Essa era uma das vantagens de Shemaya: nada de planos, nem compromissos.

Luas levantou-se de trás da mesa e soprou as velas.

– Vou checá-la em alguns dias, para ver como você está e discutir o caso.

– Ótimo – eu disse.

Deixamos o escritório e começamos a caminhar de volta, pelo corredor incrivelmente comprido. Mais ou menos na metade do

caminho, a porta de um dos escritórios se abriu e surgiu um advogado belo e jovem, de terno azul-escuro e camisa branca, com a gravata de listras azuis e douradas afrouxada, como se tivesse terminado seu dia de trabalho. Seus óculos redondos de armação metálica pareciam exigir atenção constante para não escorregarem do nariz. Ele não nos percebeu e quase bateu de costas em Luas, quando fechava a porta.

– Cuidado aí – disse Luas, dando um passo largo para evitar a colisão e, então, parando. – Ah, Tim Shelly, conheça Brek Cuttler.

Tim estendeu a mão direita, mas, ao ver que eu não tinha a minha para retribuir o gesto, timidamente a recuou, trocando passos comigo, na mesma dança estranha que eu tinha feito inúmeras vezes durante minha vida. Ele parecia muito agradável, porém, eu tinha uma sensação inquietante de o conhecer há muito tempo, como se ele não fosse quem agora parecia ser.

– A Brek é nossa nova recruta – disse Luas. – Ela acabou de conhecer sua primeira postulante. – Luas se virou para mim. – Tim não está aqui há muito mais tempo que você, Brek. Ele, no entanto, teve um começo mais difícil. Saiu de seu primeiro encontro com um postulante convencido de que ele era uma garçonete em um restaurante. Não parava de pegar meu pedido de café da manhã – ovos *poché* e torrada sem manteiga, não é, Tim? Só depois de me passar uma cantada que nós chegamos a uma separação total de personalidades.

Tim pareceu constrangido, mas achei a história hilária. Foi bom voltar a rir. Fazia muito tempo que eu não ria.

– Você seria um bom partido, Luas – eu disse, entrando na brincadeira.

– Ora, ora – disse Luas –, é melhor você não me provocar. – Tim, ou melhor, a postulante, estava interessada em mim somente porque seu namorado puxou conversa com uma bela mulher, do outro lado do balcão, e ela estava tentando lhe fazer ciúmes.

Tim assentiu.

– Eu estava realmente perdido. Levei um tempo para separar as lembranças dela das minhas.

– Bem – disse Luas –, preciso cuidar de algumas questões administrativas. Tim conhece o caminho da saída. Você faria a gentileza de acompanhar a sra. Cuttler?

– Claro – disse Tim.

– Esplêndido. Ela ainda vai precisar da venda antes de entrar no hall.

– Entendido.

– Como eu disse, Brek – alertou Luas –, irei visitá-la, para ver como está indo. Sophia sabe como me encontrar, caso haja dificuldade. Por favor, não se esforce para avaliar o caso da sra. Rabun. Depois haverá outras oportunidades para isso. Apenas acostume-se às lembranças e emoções dela, que são bem fortes, como você bem sabe. Você deve passar a maior parte de seu tempo relaxando. Sophia estará com você. Tem certeza de que está bem?

– Sim... sim, estou bem.

– Se ela começar a pegar pedidos de café da manhã, nós sabemos de quem é a culpa – disse Tim, brincando, dando a última cutucada.

– Culpado da acusação – disse Luas, curvando-se debochado. – Preciso ir.

Ficamos observando enquanto ele seguia pelo corredor e entrava em um dos escritórios.

– Há quanto tempo você está aqui? – perguntei, ansiosa para saber sobre a experiência de Tim e tudo que ele conhecia sobre Shemaya.

– Não sei exatamente – disse ele.

– Sei o que você quer dizer – respondi. – Onde estão todos os relógios e calendários? Essa foi uma das partes mais difíceis para mim, na transição.

Nós começamos a caminhar em direção ao imenso hall.

– Você já fez alguma apresentação sozinho? – perguntei.

– Não, só assisti – respondeu Tim. – Mas Luas disse que a próxima eu farei sozinho.

– Eu também... depois de Amina Rabun. Todos esses são escritórios de advogados? Deve haver milhares deles.

– Sim, acabei de receber o meu. Há muitos vazios, naquela ponta. Onde você vai ficar?

– Com minha bisavó, na casa dela; ou o que me lembro da casa dela.

– Legal. Fiquei numa barraca com meu pai, logo que cheguei. Ele eu costumávamos caçar, no Canadá, só nós dois. Ele morreu alguns meses antes de minha chegada aqui.

– Lamento. Ou, talvez, eu não deva lamentar... Imagino que agora você o tenha de volta.

Tim hesitou.

– Acho que sim – disse ele. – A princípio foi ótimo revê-lo, e ele realmente me ajudou a me adaptar, mas ele se foi novamente.

– Se foi? Para onde ele foi?

– Não sei. Um dia, ele simplesmente me disse que eu estava pronto para viver aqui sozinho, mas que nós voltaríamos a nos ver. Foi quando percebi que nós podemos viver em qualquer lugar que quisermos enquanto estamos aqui. Você não precisa ficar na casa de sua bisavó.

– O que quer dizer, qualquer lugar?

– Bem, qualquer lugar que você imaginar... Vejamos, até agora, eu vivi em Eagle's Nest, na Áustria, e no *bunker* de Hitler, em Berlim. Sou muito ligado em história nazista.

Essas escolhas me pareceram estranhas. Isso me fez pensar em Harlan Hurley e no Die Elf, e o fascínio infinito que eles tinham por todas as coisas de Hitler. Mas talvez não fosse mais estranho que gente encenando a Guerra Civil, vivendo em barracas nos fins de semana. Tim prosseguiu:

– Também fiquei na Casa Branca por um tempo, e em Graceland, e West Point. Voei de bombardeiros e caças de combate e dirigi tanques. Até fiz uma viagem na Space Shuttle. Se conseguir imaginar, pode fazê-lo.

– Nossa. Achei que você só pudesse ir a lugares que tivesse visitado durante a vida. Só isso que eu tenho feito.

– Não, qualquer lugar que você queira. Vou lhe mostrar quando chegarmos lá fora. Você não pode fazer isso aqui dentro.

Quando chegamos à estação de trem, Tim abriu um compartimento perto das portas, tirou a venda e amarrou o pano grosso sobre meus olhos. Passando no grande hall, novamente

espiei as almas. Foi como caminhar por uma biblioteca e aleatoriamente ver parágrafos de milhares de autobiografias que abarrotavam as prateleiras, cada uma de autoria de uma mão diferente, mas todas revelando as mesmas verdades, sofrimentos e alegrias. Fechei cada uma delas quando nós chegamos ao saguão do outro lado, nem confusa, nem enfraquecida, como havia ficado antes.

Apesar de minha inquietação quanto a Tim, pela primeira vez desde que eu havia chegado a Shemaya, senti uma ponta de esperança em lugar de apreensão, do jeito que a visita de um amigo ilumina a escuridão de uma doença prolongada. Tirei a venda, então Tim e eu literalmente saímos correndo lá para fora, como duas crianças liberadas da escola.

Dava para ver o telhado da casa de bisa através das árvores. De alguma forma, a estação de trem margeava a fronteira oeste da propriedade de bisa. A entrada era pouco mais que uma sublevação no ar, entre duas árvores de bordo que estavam ali desde que eu era criança.

Será que a entrada do céu sempre esteve tão perto?, pensei.

Porém, é claro, nós não estávamos em nenhum lugar perto da casa de minha bisa, em Delaware. Tudo estava sendo espontaneamente elaborado em minha cabeça. Eu até podia ouvir o som do tráfego leve, ao longo da estrada.

– Belo lugar – disse Tim, olhando em volta. – Certo, então, aonde você quer ir?

– É...

– Apenas escolha qualquer um, você pode ver todos.

– Bem, está certo... – Eu não conseguia pensar num lugar de imediato, então *E o Vento Levou* me ocorreu, por algum motivo. – Tara – eu desapareci, entre tantas outras possibilidades.

– Nunca estive lá – disse Tim. – Como seria?

E lá estávamos nós, em pé, no tapete cor de vinho que cobria o *foyer* e subia pela escadaria da mansão fictícia que havia na plantação. Lustres de cristal tilintavam suavemente, sob a brisa que aflagava as cortinas de veludo verde do salão, trazendo o doce aroma de magnólia, maçãs e grama recém-cortada. Estonteados,

caminhamos até o pórtico, com suas colunas brancas, depois pela varanda banhada pelo sol e de volta à sala de jantar, com a louça e os copos reluzentes.

Não fazia diferença se Tara havia sido apenas uma descrição em um romance, ou num *set* de filmagens, não mais do que tinha importância para leitores de um livro, ou para o público cinéfilo. Nem importava que eu não me lembrasse dos detalhes exatos, conforme estavam no livro ou na tela. Minha mente instantaneamente proveu o que eu esperava ver, sentir e cheirar. Eu estava ligeiramente ofegante quando chegamos ao topo da escada e senti uma pontada bem real de dor quando dei uma canelada no canto de um lavabo, provando que não estávamos circulando por uma mera ilusão. Tudo estava em seu lugar, exceto Rhett e Scarlett, é claro. Quiquei na cama dela, rindo como uma garotinha, inebriada pelo sonho que se tornara realidade. Tim nunca tinha lido o livro, nem visto o filme, e não compartilhava do meu entusiasmo, mas eu o arrastei por cada cômodo mesmo assim, como uma guia de estúdio de cinema, fascinada pelos astros.

– Foi aqui que filmaram aquele patife sindical – eu disse. – E aqui foi onde Rhett a deixou.

De volta ao salão, nós paramos para examinar uma miniatura de navio, em cima da lareira. Assim que minha mente reconheceu o navio, meus pensamentos substituíram a plantação pelo oceano, e a mansão pelos mastros e o casco de uma caravela do século XVI, em alto-mar. Lá estávamos nós no *deck* de madeira, vestidos com nossos trajes de negócios, como um par cômico num barco alugado. Uma onda imensa fez a caravela seguir direto ao porto sob as rajadas de vento, nos forçando a segurar firme no parapeito a estibordo, por entre os respingos de água salgada.

– Talvez você possa me avisar da próxima vez que estiver prestes a pensar num navio! – Tim gritou. Nós caímos da crista de outra onda e o barco emborcou a estibordo, derrubando-o no deque. Eu já esperava o que ia acontecer e me amparei contra a antepara.

Ele se recuperou e ficou de pé, cauteloso.

– Pense no mar calmo!

Eu pensei e o mar acalmou instantaneamente, como se duas mãos gigantes tivessem descido do céu para abrandar o oceano imenso, deixando a superfície lisa como vidro. O céu de repente aclarou e o sol saiu. Tim e eu sentamos no deque. Podíamos ver o que parecia uma pequena ilha caribenha ao longe.

– Meu avô me levava para velejar na enseada Chesapeake, quando eu era menina – eu disse. – Às vezes, eu adormecia com ele no leme e sonhava que era uma das primeiras expedicionárias, perdida no mar.

Uma brisa tropical embalava o barco, refrescando o toque morno do sol. Nós flutuávamos à deriva, apenas com o som distante de gaivotas e as batidas leves da água no casco de madeira, quebrando o silêncio. Eu estava exausta e me estiquei no deque ensolarado, encostando a cabeça na cobertura da escotilha.

Logo peguei no sono nesse paraíso. Em meus sonhos, eu voltava a Chesapeake. Eu estava no veleiro do meu avô Bellini e ele me ensinava a guiar o barco. O dia estava perfeito, quente e com uma brisa. A pele bronzeada do peito e ombros do meu avô acrescentava cor à cabine branca impecável do barco. Um antigo boné azul de capitão protegia seus olhos, enquanto estes passavam da vela à costa, para onde ele me mandou mirar, para aproveitar ao máximo o nosso curso. Assim que perdemos as docas de vista, em Havre de Grace, ele me deixou tirar o colete salva-vidas que meus pais insistiram para que eu usasse, porque nadar com um braço só é praticamente impossível.

Mas meu belo sonho sobre velejar com meu avô subitamente se transformou em pesadelo; um pesadelo que frequentemente acordava Amina Rabun, cujas lembranças agora viviam dentro de mim. Porque, ao ter vivenciado as lembranças de Amina como minhas, eu vivenciara o pesadelo diretamente, como se eu fosse Amina.

Nesse pesadelo, meu irmãozinho Helmut e eu (Amina) estamos brincando perto de um canteiro de areia construído por nosso pai, cercado por tijolos coloridos atrás de nossa imensa casa, no terreno perto da floresta da periferia de Kamenz, no leste da Alemanha. A empresa do papai empregava muitos pedreiros habilidosos e ele os

fez arrumar os tijolos em três lados do canteiro, formando desenhos de patos e flores, e estendeu os fundos até uma área larga do pátio, do lado oposto de onde ficava uma churrasqueira grande de tijolos. Canteiros de rosas, cravos e begônias cercavam os lados opostos do canteiro de areia, e nosso belo gramado verde se estendia na frente.

Apesar do estado obsessivo de arrumação, no qual nosso pai mantinha o pátio e o gramado, a areia do canteiro começou a exalar um cheiro pútrido e eu não queria brincar ali. Digo a Helmut que ele também deveria ficar longe, mas ele pula lá dentro sem se preocupar. Logo suas pernas, quadril e tronco são engolidos, como se ele estivesse afundando em areia movediça.

– Socorro, Amina! Me ajude! – ele grita.

Eu estico o braço para pegá-lo, mas quando olho dentro do canteiro, percebo que não há areia. Em vez disso, há braços de milhares de cadáveres, emaranhados, enegrecidos e podres, se revolvendo como cobras dentro do canteiro, agarrando Helmut, puxando-o para baixo, para dentro de uma cova imensa que vai até o fundo da terra, como se o canteiro estivesse situado acima de um portal para o próprio inferno. Grito pelo papai e puxo Helmut com toda a força para soltá-lo, mas não consigo superar a força daqueles milhares de braços.

Então, o pesadelo termina. Acordo e já não estou mais no veleiro do meu avô nem no barco no mar do Caribe. Estou deitada no gramado do lado de fora da casa de bisa, em Delaware, olhando para cima, para ela e Tim Shelly, que estão ajoelhados ao meu lado.

– Brek, você está bem? – pergunta bisa.

Tento compreender o que aconteceu.

– Acho que sim – respondo.

Bisa sorri e afaga meu ombro.

– Você sabe seu nome. Isso é um bom sinal.

Sento e olho em volta.

– Acabei de ter um sonho aterrorizante – digo.

Bisa me consola.

– Agora você está segura, filha – diz ela e vira-se para Tim. – Obrigada por trazê-la. Eu cuidarei dela.

Tim levanta para ir embora.

– Sem problema. – Ele olhava para mim com uma expressão arrepiante no rosto, como se fosse impiedoso e cruel. Senti a mesma sensação inquietante de quando o vi pela primeira vez. Eu o conhecia de algum lugar, mas não conseguia me lembrar de onde.

– Obrigada, Tim – digo.

Ele saiu andando por entre as árvores, em direção à estação de trem.

Bisa sentiu minha apreensão.

– Ele a deixa desconfortável? – ela pergunta.

Sento e aliso a saia, limpando a grama dela.

– Sim. Sinto como se o conhecesse, como se ele fingisse ser outra pessoa. Só não consigo me lembrar quem é.

– Você vai lembrar quando estiver pronta. – Ela me ajudou a levantar. – Há um motivo para que você conheça cada postulante e cada advogado em Shemaya. Você precisa descobrir por que foi apresentada a Toby Bowles, Amina Rabun e Tim Shelly. Quanto mais rápido fizer isso, mais rápido irá se adaptar. E mais depressa terá a oportunidade de partir.

Helmut, irmão de Amina Rabun, morreu aos sete anos e três meses, mas não em um canteiro de areia. Uma bomba de meia tonelada entrou pelo ginásio de sua escola, matando todos os presentes. O velho que não tinha filhos na escola e pôde, portanto, examinar a cena de modo objetivo, como fazem os homens com seu fascínio pela destruição, notou como os destroços voaram para fora num círculo ao redor da zona da explosão. Isso não foi questionado pelas mães e pais histéricos, pelos idosos da cidade ou outros cidadãos. Todos tínhamos ouvido os bombardeiros circulando acima e o ruído das metralhadoras aéreas. Helmut gostava de saltar no cavalo olímpico e de trampolim.

A bomba que atingiu a Dresdner Schule für Jungern, às nove horas e trinta e dois minutos de 22 de abril de 1943, instantaneamente dissecou e imolou os trinta e dois garotinhos que estavam brincando ali embaixo, espalhando braços e pernas, e outras partes de corpos, por centenas de metros de onde antes estavam inteiros. Os oficiais nazistas que assumiram o controle da cena recolheram os restos e os dividiram em montes parcialmente iguais amarrados em lençóis, um para cada família que acreditava ter tido um filho na aula do ginásio naquele dia. Com vozes solenes durante a evocação, eles proclamaram que as crianças haviam feito um sacrifício supremo pela *das Vaterland*, e que nós deveríamos nos orgulhar. Apesar dos cabelos escuros na borda de nosso pequeno lençol, nós choramos e rezamos, como se fosse nosso lourinho Helmut. Mamãe desmaiou e teve que ser carregada de lá e ficou sedada por uma semana.

Meu nariz coça. Tento coçar com a mão direita, mas erro, erro de novo e de novo, como se estivesse abanando uma mosca em vez de tentando tocar uma parte de minha própria anatomia. Há um latejo, uma dormência penetrante em meu braço. É uma dor fantasma. O fantasma de meu antebraço me assombra a cada noite, enganando-me durante meu sono, voltando a colar-se no meu corpo e exercer funções de um antebraço, como coçar o nariz ou espantar uma mosca. Ao me enganar dessa forma, ele arranca sua vingança por minha negligência perto da máquina de pulverizar adubo, ao desaparecer bem na hora em que abro meus olhos pela manhã, para que eu seja forçada a vivenciar novamente o terror de ver um coto enfaixado tremendo acima de mim, como uma barreira de pedágio quebrada num dia de ventania. O coto aponta, indiscriminadamente, para os oitenta e sete ladrilhos quadrados do teto do meu quarto de hospital. Eu os contava com frequência e tenho certeza do número. A enfermeira da manhã, Debbie, entra e abaixa o coto de volta ao meu lado, provocando pontadas de dor que vão ao meu cérebro e, dali, às minhas cordas vocais. Ela se desculpa.

– Hora do café da manhã e mais morfina – ela diz, chamando-me de docinho e me mimando.

Luas e bisa estão sentados ao pé da cama. Não sei o que eles estão fazendo aqui. Eles mexem as bocas, mas não consigo ouvi-los, então os ignoro. Fragmentos de aveia escorrem pelo meu queixo, de uma colher que está sendo segurada por dedos desacostumados a segurar colheres. A enfermeira Debbie aplica o narcótico após o café, injetando-o diretamente no meu tubo intravenoso que ainda me reabastece dos fluidos que escoaram de mim no banco da picape do meu avô e no chão da sala de emergência. As papoulas do narcótico me submergem a um sono aquecido e perfeito da anestesia, do qual sempre lamento regressar.

Segundo a sugestão de Pater Muschlitz, os pais de todos os meninos mortos na escola em Dresden concordam em sepultar os pedaços

horríveis numa grande cova, como sinal de uma perda coletiva. Todos, menos meu pai.

– Meu filho terá seu próprio túmulo! – ele disse, enfurecido, negando o fato de que somente Deus poderia determinar que lençol ou lençóis guardavam Helmut. – Ele não será enterrado como um animal! Como um judeu comum! Será enterrado no sepulcro da família, fora de Kamenz!

Papai ordenou a seus empregados que elaborassem um monumento apropriado para o filho de um industrial abastado, que fosse construído, ele insistiu, com o concreto quebrado do ginásio e com os ferros retorcidos, para que ninguém se esquecesse da covardia desses assassinos.

– Tem de ser três vezes maior que todos os monumentos do cemitério! E tem de ser concluído de imediato!

Ele se permitiu apenas dois dias para sepultar Helmut e ficar de luto. Depois voltou à Polônia com a explicação de que os esforços de guerra por lá haviam se intensificado, apesar de nossa conquista do país, anos antes.

– O Terceiro Reich exige urgentemente os serviços especializados de Jos. A. Rabun & Sons para auxiliar em diversas questões de segurança nacional que não podem ser discutidas – ele disse. Papai havia parado de sorrir, depois de sua primeira viagem à Polônia. Seus olhos haviam se tornando mais sinistros e estreitos, como se estivesse sendo assombrado por alguém ou alguma coisa.

Em meio século, desde que *Großvater* Rabun abrisse as portas de sua lojinha de maçonaria perto de Kamenz, a Jos. A. Rabun & Sons havia crescido e se transformado na poderosa Körperschaft, que escavou os modernos sistemas de saneamento de Dresden, pavimentou suas ruas e ergueu seus prédios. Nosso pequeno negócio de família se tornou a melhor empresa de engenharia civil e construção de toda a província saxônica, provendo muito bem a todas as nossas necessidades. Por essa razão, as exigências da empresa nunca foram motivo de ressentimento para a família. Tínhamos muito mais que a maioria – comida de sobra, belas roupas, dinheiro suficiente para comer fora, ir à ópera e viajar ao exterior mesmo em tempos de guerra. Vivíamos confortavelmente

na propriedade de meu avô, com sua imensa casa estilo chalé, o haras e os jardins refletindo seu amor pelos Alpes. Outros cidadãos menos afortunados da *Deutschland* haviam sacrificado muito mais.

Depois que papai partiu para a Polônia, encontrei minha melhor amiga, Katerine Schrieberg, em nosso local secreto da propriedade – um buraco na floresta, cercado por uma densa touceira de pinheiros e protegido por espinheiros e vinhas. Ela estava nervosa e pálida como sempre, seus dedos incessantemente esfregando todas as bênçãos que podiam ser extraídas do crucifixo de ouro que eu lhe dera, para que ela o mostrasse, se algum dia fosse parada pelos nazistas na floresta. Pude ver que minha impossibilidade de comparecer aos nossos três últimos encontros marcados a deixara muito preocupada. Quando lhe contei a triste notícia sobre Helmut, ela chorou como se tivesse sido um de seus próprios irmãos, tanto que me vi a consolá-la, em lugar do contrário. Claro que ela tinha afeição por Helmut e lamentava por mim. Porém, ela também chorava por sua família – pois, se os poderosos Rabun de Kamenz não estavam mais seguros, como isso deixava os enfraquecidos Schrieberg de Dresden? Ela me perguntou se eu voltaria com ela até sua casa e avidamente aceitei o convite, acolhendo a chance de escapar, nem que por um momento, da mortalha que recaía sobre a minha vida com a bomba de meia tonelada dos Aliados.

A casa onde os Schrieberg moravam não era uma casa de verdade. Era uma cabana de caça abandonada, construída por meu avô no fundo do imenso trecho de floresta que se estende de Kamenz até a fronteira com a Tchecoslováquia. Antes de fixar residência ali, os Schrieberg moravam numa bela casa, numa das melhores regiões de Dresden, e eram proprietários de vários teatros, dois dos quais, na verdade, haviam sido construídos pela Jos. A. Rabun & Sons. Katerine e eu éramos muito próximas. Tínhamos feito aulas de dança e violino juntas desde o ensino fundamental, e os pais dela e os meus eram membros das mesmas organizações cívicas e de caridade, até que os nazistas baniram judeus de tais posições.

Então, em 1942, os Schrieberg subitamente marcaram passagens para a Dinamarca, depois de aceitar a oferta generosa, apesar de

insultante, de vender seus teatros, sua casa e pertences ao meu tio Otto por 35 mil marcos alemães, em lugar de deixar que o governo tomasse tudo por nada. Eles tinham família na Dinamarca que concordou em abrigá-los, mas, quando se espalhou a notícia de que os nazistas estavam cercando os judeus em fuga, nas estações de trem, e colocando-os em vagões fechados rumo à Polônia, eles mudaram de planos e decidiram arriscar, ficar e se esconder. Katerine entrou em contato comigo, perguntando sobre a cabana de caça.

Às vezes, durante as noites quentes de verão, eu e ela dormíamos lá e conversávamos sobre os meninos com quem nos casaríamos. O local não era usado por minha família desde o começo da guerra, então concordei em deixar que sua família ficasse na cabana, e logo passei a fazer visitas discretas ao nosso ponto de encontro, levando cestos e, às vezes, pequenos carrinhos lotados de comida e suprimentos, sempre honrando os pedidos constantes que eles faziam de não dizer a ninguém sobre a existência deles – nem à minha mãe, nem a Helmut e, mais importante, nem ao meu pai ou meu tio Otto. Ninguém.

Jared Schrieberg, pai de Katerine, e seus irmãos menores, Seth e Jacob, eram laboriosos e imediatamente começaram a escavar um túnel embaixo da cabana, através do qual poderiam fugir, caso alguém se aproximasse. Ela me disse que eles ensaiavam a fuga duas vezes por dia, independentemente do clima, e podiam silenciosamente desaparecer sob as tábuas do piso em exatamente trinta segundos. Eles entravam e saíam por esse túnel, cozinhavam as refeições à noite para evitar chamar atenção pela fumaça do fogo, e faziam suas necessidades bem longe da cabana, para evitar até o cheiro de habitação. Era uma vida miserável e humilhante. Eu sentia pena deles, mas tais precauções se provaram desnecessárias. A ousadia de se esconder na propriedade de um oficial da Waffen-SS (organização na qual meu tio Otto aceitou um cargo) tornou a vida ali segura para eles, da forma como a vida é segura para alguns peixes tropicais que vivem em meio às letais anêmonas marinhas.

Quando Katerine contou aos pais a notícia sobre Helmut, eles ficaram com os olhos cheios de água e disseram que fariam o *shivah*

por ele, e me explicaram ser o ritual judaico de pesar. Em minha juventude e ignorância, entrei em pânico. Eu não queria que eles confundissem Deus com suas preces judaicas, para equivocadamente mandar Helmut ao céu judaico. Do jeito mais delicado que pude, implorei que eles não fizessem isso. Quando eles insistiram fiquei furiosa. Eu os ajudara, correndo um grande risco pessoal, e não toleraria a interferência deles em questões desse tipo. Meu pesar pelo meu irmão e meu ódio por seus assassinos invisíveis encontraram uma válvula de escape nos Schrieberg, e eu gritei com eles, alto o suficiente para lembrá-los de quem dependia a sobrevivência deles:

– *Sagen Sie nicht jüdische Gebete für meinen Bruder!*

A sala caiu em silêncio. Katerine olhava para o chão mordendo o lábio, enquanto *Frau* Schrieberg cravava as unhas no braço de Katerine. Seth e Jacob olhavam horrorizados para o pai, esperando que ele me punisse por minha impertinência, como frequentemente fazia com eles. No entanto, *Herr* Schrieberg apenas sorriu friamente para mim, revelando um brilho de ouro, através de sua barba e bigode grisalhos, involuntariamente contorcendo seu nariz comprido, exatamente como a caricatura de um judeu regularmente debochada no jornal alemão do dia. Como se rendesse uma arma escondida, ele cautelosamente tirou seu solidéu preto da cabeça careca e colocou o objeto flácido diante de mim, sobre a mesa surrada de madeira que, para a família, servia de sala de jantar, escrivaninha e altar. Os Schrieberg não faziam preces à alma do meu irmão. Retribuí o olhar fixo do velho e agradei, com uma boa dose de desaforo adolescente, tendo intimidado um adulto pela primeira vez. Ele não tinha opção. Fui embora sem dizer mais nenhuma palavra e corri por meio da floresta, lamentando ter recorrido a essa tática, mas inebriada por ter exercido minha vontade de forma tão forçosa e eficiente contra os mais velhos. A submissão dos Schrieberg à minha exigência fez com que eu me sentisse poderosa e, por um instante, em controle do mundo incontrollável à minha volta. Ao menos eu não tinha que viver como eles, como animais.

A pele tinha milagrosamente cicatrizado sozinha por cima da amputação, e as ataduras haviam sido removidas, mas, mesmo assim, eu me recusava a tocar ou ao menos olhar o coto do meu braço direito. Aquilo me apavorava. O dr. Farris, psicólogo designado a atender todos os amputados no Hospital Infantil, garante que isso é perfeitamente normal.

– Dei assistência a muita gente em sua situação, Brek – conta ele.
– Vítimas de fogos de artifício, de acidentes de carro e da zona rural, como você. A maioria reage da mesma forma. Acham que o que resta de seus braços e pernas são monstros prontos a tomarem o que resta de seus corpos, porém, você precisa se lembrar que esse é o mesmo braço com o qual você nasceu. Ele foi terrivelmente ferido e precisa de seu amor e compaixão. Você é tudo que ele tem. Pode fazer isso?

– Vou tentar, mas não é justo – eu choro.

O dr. Farris olha o relógio.

– Opa, acabou o tempo por hoje. Eu a verei na próxima semana, está bem? Acho que você está indo muito bem.

Encontro minha mãe lendo uma revista de moda na sala de espera.

– Pronto? – pergunta ela.

– Sim.

Luas está em pé no corredor do lado de fora do consultório do dr. Farris. Minha mãe não o vê. Ele sorri e estende sua mão esquerda, sem primeiro estender a direita, puxando-me de volta à sala de espera, em Shemaya.

– Graças a Deus você está de volta – diz Luas. – Sophia e eu estávamos começando a nos perguntar se você voltaria algum dia.

Olho ao redor da sala, atordoada e confusa pela inundação de imagens, emoções e personalidades rapidamente passando por mim. Bisa me traz uma xícara de chá e eu sento no sofá.

– Você tem passado um bocado de tempo com a sra. Rabun – diz Luas. – Ela levou uma vida interessante.

Deslizo a mão dentro da manga direita do meu robe de banho e traço os contornos familiares do meu braço: o bíceps encolhido e

atrofiado; a ponta óssea calcificada, como se fosse um coral por baixo de uma camada de pele que cobre o osso.

– Sim, sim, ela levou – digo.

– Os Schrieberg mentiram pra você, sabia? – diz Luas.

– Sobre o quê?

– Eles fizeram o *shivah* para Helmut.

Separar-me de Amina Rabun foi uma das coisas mais difíceis que eu fiz na vida – ou na morte. A história de Amina Rabun se transformou em *minha* história. Infelizmente, como acontece com muitas peças de teatro, a história dela foi uma tragédia.

Na tarde chuvosa de 23 de abril de 1945, uma patrulha soviética avançando ao sul, em direção a Praga, deparou-se com os Rabun de Kamenz. Era o dia do aniversário de dezoito anos de Amina.

Os Aliados dominavam Leipzig, a oeste, e os russos se concentravam ao longo do Oder, a leste, tornando a derrota da Alemanha inescapável. Friedrich, pai de Amina, e seu tio Otto, já tinham voltado a Berlim, com as tropas remanescentes de Hitler. No entanto, eles desaconselharam suas famílias a deixarem Kamenz, considerando que os russos só estavam interessados em Berlim, que os americanos logo tomariam Dresden, e que as forças armadas desses últimos eram preferíveis aos primeiros, por conta do tratamento que dispensavam aos civis. Particularmente, os Rabun também estavam preocupados com seus negócios e propriedades, que quase certamente seriam saqueados, caso abandonados – se não por soldados inimigos, então por seus próprios vizinhos alemães, que haviam sofrido tantas privações durante a última vitória desesperada de Hitler.

Ignorante da aproximação das forças russas, Amina acordou cedo naquele dia para começar a cozinhar para a festa, mas não antes de *Großvater* Hetzel, que acordara ainda mais cedo, para matar um porco e assá-lo num braseiro distante da longa garagem repleta de automóveis reluzentes da Daimler, pousados em toras de madeiras já que não havia combustível para fazê-los circular. Até o meio-dia, o delicioso aroma de porco, batata-doce, repolho e *Kuchen* fresco já

atizava a todos, principalmente as quatro crianças famintas de tia Helena, dois meninos e duas meninas, que passaram a manhã toda brincando de esconde-esconde, apesar de uma chuva leve e da mãe deles não querer preparar o habitual café da manhã substancioso, na expectativa do banquete.

Com sensibilidade ao efeito que a demonstração de prosperidade podia ter durante uma época tão difícil, apenas membros da família haviam sido convidados para a festa, dos quais, todos, com exceção dos que moravam nas terras próximas, lamentaram não poder comparecer, pela falta de transporte até a zona rural. Ficou então resolvido que as sobras seriam entregues aos mais famintos de Kamenz, através de uma doação anônima à catedral. Amina também planejou secretamente mandar uma porção escondida para os Schrieberg, que ultimamente desfrutavam de bem pouca carne e, tendo há muito abandonado as leis *kosher* na cabana, alegremente aceitariam sobras do porco.

Tudo transcorreu bem tarde adentro, com tudo e todos colaborando, exceto o clima. Mas até a chuva que vinha caindo desde a manhã foi gentil o suficiente para não se transformar em temporal até logo depois que *Großvater* Hetzel tirou o porco do braseiro. Crianças e adultos correram para dentro, tanto para ficarem secos quanto para desfrutarem do banquete. Eles se reuniram na sala de jantar formal, ao redor de uma mesa que havia sido posta com tudo de melhor, além de dois vasos de porcelana pintados à mão, transbordando de flores recém-colhidas dos jardins das cercanias. Ao fundo, um fonógrafo sussurrava Kreisler e Bach pelo ar. Presentes com papéis coloridos foram colocados perto do lugar de honra, na cabeceira da mesa, incluindo vários pacotes especialmente entregues para a aniversariante por um serviço de entrega da SS, vindos de Berlim.

A expectativa continuou até que, finalmente, com considerável cerimônia, o porco sorridente sobre uma enorme travessa de prata fez sua estreia, mediante aplausos vorazes. A cabeça e o corpo marrom do bicho permaneciam intactos, tranquilamente pousados numa camada de enfeites, como se estivesse adormecido ali. Antes de cortar a carne, foram feitos brindes com safras perfeitas de

Johannisberg Riesling à bela jovem Amina, depois aos cozinheiros do banquete, e finalmente ao regresso seguro de Friedrich e tio Otto, e ao breve fim da guerra. Em meio à conversa feliz, ao riso e à música, os festeiros não ouviram a aproximação da patrulha soviética. Eles não tiveram oportunidade de se defender ou de fugir.

Os soldados rapidamente entraram pelos três lados da propriedade e levaram todos para fora, na chuva. Depois de fazerem uma busca rápida, para verificarem se tinham capturado a todos, eles separaram *Herr* Hetzel e os meninos pequenos, de seis e doze anos, do grupo. Sem alerta ou hesitação, eles atiraram em todos, antes mesmo que pudessem protestar ou fazer uma prece, como se isso fosse uma simples rotina à qual os soldados presumiam que todos tivessem ensaiado. A mãe e a tia de Amina foram alvejadas em seguida, enquanto corriam para socorrê-los. Em pé, como estátuas num cemitério, ficaram Amina Rabun e duas primas estarecidas, Bette e Barratte, de oito e dez anos. As fisionomias das três garotas estavam petrificadas, como esculturas de terror, esperando pela próxima saraivada de tiros que as fizesse se juntar aos familiares mortos. No entanto, as meninas foram poupadas de tal destino.

Subitamente, dois tiros foram ouvidos na floresta atrás da casa, vindos da direção onde os Schrieberg viviam na cabana. Os soldados se abaixaram no chão e revidaram com suas armas automáticas. Amina e as primas continuavam imóveis no fogo cruzado, temendo até respirar. Então, tudo ficou em silêncio. À distância, do outro lado do campo, na direção de onde os dois tiros haviam sido disparados, Amina viu alguém que parecia ser um soldado americano, erguendo as mãos como se estivesse se rendendo. O comandante soviético mandou dois de seus homens abordarem o soldado, enquanto o restante do pelotão mantinha posição. Alguns minutos se passaram. Finalmente, Amina ouviu alguns gritos em russo, vindos da floresta, e o comandante gesticulando para que seus homens levantassem. Depois de mais alguns minutos, os dois soldados russos voltaram, um deles carregando uma simples espingarda de cano duplo, do tipo que Amina vira o pai usar em viagens de caça.

Rindo da fraqueza dessa ameaça, os soldados apresentaram o troféu ao comandante. O restante do pelotão logo se juntou ao riso

e aos vivas. Porém, em meio aos tapinhas nas costas e aos cumprimentos, como se a mesma ideia tivesse ocorrido a todos, as atenções lentamente se voltaram a Amina, Barratte e Bette, que ainda não tinham se mexido.

Os homens olhavam famintos das meninas para seu comandante, e de volta às meninas. Eles começaram a saudar cada vez mais alto, insistindo que o pedido fosse concedido. Amina instantaneamente soube o que eles queriam. O comandante olhou para as meninas, depois de volta para seus homens, e sacudiu a cabeça com uma reprovação debochada. Os vivas ficaram ainda mais frenéticos. Finalmente, como Pôncio Pilatos, o comandante deu as costas às garotas e lavou as mãos. Amina, Barratte e Bette foram arrastadas para quartos separados da casa, surradas e violentadas, repetidamente, ao longo da noite.

Ao amanhecer, o comandante da unidade ordenou que os homens seguissem adiante.

Amina cambaleou do quarto onde havia sido mantida presa, à procura das primas. Ela encontrou a mais velha, Barratte, confusa, machucada e sangrando, mas, graças a Deus, ainda viva. Já sabia que Bette, a mais nova, estava morta. Quando os russos bêbados e empanzinados permitiram que Amina usasse o banheiro, tarde da noite, ela escapou rapidamente ao quarto de Bette e encontrou seu corpo nu, frio e roxo, seu rosto quebrado e ensanguentado quase irreconhecível, por ela não ter obedecido às ordens dos russos para parar de chorar. Mesmo depois disso, Amina tinha ouvido os homens com Bette, pelo menos três vezes.

Chorei muito por Amina Rabun e sua família. Chorei ainda mais do que quando havia perdido meu braço. Vivi cada momento horripilante com ela. Acreditei que eu fosse morrer na agonia da alma de Amina Rabun, se morrer já morta fosse possível.

Passei longos períodos sozinha na varanda de bisa, pesarosa, convalescendo-me, tentando dar sentido ao que Amina Rabun havia vivenciado durante sua vida, e o que eu tinha vivido durante a

minha. Busquei significado em meio às estações conflitantes de Shemaya, que relutavam umas com as outras por espaço no céu abarrotado, como quádruplos dentro de um útero. Um ano inteiro de dias condensado num único momento da natureza, em rebelião contra o tempo. A macieira onde eu subia quando criança estendia seus galhos por todas as estações ao mesmo tempo: alguns galhos em flor, alguns folhosos, outros com maçãs verdes, outros nus pelo outono e inverno, como uma pintura inacabada. Sempre mudando, porém, sempre a mesma. Infinitamente, como as gerações humanas. Será que as árvores têm pesar pela perda de seus brotos de primavera ou ficam na expectativa de sua chegada?

Certo dia, bisa se juntou a mim na varanda.

– Você me disse que eu precisava descobrir por que fui apresentada a Amina Rabun, Toby Bowles e Tim Shelly.

– Sim – respondeu bisa. – Descobriu?

– Katerine Schrieberg, melhor amiga de Amina, se tornou mãe de Bo e minha sogra.

– Sim.

– Amina salvou Katerine dos nazistas. Sem Amina, Bo jamais teria existido, eu nunca o teria conhecido, e Sarah não teria nascido.

Bisa assentiu.

– Toby Bowles salvou Katerine dos nazistas. Sem ele, Bo jamais teria existido, eu nunca o teria conhecido, e Sarah não teria nascido.

Bisa assentiu novamente.

– Mas eu convenci Katerine a processar Amina e Barratte e recuperar sua herança.

– Sim, você fez isso – disse bisa.

– Eu não fazia ideia de que Amina e Barratte tivessem sido violentadas pelos soldados, ou que os soldados tivessem assassinado a família delas.

– Não, você não sabia.

– E Amina não soube que foi o pai de Katerine quem disparou contra os soldados, na floresta, ou que ele perdeu a vida tentando salvar a ela e sua família.

Bisa assentiu outra vez.

– As pessoas na Terra julgam umas às outras, sem saberem de todos os fatos – disse ela.

Pensei nisso, por um momento.

– Mas isso também acontece aqui em Shemaya – eu disse. – Não podemos ler os pensamentos das pessoas na Terra, mas aqui tudo está disponível e os casos ainda são decididos com apenas metade dos fatos. Nada mudou. Eu não compreendo. Qual é a desculpa de Deus?

Bisa afagou meu braço.

– Somente o Juiz pode responder a essa pergunta – disse ela. – Talvez os fatos de quem fez o que, e quando, se tornem irrelevantes quando é julgada a alma de uma pessoa.

Ficamos em silêncio por um momento, observando as estações se fundirem.

– Bo foi batizado em homenagem a Toby Bowles – eu disse. – Katerina perdeu o pedaço de papel com o nome dele, mas lembrava do som de seu sobrenome. Bowles, Boaz... Ela quase acertou.

– Sim, ela quase acertou – disse bisa.

– Mas eu ainda não sei por que fui apresentada a Tim Shelly. Não sei como ele se encaixa a tudo isso e não consigo me lembrar de como eu o conheço.

– Você vai saber quando estiver pronta, filha – disse bisa. – Quando você estiver pronta.

Alguns dias depois, Tim Shelly veio me visitar. Eu estava caminhando ao longo do Rio Brandywine, atrás da casa de bisa. Eu tinha feito uma fileira de bonecos de neve na margem do rio, nas faixas alternadas de inverno. Imponentes e resolutos, eles cuidavam de mim e do rio, fazendo-me companhia. Tim pulou de trás de um deles e me deu um susto muito grande. Eu sempre caminhava sozinha.

– Não se preocupe, eu não vou machucá-la – disse ele, debochando, como se tivesse exatamente essa intenção. Naquele instante, ele me lembrou Wally Miller, o provocador da minha

infância que tinha matado o lagostim e a quem eu dera um soco na boca depois que ele me jogou no chão. Achei que talvez fosse assim que eu o conhecesse, talvez ele estivesse usando um nome diferente.

– Você não é Wally Miller, é? – perguntei.

– Não – disse Tim. – Quem é ele? – Ele pareceu realmente intrigado.

– Deixa pra lá. Não importa.

Continuei caminhando pela margem do rio e Tim me seguiu. Ele parou de agir de forma ameaçadora e começou a falar da mãe. Sentia uma falta terrível dela. Disse que ela não andava bem desde que o pai e ele morreram, e ele se preocupava com a forma como ela estaria encarando a morte dele. Eles eram agricultores, cultivavam cogumelos e tinham perdido a fazenda, único meio de vida, após a morte do pai. Ele disse que sua mãe era velha demais para conseguir um emprego. Tim era tudo que lhe restava e agora ele também se fora. Como ela sobreviveria?

Paramos de caminhar, numa faixa de primavera, num canteiro de narcisos onde uma árvore imensa pendia para fora do rio, desafiando a gravidade. Naquele momento, Tim pareceu vulnerável como um menininho perdido. Senti pena dele.

– Alguma vez você deseja poder voltar a ver seu marido e sua filha?

– Sempre – respondi. As lágrimas brotaram em meus olhos, como acontecia toda vez que eu pensava em Bo e Sarah. – Sinto tanta falta deles que alguns dias nem consigo sair da cama. Não tenho fotografias nem cartas, nada que as pessoas vivas têm. Eu daria qualquer coisa para vê-los novamente.

– Sinto muita falta da minha mãe – disse Tim. – Quando cheguei aqui meu pai me falou que não podemos voltar. Não podemos ver os vivos ou nos comunicarmos com eles.

– Eu sei. Minha bisavó me disse a mesma coisa.

Tim arrancou alguns pedaços do tronco da árvore e jogou no rio. Eles flutuaram como barquinhos na correnteza.

– Você está bem? – perguntei.

– Sim, tudo bem.

Mas agora ele parecia nervoso, como se estivesse escondendo algo.

– Tem certeza?

– Sim, só que...

– O quê?

– Só que eu vi. Outro dia, eu a vi. Vi minha mãe. Voltei e visitei os vivos.

– Devo levá-la até eles?

Elymas apareceu, conforme Tim Shelly disse que apareceria, durante um momento de desespero, quando seguir em frente parecia tão impossível quanto voltar atrás. Esse momento chegou quando eu estava na cadeira de balanço no quarto de Sarah. Eu não ia em casa desde que minha última visita, para refutar minha mortalidade, acabou por confirmar o contrário. Minha casa me provocava da forma como um cassino provoca um jogador, atraindo os olhos e a mente a um mundo que oferecia prazer e esperança, mas que provia apenas dor e decepção. Tim também regressara inúmeras vezes à fazenda de cogumelos de sua família, que estava tão deserta quanto o quarto de Sarah. Isso tornou a súbita aparição de Elymas muito surpreendente e bem-vinda.

Elymas era mais velho que Luas e bem pior conservado. Seu corpo murcho flutuava dentro de uma calça xadrez verde que embolava nos tornozelos e tinha o cós alto, quase no peito, presa ali por um cinto marrom mofado. Uma camisa amarela manchada de comida pendia sobre seus ombros estreitos, com os botões abotoados com casas trocadas, fazendo com que o lado esquerdo de seu corpo parecesse mais alto que o direito. Ele tinha um rosto tipo de espiga de milho e, para se equilibrar, usava uma bengala com quatro pés de borracha. Era completamente cego. Seus olhos tinham um brilho vitrificado, branco e aterrador.

– Devo levá-la até eles? – ele voltou a perguntar, parado na porta do quarto de Sarah, vulnerável e frágil demais para ter feito uma promessa tão imensa e impossível. Uma brisa leve poderia erguer seu corpo, como um pedaço de papel, e levá-lo embora.

Eu tinha chorado, lamentando a perda da minha filha e da minha vida.

– Mas dizem que é impossível...

– Você não ouviu atentamente – disse Elymas. – Eles disseram que não é possível dirigir o movimento da consciência de reino em reino. Não disseram nada sobre você interagir com isso. Devo levá-la ao seu marido e sua filha?

– Mas...

O velho bateu a bengala violentamente no chão.

– Não me questione! Muitos esperam por meus serviços. Você precisa me dizer agora se deseja vê-los.

– Sim, sim, desesperadamente.

– Então, abra sua mente para mim, Brek Abigail Cuttler. Abra sua mente e você os verá.

Os olhos do velho se dilataram até que tomaram seu rosto inteiro, de dentro para fora, depois me consumiram. Senti um movimento súbito na escuridão dos olhos dele, como se estivesse sendo arrastada pelo espaço. Dois pequenos pontos de luz surgiram à distância, de direções opostas, cada um emitindo um brilho suave, como chamas de duas velas trazidas de lados diferentes de uma sala, aumentando à medida que eu me aproximava. Subitamente, as formas de Sarah e Bo emergiram, junto com Macy, nossa cadela, latindo aos pés deles! E ao redor deles um imenso céu azul, o contorno de árvores e álamos, um balanço, um escorregador, um carrinho de bebê. O *playground* próximo de nossa casa! Eu não podia acreditar em meus olhos!

Sarah veio andando com seus passinhos incertos em minha direção. Eu a peguei no ar, segurei com força, mergulhando o nariz em seus cabelos, tragando seu cheiro adocicado. Ela se agarrou ao meu pescoço e apertou seu rosto junto ao meu. Minhas lágrimas escorriam pelo rosto dela. Então, os braços fortes de Bo abraçaram a nós duas. Senti sua barba de sábado, por fazer, junto ao meu pescoço e senti o cheiro limpo de suas costas suadas ao voltar da longa corrida pela cidade, passando pela faculdade, até o *playground*. Ele estava com seu *short* azul desbotado e uma

camiseta com um grande "IO" desenhado atrás. Macy gemeu e pulou no ar para chamar minha atenção.

– Sinto tanto a sua falta – Bo sussurrou. – Às vezes, acho que não consigo seguir em frente.

– Eu sei – sussurrei –, eu também.

Virei meu rosto para ele. Nós nos beijamos, olhamos nos olhos um do outro e demos outro beijo, mais demorado e profundo. Sarah se remexeu para se soltar e voltar ao balanço. Bo e eu trocamos sorrisos desapontados, mas felizes. Ele a prendeu na cadeirinha do balanço e nós assumimos posições, na frente e atrás, para empurrá-la, seu rosto chegando a centímetros do nosso, enquanto ela gritava de alegria. Bo a vestira com o macacão jeans e tênis, que eram meus prediletos, e prendera seu cabelinho num lindo rabo de cavalo no alto da cabeça.

Enquanto Sarah voava pelo ar, reconheci meus próprios traços em seu rosto – meu queixo e bochechas com covinhas, meu nariz pequeno e olhos amendoados – e, atrás deles, uma linha de ancestrais – os Bellini, Cuttler, Wolfson, Schrieberg e outros nomes de família já esquecidos –, marchando de volta na história e no tempo, esperando ali, para se apresentar à próxima geração. Essa menininha sustentava suas lembranças, mantendo vivos as esperanças e os sonhos deles. *E os meus também.*

Bo e eu conversamos, nossas vozes acima do riso de Sarah e do ranger das correntes do balanço. Ele disse que minha morte foi muito difícil para ele e que havia acabado de voltar ao trabalho pela primeira vez. Então, sua mãe ficou em nossa casa por algumas semanas para ajudar, até que ele se acostumasse a cuidar de Sarah sozinho. Ele havia colocado a casa à venda, pois as lembranças eram muito dolorosas, e estava procurando um emprego numa das estações de televisão de Nova York, para ficar mais próximo à sua família. Mas insistiu que eles estavam bem. O trabalho ajudava a manter sua mente ocupada, e agora Sarah só acordava duas vezes à noite, procurando a mamãe. Ele mandou consertar o telhado e a centrífuga de lixo. Bill Gwynne, da minha empresa, tinha ligado para ele para oferecer toda ajuda que pudesse com meu inventário, o que foi gentil de sua parte. Meus pais ligavam, uma ou duas vezes por

semana, mas as conversas não duravam muito e eram repletas de embaraçosos intervalos de silêncio. Karen veio conversar e deixou alguns livros sobre o luto, que, às vezes, ajudavam.

Tentei organizar meus pensamentos. Havia tanto a dizer – não sobre o que me acontecera desde minha morte, mas sobre o que eu queria para o futuro deles. Bo parecia tão forte e bonito, ali em pé de *shorts* e camiseta, tão determinado e decidido, no entanto, tão ferido e vulnerável. Apaixonei-me novamente por ele, mais profundamente que antes. Eu queria lhe dizer isso e dizer a Sarah o quanto ela deveria se sentir orgulhosa de seu papai. Queria dizer a ela o quanto eu gostaria que ela fosse como ele. E como eu. Queria que ela me conhecesse – quem eu havia sido, como eu me tornara quem eu era, as experiências a guardar com carinho, os erros a evitar. Eu queria que ela vivesse a vida ao máximo, porque eu não pude fazê-lo. Porém, conforme eu me esforçava para dizer essas palavras, a cor subitamente começou a sumir de seus rostos, assim como o verde da grama e o azul do céu. Eles estavam desaparecendo.

– Não! Não! – gritei. – Bo! Sarah!

– Nós te amamos! – Bo gritou. – Te amamos para sempre...

Então, eles desapareceram.

Eu estava de volta ao quarto de Sarah. Elymas estava em pé na porta. Disparei em sua direção.

– Leve-me de volta! Por favor, por favor, é cedo demais. Por favor, leve-me de volta.

Um sorriso banguela se abriu no rosto do velho.

– Mas é claro – ele disse, condescendente. – Nós voltaremos, Brek Abigail Cuttler. Quando for a hora. Quando for a hora.

– Não, me leve de volta agora!

Ele virou em direção à escada.

– Isso não é possível.

– Espere. Por favor, não me deixe.

Ele resmungou para que eu o seguisse. Usando a bengala para sentir o caminho, ele lentamente desceu a escada. Quando finalmente chegamos lá embaixo, ele disse:

– Ouça com muito cuidado, Brek Cuttler. Voltar ou não a ver seu marido e filha, cabe a você. Mas saiba que há motivos para que lhe digam o contrário. Luas está preocupado com sua eficiência como representante. Ele acredita que você deve dedicar seus esforços ao Tribunal e teme que você gaste tempo demais com sua família e que isso possa afetar seu trabalho. Sophia teme que você não consiga se adaptar à sua morte a menos que abra mão de seus entes queridos. Para eles, era mais fácil lhe dizer que o contato não é possível. Você compreende?

Não, eu não compreendia. Estava furiosa.

– Não compartilho do ponto de vista deles – disse Elymas. – Não presumo determinar o que é melhor para os outros. A escolha é sua, da mesma forma que eles foram livres para escolher. Só venho lhe apresentar possibilidades. Não critico suas decisões. Agora preciso ir andando.

– Espere, por favor. Quero vê-los novamente.

– Sim – disse Elymas. – Tenho certeza disso. Mas você precisa entender que, quando Luas e Sophia descobrirem sua decisão, eles ficarão zangados. Eles até mesmo negarão essa possibilidade e farão tudo que estiver ao alcance deles para convencê-la disso. Eles lhe dirão que é tudo uma ilusão e vão me caluniar, alegando que não passo de um feiticeiro e falso profeta. Podem até ameaçar sua posição como representante e insistir que você deixe Shemaya.

– Não me importa. Só quero ver meu marido e minha filha.

O sorriso banguela surgiu de novo no rosto do homem cego.

– Nós só os visitamos quando eles sonham – ele disse. – Tenha paciência, Brek Cuttler. Eles estarão lá quando você decidir. Pense sobre o que lhe falei.

Então, Elymas bateu a bengala três vezes no chão da varanda e sumiu.

TERCEIRA PARTE

19

A Prefeitura de Buffalo, em Nova York, é uma estrutura de trinta e dois andares na margem leste do Lago Erie, como uma fragata *art déco* fazendo uma parada no porto. Seu imenso pináculo é tão proeminente que os pilotos do lago, navegando em suas barcaças abarrotadas de grãos e minério do Meio Oeste, o utilizam para avaliar seus itinerários a trinta quilômetros de distância. No entanto, é outro tipo de avaliação que sucede dentro da robusta torre de escritórios.

Como uma piada de mau gosto, tanto o cartório de matrimônios quanto o de divórcios são situados adjacentes um ao outro, no terceiro andar do prédio, gerando comentários sobre a instabilidade do casamento, ou talvez, mais benignamente, apenas ofertando a conveniência de uma parada só às pessoas entrando e saindo do relacionamento voluntário mais importante da vida. A ironia desse posicionamento curioso de serviços governamentais não passa despercebida por Amina Rabun Meinert, quando ela atravessa as portas do primeiro, que visitara pela primeira vez quatro anos antes, aos vinte e dois anos, com seu noivo, e agora cruza as portas do segundo, onde pretende se livrar dele. O *toc toc* de seus saltos ecoa no teto alto e avisa seu regresso, despertando o atendente sonolento. Ele nega a Amina a entrada no tribunal porque, no momento, a corte está em sessão fechada – algo sobre abuso de menor e confidencialidade. Ele explica que o processo Meinert *versus* Meinert só será chamado a partir das dez e meia. E, não, seu advogado ainda não se apresentara.

– Quando o tempo está bom – diz o balconista, tentando ser útil –, as pessoas vão até o deque de observação, para esperar.

E o tempo está, de fato, surpreendentemente bom para começo de março. Uma massa confusa de ar quente se aproximou da costa, abençoando as cidades até o norte de Montreal com três dias seguidos de temperaturas de 15°C.

– Onde fica o deque de observação? – pergunta Amina, em seu inglês falhado, com forte sotaque alemão.

O atendente parece intrigado, por um momento.

– No telhado – ele diz, apontando acima. – Pode-se ver o lago do alto do prédio. Pegue o elevador até o 25º andar, depois suba mais três lances de escada até o deque.

– *Danke* – diz ela. – Quer dizer, obrigada.

Amina enfia a bolsa embaixo do braço e caminha de volta pelo corredor, passa pelo cartório matrimonial e entra no banheiro para checar sua maquiagem. O reflexo é tranquilizador.

George ficará bem, ela diz a si mesma. Ele compreende. Você não pode ficar com ele desse jeito, ou com homem algum. Você incentivou a procurar outras mulheres, o que foi generoso. E você o agradeceu, dando-lhe dinheiro para estabelecer um negócio. Você não lhe deve nada. Está fazendo a coisa certa.

Amina retoca o batom.

Mas você o viu chorar e não sabia que homens podiam chorar.

Esse pedido vem de outro lado de Amina Rabun, da Amina Zelosa, que consolou Barratte sussurrando cantigas de ninar, depois que os soldados russos deixaram a casa, em Kamenz. A Amina Zelosa fez poucas aparições e sempre foi meiga e suplicante. A Amina Sobrevivente – o lado dominante de Amina – detestava a Amina Zelosa.

Foi a Amina Sobrevivente que carregou Barratte por oito quilômetros até o hospital, em Kamenz, depois voltou à mansão para enterrar a mãe, o avô, a tia e os primos. Um mês depois, a Amina Sobrevivente identificou os corpos ensanguentados do pai e do tio, num necrotério em Berlim, e os enterrou também. Amina Sobrevivente também localizou o conselheiro de confiança do pai, Hanz Stössel, advogado suíço que, segundo as instruções de Amina,

em troca de vinte por cento, fez a liquidação da Jos. A. Rabun & Sons, A.G., e de toda a fortuna Rabun – propriedades, equipamentos, automóveis, coleções de arte, ouro e a casa e teatros dos Schrieberg – e passou a fortuna a uma conta secreta em um banco suíço. Foi a Amina Sobrevivente que mais tarde subornou oficiais russos para deixar que ela e Barratte embarcassem em um trem puxado por uma locomotiva da zona soviética, saindo de Berlim em 13 de maio de 1949, um dia depois que o bloqueio militar foi retirado. E foi a Amina Sobrevivente, não a Amina Zelosa, que seduziu o Capitão George Meinert, do exército dos EUA, a uma cama do Hotel Heidelberg, e depois a um navio transatlântico, com Barratte e, finalmente, ao cartório do terceiro andar da Prefeitura de Buffalo, em Nova York.

No entanto, agora, no espelho diante do qual Amina passa maquiagem, surgem os ombros e braços marrons de outro homem. Ele usa um capacete com a estrela vermelha do exército russo e não tem rosto. Amina Rabun conhece esse homem muito bem. Ela vem vivendo com ele de modo adúltero há anos, e ele a acompanha, aonde quer que ela vá. Ele é um homem ciumento e rude, mas há muito tempo ela desistiu de fugir dele, e se acostumara à sua presença e exigências. Ela conseguia enganá-lo, mas só por breves períodos.

Sim, você está fazendo a coisa certa, diz a Amina Sobrevivente. Você está fazendo o certo por George e Barratte, por Bette e sua mãe, por seu avô, sua tia, seu pai e seu tio. Por todos os Hetzel e Rabun. Você não vai traí-los.

Do deque de observação no topo do prédio da Prefeitura, Amina Rabun olha a vastidão branca ofuscante que é o Lago Erie no fim do inverno, sob um céu sem nuvens. O degelo súbito trazido pela onda de ar quente fez com que a espessa crosta de gelo e neve sobre o lago se deslocasse, lançando imensas massas de gelo que desciam pelo Rio Niágara, indo de encontro aos pilares maciços de concreto da ponte, a Peace Bridge, entre os Estados Unidos e o Canadá. Se o

gelo se recusa a quebrar e descer o rio, em breve a Guarda Costeira irá detonar explosivos para limpar a obstrução. Amina vê homens com cordas amarradas ao redor de suas cinturas caminhando pelos blocos flutuantes, prendendo longas estacas nas frestas, para soltá-las.

Dois homens estão no deque de observação, do lado oposto a Amina, fumando cigarros. Os rostos dos homens estão nas sombras, mas o sol bate em cima do chapéu do mais alto, transformando-o numa tocha de flanela cinza. Os homens parecem animados em sua discussão. Um deles aponta para um jornal dobrado ao meio, no beiral. Amina se aproxima.

– Até logo, camarada – Amina ouve o maior dizer, jogando o cigarro por cima do parapeito.

Amina fica surpresa por esse termo, *camarada*. É uma palavra usada somente por comunistas. Subitamente, a reunião parece clandestina e perigosa. Talvez ela tenha se deparado com espões.

– Sim, já vai tarde – diz o menor.

Ambos riem e viram para dentro, ao elevador.

Amina pega o jornal. A data da capa é 6 de março de 1953. É a edição matinal do *Buffalo Courier-Express*, e a manchete diz “Stalin Morto”. Uma fotografia preto e branco aparentemente benévola do ditador encara Amina. Ela sorri diante da notícia de sua morte. Mas seu sorriso rapidamente some quando ela descobre a causa.

Um infarto no meio da noite? Para o líder das tropas que destruíram minha família e minha nação? Deveria ter sido uma bala. Mil balas. Ele deveria ter tido a morte mais lenta e mais dolorosa da história do mundo. Mas a notícia é igualmente boa. Muito boa. E o ar está claro e quente, o céu está azul, o sol radiante, o dia esperançoso. A morte de Stalin é certamente para me emancipar dos pesadelos, e vinte cinco andares abaixo, em breve, um juiz irá me emancipar da extenuação de um casamento por conveniência.

E aqui está uma coincidência interessante, pensa Amina. Duas semanas antes, George lhe pedira para acompanhá-lo à Missa de Quarta-feira de Cinzas. Ela concordara, mas ainda não tinha entendido o porquê. Haveria uma ligação entre a morte do mal e uma mudança do destino? Certamente, essa mudança havia sido

esperada. Amina não entrava numa igreja desde o funeral de seu pai, e nenhuma vez com George, o que o deixava ainda mais amargo. George Meinert queria todas as armadilhas de uma família, incluindo sua bela esposa sentada num banco ao seu lado todo domingo, na igreja onde ele havia sido batizado. Amina lhe negava não somente as intimidades físicas de um casamento, mas também esses pedacinhos de relacionamento e respeito.

No entanto, por alguma estranha razão, na terça-feira, véspera de Quarta-feira de Cinzas, apenas duas semanas antes que o divórcio dos dois fosse concluído, Amina cedeu. Seria, talvez, como um pedido de desculpas pelas vezes que sua ausência causara tanta dor em George? Talvez para refutar a convicção dele de que ajoelhar diante de um altar pudesse torná-la uma pessoa diferente e salvar o casamento? Ou, talvez, será que ela teria começado a perdoar Deus, por tudo que dera errado?

Mas a Quarta-feira de Cinzas tinha uma liturgia muito estranha, a mais primitiva e sinistra de todos os dias santos cristãos. O quão aterrador ela achou um padre sussurrar “Lembra: do pó viestes, ao pó retornarás”. E, depois, para se certificar de que essa mensagem sombria não fosse esquecida tão cedo, sentir seu polegar coberto das cinzas das vitórias do ano anterior, pintando uma horrenda cruz negra em sua testa, como um distintivo de mortificação.

Mas, para surpresa de Amina, um milagre aconteceu durante a missa. Ela ouvira uma mensagem muito mais subversiva naquela tarde do que jamais ouvira numa igreja.

“Em tempos antigos”, o padre dissera, durante o sermão, “a Quaresma era observada como uma época em que pecadores e criminosos notórios que haviam sido excluídos da igreja eram reconciliados com a congregação e com Deus”.

Conforme o padre dizia essas palavras, Amina acreditava ter ouvido, de fato, os gritos de todos os penitentes ousando pedir perdão, e o choro de alegria, quando mãos foram estendidas em vez de punhos fechados. Naquele exato instante, Amina Rabun Meinert se perguntou se isso é o que o cristianismo ofertava ao mundo – não marcos sagrados e palavras secretas, mas a reconciliação.

Na Quarta-feira de Cinzas de 1953, Amina Rabun Meinert aceitou essa oferta impossível – em nome de si mesma, sim, porém, mais importante para ela, em nome de seu pai e tio, cujos pecados cometidos durante a guerra foram inconfessáveis e não podiam pedir perdão. Realmente, naquela milagrosa Quarta-feira de Cinzas, Amina Rabun buscou o perdão para todas as coisas feitas e deixadas por fazer. E por esse ato de arrependimento, ela esperava de Deus nada além do fim da punição de sua família. Pois havia muito ela acreditava que os assassinatos e estupros em Kamenz foram uma punição pelos pecados de seu pai e de seu tio.

Agora, Amina olha novamente para o jornal, depois, à vasta expansão cintilante do lago. O ar fresco e a promessa da chegada da primavera enchem seus pulmões. Ela sorri por dentro. Sim, a morte de Joseph Stalin era um símbolo tão bom do novo pacto com Deus quanto os bilhões de minúsculos arcos-íris lacrados nos cristais de gelo, na superfície congelada do Lago Erie.

Quando o Alto Consultor Jurídico de Shemaya julgou que eu já tinha passado tempo suficiente digerindo a vida de Amina Rabun, ele me chamou de volta em seu escritório no corredor infinito. O corredor parecia ainda mais melancólico e institucional do que em minha primeira visita – como um posto do Detran para almas. Imaginei que Luas fosse o tecnocrata-chefe, embora, depois de tudo que eu já tinha visto em Shemaya, começasse a me perguntar se o burocrata, ou a burocracia, estariam corrompidos.

Eu estava furiosa com Luas, por não ter me informado sobre Elymas e a possibilidade de ver Bo e Sarah. Ele sabia que eu teria ido, é claro, como sabia de tudo a meu respeito, sem que eu dissesse uma palavra. Eu estava na expectativa da repreensão que Elymas mencionara, mas, em vez disso, Luas sorriu benévolo de sua mesa e disse:

– Então, como devemos apresentar a sra. Rabun?

Nós dois estávamos no mesmo jogo de evasão.

– Exatamente como ela é – respondi.

– Naturalmente – disse ele. Ele estava vestindo as mesmas roupas, casaco e calça esporte, e uma camisa de colarinho aberto que usara quando me encontrou sangrando e nua, na estação de trem. Eu estava de jeans, camiseta e tênis – o que geralmente vestia quando ia ao escritório no fim de semana para pôr a papelada em dia. Ele se balançou para trás, na cadeira. Três filetes de fumaça se ergueram de duas velas na mesa e do cachimbo que ele segurava com a mão esquerda.

– Mas que parte dela? – ele perguntou. – Não podemos reprisar todos os momentos de sua vida. Isso não teria propósito. Nosso

papel como advogados é mais seletivo. Nós precisamos apresentar as escolhas que ela fez.

Escolhas. A mesma palavra que Haissem havia usado no Tribunal para começar a apresentação de Toby Bowles: “Ele escolheu!”. Escolheu o quê? Esperar numa estação de trem com milhares de outras almas, enquanto burocratas trabalham nos algoritmos de suas eternidades?

– Que escolhas são essas? – perguntei.

– As escolhas que Javé prometeu a Noé que ele teria que fazer – respondeu Luas, segurando o cachimbo entre os dentes e falando através deles. Ele estava obcecado com Noé e o Grande Dilúvio. Todas as suas metáforas sempre acabavam ali.

– Você chegou aqui depois de se afogar? – perguntei, com um sorrisinho presunçoso.

– Não. Na verdade, fui decapitado.

Eu o olhei, cética.

– Você parece ter cabeça – eu disse.

Luas sorriu.

– Sim, bem, você a coloca aí, portanto, acho que tenho. Porém, durante minha vida, eu não era nada parecido como você me vê agora. Não há corpos em Shemaya, Brek, só pensamentos. Você tem liberdade para me vestir da forma como quiser. Quando sua ideia de mim como uma combinação dos mentores que você respeitava durante sua vida já não mais lhe servir, minha aparência irá mudar. – Esse lembrete da forma irreversível de minha morte era doloroso. Na maior parte do tempo, Shemaya parecia a vida, um lugar do tipo a Disney World, cheio de maravilhas e surpresas; e, às vezes, terror, porém, era a vida, ainda assim. A ideia de que nada disso era real – as velas, a escrivãzinha, o escritório, a estação de trem, até nossos corpos – não era difícil de compreender, mas profundamente desconcertante para aceitar.

– Como aconteceu? – perguntei, preferindo discutir a morte de Luas em lugar da minha. – Quer dizer, como você foi decapitado? Você sofreu um acidente?

Pensativo, Luas trouxe seu cachimbo.

– É preciso começar pelo começo, para responder tal pergunta. Por que Javé prometeu não destruir a Terra, depois de ter acabado de destruí-la?

Como eu disse, ele era obcecado.

– Acho que nós já passamos por isso quando cheguei aqui – eu o adverti.

– Passamos...? Ah, sim, você tem razão. Desculpe. Confundi você com outra nova representante. Então, vamos continuar de onde paramos. E se Noé tivesse desobedecido?

– Isso já foi perguntado e respondido, meritíssimo – eu disse, impaciente, evocando minha experiência de tribunal, para proteger as testemunhas de serem assediadas.

– Ele teria sido morto com os outros – disse Luas, respondendo à sua própria pergunta. – O preço da desobediência era excepcionalmente alto, não acha?

– Bem, a pena de morte é a punição máxima – eu disse. Estava de mau humor e queria que ele soubesse que eu estava aborrecida.

– Mas essa foi a pena máxima de morte, Brek. Não somente a vida de Noé, mas as vidas de sua família e de toda a raça humana. Do reino animal também. Desobediência significava o fim de tudo, não apenas de Noé. O risco não poderia ter sido maior.

– Você só fala em escolhas. Que escolha Noé tinha? Construir uma arca ou todos morrerem? As pessoas o tornaram um herói, por fazer o que Deus quis. Porém, ele tinha a maior arma do mundo contra a própria cabeça. Quem não teria construído uma arca? Ele só estava fazendo o que qualquer outro teria feito para salvar o próprio pescoço.

Luas colocou o cachimbo no cinzeiro sobre a mesa e se levantou.

– Precisamente. Agora estamos chegando a algum lugar – disse ele. – Então, como devemos apresentar o caso da sra. Rabun?

– Precisamente *o quê?* – perguntei.

– Qual foi a primeira coisa que Noé fez, depois do Dilúvio?

– Não sei.

– Ele fez uma fogueira em oferenda.

Eu dei de ombros.

– Se você está dizendo...

– Isso é o que diz a Bíblia – respondeu Luas. – Por que fazer uma fogueira em oferenda?

– Eu não sei... como agradecimento?

Luas começou a andar pela sala.

– Correto, e o que essa oferenda valia?

– Acho que o mesmo que todas as oferendas valem.

– É mesmo? – disse Luas. – Esse homem, Noé, tinha acabado de testemunhar o assassinato de milhões de pessoas e animais. Conforme você disse sobre a construção da arca, quem não teria ficado grato por ter sido poupado, afinal? Mas veja através da perspectiva de Deus, Brek. O que Deus realmente queria nisso tudo?

Boa pergunta. O que Deus realmente queria? Por que se incomodaria conosco?

– Respeito, eu acho – eu disse, finalmente. – Respeito. Amor. As mesmas coisas que todos querem.

– Precisamente. Então, o que surgiu da fogueira em oferenda de Noé? Respeito e amor? Ou outra coisa? O odor do medo, talvez? O medo do momento da morte e da aniquilação...

– Mas...

– Ao longo do tempo, a tendência sempre foi ler a história do Grande Dilúvio sob a perspectiva da humanidade, da perspectiva do acusado: a queda do *homem*, a destruição do *homem*, a obediência de *um homem*, a libertação de *um homem*, a ação de graças de *um homem*, a garantia de sobrevivência da *humanidade*. No entanto, talvez a história seja contada não para que nós entendamos a condição do homem, que conhecemos tão bem. Talvez ela seja contada para que entendamos a condição de *Deus*. Noé construiu a arca porque o preço da desobediência era intolerável. Ele ofertou o sacrifício porque queria tranquilizar a Deus. Não fez essas coisas por amor a Deus. Não que nós devamos criticar Noé... ele fez exatamente o que lhe cabia fazer. Mas se olharmos mais atentamente, veremos que foi a própria divindade, emaranhada na maior de todas as ironias, que rebaixou seus gestos, profanando tanto a obediência de Noé quanto seu sacrifício. A história de Noé é a história da necessidade de Deus para o homem, Brek, não da necessidade do homem para Deus. Isso também explica por que,

pelo anseio divino, a possibilidade do mal deva ser permitida para que haja a possibilidade do amor. Isso explica por que uma serpente habitava o Jardim, no começo dos tempos, e por que ela continuará a se enrolar ao redor de nossos pés, até o fim dos tempos.

– Não compreendo.

– Olhe – disse Luas –, o que mudou nesses quarenta dias foi a própria essência do relacionamento de Deus com o homem, não o relacionamento do homem com Deus. Deus mudou *Seus* modos. Nós não mudamos os nossos. Pense nisso. A humanidade pagou um preço terrível, mas nós seguimos em frente. Javé reconheceu o problema instantaneamente, no momento em que a água baixou e o fogo sacrificial foi aceso. Ao punir o homem por desobedecer e se afastar, o Dilúvio tinha destruído o próprio amor. É essencial que você entenda isso, Brek. Para que o verdadeiro amor exista, a opção de não amar também precisa existir. Quando o amor é exigido e extorquido, ele passa a ser medo, e o medo é o oposto do amor.

– Então, Javé tinha uma *escolha* decisiva. Ele podia aceitar a possibilidade do pecado para alcançar a grande recompensa do amor ou poderia suportar os falsos louvores das criaturas aterrorizadas demais para fazer qualquer outra coisa. Ele optou pelo primeiro, dando à humanidade a liberdade de escolher. Nosso entendimento desse ato é tão crítico que Deus selecionou a refração da luz do sol, em inúmeras cores de um arco-íris, como o símbolo eterno de nossa liberdade de seguir muitos caminhos distintos. Não importa quanto nos desviemos do caminho, não importa quanto possa doer... para Deus e para nós.

Luas voltou à sua cadeira, atrás da mesa.

– Todos nós somos herdeiros dessa promessa, Brek. Todos nós, incluindo Amina Rabun. Só que essa promessa é tanto uma dádiva quanto uma maldição. Com o livre-arbítrio vem a responsabilidade das escolhas. O Tribunal é o lugar onde essas escolhas e responsabilidades são avaliadas. Portanto, volto a lhe perguntar: como devemos apresentar o caso de Amina Rabun?

Elymas está sentado na cadeira de balanço no quarto de Sarah, se impulsionando com a bengala apoiada no canto do berço dela. Ele está me esperando. Tomei minha decisão. Preciso voltar a ver Bo e Sarah. O sorriso banguela do velho surge quando ele me ouve entrar. Estou ali para ver meu marido e minha filha, mas a sensação é de que é algo sombrio, como uma compra de drogas.

– Devo levá-la? – pergunta.

– Sim.

Os olhos de Elymas se arregalam e eu desapareço dentro deles. Dessa vez, surjo em um cemitério rural, numa colina perto da Montanha Bald Eagle. Eu já tinha estado ali várias vezes. Esse é o cemitério perto da fazenda do meu avô, onde os Cuttler sepultam seus mortos. É um lugar bonito. E triste. O sol desse dia está quente e radiante, porém, os túmulos não sentem seu calor. Um réquiem de carvalhos vermelhos envolve quem dorme ali, uma membrana finíssima de clorofila demonstrando o fácil domínio da escuridão sobre a luz. Mas as sombras se movendo sob as folhas parecem ser de uma escuridão diferente e de uma luz diferente. Elas tremulam sobre as lápides e dançam pelo gramado, sem relação com o balanço das árvores ou o movimento das bandeirinhas do memorial.

Ao final de uma fileira de sepulturas bem mantidas, há um homem de cinquenta e poucos anos, ajoelhado. Seus cabelos estão ficando ralos e seu corpo vem engordando. Ele me lembra Aaron, pai de Bo, logo que fui apresentada a ele quando arrancava as ervas daninhas do jardim atrás da casa deles. O homem no cemitério me ouve chegando pela grama e fica de pé. Em sua mão direita, ele segura uma xícara de prata e, na esquerda, seu solidéu preto. A xícara cai quando ele me vê e bate numa pequena bandeja prateada, posta

sobre uma pequena lápide de granito. Não consigo enxergar o nome. A batida derruba um bule de prata e duas outras xícaras, derramando seu conteúdo.

– Brek?

– Bo?

Nós corremos contornando as lápides para nos abraçarmos.

– Eu sabia que você viria hoje – ele sussurra.

Eu olho para ele. Parece meio exaurido, como se tivesse envelhecido décadas, apenas uma casca do homem que conheci.

– Você está doente? – pergunto.

– Não, por quê?

– Porque... você não parece bem. Você está tão diferente de quando nos encontramos, há dois dias.

– Dois dias?

– Sim, dois dias, no *playground*, com Sarah. Você já se esqueceu?

Ele me segura, com os braços estendidos.

– Isso foi há quinze anos, Brek.

– Não, não foi – eu insisto. – Foi anteontem. Lembra? Você tinha acabado de dar sua corrida e nós colocamos Sarah no balanço. Você me disse que seu amigo David estava te ajudando e que as coisas estavam voltando ao normal. Estava procurando um emprego em Nova York.

Ele me olha como se eu fosse maluca.

– Eu lembro – diz ele. – Isso foi há quinze anos. Olhe...

Ele caminha de volta até o túmulo, pega uma edição de *Centre Daily Times* embaixo da bandeja e me mostra. A manchete diz “Assassino Executado”. A data é “21 de julho de 2009”.

Bo me leva até o tronco de um imenso carvalho ao final de uma fileira de túmulos, e nós nos sentamos, juntos. Ele está com uma calça amassada e uma camisa polo que parece ter usado para dormir. A barba por fazer em seu rosto está toda grisalha.

– Consegui o emprego em Nova York, mas o perdi – diz ele, abatido. – Desde então, não tenho conseguido manter um emprego por mais de seis meses. Nenhum canal de televisão me aceita. Eles temem gente que diz a verdade. Talvez eu tenha bebido um pouquinho demais e perdido os prazos de entrega dos trabalhos. A

televisão é uma farsa, Brek, e o noticiário é uma farsa. É tudo um jogo.

Não posso acreditar no quanto ele mudou. Ele está obviamente paranoico e tem espasmos involuntários, como um viciado em drogas ou um alcoólatra.

– Mas estou indo bem – ele prossegue. – Agora sou conselheiro num abrigo para sem-teto. Eles estão me deixando ficar lá, enquanto me recupero. Gente boa. Administro uma reunião do AA e fico de olho nas coisas. Estou pensando em fazer um documentário. Tenho falado com alguns amigos antigos da emissora. As pessoas acham que os sem-teto são animais, mas eles são como todo mundo. Já tiveram uma vida normal, então, algo deu errado.

Bo estende a mão para segurar a minha, mas me retraio.

– Mudei tanto assim? – ele pergunta.

Esse não é o Bo Wolfson que conheci, o homem por quem me apaixonei e pai da minha filha, o repórter brilhante e corajoso, o belo âncora do noticiário matinal que sorria nos outdoors, ao lado de Piper Jackson.

– Você mudou muito.

– Senti tanto a sua falta, Brek. Quando eu soube que iam executar aquele bastardo do Bowles, esta manhã, eu tive que vir até aqui para ver. Torci para que ele talvez pedisse desculpas, mas não. Nada de desculpa. Nada de remorso. Nada. Nenhum de seus companheiros do Die Elf teve coragem de aparecer. Todo mundo se escondeu nos seus buracos. Mas adorei vê-lo tremer, quando eles o fritaram. Mas você viu tudo. Eu sabia que você viria aqui. Senti isso, na sala.

– Quem, Bo? De quem você está falando?

– Ott Bowles. Foi por isso que você voltou, não foi? Porque finalmente acabou e a justiça foi feita? Agora você pode descansar em paz. E vou começar de novo. Vou ficar limpo; não sou tão velho. Talvez eu até volte ao noticiário. Eu seria um grande produtor. Tenho falado com alguns amigos antigos da emissora...

Então me ocorre. Bo sabe como eu morri. É claro. Eu deveria ter perguntado antes, mas nossa visita fora interrompida. Finalmente posso descobrir como eu morri!

Eu o pego pelo ombro e o sacudo freneticamente.

– Bo, eu fui assassinada? Fui morta por Ott Bowles? Foi assim que eu morri?

À distância, vejo Elymas caminhando lentamente em nossa direção.

– Está na hora – ele grita, numa voz seca e pigarrenta. – Está na hora, Brek Abigail Cuttler. Venha comigo. Está na hora.

Bo fecha os olhos e tampa os ouvidos.

– Não! – ele grita. – As vozes de novo, não!

– Bo – digo, chorando –, por favor, me diga como eu morri. Preciso saber.

Elymas chama de novo.

– Venha comigo, Brek Cuttler. Está na hora.

Dou uma olhada para baixo, no jornal no chão, ao lado de Bo. Se quinze anos se passaram, então agora Sarah teria idade suficiente para também me contar como eu morri. Ah, como eu gostaria de vê-la. Meu coração salta de esperança. Sacudo Bo novamente.

– Bo! Depressa! Preciso ir. Apenas me diga, onde está Sarah?

Bo abre os olhos e deixa as mãos caírem, incrédulo.

– O que você quer dizer, onde está Sarah? – ele grita.

– Onde está ela? – pergunto. – Ande, eu preciso vê-la.

Bo salta da grama e sai correndo, passando por entre as lápides, com as mãos na cabeça, como se estivesse com dor. Saio correndo atrás dele.

– Espere! Espere, Bo! – eu grito. – O que há de errado?

– Por que você está fazendo isso? – ele grita. – Por favor, apenas me deixe em paz.

Ele faz um círculo em volta do cemitério, voltando à lápide com o serviço de chá, onde eu o encontrara. Cai de joelhos, com as lágrimas escorrendo por seu rosto.

Elymas está chegando mais perto.

– Venha comigo, Brek Cuttler – ele ordena. – Está na hora.

– Bo, por favor, por favor, está tudo bem. Está tudo bem. Apenas me diga, onde está Sarah?

Ele me olha, enfurecido.

– O que você quer dizer, onde está Sarah? – ele berra. – Você não sabe?

Ele aponta para a lápide. No alto há um crucifixo e uma estrela de davi. A princípio essa heresia assusta, mas, de alguma forma, os símbolos parecem corretos juntos, como se linhas perpendiculares completassem a ideia dos triângulos entrelaçados e fosse a conclusão natural, quando manipulados apropriadamente, como um cubo de Rubik. Abaixo, em letras grandes na superfície polida, estão gravadas as palavras CUTTLER-WOLFSON. Abaixo, em letras menores:

BREK ABIGAIL

4 de dezembro de 1963 – 17 de outubro de 1994

Mãe

SARAH ELIZABETH

13 de dezembro de 1993 – 17 de outubro de 1994

Filha

Chá quente e mel de abelha, que eu vou tomar com você...

Encontrei bisa Bellini na horta atrás da casa, agachada diante de uma fileira de tomates maduros e vermelhos. Seus cabelos grisalhos, presos num coque, reluziam sob o céu que ia escurecendo, com a aproximação de uma tempestade de verão. Ela cantarolava uma melodia enquanto enchia um pequeno cesto de legumes frescos, sabendo que eu estava ali perto, na primavera fresca, observando-a. Ao chegar à metade da fileira ela arrancou um imenso tomate, tão grande que sua pele rachou, expondo o miolo rosado. Ela o ergueu para que eu visse.

– Até os legumes sofrem, tanto da abundância quanto da carência – comentou ela. – Alguns, como este, são ousados e ostentosos, absorvendo tudo que podem. Outros só tomam o que precisam, contentes em compartilhar com a comunidade. – Ela arrancou um punhado de tomates de tamanho normal e apontou para uma fileira sozinha, num pedaço de terra seca. – E há os cétricos, alegremente sofrendo sem qualquer esperança de dar frutos, seguros do conhecimento de que seu sacrifício tornará o solo mais rico para a próxima colheita e que eles serão frutos das futuras gerações. – Ela se virou para mim. – O lavrador sábio valoriza a todos, igualmente. Se tiver preferência por um em detrimento do outro, a horta inteira sofre.

Aproximei-me mais. Não estava ali para falar do cultivo da horta.

– Por que não me disse que Sarah estava morta? Realmente achou que eu não fosse descobrir?

Bisa parou de colher e enfiou o braço na alça do cesto, que ficou pendurado em seu cotovelo. Fragmentos de terra estavam colados em seus dedos enrugados e em sua saia de brim azul.

– Não havia nada a dizer, querida – disse ela. – Você sempre soube. Você não queria se lembrar. Não estava pronta.

Eu não tinha mais nada a dizer. Ela tinha me enganado. Eu precisava encontrar minha filha. Sarah devia estar em algum lugar em Shemaya.

Saí correndo pela floresta, até a entrada da estação de trem. Escancarando as portas, gritei para as almas que estavam ali dentro:

– Corram! Corram agora, enquanto vocês ainda têm chance!

Mas elas nem se mexeram. Ficaram me olhando sem piscar, com a mesma desconfiança que o gado do meu avô o olhava, quando este estava tentando fazer algo pelo próprio bem deles. Houve uma época em que elas teriam saído correndo por aquelas portas, porém, isso foi quando ainda acreditavam que a mortalidade era uma fantasia. Agora isso se tornara muito real, e logo o Julgamento Final seria feito, em relação às suas vidas.

Eu tinha entrado na estação sem venda porque estava à procura de Sarah. Essa era uma tarefa terrível. Eu podia ver suas lembranças e a forma como cada um havia morrido. Eram bebês, crianças e adultos em formas e estados horripilantes, acometidos por todo tipo de morte, tendo perecido pela fome e por doenças, com chagas e queimaduras, devorados e digeridos, alvejados e com os buracos dos tiros, esfaqueados e esquartejados, roxos pelo afogamento, inchados pelo apodrecimento, explodidos, esmagados, quebrados, envenenados; havia suicidas e assassinos, e os que morreram por acidentes, moléstias, idade avançada, desastres naturais. No entanto, suas histórias já não me afetavam. Somente uma história me dizia respeito agora. Procurei Sarah por toda parte, mas ela não estava entre eles. Embora eu quisesse desesperadamente vê-la, como uma mãe vasculhando um necrotério após uma calamidade, estava aliviada. E, depois, aterrorizada.

E se o caso dela já tiver sido chamado? E se ela já tiver sido julgada e partido sem mim?

Corri da estação de trem, frenética para encontrá-la. Só conseguia pensar em mais um lugar para procurar.

A chave dourada que Luas me dera virou na tranca, colocando-me dentro do Tribunal. Não havia ninguém, só Deus e eu, sozinhos,

dentro do local mais Sagrado dos Sagrados. Ele tinha levado minha filha. Eu tinha vindo pegá-la de volta. Eu não tinha a confiança de Abraão em relação a Isaac. Fui até a cadeira do representante e olhei para cima, para o monólito de safira, buscando na superfície lisa a mais leve marca que pudesse indicar uma pista de reconhecimento ou compaixão. Quando não encontrei nenhuma, humildemente perguntei, em meu desamparo:

– Posso vê-la? Eu que dei vida a ela.

Deus ficou olhando imóvel, sem piscar, para minha existência diminuta demais para ser notada, diante de meu pedido insignificante demais para merecer uma resposta.

– Onde está ela?! – eu gritei, a plenos pulmões.

A resposta veio no silêncio ensurdecedor – no silêncio do amor de Deus sendo tirado do vácuo do espaço, ouvido pela alma, não pelos ouvidos, e lamentado pela alma, não pelo coração. Olhei em volta do Tribunal. Suas paredes pulsavam com a mais pura energia do universo, enquanto ali fora, na estação de trem, as paredes estavam respingadas com sangue inocente da humanidade – o sangue daqueles julgados contra critérios inacessíveis, por um Juiz que, Ele próprio, era culpado de um crime.

– Onde está minha filha? – volto a gritar. – Seu maldito! O que fez com ela?

Deus criou todas as coisas.

Deus criou o mal.

Deus é todas as coisas.

Deus é o mal.

Deus deve punir todos os perversos.

Portanto, Deus deve punir a si mesmo.

Levantei os braços como Haissem fizera, e junto com todos os homens, mulheres e crianças, desde o começo dos tempos, eu disse:

– EU APRESENTO DEUS, CRIADOR DO CÉU E DA TERRA... *ELE* ESCOLHEU!

O Tribunal se estilhaçou em bilhões de lanças de escuridão.

Eu me vejo num belo jardim paradisíaco. Meu nome é Eva.

Eu sou criação, uma primeira ideia, uma última, o começo sem fim.

Eu sou o antes, o depois, o durante.

Sou espírito, um único hálito de Deus.

Sou amor.

– Eu sou amor! Eu sou amor! – o ar canta. E as águas também, e as criaturas que nadam, rastejam, voam e andam. As rochas sussurram “Eu sou amor”, amparando o solo, que sussurra “Eu sou amor”, amparando as plantas, que sussurram “Eu sou amor”, que amparam as criaturas que erguem suas cabeças em direção ao sol, que sussurram “Eu sou amor”, e aquecem o Jardim pelo qual passeio.

Outro ser como eu caminha nesse Jardim.

– Nós somos amor! Nós somos amor! Nós somos amor! – nós cantamos. E nós *somos* mesmo amor. Amor dado. Amor sem fim. Amor incondicional. E o saber de que somos tudo isso, e o saber de que isso É Tudo Que Há.

E formou o Senhor Deus o homem do pó da terra, e soprou em suas narinas o fôlego da vida; e o homem foi feito alma vivente.

E plantou o Senhor Deus um jardim no Éden, do lado oriental; e pôs ali o homem que tinha formado.

E o Senhor Deus fez brotar da terra toda a árvore agradável à vista, e boa para comida; e a árvore da vida no meio do jardim, e a árvore do conhecimento do bem e do mal.

E da costela que o Senhor Deus tomou do homem, formou uma mulher, e trouxe-a ao homem. E ambos estavam nus, o homem e a sua mulher, e não se envergonhavam.

Ora, a serpente era mais astuta que todas as alimárias do campo que o Senhor Deus tinha feito. E a serpente disse à mulher: É assim que Deus disse: Não comereis de toda a árvore do jardim?

E disse a mulher à serpente: Do fruto das árvores do jardim comeremos.

Mas do fruto da árvore que está no meio do jardim, disse Deus: Não comereis dele, nem nele tocareis para que não morrais.

Então a serpente disse à mulher: Certamente não morrereis:

Porque Deus sabe que no dia em que dele comerdes se abrirão os vossos olhos, e sereis como Deus, sabendo o bem e o mal.

A serpente se enrosca numa rocha e eu a vejo mais de perto.

– Então, esse é o único jeito? – eu pergunto.

– Sim, é o único jeito – ela responde. – Você anseia pela experiência do amor. Mas só se pode ter o Amor, em si, ao evocar o que você não é, pois não se pode vivenciar o que é o Amor até que primeiro saiba o que é o Não Amor. Sendo assim, você deve se separar do Amor e entrar no reino do Medo e do Mal.

– Mas o que é o Medo? O que é o Mal?

– Tudo que você não é.

Adão e eu comemos do fruto e invocamos o que não somos.

Ouvimos a voz de Deus. Adão me leva apressadamente por entre as árvores, para nos escondermos. Nós trememos e rimos. Nossos corpos tocam as folhas e sentem como são frias, porém, também tocam um ao outro e sentem nosso calor. Adão é grande, forte e rústico. Eu sou menor, mais fraca e macia. Ao vê-lo e tocá-lo, alguém que é tão diferente, pela primeira vez eu experimento e sinto a mim mesma. Nós ansiamos não por nos juntarmos a Deus, mas por nos juntarmos um ao outro.

Então, recebemos a ordem para partir.

Adão pressiona os lábios aos meus. Eu derreto no gosto de sua boca. Agora, eu sussurro isto:

– Eu te amo! Eu te amo! Eu te amo!

Agora, eu me vejo nos campos. Chamam-me Caim, filho de Adão.

O vento da terra é quente e repleto de pó. Protejo meus olhos enquanto espeto uma vareta na terra e despejo sementes nos buracos.

Minha mãe me falou de um lugar próximo, porém distante, um belo lugar, viçoso e verde, onde sempre há o suficiente para comer e beber, onde o vento é fresco e limpo. Ela me disse que deixou esse lugar para vivenciar o amor e, dessa experiência, ela me originou. Ela me disse que ao me criar, logo que pousou os olhos em mim, sentiu o que Deus sentiu quando Ele criou meu pai. Ela me conta que sou criado à imagem e semelhança de Deus, pois ela e meu pai também foram assim criados. Mas parece que não vejo a semelhança.

Abel veio depois de mim. Minha mãe e meu pai dizem que eles o amam tanto quanto me amam, mas eles sempre facilitaram mais a vida dele do que a minha. Ele conduz os rebanhos, enquanto eu tenho que arar o solo. Ele entrega a Deus os cortes gordos de suas melhores ovelhas, enquanto eu só posso oferecer a colheita minguada dos meus campos. Deus fica mais satisfeito com os presentes de Abel do que com os meus. Odeio Abel.

– Por que você está tão zangado? – Deus pergunta. – Você também não é perfeito aos meus olhos?

– Porque você ama Abel e não a mim.

– Isso não é verdade, meu filho. E se ficar pensando dessa forma, isso será sua ruína. Ainda assim, você pode fazer como desejar.

Abel é fraco e facilmente enganado. Eu lhe digo que uma ovelha está ferida e o levo ao campo. Ele não me vê tirar a faca da bainha. Chego por trás e corto-lhe a garganta. Vejo seu sangue derramar no chão. Ele não deveria ter me roubado o amor de Deus.

A justiça é o fruto mais doce nas terras do leste do Éden.

O Tribunal ressurgiu. Já não estou sozinha. Luas e Elymas estão sentados nas cadeiras de observadores.

– Isso foi um tanto ousado de sua parte, colocar Deus em julgamento – Luas me diz. – Qual foi o veredicto?

– Culpado da acusação – eu digo. Eu o olho, fulminante. – Onde está minha filha? Onde está Sarah?

– Em breve você descobrirá, Brek Cuttler – diz Elymas. Ele acena para que eu me aproxime deles. – Venha sentar-se conosco. Veja como é feita a justiça de Deus.

– Rá! – Luas diz, debochado. – Você não vê nada desde o dia em que o ceguei por sua insolência, seu velho pedinte.

– Isso é verdade – Elymas responde –, mas a justiça também é cega, no entanto, ela enxerga mais claramente do que muitos de nós. E você, Luas, um dia esteve cego por sua própria perversidade, como bem me lembro. Quando vai parar de se achar melhor que eu? Quem é o próximo da lista?

– Amina Rabun – diz Luas. – Hanz Stössel vai apresentar seu caso. – Ele se vira para mim. – Preste muita atenção, Brek. Em breve você apresentará seu primeiro cliente. Essa é a fase final de seu treinamento.

– E se eu me recusar? – eu digo.

Luas sacode a cabeça, descartando a ideia.

– Não é possível.

Logo entra no Tribunal um homem mais velho segurando uma chave dourada como a minha. Ele é alto e parece excepcionalmente fraco e frágil, mas está vestindo um elegante terno de paletó transpassado no peito, ao estilo europeu. Eu o reconheço instantaneamente, das lembranças de Amina, como o advogado suíço a quem ela havia recorrido para fazer a liquidação dos bens de sua família, após a guerra. Também sei que ele morreu vários anos antes de Amina.

Fico alarmada ao saber que Hanz Stössel irá apresentar o caso de Amina. Embora ele tenha sido advogado de Amina ao longo de toda sua vida, eles não se separaram amigavelmente. Na verdade, o sr. Stössel culpava Amina por destruir sua reputação e carreira, o que acabou causando sua morte. Amina não teria discordado. Ao contrário, ela carregou a culpa da queda e morte de Hanz Stössel com ela pelo resto de sua vida. Deixar que ele apresentasse o caso

dela é obviamente um conflito de interesses. Ele fará tudo que puder para que ela seja condenada. A injustiça dos julgamentos em Shemaya se torna ainda mais óbvia e mais espantosa. Porém, Luas sorri afetuosamente, seja alheio ao conflito, ou como cúmplice.

– Ah, olá, Hanz. Por favor, entre – diz Luas. – Estávamos à sua espera.

A apresentação de Amina Rabun começa imediatamente, antes que eu possa reclamar pela escolha de Hanz Stössel como seu advogado e fazer um requerimento, pedindo sua desqualificação.

O Tribunal some, e da mesma maneira que ocorreu com a apresentação teatral de Toby Bowles, nós somos transferidos a outra cena da vida de Amina Rabun. Essa cena específica se desenrola dentro do escritório da editora de um pequeno jornal chamado *The Cheektowaga Register*, em um subúrbio de Buffalo, Nova York. Amina está sentada atrás de uma escrivaninha, com a porta fechada, falando ao telefone. Ela está vestindo uma blusa branca de linho e uma saia de pregas. Logo atrás, um ventilador de mesa sopra silenciosamente.

Amina ocupa esse escritório porque o próprio Hanz Stössel aconselhou-a que, como imigrante e mulher solteira, sem habilidades para um emprego, mas com uma fortuna considerável, ela deveria considerar a compra de um negócio, para ocupar tanto o seu dinheiro quanto sua mente. Ele recomendou uma floricultura, talvez uma boutique, nada excessivamente pesado ou complicado; porém, Amina ouviu que o jornal estava sendo vendido por dificuldades financeiras e achou que ser proprietária de um jornal seria mais interessante. Pretendera manter o editor, para prosseguir o funcionamento, mas logo se viu discordando com seu julgamento editorial e o despediu. Em lugar de contratar alguém novo, ela decidiu aprender o ofício jornalístico e tomar a frente do negócio. Seria um novo começo para sua vida e poderia ajudá-la a se integrar à sua terra adotiva. Quem era mais respeitado numa comunidade do que o jornal local?

Amina balança a cabeça, falando ao telefone. Ela ameaça o vendedor de papel para impressão, do outro lado da linha, com o cancelamento de seu contrato se ele não igualar o desconto de dez por cento, oferecido por seu concorrente. O vendedor, franco-canadense, tem dificuldades para entender as palavras em inglês misturadas ao forte sotaque alemão de Amina Rabun.

Durante essa conversa alguém bate à porta, que se abre. Um homem grande, de cabelo preto, aparece. Atrás dele, a sala da redação fervilha com telefones tocando e repórteres falando e datilografando em suas mesas. O homem em pé na porta tem uma presença marcante, mas parece apreensivo, como se soubesse que está prestes a encontrar um adversário ainda mais temível que ele próprio. Manchas grandes de transpiração se espalham em sua camisa social azul, porém, não é necessariamente devido a seu nervosismo. A temperatura, tanto dentro quanto fora, é 31°C, com 100% de umidade relativa do ar – condição meteorológica constante no verão nova-iorquino.

O homem respira fundo, estufando as bochechas como dois balões rosados. Com a mão direita, ele passa um lenço encharcado na testa. Na mão esquerda, ele segura um longo tubo cilíndrico de papelão, do tipo usado por arquitetos para transportar plantas. Enquanto espera que Amina termine sua ligação, seus olhos azuis percorrem o escritório, como duas moscas, parando numa bela luminária Tiffany, no canto. Seu olhar admira as pétalas coloridas de vidro, avaliam seu valor, depois desviam para uma fotografia em preto e branco emoldurada, dos pais de Amina no dia em que se casaram, e para uma placa gravada com *The Cheektowaga Register*, o melhor jornal de cidade pequena de Nova York, em 1958. Seus olhos pousam numa pintura na parede branca atrás da mesa de Amina.

Essa pintura é uma obra de arte de valor extraordinário, mais provável de ser encontrada em um museu do que no escritório de um editor. É uma pintura original a óleo, do mestre impressionista francês Edgar Degas, e foi um presente dado a Amina por um homem muito parecido com esse que a admira da porta, que também se viu no mesmo apuro. A pintura de Degas mostra um pai

barbudo vestindo um sobretudo leve e um chapéu preto, desfrutando de um charuto enquanto passeia por um parque parisiense com suas filhas bem-vestidas e seu cão, todos andando em direções opostas. A cada manhã, quando Amina entra no escritório e vê a pintura, ela se lembra de passear com seu pai nas manhãs de domingo, pelos largos *boulevards* de Dresden, rumo ao escritório da Jos. A. Rabun & Sons, e depois de seguirem a um pequeno café, para o almoço. Às vezes, ela encontrava Katerine Schrieberg e o pai dela.

Na parede adjacente à pintura de Degas, há uma vitrine de nogueira polida, repleta dos quatro livros de poesia publicados pela Bette Press, empresa que Amina fundou ao comprar o jornal. Ela batizou a entidade em homenagem à sua prima que havia sido violentada e morta em Kamenz. A lombada de cada um desses livros exibe o logo dourado da Bette Press – um quadrado com uma menininha suspensa em um balanço embaixo de galhos grossos de um álamo, com os cabelos voando na brisa. A matriz original desse colofão, entalhado em madeira, ainda está manchado de tinta da impressão das primeiras capas e repousa sobre a estante de livros. É um trabalho do mestre da impressão Albrecht Bosch, que estudou na Bauhaus School antes de fugir dos nazistas, rumo a Chicago. O sr. Bosch convenceu Amina a imprimir livros junto com seu jornal e a empregá-lo como gerente de produção. O desenho do colofão foi inspirado numa fotografia de Bette Rabun e serviu como a persuasão necessária.

O vendedor de papel para impressão, do outro lado da linha, finalmente entende o significado das palavras de Amina e concede o desconto de dez por cento, fazendo questão de que ela saiba que o valor sairá da comissão dele. Ela o agradece pelo gesto, mas não sente qualquer gratidão ou empatia. O *The Cheektowaga Register* é seu maior cliente, e o jornal tem sido muito bem-sucedido.

Amina põe o fone no gancho, sorri, acende um cigarro e observa o homem esperando à porta. Ela não o conhecia, no entanto, acha sua apreensão familiar. Outros três como ele já passaram por seu escritório, cada um deles transmitindo a mesma sensação de

ansiedade, cada um deles em débito com ela, porém, de alguma forma, indignados.

Dez dias antes, esse homem se chamava Gerhard Haber. Doze anos antes disso, ele era o coronel Gerhard Haber, fato confidenciado a Amina numa mensagem transmitida por Hanz Stössel, que perguntou se ela estaria disposta a ajudar outra família alemã, como ela própria já havia sido ajudada. Desde a queda do Terceiro Reich, os Haber estão em fuga, vivendo em considerável desconforto no vale do Rio Paraná, na Argentina. Os caçadores nazistas os rastrearam até a América do Sul.

– Completamente falso – Stössel havia lhe assegurado, sobre as alegações de crimes de guerra contra Haber, e ela nem quis saber dos detalhes. Ela havia aprendido que saber demais é perigoso.

Sentada em seu escritório, analisando Haber, Amina se pergunta por que aceita esses riscos, primeiro ajudando judeus em Kamenz, e agora os nazistas na América. Talvez ela o faça pela empolgação de saber segredos de vida e morte. Seja qual for o motivo, ela passou a culpar tanto os judeus quanto os nazistas pelo que acontecera a ela e sua família, em Kamenz, e convenceu a si mesma de que, se tivesse a oportunidade de refazer tudo, deixaria que a Gestapo embarcasse os Schrieberg no trem para Auschwitz e que os caçadores nazistas levassem os Haber para Israel. Mas ela não tem como refazer.

Hanz Stössel pedira a Amina que providenciasse a Haber e sua família passaportes falsos e novas identidades, em troca de outra peça de arte de grande valor. Ela concordou, e Haber agora estava ali para pegar os passaportes e entregar seu pagamento. Isso era algo fácil para Amina. Ela disse a Albrecht Bosch o que deveria imprimir e ele fez exatamente isso, sem questionar, em troca de sua indulgência pelo seu apetite por mais equipamentos sofisticados de impressão e acréscimos para suas coleções de caracteres.

Amina não consultou Haber para a escolha dos nomes. Como nunca teve um filho, ela tinha grande prazer em conceder novas identidades para as pessoas que lhe eram mandadas pelo dr. Stössel.

Ela bate a cinza do cigarro.

– Entre e feche a porta – ela diz a Haber.

Haber obedece e Amina tira um único passaporte de sua gaveta e o inspeciona.

Gerry Hanson é um belo nome, pensa ela. Fiel ao menos à primeira consoante e vogal do original. É completamente imperceptível.

Ela o entrega a Haber, para sua provação. Seus olhos se iluminam quando ele examina o selo de Buenos Aires, aparentemente autêntico, que aparece acima dos talos e plumas da cauda da águia americana, perfeitamente reproduzida. O documento é impecável.

– *Danke* – diz ele.

Amina ergue as sobrancelhas.

– Desculpe – Haber se corrige, praticando sua nova língua. – Perdoe-me. Eu quiz dizer “Obrigado”.

Amina gesticula na direção da cadeira para convidados e vira o ventilador de mesa para Haber – não por estar preocupada com seu conforto, mas para dispersar o odor desagradável de seu corpo suado, que subitamente predominava no escritório. Ela tira mais quatro passaportes da escrivaninha e os abre.

– Refresque minha memória – diz Amina. – Quais são os nomes e idades de seus filhos?

Haber fica tenso, como se repentinamente tivesse esquecido, depois recupera seu controle.

– Hanna, de trinta e nove; Franz, de quinze; Glenda, de treze; e Claudia, de dez.

Amina examina cada passaporte e os desliza ao outro lado da mesa, para Haber.

– Hanna agora é Helen – diz ela. – Franz é Frank, Glenda é Gladys e Claudia é Cathy.

Ele parece desapontado. Amina franze o rosto.

– Não gosta dos nomes? – ela pergunta.

Haber sacode a cabeça.

– Não, eles são aceitáveis – diz ele, sem querer insultar a mulher que detém tanto poder sobre seu destino. Ele examina o passaporte da filha caçula. – Se me permite – diz ele, timidamente –, o

nascimento de Claudia, quero dizer, Cathy, está errado. Por conta de sua pouca idade, isso talvez chame atenção.

Amina pega o passaporte, examina-o, faz uma cara feia e o joga no cesto de lixo. Haber fica rijo, temendo ter acabado de estragar tudo. Não é sobre ele, porém, que Amina libera seu descontentamento. Ela lhe pergunta a data correta, rapidamente escreve num papel e chama a secretária. A mulher aparece imediatamente, com um bloco de anotações. Amina fica satisfeita por sua eficiência diante de seu convidado.

– Alice – diz ela, entregando o pedaço de papel –, por favor, leve isso a Albrecht, na loja de impressos, e diga que ele precisa reimprimir o documento de Cathy Hanson, com essa data de nascimento. Ele vai entender. Diga-lhe que tenho pressa. Tem que ficar pronto esta tarde. – Amina não explica a natureza do projeto e Alice não pergunta. Ela sai e Haber relaxa ligeiramente.

– Obrigado – diz Haber, pronunciando as palavras cuidadosamente.

– De nada – Amina responde.

Por um breve instante, Amina sente pena de Haber, mas ela logo descarta esse sentimentalismo e volta à sua casca de Amina Sobrevivente.

– Você tem algo para mim? – ela pergunta, impacientemente, olhando o cilindro no colo de Haber.

– Sim, claro.

Ele levanta o cilindro por uma ponta, destampa-o e tira um rolo de tela, causando uma pequena nuvem de fuligem preta. Desculpa-se pela bagunça e desenrola a pintura que, apesar de chamuscada nas bordas, está em boas condições. Ela mostra a procissão de um funeral sob um céu cinzento – um caixão sendo carregado pelo pátio nevado da igreja, adentrando as ruínas de uma capela gótica. A assinatura no rodapé direito é de Caspar David Friedrich.

Amina toca a tela e sorri. Há muito ela admira os românticos do Século XIX, porém, mais especificamente Friedrich, que morou em Dresden. A escola particular para meninas que Amina frequentara, em Kamenz, ficava a apenas algumas quadras da escola dos meninos onde Helmut foi morto, e lá, pelo decreto nazista,

ensinavam-se primeiro e com maior ênfase os grandes artistas alemães.

– Onde conseguiu? – ela pergunta.

Haber hesita.

– Pertencia à minha família – ele diz, vagamente. Sua postura evasiva faz Amina lembrar as acusações contra ele, e ela decide não pressionar para obter mais informação.

– Dizem que Friedrich foi influenciado por Runge, mas eu não vejo isso em seu trabalho – diz Amina. – Você vê?

– Imagino que esteja satisfeita... – Haber responde, ansioso, seja ignorando ou sem entender a pergunta.

– Sim – diz Amina, agora com mais frieza do que antes, quando descartou o vendedor de papel de impressão. Ela exala uma nuvem de fumaça de cigarro e coloca os passaportes de volta na gaveta. – Tenho certeza de que Hanz lhe disse que eu exigiria autenticidade. Alguém da Academia de Artes de Buffalo dará uma olhada na tela, esta tarde. Presumindo que não haja problema, você pode voltar às quatro e meia para pegar seus passaportes.

– Sim – diz ele, curvando ligeiramente a cabeça –, estarei aqui. – Ele vira-se e deixa o escritório. Amina fecha a porta e liga para o curador da Academia de Artes.

O escritório de Amina desaparece e o Tribunal ressurgue, em primeiro plano. Hanz Stössel está no centro. Luas, Elymas e eu sentamos nas cadeiras ao fundo.

– Você ainda acredita que ela seja uma vítima? – Elymas me pergunta.

– Vítima de quê? – eu pergunto.

Antes que Elymas possa responder, o Tribunal some e nós voltamos ao escritório.

Amina coloca a tela aberta em seu aparador, pousando livros sobre os cantos para mantê-la ereta. Ela dá um passo atrás para imaginar

como ficará depois de emoldurada. Dessa perspectiva, dedicando mais tempo para observar a cena, as pessoas pesadas da pintura lhe parecem como sua própria família deve ter parecido ao carregar Helmut ao seu túmulo, debaixo dos ferros retorcidos e pedaços quebrados de concreto do memorial que seu pai mandara construir para ele, com os destroços da escola.

– VÍTIMA DE INJUSTIÇA – diz Elymas. Ouço a voz dele, mas ainda estamos no escritório.

Amina limpa as lágrimas dos olhos, enquanto a lembrança daquele dia terrível a invade. Ficara tão consumida pelo terror de Kamenz por todos esses anos que raramente pensava no pobre Helmut. Ela sucumbe à culpa por tal negligência e por ter batizado a gráfica com o nome de sua prima Bette, em lugar do nome do próprio irmão, ou de sua mãe ou seu pai.

– A CRIATURA CHORA – Elymas sussurra. – Você sente a sua angústia, Brek Cuttler. Mas onde está a compaixão de seu Criador? Consegue sentir isso tocando sua alma? O trono expressa ao menos uma leve preocupação? Ou um pensamento, uma palavra de afeição? Onde está a justiça? Quando as balanças ficarão equiparadas?

A morte de Helmut foi, em última análise, um acidente. Os pilotos Aliados não poderiam saber que suas bombas atingiriam uma escola cheia de crianças. Eles não olharam nos olhos de Helmut e o executaram. Por isso que ela esteve disposta a perdoá-los e, dessa forma, esquecer. Porém, não os soviéticos. Não, o crime que eles cometeram foi deliberado, com seus rostos depravados. Não poderia haver perdão para eles. Jamais.

Essa autopiedade não dura muito. Amina Sobrevivente não vai permitir isso. Ela limpa as manchas de rímel do rosto e assoa o nariz. Decide expor *Cloister Cemetery in the Snow*, em memória de seu irmão Helmut e dizer, aos que perguntarem, o que significava para ela.

Então, uma ideia lhe ocorre.

Amina vinha planejando publicar um editorial de aniversário da morte do Senador Joseph McCarthy. Ela tinha sido uma admiradora de McCarthy, não somente por concordar filosoficamente com sua desconfiança fanática dos comunistas, mas também por abraçar seu patriotismo radical como meio de desviar a atenção de sua própria herança nazista. Abraçar os ideais de Joseph McCarthy fazia tanto sentido profissional para Amina Rabun e o *The Cheektowaga Register* nos anos 1950, quanto Hitler fizera sentido profissional para seu pai e a Jos. A. Rabun & Sons, nos anos 1930. Porém, também havia uma atração emocional mais profunda por McCarthy, pois ele era o único na mente de Amina que verdadeiramente compreendia a perversidade da União Soviética e o sofrimento de suas vítimas. Esses entendimentos tornaram-se a semente do editorial vindouro de Amina. Nele ela explicaria, em termos pessoais, o que os Rabun de Kamenz tinham perdido para as hordas Vermelhas – e corajosamente contrastaria isso com o que eles haviam perdido para as bombas Aliadas. Seria um editorial comovente, convincente e maravilhoso. Um tributo apropriado a Joseph McCarthy.

A luz no Tribunal tremula, sinalizando que a apresentação de Amina Rabun está prestes a mudar para outra cena. Fico preocupada com as escolhas de Stössel para a apresentação. Ele omitiu a vida inteira de Amina na Alemanha e os sacrifícios que ela fez pelos Schrieberg. Como eu desconfiava, ele só está apresentando o lado sombrio da vida dela e de sua personalidade. Ela não tem esperanças de ser inocentada, nenhuma esperança de absolvição.

Começa o último ato da apresentação de Amina Rabun. É inverno, fevereiro de 1974, e Amina acaba de regressar de umas férias de três semanas no Caribe, chegando à sua mansão fria e deteriorada em Buffalo, construída nos anos 1920 por um barão do setor de navegação de Great Lakes. Ela está acompanhada por Albrecht Bosch, que desfrutou de sua segunda visita aos trópicos, na companhia dela.

Amina e Albrecht se tornaram amigos íntimos, mas não amantes, pois Amina é extremamente assexuada e Albrecht extremamente homossexual. Eles descobriram esses segredos um do outro no dia em que se conheceram, numa animada taberna, em Allentown, no segundo aniversário do divórcio de Amina, que coincidentemente também era o primeiro aniversário da separação de Albrecht de um artista que o convencera a vir de Chicago para Buffalo e depois o abandonara por um homem mais jovem.

Consequentemente, a nacionalidade e o destino comuns juntaram Amina e Albrecht – mas foi a Bette Press que os tornou inseparáveis. Albrecht Bosch era apaixonado pelo mundo gráfico. Ele convidava qualquer pessoa disposta a escutar a entrar em seu mundo mágico de máquinas de impressão e, uma vez lá, explicaria, com a paixão de um artista, como uma pequena serifa podia causar ira ou evocar serenidade, e como a textura e o peso do papel podem ser solenes ou líricas, pomposas ou confortantes. Ele apresentou Amina à antiga luta entre a legibilidade e a criatividade que liga a tipografia à tradição como nenhuma outra expressão de arte e só permite inovações sutis. E como os primeiros professores de Amina, que lecionaram Romantismo, ele apelou ao seu orgulho germânico, ao lembrá-la que Johannes Gutenberg foi quem presenteou a

humanidade com a mídia impressa. No alegre casamento que veio a seguir, entre papel e tinta, Amina e Albrecht vivenciaram a harmonia de opostos que lhes escapara em suas vidas pessoais.

A mansão está fria quando os viajantes regressam de sua jornada aos trópicos, enfurecendo Amina, porque ela deixara instruções específicas à empregada para que aumentasse a calefação dois dias antes de seu regresso. Amina pede a Albrecht para ajustar o termostato e acender a lareira do escritório, depois segue para olhar a correspondência que foi caprichosamente empilhada para ela, na imensa mesa de mogno da sala de jantar. Ela rapidamente olha os envelopes, à procura de algo que pareça importante ou interessante, deixando de lado a monotonia de contas e solicitações. Dois envelopes chamam-lhe a atenção: um grande, bege e quadrado, de fibra de algodão, endereçado a “Sra. Amina Rabun e Convidado”, e um ameaçador envelope profissional, com remetente de “Weinstein & Goldman, Advogados”. Ela pega os dois envelopes e leva-os até a cozinha, põe uma chaleira de água para ferver e fazer chá e abre primeiro o convite. Para seu deleite, ela lê que a prestigiada Sociedade de Niágara solicitou, pela primeira vez, a sua presença em seu Baile Anual de Primavera – o evento social de Buffalo.

– Albrecht! – ela chama.

– O quê? – Albrecht tosse. Ele está com a cabeça na lareira, que está cheia de fumaça. Já gastou metade do jornal de domingo, mas ainda não conseguia acender a lenha.

– Nós vamos para o Baile da Sociedade Niágara! – Amina cantarola. – Pode preparar seu *smoking*.

– Não se antes eu morrer asfixiado – Albrecht tosse.

O telefone toca, enquanto a água abre fervura.

– Você pode atender, Albrecht? – Amina pede. – Estou fazendo o chá.

Albrecht alegremente abandona o fogo e atende à ligação na sala, enquanto Amina despeja água fervendo no bule Belleek de cor creme. Ela acrescenta folhas de chá Earl Grey para pôr em infusão, arruma uma bandeja com duas xícaras combinando e leva tudo para o escritório. Depois de se servir e sentar em sua poltrona favorita,

ela abre o envelope do escritório de advocacia e encontra a seguinte carta:

Cara sra. Rabun:

Eu represento a sra. Katerine Schrieberg-Wolfson, na qualidade de inventariante dos bens do sr. e sra. Jared A. Schrieberg.

Como é de seu conhecimento, minha cliente já lhe escreveu em diversas ocasiões em relação à posse de determinados teatros e propriedades em Dresden, adquiridas dos descendentes por sua família, durante a guerra, pela quantia de 35 mil marcos alemães, à época, o equivalente a aproximadamente 22 mil dólares americanos. Sem dúvida, a senhora sabe que o preço de compra foi muito abaixo do valor de mercado e a venda foi realizada sob coação e ameaça de tomada pelo governo nazista e encarceramento dos descendentes nos campos de extermínio nazistas.

Desse modo, a venda foi e é inválida.

A sra. Schrieberg-Wolfson, como representante do espólio, busca a rescisão do contrato de compra e devolução de todas as propriedades. Nesse sentido, ela previamente ofertou, por escrito, reembolsá-la dos 22 mil marcos, mais juros, desde a data da venda. A senhora não respondeu à oferta da sra. Schrieberg-Wolfson e, portanto, ela me incumbiu de tomar as providências necessárias para rescindir o contrato e recuperar a propriedade ou o seu valor.

Minha pesquisa revelou que sua família já não é mais dona das propriedades, tendo-as vendido em 1949, em transação sob sua orientação pessoal, realizada pelo Ilustríssimo dr. Hanz Stössel. Minha cliente me autorizou a aceitar o produto dessa venda, com juros, deduzido o preço de compra, em pagamento integral e determinação das alegações do espólio. Acreditamos que o valor justo e atual de mercado dos bens seja o equivalente a, no mínimo, US\$3.500.000 (três milhões e quinhentos mil dólares americanos). Na impossibilidade de chegarmos a esse acordo, nós seremos obrigados a dar início aos procedimentos legais contra a senhora e sua prima, srta. Barratte Rabun, para invalidar a compra e recuperar o valor integral da propriedade. Acreditamos que os fóruns desse país e da Alemanha serão favoráveis a essas alegações.

Minha cliente lamenta profundamente a necessidade de recorrer à justiça, mas está firme em sua resolução. Ela lhe será eternamente grata por abrigar sua família durante a guerra e já expressou isso nas cartas que lhe enviou. No entanto, isso se refere a uma aquisição

injusta da propriedade, por sua família, sob condições extremas. Como resultado dessa ação, minha cliente e seus familiares sobreviventes foram forçados a viver em relativa pobreza, comparada ao estilo de vida do qual a senhora e sua família desfrutaram. A sra. Schrieberg-Wolfson não busca nada além de corrigir esse erro. Ela não tem nada contra a senhora ou a srta. Barratte Rabun, nenhum desejo pernicioso.

Estou autorizado a iniciar os procedimentos legais, caso não receba nenhuma forma de resposta a essa carta. Diante de sua posição como editora de um jornal, parece que a publicidade negativa a cerca de tal caso se provaria muito desconfortável. Nesse sentido, nossos investigadores descobriram que Otto Rabun foi membro da Waffen-SS e que a empresa construtora de seu pai, de onde se originou grande parte da fortuna de sua família, foi contratada para construir os crematórios em Majdanek, Treblinka e Oswiecim. Em um litígio, tais fatos extraordinários dificilmente serão ocultados do público.

Torço por sua breve resposta.

Atenciosamente,

Ilmo. Robert Goldman

– Como ela se atreve a me ameaçar! – Amina diz, encolerizada.

Amina havia recebido as cartas anteriores de Katerine Schrieberg e jogara todas fora. Enquanto os soldados soviéticos assassinaram membros da família de Amina e violentaram a ela e suas primas, os Schrieberg permaneceram encolhidos na cabana de caça dos Rabun e não fizeram nada, não arriscaram nada. E agora isso. Depois de toda a covardia deles, depois de tudo que Amina fizera para protegê-los, Katerine Schrieberg a recompensa ameaçando arruiná-la? Isso é demais. Ela leva a carta até a lareira e a joga no fogo, em cima do jornal carbonizado, aquecendo as mãos com suas chamas.

– O que está havendo aí dentro? – Albrecht grita da sala. – Barratte está ao telefone, você quer falar com ela?

Barratte, ao telefone? Essa notícia espanta Amina ainda mais que a carta do sr. Goldman, porque ela não fala com Barratte há quase dez anos. O laço entre as primas ficou inamistoso quando Amina fugiu da Alemanha com o Capitão Meinert e levou Barratte junto. Barratte desprezava os americanos pela morte de seu pai, em Berlim, tanto quanto desprezava os soviéticos pelas mortes de sua mãe, irmã e irmãos, em Kamenz. Seu ressentimento por Amina

forçá-la a deixar a Alemanha e viver na terra de seus inimigos apenas crescera enquanto ela suportava os anos de abuso e humilhação nas escolas de Buffalo, como a pequena órfã, a “Garota Kraut”, cujos pais e nação receberam o que mereciam. Ao fazer dezoito anos, na primeira oportunidade, Barratte assumiu o controle de sua herança e partiu. Depois disso, Amina só tinha notícias ocasionais de Barratte e sabia pouco da vida dela. O telefonema naquele sábado frio de fevereiro foi um choque absoluto.

– O que ela quer, Albrecht? Está tudo bem?

– Está tudo maravilhoso! – Albrecht responde. – Barratte teve um bebê esta manhã! Três quilos e trezentos gramas! Ela lhe deu o nome de Otto Rabun Bowles! Você é avó ou tia-avó... algo assim, Amina! Venha, venha falar com ela!

O Tribunal ressurge. O ser sem rosto do monólito está em pé, ao lado de Hanz Stössel.

– Uma decisão foi tomada – o ser anuncia, inexpressivo, com a voz oca. A apresentação de Amina Rabun terminou antes que um trabalho analítico sobre sua vida tenha sido concluído.

– Vamos sair esta noite – bisa me avisa.

Era fim de tarde e nós estávamos no escritório de sua casa. Ela estava lendo justo o *Almanaque do Fazendeiro*, de 1897, ano em que ela nasceu. Eu estava bordando uma meia de Natal para Sarah. Nós nunca tínhamos *saído* antes. Passei a agulha pelo tecido.

– Para onde? – perguntei.

Eu tinha começado o bordado quando estava grávida de Sarah. Teria ficado pronto a tempo de seu segundo Natal. Eu peguei quando fui em casa para encontrar Elymas, depois da apresentação de Amina Rabun. Queria que ele me levasse de volta para ver Bo, mas Elymas não apareceu. Fazer algo para Sarah foi a minha maneira de protestar sua morte. Decidi agir como se ela ainda estivesse viva – como se ambas ainda estivéssemos vivas. Eu preparava mamadeiras para ela toda manhã e enchia a banheira para seu banho. Lavava suas roupas e os lençóis do berço. Ia de carro até a creche, depois ao trabalho, voltava à creche e depois passava na loja de conveniência. Todos os lugares estavam vazios. Eu dirigia por cidades fantasmas. O carro da polícia civil piscava as luzes, mandando-me encostar, mas eu continuava dirigindo até que ele sumisse. Quando a solidão se tornara grande demais, voltei à casa de bisa e trouxe a meia comigo, a fim de terminar o bordado.

– É uma surpresa – disse bisa, abrindo um sorriso. Essa era a primeira vez que falávamos desde que eu tinha voltado. Tínhamos passado vários dias em silêncio em casa.

– Acho que não consigo suportar mais nenhuma surpresa.

– Elymas tem uma queda por elas – respondeu bisa. – Acho que faz parte de seu charme. Mas eu não confiaria em tudo que ele diz e faz.

Olhei para ela.

– Devo confiar em você?

– Você deve confiar na verdade, filha.

Pousei minha agulha.

– E qual é a verdade, bisa?

– A verdade é o que faz com que você se sinta calma e amada, nada além disso.

– Isso não faz sentido.

– Faz, sim. É o único sentido. A verdade nunca é raiva ou medo. Esses são sentimentos ilusórios, e Elymas trafega neles.

Peguei novamente a agulha, enfiei a linha e passei no tecido. Eu estava trabalhando no dedo do pé de um anjo soprando uma trombeta.

– Ele me disse que você o chamaria de falso profeta – eu falei.

– Ele também lhe disse que eu ficaria aborrecida, mas não estou. Você é livre para seguir falsos profetas, se desejar. Todos eles acabam se revelando. A verdade nunca está muito distante.

– Eu vi Bo e Sarah, com meus próprios olhos. Abracei os dois.

– Eu sei, querida, eu sei. E você velejou numa caravela e caminhou por Tara, e aqui tudo que há em volta parece muito real. Porém, tudo desaparece. Coisas e corpos não são reais. São símbolos, e símbolos são inconstantes. A vida é inconstante.

– A vida de Bo foi destruída.

– Segundo Elymas, foi. Mas quem pode dizer? Você pode confiar em Elymas? Pode confiar em suas próprias lembranças? Será que Bo estaria mais próximo da verdade trabalhando em um abrigo para sem-teto, ou sentado diante de uma câmera de televisão?

– O que aconteceu com ela? O que aconteceu comigo? O que você está escondendo?

– Não estou escondendo nada, filha. É você que não vê a verdade à sua volta. – Ela fechou o almanaque e se ergueu da cadeira. – Quando estiver pronta para ver, você verá. Mas agora é hora de nos aprontarmos.

– Para quê?

– Você vai precisar de um vestido de festa.

Isso chamou minha atenção.

– Onde espera que eu encontre um em Shemaya?

Ela tinha a expressão de uma avó provocando a neta com um presente.

– Em seu armário.

Subi e abri o armário do quarto de minha mãe. Havia cinco vestidos diferentes – belas sedas, cetins e crepes, com meias finas e sapatos combinando. Fiquei empolgada. Bisa ficou me observando da porta.

– São lindos – eu disse, segurando cada um deles à minha frente.

– Não vai me dizer aonde vamos?

– Não posso – disse bisa. – É surpresa.

Ela sentou na cama enquanto eu experimentava cada vestido e passava girando por ela. Todos serviram perfeitamente, mas nós gostamos mais do vestido preto de cetim, de alças e com corpete de decote baixo, deixando à mostra os meus ombros e minhas costas. Na verdade, eu estava me divertindo.

Nós passamos pelo mesmo processo no quarto de bisa, escolhendo para ela um vestido com mais cor e um decote careca. Ela tirou dois colares e dois pares de brincos de pérolas de sua caixa de joias e me deu um de cada. Diante do espelho, nós formávamos uma dupla arrebatadora e nenhuma de nós precisou de penteado ou maquiagem. Cabelos e pele estão *sempre* perfeitos em Shemaya.

Deixamos a casa com o último dos quatro sóis das quatro estações se pondo, por trás do topo das árvores. Bisa me levou pela porta dos fundos, floresta adentro, a pé, até a entrada da estação de trem. Havia novos sons estranhos quando entramos no saguão, místicos e ressonantes – sons de água gorgolejando e vento soprando, de golfinhos rindo e pássaros cantando, de crianças falando e pais suspirando, de toda a criação vivendo e morrendo. Esses sons se mostraram ser de uma banda. Um bilhete escrito à mão, preso à porta, dizia “Recepção para os Novos Representantes”. Nós entramos.

Todos os postulantes tinham sumido e com eles a descarga estática de suas lembranças e o estado triste, horrendo, mas ocasionalmente belo, de suas mortes. Em um palco elevado, perto do painel que mostrava as chegadas, mas não as partidas, pairavam

quatro menestrelis sem face, como os seres do Tribunal, cada um trajando uma batina cinza comprida. Dois deles tocavam violinos, um tocava baixo e o outro, violoncelo, todos vibrando em cores: verdes de aurora, violeta e azuis. Diante da banda havia uma aglomeração de pessoas formalmente vestidas, homens, mulheres e crianças, alguns sozinhos, aproveitando a apresentação com um pratinho de canapés e uma taça de champanhe (ou leite, para as crianças), outros reunidos em pequenos grupos, conversando e rindo.

Mesas de banquete tinham sido colocadas nos quatro cantos do salão e estavam abarrotadas de patês, caviar, queijos, frutas e outras iguarias, e logo ao lado havia bares abastecidos de vinho, licor e outras bebidas. Um pequeno exército de criaturas sem rosto, vestidas de cinza, atendia as mesas e os bares, recolhendo os copos e pratos vazios dos convidados. Um lustre magnífico de cristal e outros menores banhavam a sala com uma luz quente e cintilante. Olhei em volta, tentando me situar. Luas surgiu da multidão muito bem-vestido em seu *smoking*.

– Bem-vindas! Bem-vindas! – disse ele, nos cumprimentando. – Estávamos aguardando vocês! – Ele deu um abraço em cada uma, depois virou e acenou os braços, acima da aglomeração. – Majestoso, não?

– Sim! – exclamei, acima do barulho.

– E é tudo em sua homenagem, minha querida. Você se formou sem dificuldades e agora está pronta para seu primeiro cliente. Tenho que dizer que temos um grupo excelente de novos representantes. Hora de se distrair um pouquinho, antes que o trabalho comece. Vocês duas estão maravilhosas.

– Obrigada – eu disse. – Só que realmente não me sinto pronta para me formar ou representar ninguém. Mal consigo entender o processo... e acho que não concordo com os resultados.

– Não se preocupe, Brek – Luas me assegurou. – Todos ficam nervosos na primeira vez, você vai se sair muito bem.

Bisa piscou para Luas.

– Brek estava muito desconfiada sobre esta noite – disse ela. – Ela quase me obrigou a estragar a surpresa.

– Ora, é mesmo? – disse Luas. – Ah, mas ela é muito curiosa. Isso que adoramos nela.

– Então, aqui vai outra pergunta – eu disse. – O que vocês fizeram com todos os postulantes? O salão estava cheio, alguns dias atrás.

– E, como sempre, uma pergunta observadora. Eu não lhe disse, Sophia? – disse Luas. – Na verdade, eles ainda estão aqui. Venha, vou lhe mostrar.

Saímos da estação e fechamos as portas.

– Certo – disse ele. – Agora, pode abri-las novamente.

A música tinha sumido, junto com os menestréis, a comida, as mesas, os lustres e os belos convidados. Os postulantes estavam de volta – milhares de esferas luminosas, cheias de lembranças flutuando na luz de penumbra da estação de trem.

– Como podem estar aqui? – perguntei.

– A criação é uma questão de perspectiva e escolha – respondeu Luas. – O que se deseja ver torna-se o que se consegue ver. Você nunca viu as partículas subatômicas pulsando nos móveis de sua sala de estar nem a minúscula partícula de sua sala de jantar nas galáxias do universo, mas isso não significa que as partículas subatômicas e as galáxias não coexistam. Seus poderes como representante estão amadurecendo, Brek. Você está vendo mais do que há para ser visto. Está vendo como se fosse através de um microscópio ou telescópio.

Caminhando entre as esferas, na metade da estação eu vi um homem vestido de farrapos, com olhos esbugalhados e a cabeça raspada. Ele me deu uma rápida olhada e desviou. Logo atrás dele, vi uma menina vestida também de farrapos. Ela me olhou com olhos assombrados e desafiadores. Não tinha o braço direito e me lembrou a mim mesma, quando menina.

– Eles são representantes? – perguntei a Luas. – Não parecem vestidos para a festa.

– Não – disse Luas. – São almas como todas as outras, mas você só consegue ver uma pequena porção de suas lembranças a essa altura.

– Talvez eu possa representar a garotinha. Parece que temos algo em comum – eu disse.

– Isso não será possível – Luas respondeu. – A menina já tem um advogado e seu primeiro cliente já foi escolhido.

De volta à festa, meus novos colegas – os muitos membros antigos e honrados da Alta Corte de Shemaya – estavam ansiosos para comemorar minha formatura e compartilhar as histórias de suas primeiras apresentações. Era perturbador que eles todos relatassem julgamentos concluídos antes de ser feita a defesa, e o que parecia ser uma eternidade julgando a mesma alma, repetidamente, para chegar sempre à mesma conclusão.

Constantin, por exemplo, um homem mais velho, com dentes enegrecidos e cicatrizes no rosto, disse-me que apresentou a alma de um policial cujo dever e prazer tinham sido torturar prisioneiros até que confessassem.

– Ele era um homem particularmente cruel – explicou Constantin –, no entanto, o Juiz acha conveniente terminar a apresentação, a cada dia, antes que eu possa informar à corte sobre sua afeição por animais abandonados nas ruas, os quais ele acolhia em seu apartamento.

Outra representante, Allee, uma adolescente grávida com bochechas e mãos inchadas, apresentou a alma de um jovem que abandonou a namorada após engravidá-la.

– Ele arriscou a vida para salvar uma criança de um incêndio na casa de um vizinho – disse ela. – Tento mencionar isso no Tribunal, mas nós nunca conseguimos chegar a esse ponto. Acho que Deus não considera importante.

Eu me perdi de Luas e bisa na multidão e continuei sozinha na mesa do bufê. Conversar com outros representantes me deixou nervosa e inquieta, e eu queria ficar só. Depois de me servir de um pouco de comida, fui me afastando até uma escultura de pedra no canto do salão, onde eu ainda não havia estado. Era uma esfera

perfeitamente lisa, tão alta como eu, e lembrava um globo terrestre. Uma estatueta de mulher em miniatura, com cabelos compridos e usando uma saia, ficava no alto da esfera, com três pares de portas em miniatura diante dela.

Quando olhei mais atentamente para a estatueta da mulher, a escultura se remodelou de modo que agora eu estava vendo os três pares de portas diante de mim, como se eu fosse a estatueta. Acima do primeiro par à minha frente havia uma placa que dizia "Eu"; acima do segundo, uma placa que dizia "Outros"; e acima do terceiro, uma placa que dizia "Espírito". Os três pares de portas tinham superfícies espelhadas e eu podia ver meu reflexo em todas elas, porém, as portas da esquerda e da direita refletiam imagens diferentes de mim.

O lado esquerdo de cada par de portas mostrava minha imagem como eu queria ver: mais alta, com maçãs do rosto mais ressaltadas, seios mais fartos e dois braços inteiros. Essa Brek Cuttler era perspicaz e sofisticada, mãe amorosa, advogada brilhante, filha dedicada, amante extraordinária, jogadora de tênis competitiva, violinista talentosa e *chef* maravilhosa. Ela era a espécie de mulher perfeita, invejada por ter a carreira perfeita, o corpo perfeito, a mente perfeita, o marido perfeito, os filhos perfeitos e a casa perfeita.

O lado direito de cada par de portas refletia uma imagem bem menos glamorosa de mim. Essa Brek Cuttler era mais cheinha e comum, com um rosto manchado, lábios finos, seios pequenos, cabelos sem vida, e sem o braço direito. No entanto, ela parecia mais nobre e menos frenética que sua gêmea, refletida nas outras portas. Essa Brek Cuttler se definia por tudo que a outra Brek Cuttler não era: confortadora em lugar de competitiva, espiritualizada em lugar de intelectual, clemente em lugar de condescendente, admiradora em lugar de admirada, confiável em lugar de temida. Ela era perfeitamente indefensável, e, como consequência, indestrutível, dependente de tudo e, portanto, perfeitamente independente.

– Me ame – pedia a Brek Cuttler perfeita, refletida nas portas à esquerda de cada um dos três pares, com as placas acima. Atrás dela, no espelho, estavam as armadilhas de seu sucesso – os olhares

admirados de homens e mulheres, as belas roupas e a linda casa, os amigos e títulos poderosos, as férias luxuosas, os convites invejáveis, as vitórias implacáveis. Sua pequena gêmea peculiar, refletida nas portas à direita de cada um dos três pares, dizia apenas:

– Eu Sou.

Atrás dela estavam as armadilhas de sua liberdade – representadas pelo universo em si, desde o menor mosquito até a estrela mais brilhante, cada um perfeito à sua própria maneira e em seu próprio tempo.

A escultura mágica dividia meu pequeno avatar em três, e cada uma de nós deu um passo à frente, para fazermos nossas escolhas entre os três pares de portas. Nos portais, fomos saudadas por nossos pais, professores e amigos: à esquerda todos apontavam, e pelas portas esquerdas nós seguimos, encontrando mais três pares de portas que exigiam as mesmas escolhas. Recebendo a mesma orientação, à esquerda nós fomos, repetidamente, como havíamos sido ensinadas e criadas, eventualmente fazendo nossas próprias escolhas. A escultura girava lentamente, como uma rocha sendo empurrada ladeira acima, com as portas abrindo e fechando.

Subitamente, a escultura voltou a se transformar nela mesma, do jeito que havia sido como uma grande esfera, mas eu já não fazia parte dela, só estava em pé ao seu lado. Olhando abaixo, para sua superfície, eu vi como se olhasse a Terra de uma grande altitude, um labirinto de portas, caminhos e escolhas, seguindo em todas as direções, como rios e rodovias.

Uma voz masculina, profunda mas suave, surgiu à minha direita, assustando-me:

– Um viajante que sai rumo a uma determinada direção acaba regressando ao local de início e o vê como se fosse a primeira vez.

Eu me virei e vi um homem arrebatadoramente exótico em pé ao meu lado. Ele era magro e de estatura média, de meia-idade, e estava sem camisa e descalço. Tinha uma pele lisa, marrom alaranjada, e olhos negros. Ele usava um *dhoti* indiano, com as cores do arco-íris, amarrado ao redor da cintura e das pernas, ao estilo de um hindu devoto, e usava um casquete feito de miçangas

douradas. Seu rosto era tranquilo, indecifrável, como o de um monge budista durante a meditação. Ele era belo.

– Oh, olá – eu disse, tentando me recuperar do choque, por seu aparecimento. – Eu não o vi aí em pé...

– Gosta da estátua? – perguntou ele.

– Sim – eu disse –, é muito interessante, embora um pouco perturbadora.

A esfera girou e minhas três representantes virtuais desapareceram do outro lado.

– O tempo segue somente numa direção, da qual não se pode desviar – disse o homem. – Porém, pode haver muitos momentos presentes, dependendo das escolhas que se faça.

– Como pode haver muitos momentos presentes? – perguntei. – Não há apenas um presente?

– Sim – disse o homem –, mas ele contém tudo que é possível. Se qualquer ponto da superfície onde a estatueta apareça represente o momento presente, então, atrás dela, a partir daquele ponto, é o passado, e à sua frente está o futuro. Agora, suponha que você fosse desenhar uma linha longitudinal ao redor da esfera a partir do momento presente, onde ela está, como a linha do equador num globo. Você deve ver que essa linha representa todos os locais possíveis, na superfície da esfera, onde a viajante pode estar e ainda estará no presente momento. As portas representam as decisões que ela tem de fazer quanto a sua posição ao longo dessa linha.

Eu estava confusa.

– Se isso era o que o escultor estava tentando dizer, eu não havia entendido – eu disse.

– Acho que isso não era tudo que ele estava tentando dizer – respondeu o homem. – Até agora, nós só reconhecemos duas dimensões da esfera: o tempo, representado pela rotação da esfera, e o lugar, representado pela superfície da esfera. Receio que tenhamos descrito apenas um disco plano, metade de uma panqueca.

– Não me saí bem em geometria.

O homem sorriu.

– Tem de haver uma terceira dimensão, dando volume à esfera e significado às dimensões de tempo e local. A linha meridiana que mencionei, representando o momento presente, não apenas flutua na superfície. Ela também se estende abaixo da superfície, através do âmago da esfera, dando-lhe profundidade e formato. Essa dimensão de profundidade representa os possíveis níveis de entendimento da viajante, em qualquer momento presente: os níveis de significado de local e tempo. A percepção dela talvez seja básica e primitiva e, nesse caso, seu entendimento de tempo e local seria próximo à superfície. Ou ela talvez possua um entendimento mais completo de seu tempo e lugar, com todas as suas nuances e, nesse caso, seu entendimento seria bem profundo, perto do âmago.

– O significado também é uma questão de escolha, não? – ele continuou. – Nós podemos vivenciar a mesma realidade presente de muitas formas diferentes. Como consequência, embora nossa viajante não tenha habilidade para escolher seu tempo especificamente, pois isso é determinado pela rotação da esfera, ela tem total liberdade para escolher tanto seu local no presente momento quanto seu significado e importância para ela, seu nível de percepção. Nesse sentido, ela vivencia a realidade em três dimensões, de um número potencialmente infinito de locais ao longo da linha do momento presente, designando à sua realidade um número potencialmente infinito de significados correspondentes à profundidade de sua percepção.

O homem estava falando e eu não entendia nada. Eu estava ali para comemorar o fato de me tornar uma representante, não para me envolver numa explanação filosófica de tempo, espaço e percepção. Dei uma olhada na multidão, em busca de Luas e bisa e de um meio educado de sair dessa conversa.

– Meu nome é Gautama – disse o homem, atenciosamente estendendo a mão esquerda.

– Brek Cuttler – eu disse, sorrindo timidamente, constrangida por ter sido flagrada procurando uma saída.

Um dos atendentes sem rosto chegou para retirar meu prato.

– Sim, eu sei quem você é – disse Gautama. – Espero que eu não a tenha entediado. Eu mesmo me interessei muito mais por

pequenos passos ao longo da jornada, mas parando ocasionalmente para olhar o todo, o que pode ser útil. Por exemplo, isso explica a presença dos postulantes aqui entre nós, nesse momento, e nossa inabilidade mútua de enxergar uns aos outros por conta dos níveis de percepção que escolhemos.

– Talvez – eu disse, começando a entender um pouquinho o que ele estava dizendo. – No entanto, isso explica por que todas as apresentações no Tribunal são concluídas antes que a defesa possa ser apresentada? Imagino que essa também tenha sido a sua experiência, não?

– Não sou um representante – disse Gautama. – Sou meramente um escultor... dentre outras coisas.

– Você que esculpiu isso? – perguntei, constrangida.

– Sim, mas vejo que a deixou desconfortável.

– É que intimida um pouco – admiti.

– Não nos sentimos à vontade fazendo escolhas – respondeu Gautama. – Preferimos que os outros escolham por nós. Mas a escolha é o que faz tudo funcionar, sabe? É a energia que move o Universo. Criar é simplesmente escolher, decidir. Até os Dez Mandamentos são escolhas; dez escolhas que cada pessoa tem de fazer em qualquer momento do tempo, que definem quem elas são e quem irão se tornar, embora possam ser reduzidas a três, que foi o que tentei fazer aqui, com minha esfera.

– Três?

– Sim. Os quatro primeiros Mandamentos são simplesmente escolhas sobre o Sagrado, não? Vamos reconhecer Deus... ou o Espírito, ou a Verdade, qualquer que seja a língua que você deseje usar... ou vamos louvar as coisas materiais e nos contentar com o mundo inconstante? Vamos evocar o poder de Deus, a força criadora, para prejudicar ou destruir os outros, ou vamos amá-los, como a nós mesmos? Vamos dedicar algum tempo para apreciar a Criação e a Verdade ou vamos consumir todo nosso tempo em busca de fins perecíveis? Os seis mandamentos restantes dizem respeito a escolhas sobre outros e o próprio. Matar, roubar, cometer adultério, o relacionamento com os pais, a família e a comunidade, e isso

reflete como será a escolha em relação ao restante. Se for invejoso ou encobrir a verdade, são decisões relativas a si próprio.

– É uma visão interessante – eu disse.

Gautama virou-se em direção à multidão.

– Seu entendimento sobre isso, minha filha, é essencial, pois essas são escolhas que precisam ser apresentadas no Tribunal. O Julgamento Final é baseado a partir apenas dessas escolhas, e a eternidade é decidida. O Juiz é exigente e detalhista. Alguns dizem até que o Juiz é impiedoso.

– Só que as apresentações nunca são completas – eu disse. – Alguns podem dizer que o Juiz é injusto.

– Não nos cabe questionar tal sabedoria – respondeu Gautama. – Mas você pode se perguntar quantas vezes as mesmas escolhas precisam ser apresentadas, antes que a história seja contada com precisão.

Analisei esse comentário e Gautama. Ele era bem diferente de todos que eu havia conhecido em Shemaya.

– Desde que cheguei aqui – eu disse –, acho que nunca conheci ninguém, exceto minha bisavó, que não fosse um representante. Você disse que é escultor, dentre outras coisas. Que outras coisas são essas?

– Ajudo postulantes a se reconhecerem e fazerem suas escolhas. Por isso minha esfera se localiza aqui na estação de trem.

Viramos de volta para a esfera.

– Ainda não entendo os reflexos na porta – eu disse. – Vi duas versões de mim.

– Todas as escolhas não são baseadas em desejos pessoais? – respondeu Gautama. – E todos os desejos pessoais não são reflexos de quem somos ou desejamos ser? Poderíamos refinar as três escolhas apresentadas aqui, por meio dos três pares de portas, fundindo-as em apenas uma, e concluir que todas as coisas na vida recorrem a escolhas relativas à própria Criação. Poderíamos refinar isso ainda mais e concluir que todas as coisas recorrem às escolhas da Criação quanto à própria Criação. Em outras palavras, Brek, nós somos cocriadores com Deus. No mais alto nível de realidade na esfera, no polo em que começamos e para o qual inevitavelmente

retornaremos, há somente um possível aqui e agora. Todo o restante flutua a partir dele e volta para ele, no curso da Criação, no curso da tomada de decisões. Escolhemos quem somos ou quem queremos nos tornar, mas, no fim, somos somente uma coisa, permanente e imutável, independentemente das escolhas que fizermos. A jornada ao redor da esfera é um círculo.

Tim Shelly subitamente chegou cambaleando entre Gautama e eu, fedendo a álcool, com os olhos vidrados e a gravata-borboleta aberta.

– Ei, *que pedra legal!* – disse ele, apontando a esfera e embolando as palavras. Então, ele pousou a mão em meu ombro e deslizou pelas minhas costas, de modo inapropriado. – Vá arranjar outra pessoa, Gautama – disse ele. – A Brek é minha.

Dei um passo para trás, afastando-me dele, perplexa.

– Você parece estar aproveitando a noite, meu filho – respondeu Gautama, aparentemente inabalado pelo comentário de Tim ou sua visível bebedeira.

Tim me agarrou e tentou me beijar diretamente na boca.

– Tim, pare com isso! – eu gritei, empurrando-o. – O que deu em você?

– Qual é o problema, Brek? Você é boa demais pra mim? – ele disse, com escárnio.

– Acredito que seja hora de você ir pra casa, meu filho – disse Gautama.

– Por quê? – disse Tim. – Para você ficar com ela? – Ele deu uma piscadela para Gautama e um soco em seu ombro. – Ando de olho em você... sei que vocês, caras espiritualizados mais velhos, ainda gostam da coisa.

Gautama sorriu, mas não disse nada, como se estivesse lidando com uma criança malcomportada.

– O problema – Tim prosseguiu –, é que ela pensa que também é boa demais pra você. Ela só transa com garotos judeus. Eu por acaso sei que ela gosta dos que fizeram circuncisão. Bem, eu digo que chegou a hora de ela descobrir a sensação de ter um homem de verdade. Você espera aqui por sua vez, Gautama, e nós veremos o que ela acha. Não vou demorar muito. – Tim avançou em minha

direção e eu gritei, mas Gautama entrou em sua frente e o girou na outra direção.

– Boa noite, filha – ele me disse, levando Tim pelo braço. – Aproveite o resto de sua noite.

Deixei a recepção muito abalada. Pela primeira vez em Shemaya, eu temi pela minha segurança pessoal. Mas será que realmente havia algo a temer? Será que uma alma humana pode ser violentada ou ferida? Tim Shelly parecia um homem com corpo de homem. Senti sua mão em minhas costas, em meu corpo. Porém, nenhuma dessas coisas existia – e, no entanto, existiam. E como era possível que o antissemitismo persistisse até depois da morte? Eu não era judia e nunca disse a Tim que Bo era. Como ele soube, e por que isso tinha importância? Nada disso fazia sentido.

Havia algo verdadeiramente frio e malicioso no jeito que Tim me olhava. O que aconteceu com o rapaz meigo que achou ser uma garçonne e que acampava com o pai? O rapaz que visitou Tara comigo, que velejou comigo numa caravela e que se preocupava com a forma como a mãe estaria encarando sua morte? Talvez fosse só efeito do álcool... Mas como uma alma humana pode consumir álcool e ficar inebriada?

Caminhei pelo longo corredor de escritórios. Senti um calafrio quando passei pela sala de Tim, mas isso não foi nada comparado à pontada de pavor quando vi meu nome na porta ao lado da dele, gravado numa placa novinha em folha. “Brek Abigail Cuttler, Representante”.

A porta estava destrancada e eu entrei. O escritório era idêntico ao de Luas, com uma mesa pequena, duas cadeiras, duas velas sobre a mesa e nenhuma janela. Eu não era sua primeira ocupante; as duas velas haviam sido queimadas de forma irregular, suas laterais e seus castiçais de bronze estavam cheios de pelotas de cera. Era uma salinha claustrofóbica, um confessionário numa catedral decrépita. O ar era úmido e pesado, abarrotado com os pecados dos que haviam

exalado suas vidas ali. Mas ela era minha. Acendi as velas, fechei a porta e me acomodei atrás da mesa, para desfrutar da privacidade.

Então, houve uma batida à porta.

Tim?

Contornei a mesa silenciosamente e preendi a cadeira de visitante contra a porta.

Novamente a batida, dessa vez seguida por uma voz de menina que soava asiática e desconhecida.

– Posso entrar, por favor?

– Quem é? – perguntei, prendendo a cadeira com mais firmeza usando meu pé.

– Meu nome é Mi Lau. Eu conheci seu tio Anthony. Vi quando você deixou a recepção.

– Anthony Bellini? – eu disse.

– Sim. Posso entrar?

Puxei a cadeira da porta e a abri. O que vi diante de mim era tão horrendo e repulsivo que eu gritei horrorizada e fechei a porta novamente. Uma jovem estava ali na porta com o corpo todo queimado, quase irreconhecível, ainda esfumaçando, como se as chamas tivessem acabado de ser apagadas. A maior parte de sua pele tinha sido destruída, expondo fragmentos estilhaçados de osso e tecido, chamuscados como cartilagem colada numa grelha. Ela estava sem o olho direito, deixando apenas um buraco horrendo no rosto. Abaixo, havia duas fileiras de dentes quebrados, sem lábios, bochechas ou gengivas, e uma extensão do osso branco do maxilar de alguma forma foi poupada de enegrecer pelas chamas. O fedor de carne queimada tomava conta do corredor e, agora, do meu escritório.

– Por favor, perdoe minha aparência – disse a garota, do outro lado da porta. – Minha morte não foi muito agradável. E, pelo que vejo, a sua também não.

Olhei para baixo e me vi como Mi Lau havia me visto – como eu me vira ao chegar em Shemaya, nua, com três buracos no peito e coberta de sangue. Abri a porta novamente. Mi Lau e eu encaramos uma à outra, como dois monstros num filme de terror. Nós obviamente não podíamos nos comunicar nem estar na presença

uma da outra; se nossos ferimentos eram tudo que conseguíamos enxergar, então ingressamos na mesma encenação interpretada por todas as almas de Shemaya, concordando em vermos, uma na outra, apenas os agradáveis reflexos de hologramas da vida, da forma como desejávamos que tivessem sido.

Sob essa luz filtrada e refratada, Mi Lau subitamente se tornou uma linda adolescente de pele amarelo topázio, grandes olhos castanhos e cabelos compridos, escuros e cheios. Ela era uma criança se tornando mulher – jovial, radiante e pura, vestida com um belo vestido rosa, tornando o horror de sua morte ainda mais cruel e difícil de aceitar.

– Eu lamento muito se minha aparência assustou você – disse ela. Ela falava no tom rítmico, como uma corda solta de violão, da língua vietnamita, mas eu compreendia suas palavras em inglês, como se estivesse ouvindo um intérprete escondido.

– Não, eu que devo me desculpar – eu disse. – Não esperava ninguém à porta e então, bem... sim, você me assustou. Por favor, entre.

Mi Lau sentou na cadeira de visitante, com as mãos entrelaçadas no colo. Fechei a porta e voltei ao meu lugar, atrás da mesa.

– Como conhece meu tio Anthony? – perguntei. – Ele morreu antes que eu nascesse.

– Nós nos conhecemos durante a guerra – disse Mi Lau –, e ele também é um dos meus clientes.

– Meu tio está em julgamento aqui? – perguntei. – Posso vê-lo?

– Sim, você pode ver o julgamento dele. Eu apresento o caso todos os dias.

– O Juiz conclui antes que você termine?

– Sim, como os outros.

– Isso não faz sentido – eu disse. – Para que se dar ao trabalho de ter um julgamento?

Mi Lau não disse nada.

– Como vocês se conheceram durante a guerra? – perguntei. – Como ele era?

– Seu tio veio até minha vila com outros soldados americanos – disse Mi Lau. – Eles estavam perseguindo os vietcongues. Estes

ficaram conosco. Não tivemos escolha. Eles eram apenas jovens garotos. E nos deixaram em paz, não nos feriram. Quando os americanos chegaram, houve tiros e minha família se escondeu num túnel embaixo de nossa cabana. Minha mãe sempre era a primeira a entrar no túnel, depois a minha irmã, eu, e meu pai por último. Mas a batalha nos pegou de surpresa e, dessa vez, eu fui a última. O túnel era estreito e nós tínhamos que rastejar. Dava para ouvir as metralhadoras e os americanos e os vietcongues gritando. Minha irmã e eu cobrimos nossos ouvidos e trememos como coelhos assustados.

– Deve ter sido horrível – eu disse.

– Sim. Mas a batalha não durou muito. Logo tudo ficou em silêncio e uma explosão bem forte sacudiu o solo. Caiu terra no meu cabelo e eu fiquei com medo que o túnel fosse desabar. Meu pai disse que os soldados americanos estavam explodindo os túneis em nossa vila e nós tínhamos que sair rapidamente. Eu rastejei em direção à entrada e foi quando vi seu tio. Ele estava ajoelhado no buraco, segurando uma granada. Eu me lembro claramente. Um crucifixo com o braço direito quebrado, pendurado em seu pescoço. Lembrou-me de pensar que parecia com um passarinho com a asa quebrada. Eu sorri para ele. Eu era tão ingênua, achava que os americanos estivessem ali para nos ajudar, que fossem nossos amigos. Mas ele não retribuiu o sorriso. Ele me olhou com um olhar terrível de ódio, depois arrancou o pino e soltou a granada dentro do buraco.

“Não! Não! Nós estamos aqui embaixo!”, eu gritei. A granada rolou entre as minhas pernas. Era fria e lisa, como uma pedra do rio. Eu o vi virar a cabeça e cobrir os ouvidos. Foi quando explodiu.

Mi Lau falava sem raiva ou ressentimento, como se não descrevesse nada além de plantar arroz num campo. Abaixei a cabeça, envergonhada e aflita demais para olhar para ela.

– Eu lamento muito – eu disse. – Eu não sabia.

– Obrigada – disse Mi Lau. – Sei tudo de sua família, por apresentá-lo. Eles parecem gente muito boa. É engraçado. Seu tio estava convencido de que você seria menino, antes de nascer, mas ficou muito feliz quando soube que você era menina.

– Disseram-me que ele morreu como herói.

– Talvez tenha morrido – disse Mi Lau –, mas um herói é alguém que vive nas mentes de outras pessoas. Depois de explodir todos os túneis de nossa vila, ele saiu com outros soldados e foi fumar maconha. Ele disse a eles, rindo: “A melhor coisa de explodir túneis cheios de vietnamitas, logo de manhã, é que eles já estão em suas covas e você pode passar o resto da tarde fumando bagulho”. Então, uma hora depois, ele saiu sozinho e deu um tiro na cabeça. Isso talvez tenha sido heroico, tirar a própria vida para não tirar mais a vida dos outros.

Levei um bom tempo para absorver o que ela tinha falado.

– Como você pode representá-lo, se ele matou você e sua família? – perguntei. – Lamento pelo que ele fez, mas como ele pode ter um julgamento justo? Quer dizer, você naturalmente quer que ele seja condenado, e talvez ele deva ser. Talvez seja por isso que ele ainda esteja aqui.

Os olhos de Mi Lau se estreitaram e ela endireitou a postura, indignada.

– Eu apresento a vida de Anthony Bellini exatamente como ele a viveu – disse ela. – Não posso mudar o que ele fez e não influencio a apresentação, de forma alguma. Luas nos monitora atentamente e disciplina qualquer representante que tenta influenciar o resultado.

– Mas como você pode encará-lo, depois do que ele lhe fez?

– Ele não pode me ferir novamente – disse Mi Lau. – E eu me sinto melhor, sabendo que a justiça está sendo feita. Tudo é confessado no Tribunal... não há mentiras. Alguns dizem que Shemaya é onde Jesus ficou por três dias, após sua morte, antes de ascender ao Céu, apresentando todas as almas que já viveram. Eu acredito que Shemaya é onde a batalha final é travada, entre o bem e o mal. Não se pode deixar que o mal vença. Não se pode deixar que ele se esconda ou se disfarce; ele tem de ser arrancado pela raiz e destruído, e todos os que o perpetraram têm de ser punidos.

Mi Lau levantou-se e subitamente estava outra vez transformada na menina cujo corpo havia sido mutilado e explodido pela granada de meu tio.

– Agora preciso ir – ela disse. – Bem-vinda a Shemaya. Você estará servindo a Deus aqui. Estará servindo à justiça.

Na manhã seguinte, acordei com o aroma adocicado de nozes de um mingau irlandês. Era um cheiro delicioso e familiar que eu não sentia desde quando minha avó Cuttler fazia para mim e meu avô na fazenda. Desci e encontrei bisá Bellini na cozinha, já vestida. Ela me deu um beijo na testa e colocou uma vasilha de mingau quente à minha frente, na mesa da cozinha.

– Você vai precisar de toda sua força hoje – disse ela.

Havia algo diferente nela. Seus olhos pareciam distantes e lacrimosos, quase melancólicos. Eu nunca a vira assim.

– Obrigada – eu disse, encantada com o café da manhã. – Você está bem?

– Sim – ela disse. – É que chegou a hora da minha partida e eu fico triste que tenhamos que nos separar.

– Partir? O que quer dizer com partir? Para onde?

– Apenas partir, filha, seguir em frente. Você chegou aqui ferida e assustada, e ainda há um pouco de dor e medo em você, mas eles já não a controlam. Você se recuperou do choque da morte. É por isso que eu estava aqui, para ajudá-la. Agora você é uma representante. Precisa de espaço para praticar, para ampliar seus pensamentos e revisá-los, espaço para estudar e entender. Seus próximos passos serão por sua conta. Você está pronta e eu me orgulho de você. Nós nos orgulhamos de você. Você nos dá esperança.

Eu estava aterrorizada.

– Leve-me com você – implorei. – Não quero ser representante. Aqui não há justiça. O tio Anthony, Amina Rabun, Toby Bowles... todos eles foram condenados antes que seus representantes entrassem no Tribunal. Os mesmos julgamentos são realizados todos

os dias, e os mesmos veredictos são dados. É... é o inferno, não o céu.

Bisa foi até o balcão pegar um pouco de café.

– Talvez você tenha sido trazida aqui para mudar tudo isso. Talvez Deus precise que você conserte isso.

– Mas Deus criou isso e Deus é o Juiz. É Ele quem interrompe os julgamentos antes que a defesa seja feita. Só Ele pode consertar isso.

– Essa não é a forma como Deus age – disse bisa. – Todos nós temos livre-arbítrio, Brek. Você tem a escolha quanto ao tipo de representante que quer ser, da mesma forma que teve a escolha quanto ao tipo de pessoa que quis ser.

– Não quero ser representante, nem um pouco.

Bisa sentou-se ao meu lado.

– Essa escolha já foi feita, filha. Você escolheu vir para cá. A questão não é se você será uma representante, mas que tipo de representante você será. Você se sentirá diferente depois de conhecer seu primeiro cliente. Os postulantes precisam de você, Brek. Você não deve abandoná-los.

– Mas você está me abandonando.

– Isso não é verdade. Fiz tudo que pude. O resto cabe a você.

Eu não me sentia pronta. Sabia que estava pisando em terra firme, que eu havia sido colocada ali por ela, essa mulher notável que tinha cuidado de mim quando passei pelo útero de minha mãe, e cuidou de mim, novamente, quando passei pelo útero da vida.

– Para onde você vai? – eu perguntei. – Poderei vê-la?

– Ah, eu não poderia descrever de um modo que você entendesse – disse bisa. – Porém, o que posso lhe dizer é que, como todos os lugares, eu vou para um lugar que eu escolhi e ajudei a criar. Não sei onde é nem como será, mas sei que é um pensamento para onde vou; um pensamento que venho tendo que, como todos os outros pensamentos cultivados e nutridos, se manifestam num cantinho do Universo, para que possa ser vivenciado. A criação transcende tudo, filha. Milhões, bilhões de atos de escolha, tornam-se milhões, bilhões de atos de criação.

– Só que eu já te perdi uma vez, bisa – eu disse. – Não posso suportar perdê-la de novo.

– *Shhhh*, filha, *shhh* – ela sussurrou. Depois, ela me deu o que eu mais precisava: um último e breve instante de minha infância. Ela me abraçou e encostou meu rosto à pele enrugada do seu. Ela me deixou ouvir as batidas de seu coração e o cheiro doce de sua pele. Em seu abraço, voltei a me sentir segura. Então, ela disse:

– Você não aprendeu, filha? Não está vendo? Visite meu jardim quando tiver dúvidas. Aprenda com as plantas, que vivem e morrem, e vivem de novo. E, lembre-se, ah, filha, sempre se lembre que eu estive aqui para recebê-la, quando você achou que há muito eu partira. Você não perdeu Bo e Sarah, Brek. E jamais irá me perder. O amor não pode ser destruído.

Quando bisa deixou Shemaya, eu também deixei. Eu não queria nenhuma ligação com os procedimentos sórdidos do Tribunal. Eu preferiria passar toda a eternidade sozinha do que participar daquilo. Embora Tim Shelly tenha se voltado contra mim, ele me fizera um grande favor ao me mostrar que eu tinha força para ir a qualquer lugar, a qualquer hora, com um simples pensamento. Portanto, decidi fazer exatamente isso, embarcar em minha própria viagem pela Terra, vendo e fazendo coisas que nenhuma pessoa já tivesse feito, ou poderia ter feito, numa única vida. Eu precisava de férias, de uma fuga da morte.

Comecei num ritmo tranquilo, passeando e me bronzeando em algumas das mais belas praias do mundo: Barbados, a Riviera Francesa, as ilhas gregas, o Taiti, Dubai e o Rio de Janeiro. Vivi o estilo de vida dos ricos e famosos, dormindo nas casas de campo e *resorts* mais exclusivos, velejando a bordo dos iates mais luxuosos, voando em helicópteros e jatos privativos, chegando nas mais caras limusines, jantando nos melhores restaurantes, tomando os champanhes mais caros, fazendo compras nos melhores joalheiros e butiques, ganhando – e perdendo – milhões de dólares nos cassinos mais exclusivos. Era uma vida de sonho, um céu. Mergulhei nos arrecifes de corais dos Galápagos, escalei a montanha mais alta de cada continente, fiz trilhas pelo Saara, velejei ao redor do mundo, remei numa canoa por toda a extensão do Rio Amazonas e do Rio Nilo, caminhei pela Grande Muralha da China, visitei os polos Norte e Sul e fiz safáris pelas terras da África.

Tudo isso foi muito divertido – por um tempo. Porém, eu estava sozinha em todos os lugares aonde ia – praias, casas de campo, aviões e cassinos. Eu não tinha ninguém com quem compartilhar

minha sorte ou mesmo para me invejar de longe. Imaginei que deve ter sido assim que Deus se sentiu, antes de criar a humanidade. Havia tristeza maior, em todo o Universo, do que ter tudo *isso* e ninguém com quem compartilhar? Enquanto eu viajava sozinha, de uma maravilha do mundo a outra, do mar ao deserto e à montanha, eu passei a entender por que Deus estivera disposto a arriscar tudo – até a rejeição, o sofrimento e a guerra, como Luas dissera – pela alegria de ouvir apenas um humano ofegante dizendo “Oh, *meu Deus...* olhe para isso!”.

Sim, ao fazer essa jornada eu tinha evitado Tim Shelly, Mi Lau, Luas, Elymas e o que eu considerava a tragédia e a injustiça do Tribunal, mas eu precisava dividir minha experiência do pós-vida, tanto quanto precisava compartilhar minha experiência da vida em si. Talvez, assim como Deus, fui ficando cada vez mais desesperada pelo *outro*, um companheiro em meu paraíso.

Dessa forma, eu lentamente passei a entender por que a serpente tinha dito a Eva que é o risco do mal que torna a vida rica e possibilita a experiência de contentamento e prazer. De certo modo, eu havia regressado ao Jardim do Éden e o achei tão insuficiente quanto Eva o achara; pois, no paraíso, só há perfeição. Sem seu oposto, a perfeição não pode ser entendida ou vivenciada, exatamente como a luz de uma vela, no centro do sol, não pode ser compreendida e vivenciada até que seja removida do sol e colocada na escuridão.

Estranhamente, após minha viagem por todas as maravilhas da Terra, eu estava novamente pronta para ser expulsa do paraíso. Dizem que Jesus viveu um momento parecido, depois que o Diabo lhe ofereceu todos os reinos do mundo; porém, Jesus os recusou, aceitando o risco do sofrimento e da morte, para vivenciar o amor.

E assim, conforme Gautama havia dito que eu faria, voltei ao lugar do início da minha jornada, vendo-o novamente como que pela primeira vez. Voltei pronta para o meu primeiro cliente. No entanto, secretamente eu torcia, como havia torcido desde o dia em que chegara a Shemaya, que esse seria o dia que me diriam que tudo havia sido um sonho muito estranho e aterrorizante. E que era hora de acordar.

Luas não atendeu quando bati na porta de seu escritório. Em vez disso, o ser do Tribunal surgiu no corredor, para me informar que o Alto Consultor Jurídico estava ocupado e me receberia depois que eu conhecesse meu primeiro cliente. Eu deveria ir ao meu escritório e esperar.

Fiz o que foi dito e logo o ser do Tribunal chegou com um postulante, fechando a porta ao sair e nos deixando sozinhos, no escritório. Eu havia resolvido, antecipadamente, ficar de costas para o postulante e de frente para a parede atrás de minha mesa. Eu queria adiar a investigação do passado do meu cliente e primeiro tentar me comunicar conforme as condições atuais, de uma alma companheira para outra, perdidas de um lar comum e deixadas por conta de um destino comum. Eu não tomaria levemente as lembranças de meus clientes nem exigiria que eles esperassem em outra sala enquanto eu negociava a eternidade com seu Criador. A eles seria dada a oportunidade de participar de suas próprias defesas, para explicar, em seus próprios termos, o que acontecera durante suas vidas e por quê.

Então, ali ficamos por um instante, meu primeiro cliente espiritual e eu, juntos, no precipício da eternidade.

– Está com medo? – perguntei.

– Sim – respondeu uma voz masculina.

– Eu compreendo. Farei tudo que eu puder para ajudá-lo.

Porém, eu também estava com medo. Todo advogado tem dúvidas, e o que estava em jogo no Tribunal de Shemaya era bem maior do que qualquer tribunal da terra.

Como posso suportar o fardo de outrem, se nem consigo suportar o meu? Como me atrevo a tentar ajustar as contas de outrem,

quando meus próprios débitos continuam sem pagamento?

– Acho que ninguém pode me ajudar – disse ele. – Fiz algo terrível.

Quase não dava para ouvir sua voz resignada, desesperançada. Eu não podia permitir que tanto desespero ficasse sem resposta, independentemente dos demônios que me assombrassem, ou do que ele tivesse feito. Seu tom suplicante não apenas revolveu minha compaixão, mas deixou claro para mim que esse era o chamado para o qual eu havia me preparado a vida toda. Esse era o motivo para que eu tivesse sido escolhida para defender as almas no Julgamento Final. Naquele momento, foi como se o mistério da minha própria vida e da vida pós-morte tivesse sido revelado, de forma inesperada, pelo sofrimento de outra alma. Eu me dedicaria a salvar meus clientes da desolação e da injustiça. Eu iria redimi-los diante do trono de Deus.

Com a alegria dessa revelação, eu já não podia mais ficar de costas para a alma. Ansiei por ver seu rosto sob a luz da verdade e saber tudo que eu pudesse sobre sua vida, tanto de bom, quanto de ruim. Eu abençoaria, não julgaria, e faria tudo que estivesse ao meu alcance para garantir-lhe todos os benefícios e aniquilar cada dúvida. Eu falaria no Tribunal com a voz partidária de uma advogada e arriscaria até minha própria punição para ganhar a justiça. Eu jamais permitiria que acontecesse com essa alma o que acontecera com Toby Bowles, Amina Rabun e meu tio Anthony.

Essas foram promessas que eu fiz a mim mesma quando virei de frente para meu primeiro cliente – promessas que talvez eu tivesse feito anos antes, ainda menina, quando uma correia dentada desfigurou meu corpo e reconfigurou minha vida. Agora, eu sabia que havia sido trazida a Shemaya para cumprir esses votos sagrados e, talvez, garantir minha própria redenção.

Porém, ao me virar para cumprimentar essa alma linda e desamparada a quem eu dedicaria minha devoção, meu amor, minha eternidade, eu me deparei com um tipo de rosto muito diferente. Era o rosto perverso de um assassino, não o rosto inocente de uma vítima.

Não... não, ele, não. Por favor... por favor, meu bom Deus, ele não!

Mas era tarde demais.

O homem que me matara tinha morrido e ido para Shemaya.

Sua alma agora percorria meu interior. E eu detinha seu destino em minhas mãos.

QUARTA PARTE

31

Otto Rabun Bowles não entendia nada de sua conturbada história de família, ao sentar, confuso, na lateral do campo durante metade da partida de futebol, depois de ter sido cruelmente atingido por todo o primeiro tempo por crianças que eram quase o dobro de seu tamanho. Ele pediu ao pai que não o fizesse voltar ao jogo. Mas seu pai, Tad Bowles, respondeu como o próprio pai havia respondido a ele quando garoto, depreciando Ott por agir como um bebê e ordenando que ele voltasse ao campo.

Foi quando Toby Bowles, avô de Ott, fez uma visita surpresa. Toby se afastara de Tad por mais de uma década. Por isso, Ott nunca o vira nem jamais voltaria a vê-lo. O velho e ex-praticante de tantas insensibilidades desceu da arquibancada para intervir em favor do neto, pedindo a Tad para dar uma folga ao garoto. Ott estava cheio de hematomas e admiração por seu anjo protetor, sobre quem ele ouvira tantas coisas terríveis, mas que tinha uma semelhança tão notável com seu pai. Toby subitamente pareceu ser seu único amigo no mundo e Ott o adorou no mesmo instante.

Mas Tad ficou enfurecido. Como seu pai se atrevia a aparecer sem ser convidado, e como se atrevia a criticá-lo? Palavras ásperas foram trocadas entre os dois – palavras que deveriam ter sido ditas quinze anos antes, quando havia contexto para entendê-las e ainda restava amor para cicatrizá-las. Porém, elas vieram agora e disparavam como tiros de metralhadora. Quando Tad já não conseguia mais se conter, ele empurrou o velho – com força suficiente para fazê-lo perder o equilíbrio e cair no chão, na frente de Ott e dos outros espectadores.

Ott estreitou os olhos com raiva do pai. Perplexo e envergonhado, Toby se apoiou na arquibancada para se levantar e foi embora, e Ott nunca mais o viu. Quatro anos depois, Claire, mãe de Tad, ligou para dizer que Toby tinha morrido de um ataque cardíaco. A oportunidade para Ott formar um laço com seu avô paternal se fora.



E foi assim que a vida inteira de lembranças contidas na alma do homem que me assassinou se tornou um tipo de Pedra de Roseta para mim, possibilitando-me decifrar, lenta e dolorosamente, as ligações entre a vida dele, a minha e as vidas das almas que eu havia conhecido em Shemaya – como bisa tinha me dito que eu tinha de fazer, se algum dia fosse escapar desse lugar. Era bizarro que eu precisasse das lembranças de Ott Bowles para me guiar pelo pós-morte, pois, desde que eu chegara a Shemaya, estivera relutante em acessar minhas próprias lembranças sobre minha morte e a de Sarah. E porque, mesmo que eu tivesse me lembrado de tudo, não saberia o quão profundamente minha vida tinha sido interligada com tantas pessoas diferentes.

Fiquei estarelecida ao saber que Toby Bowles, primeira alma que eu tinha visto ser julgada em Shemaya, um homem a quem eu nunca encontrara em vida, era responsável não somente pela existência do meu marido, e, no fim das contas, da minha filha – ao salvar a vida de minha sogra, em Kamenz –, mas também pela existência do meu próprio assassino, já que era avô de Ott Bowles. No entanto, isso era meramente a primeira de muitas ligações surpreendentes que eu descobri, entre a minha vida e a vida de Ott Bowles; ligações que nos uniram pelo destino em vida e, agora, na morte.

Os pais de Ott Bowles se conheceram numa boate em Nova Jersey, onde a mãe de Ott, Barratte Rabun, de trinta e oito anos e ainda bastante atraente, servia drinques. Muitos anos depois, Barratte explicou ao filho que algo nos olhos castanhos tristes de seu pai, e em seu sorriso envergonhado, a fez querer protegê-lo. Aos vinte e seis anos, ele a fazia lembrar vagamente de seu irmão mais velho, que havia sido executado pelos soldados russos, em

Kamenz. Ele também parecia diferente dos outros homens do bar, que depois de finalmente terem voz, por conta do álcool que consumiam, só sabiam dizer “Quero comer”, “Onde é o banheiro?” e “Durma comigo”.

Ainda assim, a atração de Barratte por Tad Bowles começou a se dissipar quando ela engravidou de Ott. Na verdade, até a manhã em que teve Ott, ela via todos os homens, incluindo Tad, somente como caça a ser colecionada, atacando-os como uma saqueadora e pendurando suas cabeças tolas nas paredes de sua memória. Após o nascimento de Ott, os homens em geral, mas Tad, em particular, não valiam nem isso para ela. Ela havia colhido o pouco que a espécie masculina ofertava ao mundo – aquele precioso fertilizante que eles desperdiçavam de forma tão negligente. Agora, o jovem Ott se tornara seu melhor troféu, seu começo e seu fim. Cada contração de seu útero respirava nova vida em sua família havia muito morta, cuja existência dependia de seu trabalho sagrado. Nem por um dia, durante a infância de Ott, ela o permitiria esquecer que a sobrevivência dos Rabun de Kamenz dependia *dele*. Ele era o elo insubstituível com todos que o precederam e todos que viriam depois.

Ott prontamente aceitou essa responsabilidade, mas seu pai, de forma alguma um Rabun, nunca foi incluído nesse segredo importante. Isso até a ação movida por Bill Gwynne e eu, contra Amina e Barratte Rabun, em nome de minha sogra, Katerine Schrieberg-Wolfson. As revelações estarrecedoras na queixa sobre os Rabun de Kamenz chegaram como um choque absoluto para Tad Bowles. Barratte só lhe dissera que a maior parte dos membros de sua família foi morta durante a guerra, que ela herdara uma quantia modesta, e que uma prima, em Buffalo, com quem ela já não se relacionava, ajudara-a a fugir da Alemanha antes que os soviéticos fechassem a Cortina de Ferro. Que o pai e o tio de Barratte haviam sido ricos, que tinham acumulado essa riqueza por meio dos campos de extermínio e pela extorsão aos judeus, que Barratte tinha sido violentada por soldados soviéticos e que sua família fora assassinada; que ela escondera essa história dele – tudo isso deixou Tad se sentindo assustado e traído.

No entanto, o susto também serviu para abrandar o ego ferido de Tad, pois a ausência de sentimento de Barratte no casamento agora podia ser explicada por outros motivos que não fossem as inadequações dele. Ele havia se casado com uma fraude e, talvez, algo bem pior; portanto, foi ele quem pressionou pelo divórcio, mesmo ao comprar seu quarto automóvel novo em quatro anos, com o dinheiro manchado dos Rabun. Claro que Barratte acabaria se divorciando de Tad, da mesma forma como Amina se divorciara de George Meinert. No entanto, quando Tad deu a entender que talvez buscasse a guarda de Ott, ela ameaçou destruí-lo. Ele sabia que ela podia e concordou em ceder a guarda do menino. Uma semana após o aniversário de doze anos de Ott, Barratte arrumou as coisas deles e se mudou da casa em que moravam, ao lado do escritório de seguros de Tad, em Nova Jersey, para uma pequena mansão de Amina, em Buffalo, para enfrentar as alegações da ação judicial e recuperar o nome de sua família.

O processo contra Amina e Barratte Rabun não foi iniciado por minha sogra. Por profunda gratidão pelos riscos que Amina correria para proteger sua família durante a guerra, Katerine Schrieberg-Wolfson decidira não seguir adiante com a ameaça feita por seu ex-advogado, Robert Goldman, de processar Amina e Barratte, à época do nascimento de Ott, em 1974. Porém, doze anos depois, eu, como advogada recém-formada e casada com Bo, único filho de Katerine – que era um herdeiro, por direito, da fortuna dos Schrieberg – a convenci a reconsiderar.

Argumentei que os Rabun não somente haviam roubado a herança de Katerine e seus irmãos – o que talvez pudesse ser relevado, pois Amina os salvara da morte –, mas também roubara a herança de seus filhos e netos. A lei não poderia relevar essa injustiça tão facilmente. Essas gerações futuras tinham direito a uma parte dos bens de seus ancestrais; assim como as futuras gerações de Rabun tinham direito à sua parte dos bens de seus ancestrais.

Também frisei para Katerine que nós não estaríamos prejudicando Amina financeiramente, ao buscarmos recuperar o valor desses bens. Amina era abastada por seu próprio direito, como herdeira da fortuna dos Rabun e como uma bem-sucedida editora de jornal. Reparos feitos aos bens dos Schrieberg teriam pequeno efeito, se é que algum, no estilo de vida que ela levava, que havia sido ostentoso se comparado ao modo que Katerine tinha sido forçada a viver, sem tal herança. E eu repetidamente lhe garanti que nós processaríamos Amina e Barratte Rabun apenas nominalmente. Foi Otto Rabun, tio de Amina e membro da SS nazista, quem tomara os bens dos Schrieberg. Nós iríamos elaborar cautelosamente a queixa, para identificá-lo como o malfeitor, não sua sobrinha ou filha. Depois de um pouco mais de incentivo de Bo – a quem a perspectiva de receber uma herança considerável era cada vez mais atraente –, Katerine finalmente cedeu.

Bill Gwynne e eu prontamente iniciamos a ação, citando tanto Amina quanto Barratte como acusadas. Bill era o mestre e eu o observava, admirada, ajudando nos bastidores. Por meio de uma série de intimações da Convenção de Haia, obtivemos cópias de contratos assinados pelo pai de Amina para a construção dos crematórios de Auschwitz e Majdanek, dos arquivos privativos alemães. Igualmente grave, conseguimos uma cópia de uma patente expedida em 1941, ao pai de Amina, para o desenho de um crematório mais avançado, instalado primeiro em Auschwitz, utilizando um gerenciamento melhor de fluxo de ar, conversores para remoção de cinzas, e novos materiais refratários para elevar as temperaturas e aumentar sua capacidade. Nos desenhos técnicos anexados, Amina reconheceu a forma do canteiro de areia construído pelo pai, para ela e Helmut. Essa semelhança banal e as fotografias de milhares de cadáveres nos campos assombraram os sonhos de Amina pelo resto de sua vida.

Embora esses documentos não mostrassem nenhuma relevância legal à nossa ação indenizatória pelo valor dos teatros e da casa dos Schrieberg, eles causaram grande sensação na mídia, de imediato virando o caso a nosso favor. Nós tínhamos cuidadosamente focado nossas alegações em Otto Rabun, conforme prometido, porém,

Amina e Barratte Rabun, como filhas sobreviventes de nazistas, tornaram-se alvo do desprezo e da indignação do público. Não tardou para que a editora do premiado *Cheektowaga Register* fosse julgada pela mídia como uma criminosa de guerra – e grupos judeus evocavam um boicote ao seu jornal manchado de sangue, assim como os livros também maculados da Bette Press.

Katerine ficou horrorizada e furiosa comigo e com Bill, por deixarmos que isso acontecesse. Porém, não havia como colocar o gênio de volta na garrafa, e Bill não se desculpou. Ele explicou que coisas acontecem no fervor da batalha e que, às vezes, ocorrem danos colaterais. Em qualquer momento, Amina e Barratte poderiam ter se poupado do constrangimento, simplesmente fazendo o correto e oferecendo-se para resolver o caso, anos antes, quando o sr. Goldman escreveu sua carta, convidando para uma resolução negociável. Tínhamos feito tudo que pudemos para evitar constrangê-las.

Os ataques públicos gerados pela ação atingiram profundamente Amina e Barratte, mas também tiveram o efeito de unir as primas, depois de anos de separação. As duas mulheres tinham passado coisa muito pior durante a guerra e, ao enfrentarem essa nova ameaça em comum, elas voltaram a descobrir o amor e a confiança mútua, que as sustentou durante aqueles terríveis dias, semanas e meses, depois de Kamenz. Além disso, agora havia Ott, filho de doze anos de Barratte, a ser levado em consideração. A recusa de Amina em ter filhos significava que ele era a única esperança para uma futura geração de Rabun. Como sinal de reconciliação, Barratte convidou Amina para ser madrinha de Ott. Ela alegremente aceitou, tornando-se a Nonna Amina do garoto.

Com a sobrevivência da família em risco, as primas se mantiveram próximas e enfrentaram a tempestade. Em entrevistas e editoriais, elas explicaram como Amina tinha salvado os Schrieberg, correndo um grande risco pessoal; como a compra dos teatros tinha sido a um valor justo, à época, dando aos Schrieberg o dinheiro que eles desesperadamente precisavam para sobreviver; e como a apenas alguns metros de distância de onde os Schrieberg viviam, sob sua proteção, os soviéticos estupraram Amina, Barratte e Bette e

assassinaram toda a família delas. Porém, vindo da boca das acusadas, essas histórias fizeram pouco para mudar a opinião pública. Amina e Barratte Rabun foram julgadas e condenadas, não por injustamente reter o dinheiro dos Schrieberg – motivo para o qual ninguém parecia ligar –, mas, simbolicamente, por perpetrarem o Holocausto em si.

No entanto, o golpe final e devastador a Amina e Barratte não veio diretamente da ação movida por mim e Bill Gwynne. Veio de Alice Guiniere, leal secretária de Amina. Vendo agora a empregadora exigente como um monstro que precisava ser detido, Alice relatou ao procurador público local sobre uma visita misteriosa ao escritório da chefe feita, certo dia, por um sr. Gerry Hanson. Alice também apresentou o passaporte americano descartado, ostentando a nova identidade da filha do sr. Hanson, com a data de nascimento incorreta, e as provas tipográficas de quatro passaportes mostrando as novas identidades dele, da esposa e dos outros filhos, que ela recolhera do cesto de lixo na gráfica da Bette Press. Ela explicou que havia guardado esses documentos porque, à época, algo parecia errado.

Uma investigação foi rapidamente iniciada, e o júri procedeu com as acusações. Numa coletiva de imprensa, o procurador público revelou que a verdadeira identidade de Gerry Hanson era Gerhard Haber, criminoso de guerra acusado e fugitivo internacional, e anunciou que Amina Rabun e Albrecht Bosch estavam sendo acusados por obstrução da justiça, acolhida a fugitivos e falsificação de documentos oficiais, pelos quais poderiam ser sentenciados a trinta anos de prisão.

Com todas as energias voltadas à defesa criminal, o advogado de Amina ligou para Bill Gwynne com uma oferta para estabelecer um acordo para o litígio civil. Diante de tudo que depunha contra Amina e tudo que acontecera em Kamenz, Katerine Schrieberg-Wolfson nos instruiu a aceitar imediatamente a sua oferta e pôr fim ao litígio – por quarenta por cento de nossa exigência original.

Na última edição como editora do *The Cheektowaga Register* – cargo do qual ela se demitiu, na véspera de sua prisão –, Amina ressaltou que, por ajudar os Schrieberg, na Alemanha, de forma

muito semelhante como havia ajudado os Haber, nos Estados Unidos, ela poderia ter sido morta. “Nenhuma boa ação passa sem punição”, concluía o editorial, “mas se a ação é boa ou má, parece não ter a ver com a natureza ou qualidade da ação em si, mas com a dimensão do ódio que existe por aqueles a quem se pretendia beneficiar”.

O papel de Amina Rabun como madrinha foi bem servido a Ott. Ela se tornou uma fada-madrinha que podia conceder a Ott o luxo de ser quem ele quisesse ser – e amá-lo, incondicionalmente, ao conduzi-lo suavemente pelo caminho de seus sonhos.

Nonna Amina incentivava Ott, mas nunca insistia. Quando ele demonstrou desinteresse em jogar beisebol, futebol e hóquei (uma heresia, numa cidade que ficava a apenas uma ponte de distância da fronteira canadense), ela não pressionou. Quando Ott mostrou aptidão pela música, Nonna Amina lhe comprou um piano e contratou os serviços de um professor particular. Quando ele demonstrou fascínio por pássaros, ela mandou construir um aviário para ele, atrás da garagem de sua casa. Embora ele fosse um pouco velho para isso, ela lia para ele toda noite, em alemão e inglês, e o levava a museus, aquários, parques de diversão e ao cinema. Ela também o levava ao seu escritório no jornal, nas manhãs de sábado, como seu pai fazia com ela, em Dresden. Lá, seu amigo Albrecht Bosch – que havia se mudado da mansão, depois de assumir um novo amante – mostrava a Ott como imprimir livros e cartões e que ser “diferente” não significava, necessariamente, ser solitário e infeliz.

Amina e Ott se tornaram melhores amigos, e ela o protegia dos excessos da mãe. Consumida pelo passado e pelo que poderia ter sido, Barratte insistia que os homens Rabun deveriam ganhar a vida escavando a terra e cimentando e se divertir batendo uns nos outros nos campos e matando animais na floresta. A inabilidade de Ott para alcançar aqueles padrões era uma fonte constante de decepção para ela.

O indiciamento criminal de Nonna Amina explodiu na vida de Ott como uma bomba. Num instante, ele perdeu sua mais afetuosa companheira e foi forçado a suportar, sozinho, a humilhação da família numa escola onde, como em todas as escolas, a compaixão era um suprimento escasso. A pouca compaixão que restava em casa, com Barratte, foi rapidamente exaurida pelo calvário na defesa da prima e na administração do jornal. A única fonte potencial de apoio para Ott, seu pai, havia se casado novamente e já esperava outro filho com a nova esposa. O tempo entre as visitas a Nova Jersey foi ficando cada vez maior, até que só restou o tempo.

Então, Ott se voltou para dentro de si mesmo, para um mundo silencioso, isolado de causas, efeitos e acusações. Ele só saía desse lugar quando necessário, para responder à mãe, quando as ameaças dela se tornavam reais, para rabiscar respostas às perguntas de uma prova que demonstrava o domínio de conceitos e números, bem além do de seus colegas de turma, e para se corresponder semanalmente com Nonna Amina e visitá-la uma vez por mês, na prisão feminina de Rochester.

Porém, o encarceramento transformou Nonna Amina em outra pessoa, bem diferente daquela madrinha apaixonada, a quem Ott tanto adorava. Devastada pelas traições de Katerine Schrieberg, Alice Guiniere e quase todas as outras pessoas em sua vida, desgraçada pelo passado nazista do pai, desprezada pelo público, ridicularizada, aprisionada e quase falida, Amina Rabun se tornou amarga e melancólica, apresentando sintomas de depressão clínica.

Um pequeno raio de esperança para Amina, Barratte e Ott apareceu quando o procurador público ofereceu a Amina um pleito que a libertaria em três anos, em vez de trinta – no fim de semana em que ela fez sessenta e sete anos, precisamente. Em troca, ela teria que revelar tudo que sabia sobre a organização usada por ex-nazistas, para fugir à captura. Isso significaria entregar seu amigo próximo e consultor Hanz Stössel aos israelenses caçadores de nazistas.

A possibilidade de tomar uma atitude dessas horrorizava Amina. Não que ela acreditasse que os nazistas fossem isentos de culpa ou merecessem proteção especial. Em vez disso, Amina mantinha a

crença radical que todas as pessoas mereciam compaixão e alguém tinha que começar, em algum lugar. Em nome dessa ideia ingênua, ela havia arriscado a vida para ajudar uma família judia, quando eles foram perseguidos e, mais tarde, uma família nazista, quando chegara a vez deles. Será que ela demonstrara favoritismo? Mas Amina Rabun tinha sofrido muito na vida, muito mais que a maioria. Passar o resto da vida na prisão era pedir demais, até para proteger um amigo querido, a quem ela devia tudo. Ott estava crescendo depressa, e ela queria passar mais tempo com ele. Queria deixar o passado para trás, de uma vez por todas. Então, ela aceitou o acordo.

Com base no testemunho de Amina diante do júri, Hanz Stössel foi preso quando de férias em Londres e extraditado para Israel. Ele perdeu sua casa, sua família, seu escritório de advocacia e sua fortuna. Morreu de pneumonia, na cela de uma prisão israelense, menos de um ano depois.



Embora Hanz Stössel tenha precedido Amina Rabun na morte, ele aguardou sua hora, em Shemaya. Quando Amina finalmente morreu, Hanz Stössel foi escolhido para representar a alma dela, no Julgamento Final.

Eu havia assistido ao julgamento de Amina Rabun com profunda indignação, fomentada pelo evidente conflito de interesses e o fato de que Hanz Stössel tinha representado apenas metade do caso dela. Mas minhas reservas quanto à injustiça nos julgamentos em Shemaya sumira quando fui designada a representar a alma de Ott Bowles.

Dentre muitas coisas que descobri revirando as lembranças do meu assassino foi o fato de que a injustiça da prisão de Amina é o que primeiro o fez abraçar a herança da família. Estranha e surpreendentemente, senti um toque momentâneo de empatia por ele ao reviver esses momentos de sua vida.

As cartas de Ott Bowles para Nonna Amina, na penitenciária, rapidamente se tornaram entrevistas para a história de redenção dos Rabun de Kamenz, que ele escrevia na mente. Ele implorava que ela contasse, nos mínimos detalhes, as vidas da família falecida, começando por Joseph Rabun, o patriarca e fundador da empresa que levava seu nome e que havia sido fonte de tanto orgulho e, agora, de desgraça. A princípio, Amina resistiu aos pedidos de Ott, pois as lembranças eram dolorosas demais para serem examinadas. Mas Ott foi persistente e, aos poucos, Amina foi se abrindo, descobrindo que escrever sobre seu passado era uma terapia eficaz para a depressão profunda na qual ela mergulhara.

Barratte, por outro lado, estava arrebatada pela súbita curiosidade insaciável do filho sobre sua ascendência, considerando isso o primeiro passo para cumprir seu destino de se tornar o salvador dos Rabun. Ela ficou tão entusiasmada e tão determinada a incentivá-lo e assisti-lo que, no aniversário de Ott de dezesseis anos, ela providenciou uma viagem de dez dias à Alemanha, coincidindo com a unificação do país, após a queda do regime comunista e, conseqüentemente, permitindo que eles pudessem visitar à vontade Kamenz, Dresden e Berlim.

Eles começaram a viagem prestando uma homenagem aos sepulcros malconservados dos Rabun, no pátio da igreja da periferia de Kamenz. Ali, eles encontraram os túmulos dos parentes de Ott,

sua avó, bisavô, tia, e tios, que haviam sido assassinados pelos soldados soviéticos e, ali, ficaram admirados, diante do gigantesco monumento erguido ao pequeno Helmut Rabun, feito com os destroços de sua escola, destruída pela bomba dos Aliados.

Por mais penosa que essa visita tenha sido para Ott e sua mãe, ela não teve comparação à agonia e ao terror que tomou Barratte quando eles chegaram às ruínas da antiga magnífica propriedade, onde os Rabun tinham morado – e onde atrocidades inconfessáveis haviam ocorrido. A aflição da mãe afetou Ott profundamente. Naquele momento, ele jurou acertar as injustiças do passado e recuperar a dignidade e a glória dos Rabun, pela primeira vez aceitando a missão da mãe como sua.

Ott regressou para casa, dessa excursão, um jovem diferente, tendo descoberto o mundo no qual ele acreditava verdadeiramente pertencer. Infelizmente, a maior parte desse mundo só existiu no passado. O mundo silencioso ao qual Ott se recolheu começou a ser preenchido por vozes: os pedidos de pobres trabalhadores alemães após a humilhação da Primeira Guerra Mundial, nos anos 1920; a hipótese vazia dos intelectuais alemães e as promessas quebradas de políticos alemães, nos anos 1930; as decisões estratégicas dos marechais de campo e o comando brutal dos guardas dos campos de concentração, nos anos 1940. Enquanto os colegas de turma de Ott corriam para casa para assistir à televisão ou ir ao cinema, Ott corria para a biblioteca para ler mais sobre a história do povo alemão. Como um homem faminto por alimento, ele devorava os textos germânicos, suas histórias, biografias e romances.

Quando somente as palavras escritas não eram suficientes para situá-lo no mundo pelo qual ele ansiava, começou a encher seu quarto com objetos: fotografias da família de Kamenz, um tijolo da construção do canteiro de areia construído para Amina e Helmut, pelo pai deles, papéis quebradiços e amarelados dos registros dos negócios da Jos. A. Rabun & Sons. Logo a coleção se expandiu para incluir objetos dos dias grandiosos do Terceiro Reich – uma bandeira vermelha com as cruzes, mapas da Europa mostrando o que era e o que poderia ter sido, peças cobiçadas da Juventude de Hitler, como uma braçadeira e um quepe. Quando o quarto de Ott transbordou

desses itens e de outros semelhantes, ele libertou os pássaros e fechou o aviário, convertendo-o em um pequeno museu e santuário. Em vez de ir a bibliotecas, ele passou a frequentar exposições de armas, onde os comentários sobre um jovem e próspero colecionador interessado em autênticos equipamentos militares e armamentos alemães rapidamente se espalharam. Logo os intermediários e vendedores estavam oferecendo seus produtos e Ott estava montando um pequeno pelotão de manequins arianos com baionetas, pistolas e rifles alemães, e até algumas metralhadoras e granadas alemãs desativadas – tudo pilhagem de guerra, trazida para casa por tropas americanas e vendida a quem pagasse o maior preço.

Barratte, por conta de seus próprios demônios, não tinha possibilidade de distinguir o orgulho da família do que estava se transformando, para seu filho, num fanatismo romântico perigoso. Ela alegremente bancava o *hobby* de Ott e, com isso, o renascimento da infância dela, usando os recursos já minguando, porém ainda consideráveis, da fortuna da família Rabun. Ela também se tornou, com Ott, uma participante ativa, consertando uniformes militares, levando Ott a convenções e exposições sobre a Segunda Guerra Mundial, comprando itens raros para presenteá-lo e garantindo aos comerciantes que as compras que ele fazia eram com seu total consentimento e respaldadas por seu crédito. Ott apresentou toda a coleção a Amina, como um presente de boas-vindas de volta ao lar, quando ela saiu da prisão, e ela também não via nada de errado na paixão de seu afilhado.

– Quantos milhares de meninos são fascinados por essas coisas? – ela ponderava. – Além disso, já não era tempo de abraçar o passado e parar de fugir dele?

A coleção de Ott das relíquias alemãs de guerra e a notoriedade de Amina Rabun deram a ele certo status de celebridade à medida que se aproximava sua formatura do ensino médio. Com o incentivo de Amina, ele recebia visitantes ocasionais na mansão – geralmente,

apenas adolescentes curiosos, mas, às vezes, colecionadores sérios e até curadores de museus, buscando ampliar suas coleções. Por meio dessas interações, e com o regresso de Nonna Amina, Ott foi lentamente emergindo do mundo de fantasia no qual ele se retraía.

Foi durante um desses encontros na mansão que ele conheceu Tim Shelly – um garoto parrudo, um ano mais velho que Ott, com lábios finos, olhos azul-claros e cabelos pretos crespos, cortados rentes ao couro cabeludo. Tim chegou à mansão numa tarde, com o pai, Brian, que se parecia com o filho em quase todos os detalhes, exceto a idade. Eles explicaram que estavam de passagem por Nova York e a caminho de casa, uma fazenda de cogumelos na Pensilvânia, vindos de uma viagem de caça, no Canadá. Tinham ouvido falar da coleção de Ott e queriam vê-la. Estavam dispostos a pagar pelo ingresso.

Ott ficou apreensivo. Tim parecia o tipo de garoto que o derrubaria e lhe daria uns bons chutes, só por diversão. Ele tentou arranjar uma desculpa rápida para negar e mandá-los embora, mas lhe deu um branco e, relutante, acabou levando os dois ao aviário, nos fundos. Ele logo viu que não havia com que se preocupar.

Quando Brian e Tim Shelly entraram na galeria e viram o primeiro objeto exposto – um oficial nazista da SS inteiramente uniformizado –, imediatamente ficaram sérios e reverentes, como se tivessem entrado no santuário de uma igreja. Ott percebeu que eles eram tão fascinados com os objetos nazistas quanto ele. De olhos arregalados e boquiabertos, pai e filho apontavam, fascinados, e sussurravam sua perplexidade, enquanto Ott explicava a importância de cada item e como ele havia sido adquirido.

Ott recompensou esses gestos de respeito, permitindo que Brian Shelly manuseasse seu pertence mais precioso – uma pistola Luger com as iniciais “H.H.”, que diziam ter sido tirada de Heinrich Himmler, quando ele foi capturado pelas tropas britânicas. Brian curvou a cabeça e segurou a arma em suas mãos grandes, como um suplicante recebendo o Santíssimo Sacramento. Então, ele disse algo totalmente inesperado:

– Eu só quero que você saiba, Ott, que nós achamos que o que fizeram com sua tia Amina foi um crime.

O coração de Ott deu um salto. Era a primeira vez que um estranho expressava alguma solidariedade pelo que havia acontecido.

– Mentiras – disse Brian, operando as ações da arma com um movimento experiente do punho. – E começa com a maior mentira de todas... a mentira do Holocausto.

Brian apontou a pistola para o filho e ordenou que ele erguesse as mãos. Tim reagiu com um movimento veloz que levantou a arma ao alto, e, em um movimento poderoso, arrancando-a da mão de seu pai e revertendo a arma contra ele. Não derrotado, Brian reagiu com igual velocidade e força, pegando o punho de Tim e girando-o para trás das costas dele, fazendo-o soltar a arma e colocando Tim em posição de estrangulamento, pressionando a arma em sua têmpora. Ott estava impressionado e entretido.

– Tudo bem – Tim resfolegou. – Você venceu... dessa vez.

Brian apertou o gatilho. Ouviu-se um clique seco.

– Sem piedade – ele ralhava com o filho. – Você deveria ter me liquidado, quando teve a chance. Você hesitou. Quantas vezes eu lhe disse? – Ele deu um safanão violento em Tim e o fez engasgar, depois o soltou e sorriu para Ott. – Nunca houve campos de morte – disse ele. – Os judeus inventaram isso para tomar o controle da Palestina e têm usado, desde então, para assumir o controle do mundo. Estamos sendo atacados e nem sabemos disso. Se não acordarmos e fizermos algo a respeito, nós é que iremos para os campos de morte dos judeus.

Ott quase não conseguia acreditar em seus ouvidos. Seu sonho sempre foi exonerar a família, provando que Friedrich e Otto Rabun não haviam participado das câmaras de gás cientes, mas ali estava Brian Shelly alegando que elas nunca aconteceram!

– Como sabe que o Holocausto foi uma mentira? – perguntou Ott, temendo que a resposta não fosse convincente.

– Um amigo meu vem trabalhando num documentário a respeito. Ele diz que não há nenhuma prova de quaisquer câmaras de gás. Foi tudo uma fraude criada pelos judeus, para justificar o Estado de Israel, e os Aliados e russos usaram isso para desmoralizar e

pacificar o povo alemão após a guerra. Quando o documentário for concluído, ele vai expor os judeus como os mentirosos que são.

Ott convidou Brian e Tim para tomarem uma cerveja alemã com ele para saber mais sobre o documentário. Eles aceitaram o convite, porém, Ott acabou falando demais, contando para Brian e Tim como a Jos. A. Rabun & Sons havia construído Dresden e, enfeitando aqui e ali, como seu avô e tio avô tinham ajudado Hitler a construir o Terceiro Reich.

Brian e Tim ouviam cada palavra de Ott. Eles disseram que nunca tinham estado tão próximos de uma família nazista. Na empolgação, eles até pediram a Ott que falasse com as sílabas fortes alemãs, para tornar a conversa mais autêntica. Enquanto a cerveja rolava, Ott ficou mais que feliz em exhibir suas habilidades, mergulhando em frases fabricadas para impressionar seus convidados, dizendo: *"Mein Großvater, Otto Rabun, war Mitglied der SS und kannte Hitler gut. Er beriet mit Hitler auf Operationen in Osteuropa und empfing persönlich das Eiserne Kreuz von dem Führer"*. Depois, a tradução: Meu avô, Otto Rabun, foi membro da SS e conheceu Hitler muito bem. Ele se consultava com Hitler sobre a operação no leste da Europa e pessoalmente recebeu a Cruz de Ferro do Führer.

Tudo isso impressionou Brian e Tim profundamente. Eles, por sua vez, revelaram a Ott que pertenciam a um grupo secreto e exclusivo, nos Estados Unidos, que considerava pessoas como os Rabun heróis e mártires. Disseram que um sujeito como Ott, com sangue e linhagem ariana, talvez fosse exatamente o tipo de pessoa que poderia se tornar um membro importante desse grupo, até um líder.

Ott ficou lisonjeado e surpreso. Ninguém jamais falara com ele dessa forma. As palavras dos dois vieram abrandar todas as feridas e injustiças de sua vida. No calor do abraço de Brian e Tim Shelly, Ott abriu seu coração para receber e ser recebido.

Foi uma noite gloriosa para Otto Rabun Bowles, uma noite que ele se lembraria por muito tempo. Quando Amina veio dizer que estava na hora de fechar a casa por estar tarde, Brian e Tim a saudaram como realeza e imploraram que ela posasse com eles, para fotografias. Já com trajes para deitar, Amina recusou.

Ao acompanhá-los até o carro, Ott disse a Brian:

– Você precisa me contar mais sobre esse grupo do qual falou. As pessoas que vão revidar a luta. Posso ingressar?

Brian estendeu a mão.

– Nós nos chamamos Die Elf – disse ele. – E você acabou de entrar.

Às 12h01, dois guardas amarram os cadarços de uma máscara de couro fedorenta na cabeça e no rosto do no 44371. É quase um conforto, essa máscara, pois ela guarda, como uma lembrança, as últimas impressões e arquejos de outros homens cujos nomes se tornaram números e, desse modo, sussurra ao homem seguinte a usá-la que ele não está só. O no 44371 sabe o que esperar. Na verdade, ele sabe praticamente tudo que há para saber sobre a arte das eletrocutações judiciais. Possivelmente, mais que o próprio executor.

O no 44371 sabe, por exemplo, que a ideia de eletrocutar criminosos se originou na cidade onde ele próprio morou um dia – Buffalo, Nova York – a partir da mente criativa de um dentista, em 1880, que começou a fazer experimentos com a aplicação de eletricidade em animais, após presenciar a morte acidental de um homem bêbado, que cambaleou de encontro a um fio desencapado. O no 44371 também sabe que o amado inventor da lâmpada elétrica, Thomas Edison, promoveu o conceito de eletrocutar criminosos como um meio de ganhar de seu arquirrival George Westinghouse, no controle da indústria de fornecimento de luz, ao demonstrar os perigos do sistema de corrente alternada de Westinghouse, superando as linhas de corrente diretas de Edison, mais seguras, porém, inferiores. Edison estava tão determinado a virar a opinião pública contra Westinghouse que ele convidou a mídia para presenciar a execução de uma dúzia de animais inocentes, com um gerador Westinghouse AC de mil volts, cunhando o termo “eletro-cutar”.

No ano seguinte, ele foi bem-sucedido ao intermediar uma legislatura em Nova York, para a aprovação do uso da voltagem

Westinghouse AC na primeira cadeira elétrica. Edison apostava que ninguém iria querer a voltagem AC em seus lares, depois disso. Westinghouse fez tudo que pôde para impedir, recusando-se a vender o gerador às autoridades prisionais e até custeando apelações judiciais para as primeiras almas que tinham sido mortas pelo dispositivo. Ele perdeu essas apelações, e os condenados perderam suas vidas, mas ele acabou ganhando o controle da indústria de fornecimento de energia.

Sim, o no 44371 conhece bem a história peculiar da cadeira elétrica, e agora tudo isso passa em sua mente. Ele estudou o assunto longamente e com afinco, a ponto de ouvir a palavra “cadeira” e não engolir, ou piscar, anestesiado de medo de sua própria morte por ela. Assim, ele leu, com uma curiosidade mórbida, o caso de William Kemmler, que, ao assassinar sua amante, em Buffalo, ganhara a honra de ser o primeiro a sentar na cadeira de Edison. E isso fez o no 44371 pensar no relacionamento peculiar que a cidade de Buffalo tinha com o dentista, a cadeira elétrica, Kemmler e a vida do próprio no 44371.

No ano de 1890, a Suprema Corte dos Estados Unidos negou a petição de Bill Kemmler por um *habeas corpus*, alegando que a morte através da eletricidade não viola a proibição na Constituição, contra punição cruel ou incomum. Uma vez sancionada, os cidadãos de Nova York não perderam tempo para experimentar o novo brinquedo. Acomodaram Kemmler com dois eletrodos, um na cabeça e outro na base da coluna, e por dezessete segundos eles passaram uma corrente Westinghouse alternada de setecentos volts por seu corpo. As testemunhas relataram ver convulsões e espasmos medonhos, nuvens de fumaça e cheiro de roupa e carne queimada. Eles lhe deram uma segunda dose, de 1.030 volts, por mais dois minutos. Uma autópsia revelou que o cérebro de Bill Kemmler havia enrijecido à consistência de carne bem passada e o tecido revestindo a coluna tinha sido integralmente queimado. Dentre os que presenciaram esse dia histórico, na Prisão de Auburn, estava George Westinghouse que, enojado, afirmou “Eles teriam feito melhor com um machado”.

As técnicas progrediram.

O no 44371 tem sido tranquilizado pelos guardas de que irá receber um choque letal de dois mil volts, depois mais dois de cerca de mil volts cada, como medida de segurança, cada um com um minuto de duração e dez segundos de intervalo. Sua temperatura corporal será elevada, nesse período, a 58 °C – quente demais para tocar, porém, não tão quente para que ele comece a soltar fumaça, como o pobre Bill Kemmler. Seu peito irá arfar e sua boca irá espumar, seus cabelos e pele queimarão, ele provavelmente vai liberar fezes na calça, e é provável que seus globos oculares pulem das órbitas, como um personagem assustado de desenho animado – por isso a máscara rija apertada que os guardas acabaram de colocar em seu rosto.

Sim, o no 44371 sabe tudo que há para saber, e agora, com a máscara no rosto, parece que ele sabe demais. Ele sabe que, apesar de mais de cem anos de prática, a perfeição da arte de “eletrocutar” judicialmente permanece evasiva. Conseqüentemente, nesse momento, enquanto eles prendem os eletrodos em suas pernas raspadas, pesa muito na mente do no 44371 a execução grosseira de Jesse Tafero, na Flórida, no ano de 1990. Durante os dois primeiros ciclos, fumaça e labaredas de trinta centímetros subiram da cabeça do pobre Jesse. Um diretor funeral, com alguma experiência nessas questões, mencionou que a região queimada, do lado esquerdo de seu crânio e do tamanho aproximado da mão de um homem, era uma queimadura de terceiro grau. Mas Jesse certamente estava morto.

Os guardas puxam as tiras de couro, ao redor do peito e da cintura do no 44371, e ele começa a piscar mais depressa e engolir com mais força.

No início do século XXI, quando, por razões humanitárias, a sociedade já não destrói nem cães raivosos dessa maneira e a cadeira elétrica, na maioria dos estados, já tomou seu lugar nos museus de terror, ao lado de estripações, queimas em fogueiras, a forca e a guilhotina – o no 44371 não precisava enfrentar a execução de uma maneira tão brutal. Na verdade, quatro anos antes de sua sentença de morte ser expedida, o governador da Pensilvânia assinou uma lei tornando a injeção letal o método preferido de

execução do estado. Porém, a morte pela “velha centelha”, como alguns se referem à cadeira, foi a condição única na qual o no 44371 insistiu, ao fazer seu acordo com o promotor e se pronunciar culpado de dois raptos e dois assassinatos de primeiro grau, irrevogavelmente abrindo mão de todos os direitos de apelação. Quando seus advogados se recusaram a assisti-lo em tal acordo, ele os despediu na hora.

– Talvez uma injeção letal possa atenuar a consciência da sociedade, quanto ao que ela pretende fazer comigo – ele proclamou, ousado, aos seus colegas prisioneiros, no corredor da morte –, mas eu não vou tomá-la! Tomara que meu corpo arda em labaredas e incendeie a prisão até o chão! Quero que a história se lembre do que aconteceu comigo e com os Rabun de Kamenz! Os mártires do Coliseu negaram sua fé? E o próprio Cristo o fez? Será que o mundo se lembraria de algum deles, se tivessem tido uma morte de sonho, com uma espetadela de agulha? Quando a humanidade pregou Jesus na Cruz, ela também pregou a si mesma. E quando a humanidade me eletrocutar na cadeira, ela também vai se eletrocutar na cadeira!

Tal era a coragem – ou insanidade – do no 44371.

O promotor ficou mais que contente em obter uma concessão da corte, para atender à solicitação incomum do no 44371. No entanto, mesmo com a alegação de culpado e a concessão especial assinada, quinze anos se passaram, pois nem o no 44371 nem o promotor consideraram a possibilidade de apelações por parte dos contrários ao uso da cadeira elétrica.

Agora, finalmente, todas as apelações foram negadas. A sentença de morte foi assinada, a velha centelha foi trazida do museu de horrores e colocada na câmara de morte, a possibilidade de prescrição da execução já passou e o no 44371 está finalmente prestes a ter seu desejo concedido. Porém, agora, *ele* é que está em dúvida.

Depois de todos esses anos estudando eletrocutações judiciais, o no 44371 não consegue controlar seu pânico nesses momentos finais e aterrorizantes. A máscara de couro fede a vômito de mortos, a tampa de cobre arranha sua cabeça raspada, os eletrodos cravam

suas pernas e sua cintura, e seus membros estão apertados demais junto à madeira. Ele imagina a corrente colidindo em seu crânio, detonando seu cérebro como uma bomba, antes de mergulhar espinha abaixo, derretendo suas vísceras sob o calor intenso, implodindo seus intestinos. Ele imagina a corrente voando por suas pernas como um demônio enlouquecido, carregando sua alma para baixo, ao fundo da terra. Depois, nada.

O no 44371 ouve a respiração ofegante dos guardas, agora mais pesada do que a sua. Seus pulmões temem respirar porque o próximo suspiro pode ser o último.

– Monte Nittany – ele murmura, desanimado, tentando elaborar um último vislumbre da montanha vista pela janela de sua cela, antes que eles o removessem para a solitária, na véspera. Ele esperava que a lembrança dessa última visão do mundo fosse acalmá-lo, nos seus momentos finais. E, sim, sim, o papel! Ainda está em seus dedos, um único pedaço de notícia do jornal, que ele guardou em sua carteira durante anos.

Mas o que dizia? As palavras! Quais eram as palavras? O no 44371 já se esquecera.

– Doug! Doug! – ele grita.

– Estou bem aqui – diz o guarda, tentando acalmá-lo, enquanto tenta estabilizar os próprios nervos e suportar seu próprio medo e culpa. Nos momentos finais há compaixão entre o preso e o carcereiro. Eles se conhecem há tanto tempo, mas também sabem que há um trabalho a ser feito e cada homem tem de exercer seu papel. Nada de ressentimentos.

– Doug, não posso ler. Leia pra mim, Doug.

O no 44371, cujos braços estão amarrados à cadeira, está tentando acenar o papel e balançar a cabeça em sua direção, mas ele está amarrado muito apertado e não consegue se mover.

– Só um segundo – diz o guarda, virando-se para a abertura estreita na parede, atrás da qual o executor fica, piscando. – Eu acho... é... acho que eles estão prontos – diz Doug.

– Espere! – pede o no 44371. – Por favor, Doug. Não consigo me lembrar das palavras. Eu não lhe causei nenhum problema.

- Tudo bem, tudo bem – diz Doug –, eu tenho que tirá-lo de você, de qualquer jeito. – O guarda pega o recorte e se volta ao executor.
- Só um segundo.
- Leia, Doug – o no 44371 murmura. – Leia.
- Quer que eu leia tudo? – pergunta o guarda.
- Não, só a parte sublinhada – responde o no 44371.
- Está bem, aqui diz...

“Nenhuma boa ação passa sem punição, mas se a ação é boa ou má, parece não ter a ver com a natureza ou qualidade da ação em si, mas com a dimensão do ódio que existe por aqueles a quem se pretendia beneficiar”.

O no 44371 respira fundo e sorri, por baixo da máscara.

– Obrigado, Doug – ele diz, agradecido. – Agora eu me lembro. Você vai colocar no meu bolso, quando acabar, certo, como prometeu?

– Claro, Ott – Doug responde, agora aliviado porque o prisioneiro parece pronto para aceitar seu destino. – Claro, exatamente como eu prometi.

Tanto em vida quanto após a morte, bisa Bellini sempre manteve lindos vasos de flores com vincas cor-de-rosa e brancas, marias-sem-vergonha, tagetes, samambaias e uma dúzia de outras variedades, na varanda da frente de sua casa. Ela plantou vinhas de hera, ao redor da casa, deixando que elas subissem pela balaustrada, como crianças brincando. As flores perfumavam o ar, atraindo beija-flores e abelhas, que atormentavam os gatos cochilando na sombra. Como o jardim atrás da casa, a varanda da frente era seu pequeno ecossistema e parábola da vida.

Tudo isso mudou quando bisa partiu de Shemaya, deixando-me sozinha para cuidar do lugar. No momento em que Luas veio me ver, após meu encontro com Ott Bowles, tudo já tinha murchado e morrido. Agora os vasos só tinham terra seca, pontilhados por fragmentos de raízes e caules secos. A balaustrada estava frouxa e balançava perigosamente, em rajadas de vento criadas pelas massas de nuvens tempestuosas que espreitavam as quatro estações do vale, dia e noite, como um amante homicida. Os vidros das janelas estavam quebrados e a tinta descascava nos painéis e molduras. O lugar parecia não ser habitado havia décadas. Não havia gatos ou pássaros, não havia cor, só um tom monocromático. Minha Shemaya se transformara em tons de cinza.

Eu não via Luas nem saía de casa desde o dia em que o espírito de Otto Bowles entrou em meu escritório e infectou minha alma. Saí do meu escritório cambaleante, segui pelo corredor, passei pelo grande salão, pelo saguão e pela floresta, subi os degraus da varanda e entrei na casa. Ali permaneci, por trás das portas fechadas, revivendo a vida dele, repetidamente, horrorizada e fascinada. Meu corpo envelheceu com a casa. Meu cabelo ficou

grisalho, fino e áspero. Meu rosto ganhou a expressão assustada de uma velha, pouco mais que um esqueleto com ossos nodoados salientes em meu queixo, maxilar e testa. Meus lábios murcharam e enrijeceram como uma minhoca cozida sob o sol, desaparecendo no buraco desdentado da minha boca. Eu dormia durante o dia e acordava à noite, toda dolorida, minhas juntas frágeis e inflamadas com artrite.

Eu sabia que era Luas, quando ouvi a batida na porta. Não houvera visitantes, durante todos aqueles anos. Ele estaria vindo me dizer que eu não podia mais adiar a apresentação. Otto Bowles estava esperando na estação de trem, para que seu caso fosse chamado, e Deus estava esperando no Tribunal, para julgar sua alma.

Luas não disse nada sobre a mudança em minha aparência. Ele apenas sorriu – aquele sorriso sabedor de avô, do jeito que sorriu para mim quando cheguei a Shemaya, como se dissesse: *Sim, minha neta, você sofreu e é difícil, mas eu tornaria tudo ainda pior, se notasse.* Eu lhe ofereci uma cadeira na varanda.

– Como vai você, Brek? – perguntou ele.

– Eu puxaria a alavanca novamente – eu respondi. Agora, eu falava com uma voz de velha, fraca, mas desafiadora. – Até que não restasse mais nada dele, só cinzas.

A nuvem escura de tempestade atravessou o céu. Imaginei como eu me sentiria ao ser arrancada do fogo e jogada contra seu flanco.

– Nero Claudius cometeu suicídio – disse Luas. Seu rosto estava contorcido, enquanto suas mãos tateavam seus bolsos, em busca de fósforos para seu cachimbo. – Ao contrário do sr. Bowles, ele roubou do mundo a sua oportunidade de justiça.

– Então, no fim das contas, Deus tem senso de humor – eu disse. – Satã é um advogado e carrega uma pasta. O que fizemos para merecer tudo isso?

Luas riscou um fósforo. Ele lançou chamas alaranjadas na escuridão. A fumaça branca subiu pelas laterais de seu cachimbo, fracas demais para subir ao vento.

– Vibrei quando apedrejaram São Estéfano até a morte – disse Luas –, portanto, acho que eu já esperava. Mas isso não é o inferno,

Brek. O Juiz tem de estar certo de nossa fidelidade e autocontrole. Se formos imparciais ao apresentarmos as almas que mais desprezamos, então, o Juiz pode estar certo de que apresentaremos todos os postulantes com imparcialidade. Nossos motivos devem ser puros quando entramos no Tribunal; não podemos demonstrar favoritismo ou emoção. O julgamento é de Javé. Somente Ele pode determinar como Otto Bowles e Nero Claudius passam à eternidade.

Um raio azul irrompeu no vale, seguido pelo som do trovão. Uma corça e seu filhote, passando por um monte de neve cobrindo a campina, ergueram as orelhas ao céu, confusas pelo som do trovão num dia tão frio, em sua parte de Shemaya.

Ah, tome cuidado, eu desejei à corça, com todo meu coração, de uma mãe para outra. Aqui não é seguro. Estão atrás de seu bebê e estão atrás de você. Não confie em ninguém. Corra. Corra!

– Fiz tudo que pude para trazer as pessoas à justiça – Luas prosseguiu. – Mas, um dia, eu me vi cego por essa ideia de perdão. Não sei como aconteceu. Ah, foi uma conversão e tanto; comecei a pregar para as pessoas e criticá-las por apelar às cortes da lei.

– Você iludiu muitas pessoas – eu disse.

– Sim, iludi – Luas concordou. – Percebi isso quando conheci Elymas. Quando ele me ameaçou, eu não consegui simplesmente dar a outra face. Eu o ceguei na hora, da mesma forma como acontecera comigo. Ele ainda traz um ressentimento por isso, embora eu tenha me desculpado mil vezes. Voltei à antiga lei de olho por olho, Brek, e nem posso lhe dizer como a sensação foi boa. Àquela altura, porém, era tarde demais. Os romanos me aprisionaram como inimigo de Estado. Mas eu não ia desistir sem lutar, como Jesus fez. Exigi meu direito a um julgamento, como cidadão romano. Como pareceu que eu não teria um interrogatório justo, apelei para Nero Claudius. Naquele tempo, ele tinha uma boa reputação. Ninguém sabia que ele se tornaria um sádico. Você sabe o restante. Agora, Nero e eu nos encontramos aqui, todos os dias, no pós-morte. Até imperadores poderosos recebem o que é justo.

As nuvens tempestuosas se dissiparam, revelando quatro luas no céu noturno: uma minguante, uma crescente, uma nova e uma cheia, cada uma diante das constelações apropriadas para sua

estação, fragmentando o céu em pedacinhos inarticulados. O ar esfriou e eu embrulhei um dos xales da bisa ao meu redor, para me aquecer. Morcegos voavam acima das árvores, perseguindo insetos. À distância, eu podia ouvir uma coruja e o latido de um cão solitário – sons que eu ouvira em muitas noites naquela varanda, quando criança.

– Ott Bowles pode falar por si, no Tribunal – eu disse. – Ele fez suas escolhas. Ele não quer um advogado. Precisa de um executor.

Luas bateu o cachimbo no corrimão, para esvaziar a cinza.

– Pode ser – ele disse –, mas é a justiça que precisa de sua ajuda no Tribunal, Brek, não Ott Bowles. Os representantes provêm a distância que possibilita a justiça para o acusado e o Acusador, a criatura e o Criador. Os advogados estão nas muitas cores das promessas do arco-íris, conforme ele se dissipa no horizonte da eternidade.

– *Eu* sou a Acusadora, Luas – eu o corrigi. – Não há necessidade de julgamento porque eu já o considere culpado. É hora de se fazer justiça.

Estou segurando Sarah nos braços, esperando que um atendente venha até o balcão da loja de conveniência. Sarah está ficando manhosa e pesada, e eu estou ficando impaciente.

– Olá? Olá...?

– Só um minuto... – gritou uma voz feminina, de dentro do estoque.

A atendente finalmente passa pelas portas duplas. Ela é jovem, tem vinte e poucos anos, está acima do peso, usa maquiagem excessiva e uma camisa apertada demais. Jogando o cabelo para trás, ela se desculpa pela demora. Ela sorri para Sarah, estendendo dois dedos grossos e pegando sua mãozinha.

– Que idade você tem? – ela pergunta.

Eu me aproximo de Sarah, como uma ventríloqua.

– Diga, eu tenho dez meses.

– Mas que meninona – diz a atendente. – Eu tenho dois garotinhos, de um e três anos. Eles certamente adorariam conhecer uma menininha linda como você. Qual é o seu nome, meu bem?

– Sarah – eu respondo por ela, outra vez.

– Oi, Sarah. “Sara Smile” é uma das minhas canções favoritas. E você é lindinha.

A atendente solta a mão de Sarah e toca seu nariz. Sarah responde estendendo a mão e tocando o nariz dela, fazendo nós duas rirmos. Dou um apertãozinho em Sarah e beijo seu rosto. A atendente passa o leite pelo caixa.

– Isso é tudo?

– Sim, só isso.

– Sacola?

– Sim, por favor.

Eu pago e nós caminhamos de volta ao carro, recomeçando a cantar a música que estava tocando no toca-fitas.

São quase seis e meia,
Diz o ursinho de pelúcia,
A mamãe já está vindo para casa,
Ela já está quase chegando.

Chá quente e mel de abelha,
Para a mamãe e seu bebê...

Sarah me deixa colocar o cinto nela, em sua cadeirinha, sem fazer manha.

Está escuro e eu preciso usar o farol alto no caminho para casa. Passamos por alguns carros na direção contrária, mas, fora isso, a estrada está vazia, até que um único carro surge em meu espelho retrovisor e passa a nos seguir.

Fazemos uma curva e pegamos velocidade, num ligeiro declive, chegando a uma longa extensão de estrada com campos de milho e feno dos dois lados. Os faróis altos do carro atrás começam a piscar, e flashes de luz vermelha preenchem meu retrovisor, ferindo meus olhos. Os flashes vermelhos vêm do pé do para-brisa. Dá para ver que é um carro de polícia civil. Bo já tinha me alertado ter visto um radar escondido, nesse pedaço da estrada.

Decidida a tirar vantagem do meu custoso treinamento legal, já vou planejando minha defesa enquanto paro no acostamento. O policial não poderia ter me captado no radar enquanto me seguia, portanto, deve ter contado apenas com seu velocímetro. Decido solicitar uma cópia do certificado do velocímetro no julgamento – eles geralmente estão vencidos, e essa é uma maneira fácil de se livrar de uma multa, se você sabe que pode pedir. Porém, mesmo que eu tenha ultrapassado o limite de velocidade, não pode ter sido por muito tempo. Eles precisam gravar por pelo menos um décimo de milha. Voltarei amanhã, para medir a distância da curva na

estrada, até o ponto onde ele começou a piscar a luz para me parar, o que me parece menos de um décimo de milha.

Quando o policial abre a porta de seu carro, eu já estou com os documentos na mão. Agora, Sarah começa a chorar, pois desliguei a música, mas isso pode ser uma bênção. Talvez ele seja solidário, por causa de Sarah e do meu braço. Ainda posso receber a simpatia dos outros.

Contra a luminosidade dos faróis altos, eu só vejo a silhueta do policial no espelho, com seu revólver volumoso no quadril. Ele é baixo, magro e tem as pernas ligeiramente arqueadas – não é o tipo de policial rodoviário parrudo que geralmente imaginamos. Lembro a mim mesma de não dizer nada incriminador e abaixo o vidro. Estranhamente, ele para na porta traseira e tenta abri-la.

– Aqui, seu guarda – eu digo, sempre educada com a polícia, pensando que ele deve ter se confundido de porta.

Ele enfia o braço pela minha janela aberta e contorna a coluna para destrancar a porta traseira, depois entra e bate a porta, fechando-a.

– Qual é o problema, seu guarda? – pergunto, inocentemente, acreditando haver um bom motivo para seu comportamento. Talvez ele tenha receio de ser atingido pelo tráfego, se ficar em pé junto à minha porta.

Uma voz jovem masculina responde, calmamente:

– Faça o que eu mandar, sra. Wolfson, e ninguém vai se machucar. Como ele sabe quem eu sou?

Olho no espelho e vejo uma arma apontada para minha cabeça. O garoto que a está segurando parece ter entre dezoito e vinte anos, com uma penugem fina no queixo, pele clara e lábios quase femininos. Sua cabeça está raspada e ele está usando uma camisa camuflada do exército. Eu nunca o vi na vida.

– Saia do meu carro! – eu grito, indignada por ele ter se atrevido a fazer algo assim, ainda sem assimilar inteiramente a arma, ou a realidade da ameaça.

Um sorriso cruel surge em seu rosto. Ele aponta a arma para baixo, na direção de Sarah. Há um estampido ruidoso e um clarão alaranjado. O tempo diminui, como uma rocha caindo dentro da

água. Sinto que estou gritando, mas meus ouvidos estão zunindo, por conta da explosão.

– Sarah! Sarah!

Tento estender a mão para ela, mas o garoto bate com a arma na lateral do meu rosto, lançando minha cabeça à frente. O calor do cano arde minha bochecha, e o cheiro amargo da pólvora preenche meu nariz. De canto de olho, eu vejo o gatilho sendo armado, para atirar outra vez. É uma arma de formato estranho, antiga, parecida com algo que já vi em filmes da Segunda Guerra Mundial.

– Dirija o carro! – ele ordena. – Agora!

Mas eu estou enlouquecida de pânico e ainda estou gritando.

– Sarah! Sarah! – Eu forço minha cabeça para trás, de encontro à arma, raspando o cano em meu rosto, como uma lâmina. Agora, eu consigo vê-la. Não tem sangue... e... sim, graças a Deus... ela ainda está chorando! O tiro deve ter sido no banco, ao lado dela.

O garoto bate outra vez com a arma em meu rosto, causando uma dor que irrompe em meu nariz, fazendo escorrer um filete de sangue.

– Dirija! – ele berra. – Agora! – Ele desce o vidro traseiro e acena para o carro atrás de nós. As luzes param de piscar e ele passa à nossa frente. – Siga-o.

Tento engatar a marcha, mas estou tremendo tanto que o coto do meu braço direito escorrega da alavanca. O garoto estica o braço e o coloca no lugar, com um tranco, e eu saio na estrada. Nós seguimos até um sinal de pare e viramos à esquerda, na Rota 22. Com cada carro que vem em direção contrária, o garoto pressiona a arma junto à minha cabeça, avisando para eu não fazer nada para alertá-los. Estou alucinadamente procurando um carro de polícia, ou um posto de gasolina, onde eu possa encostar e conseguir ajuda. O tempo todo, Sarah está aos berros, aterrorizada por causa do tiro.

– Faça com que ela pare! – o garoto grita para mim.

– Por favor, apenas nos solte – eu digo, tentando argumentar com ele. – Pode ficar com meu carro, minha bolsa, o que você quiser; só nos deixe ir.

– Isso não é por dinheiro – diz o garoto. – Continue dirigindo. – Ele usa sua mão livre para tampar a boca de Sarah, o que só faz

com que ela grite mais alto.

– Você está machucando ela! – eu grito, histérica, por ele estar tocando em meu bebê. – Tem uma mamadeira na bolsa de fraldas, no chão. Dê a mamadeira pra ela e solte-a.

O garoto encontra a mamadeira e segura na boca de Sarah. Ela bebe o leite velho que sobrou da tarde, chora, bebe outra vez e finalmente começa a se aquietar.

Tudo está acontecendo tão depressa que eu nem tenho tempo de pensar. Nós pegamos uma estrada lateral, em Ardenheim, e subimos por uma estradinha de terra, rumo às montanhas. O carro que estamos seguindo apaga os faróis e eu recebo a ordem de também apagar os meus. Seguimos dirigindo pela escuridão da floresta e paramos. O motorista do carro da frente desce. Sob o luar, eu vejo que ele tem aproximadamente a mesma idade do garoto do banco de trás, mas é mais alto e mais musculoso. Sua cabeça é raspada e ele também está usando roupas camufladas do exército. Ele está com uma arma numa das mãos e um videocassete na outra. Ele abre a porta do meu carro e me arranca para fora, dando um puxão no meu braço esquerdo. O garoto de trás sai com Sarah e a entrega para mim, depois pega o videocassete do garoto maior e senta ao volante do meu carro, deixa o videocassete no piso traseiro, e dá ré, entrando num bosque de pinheiros até que o carro fica totalmente coberto pelos arbustos e não pode ser visto da estrada estreita de terra. Instantes depois, ele ressurgue, e diz ao maior:

– Certo, Tim, vamos indo.

O garoto maior, cujo nome agora eu sei que é Tim, empurra-me na direção do outro carro.

– Por favor – eu peço para eles –, vocês estão com meu carro e meu dinheiro. Por favor, apenas nos deixe aqui. Não direi a ninguém.

– Cale a boca – diz Tim, espetando a arma em minhas costas.

Começo a ficar preocupada que eles estejam planejando me sequestrar e violentar.

– Por favor, não façam isso – eu imploro.

– Eu disse cale a boca! – Tim berra, jogando-me contra o carro deles, apertando Sarah entre a janela e eu. Ela começa a chorar outra vez.

– Eu lhe disse, sra. Wolfson – diz o menor –, se fizer o que lhe for dito, ninguém vai se machucar. Agora, entre no carro.

– Você quer que eu continue dirigindo, Ott? – pergunta Tim.

– Sim.

Agora eu sei o nome do garoto menor e que ele é o líder.

Entro na traseira com Sarah em meu colo e tento confortá-la. Ott senta ao nosso lado forçando a arma junto às minhas costelas. Tim senta no banco do motorista e dá ré no carro, voltando pela estrada que viemos, acendendo os faróis quando chegamos à estrada. Rumamos ao sul, para a Rota 522, depois para a Rota 322, ao leste, em direção a Harrisburg. Sarah se acalma com o movimento do carro e por estar em meu colo. Estou loucamente tentando me lembrar das próximas saídas, e se há alguma delegacia de polícia, e o que ouvi sobre defesa pessoal – como a pior coisa que você pode fazer é deixar que o agressor dirija para longe, com você num carro. Enquanto seguro Sarah, desço a mão até a maçaneta da porta, pronta para saltar na primeira oportunidade de fuga; se estivesse sozinha, eu talvez tivesse pulado com o carro andando, mas não posso arriscar com Sarah.

Quilômetros vão passando. Ott e Tim não se falam nem falam comigo, enquanto seguimos. As ações deles são disciplinadas, eficientes e bem ensaiadas, dando a entender que isso não é uma brincadeira de momento, de dois adolescentes rebeldes. Ott sempre olha, para ver se estamos sendo seguidos. Depois de um tempo, Tim liga o rádio, baixinho, trocando entre as estações de música *country*, e Sarah finalmente pega no sono. Fico grata de que ela não faça ideia do que está acontecendo. Uma paz inquietante recai sobre o carro. Ott relaxa ligeiramente e senta menos rígido, porém, está sempre alerta, cutucando minha lateral com a arma toda vez que diminuimos a velocidade.

– Tenho dinheiro no banco – eu sussurro para ele. – Bastante. Pode ficar com tudo, apenas nos solte. Se você parar agora, não terá nenhum problema.

Ott não diz nada. Cinco minutos passam. Depois, dez, quinze. Estamos seguindo por uma autoestrada de quatro faixas, mais ao sul, em direção de Harrisburg.

– Por que você está fazendo isso? – pergunto.

– Por quê? – responde Ott, incrédulo, sem tirar os olhos da estrada à frente. – Porque Harlan Hurley foi condenado hoje. Ele pegou quinze anos, por causa do seu marido judeu, por isso.

– Harlan Hurley?

– É, você não assiste ao noticiário? Seu marido judeu estava lá no tribunal, se vangloriando diante de suas câmeras de TV.

Cabeças raspadas, roupa camuflada... começo a entender.

– Vocês são membros do Die Elf, não são? – eu pergunto, mais aterrorizada do que nunca. Quero dizer a ele que meu nome é Brek Cuttler, não Brek Wolfson, que eu sou católica, não judia, e Sarah também não é judia, porque para ser judia ela teria que ter uma mãe judia. Mas dizer isso a ele seria trair meu marido e minhas próprias convicções. Eu estaria traindo a Deus. Naquele momento, fico imaginando o que eu teria feito, se fosse interrogada pelos nazistas. Teria dito a eles que não era judia, para me salvar e salvar Sarah, deixado que eles levassem Bo?

Um carro de polícia estadual passa por nós, na via de quatro faixas. Não sinto mais a arma em minhas costelas e ergo a mão para sinalizar. No entanto, Ott me vê e diz:

– Olhe, sra. Wolfson, seu bebê gosta do novo brinquedo que eu dei a ela. – Olho para baixo e vejo que ele colocou a boca do cano na mão de Sarah. Abandono a minha tentativa de alertar o policial.

– Por que vocês estão fazendo isso? – pergunto novamente, conforme o carro de polícia segue adiante. – O governo não vai soltar Hurley porque vocês estão nos sequestrando, eles não negociam sentenças criminais com ninguém.

– Porque alguém tem que contar a verdade – diz Ott.

– Sobre o quê?

– Sobre o Holocausto... sobre a minha família.

– Você é filho de Harlan Hurley?

– Não. Sou filho de Barratte Rabun. Afilhado de Amina Rabun. Lembra-se delas, sra. Wolfson?

Oh, meu Deus, esse é o garoto de quem Bo tinha me falado ao telefone, mais cedo. Isso não tem nada a ver com sentenças criminais ou afirmações políticas; isso é vingança.

Passamos por Harrisburg e depois por Lancaster, finalmente virando na rodovia principal e entrando nas fazendas do Condado de Chester, em direção a Delaware. Quinze minutos depois, estamos em outra estrada secundária e sinuosa, passando por placas indicando Kennett Square, Lenape e Chadds Ford. Os velhos carvalhos nodosos perfilando a estrada de duas faixas zombam de nós, acenando seus galhos nas sombras dançantes, como se dessem as boas-vindas malditas à nossa chegada ao inferno. Folhas caem em erupções de chamas vermelhas, amarelas e laranja, enquanto descemos ao abismo. Estou nauseada de medo e minha mente está acelerada: *Quanto tempo irá demorar, até que Bo ligue para a polícia? Ele deve nos esperar para antes das oito, e é provável que ligue para o trabalho e para a creche, para nos rastrear. Talvez ele imagine que passamos no mercado ou no shopping. Dez horas – nada nos faria ficar na rua até tão tarde. Ele vai primeiro checar com meus pais, depois com a emissora, para saber se não estão a par de algum acidente, depois vai ligar para a polícia. Eles vão pegar as informações, mas provavelmente vão tratar como um caso de briga doméstica e esperar para ver. Quem sabe quando vão começar a nos procurar; provavelmente, só amanhã.*

As curvas são mais velozes e o asfalto vai deteriorando. Agora estamos numa estrada de cascalho, descendo um barranco íngreme pela floresta, terminando numa estrada de terra que leva a um campo aberto de mato alto, e mais floresta, descendo uma colina ainda mais acentuada. Não há postes de iluminação elétrica. O céu está um breu, sem a esperança das estrelas ou o suave consolo da lua. A última casa que passamos foi a quilômetros atrás, adormecida no ar fresco impregnado pelo cheiro de folhas e maçãs podres. Começo a entrar em pânico outra vez.

Eles vão nos matar! Trouxeram-nos para esse fim de mundo para nos matar!

– Ouça – eu peço a ele –, lamento pelo que aconteceu com sua mãe e sua madrinha. Farei qualquer coisa para consertar isso. Você precisa entender que foi o governo, não nós, que a colocou na prisão. Não tínhamos controle...

Ott soca a arma com tanta violência na lateral do meu corpo que eu perco o ar.

A estrada terminava numa edificação de concreto já deteriorando, despontando do solo como uma crosta de ferida horrenda. As paredes sem janelas mal se mantinham em pé e estavam marcadas por filetes pretos de limo, sobre a tinta branca descascada. Lembrava a carcaça de um prédio industrial abandonado deslocado na zona rural. O fedor nauseante de esterco e cogumelos deixava o ar pesado e difícil de respirar.

Nós paramos a cerca de seis metros de distância. Com os faróis iluminando a edificação, Tim sai e deixa o motor ligado, pega sua arma e entra. Ott espera nervosamente no carro comigo, até que Tim reaparece na porta e acena que está tudo certo. Ele some outra vez lá pra dentro.

Ott ordena que eu saia com Sarah. Fingindo arrumar meu casaco, eu tento ganhar tempo.

Essa pode ser nossa única chance.

Ott está em pé, na ponta da porta aberta, com a cabeça virada sobre o ombro, olhando o prédio. O motor está ligado, porém, ele poderia facilmente me deter se eu tentasse entrar pela porta da frente.

Preciso afastá-lo do carro.

Cuidadosamente coloco Sarah no chão do carro, onde ela estará segura. Ela se remexe e ergue os olhos para mim. Sob a luz do teto, seus olhos refletem seu amor por mim, como se ela soubesse o que estou prestes a fazer e ela está me agradecendo por arriscar minha vida por ela. Ela está tentando ser corajosa. Eu a amo com todo meu coração. As lágrimas enchem meus olhos.

Saio do carro, tremendo. Ott está esperando por mim, mas olhando para o prédio. Ele é só alguns centímetros mais alto que eu, e nem de longe intimidado como Tim. Decido o que fazer. Apoio minha mão esquerda na porta, para me equilibrar e, com toda minha força, eu dou uma joelhada em sua virilha. Ele não estava esperando e instantaneamente cai no chão, com um gemido inalado.

Deu certo!

Bato a porta traseira, pulo no banco do motorista e fecho as duas travas com meu cotovelo. Quando pego o volante com minha mão esquerda, para engatar a marcha a ré, Tim vem correndo lá de dentro e me alcança tão depressa que, quando piso no acelerador, ele já está ao lado da minha porta, apontando a arma para mim, pela janela. O tempo desacelera outra vez, desmembrando os momentos finais da minha vida em pequenos quadros a serem arquivados pelo resto da eternidade, separando a lembrança da realidade e voltando a tudo que aconteceu antes – às mãos que me banharam, quando eu saí do útero de minha mãe, e me abraçaram, quando eu era pequena; meu marido, minha família, meus amigos, minha filha... aos momentos e lembranças que tinham se tornado Brek Abigail Cuttler. Mas bem na hora em que Tim vai atirar, Ott salta sobre ele, do chão, fazendo a arma disparar no ar.

Ele salvou a minha vida!

A perspectiva acelera para o tempo real, o borrão de adrenalina e o desejo de viver. O carro ruge para trás, na direção de casa e da segurança, em direção a tudo que nós havíamos criado. Mas estou correndo de ré com tanta velocidade e o caminho é tão estreito que perco o controle e nós batemos numa árvore, com um tranco terrível. Sarah começa a chorar. Eu engato novamente a marcha e piso de novo no acelerador, seguindo em direção a Ott, que está de joelhos, mirando sua arma para nós. Ele dispara quatro tiros. O carro desacelera e vai me obedecendo menos, e eu percebo que ele atirou num dos pneus dianteiros.

Por uma fração de segundo, penso em manobrar para desviar dele, em agradecimento por ele ter poupado a minha vida. Porém, nós estamos paralisados no tempo, Ott Bowles e eu, controlados pelo instinto e pelo desejo de viver. Acelero direto para cima dele. Ele rola e sai do caminho no último segundo, e o carro bate num monte de esterco.

Decidida a ganhar nossa liberdade, eu engato a ré outra vez. Mas há uma explosão ruidosa e o vidro traseiro estilhaça, numa chuva de balas de vidro. Ott está na traseira, apontando a arma para Sarah, no piso, com os dois braços esticados, como em uma pose policial.

– Não me obrigue a fazer isso! – Ott grita para mim. – Não me obrigue a fazer isso! – Seu peito está arfando, com todos os músculos retraídos.

– Atira! – Tim grita do outro lado do carro, com os olhos arregalados e enlouquecidos, inebriado pela violência. – Atira, agora!

Ott hesita e, naquele momento de indecisão, desligo o motor e entrego as chaves a Ott, por cima do meu ombro.

– Pode pegar – digo, com a voz pouco além de um sussurro, desesperada para acalmá-lo. – Por favor. Ela é só um bebê.

– Então, há quanto tempo você é membro do Die Elf? – Ott Bowles perguntou ao homem bem-vestido, barbudo e de cabelos escuros que estava sentado de frente para ele, na mesinha do bar. Ele fez essa pergunta enquanto dava um gole na cerveja e acompanhava o jogo de beisebol que estava passando na televisão.

– Não sou exatamente um membro – disse o homem enquanto exalava a fumaça do cigarro, desinteressado no jogo. – O Die Elf apoia o que estou fazendo e eu apoio o que eles fazem.

Era fim de tarde, num dia ensolarado de verão, e o bar estava deserto. Ott ainda não tinha idade oficial para ingerir bebida alcoólica, mas Trudy, dona do bar construído ao pé da montanha, entre Huntingdon e Altoona, servia seus clientes sem ligar para a idade. Ela era uma mulher grande, com cabelos ruivos flamejantes, e naquela tarde estava sentada atrás do bar, assistindo ao jogo e esperando por clientes. O homem sentado de frente para Ott tinha idade legal de sobra, porém, estava tomando água tônica, de canudo.

– Isso! – disse Ott, fechando o punho, quando um jogador correu até a *home plate*. – Nona rodada e os Pirates estão reagindo. – Ele engoliu uma golada de cerveja e arrotou do jeito que acreditava que homens interessados em esportes faziam.

– Bem, você tem de admitir, Sam – disse Ott –, tem alguns caras no Die Elf que são bem tensos. Sou mais alemão do que qualquer um deles e me orgulho muito da minha origem, mas acho que eles exageram, com esse troço de racismo. Eu estudei a Segunda Guerra Mundial. Foi isso que colocou a Alemanha em problemas. Se Hitler não tivesse sido tão extremista e tivesse mantido o olho na bola, o desfecho da guerra poderia ter sido totalmente diferente. Talvez,

hoje, a Alemanha fosse a superpotência, em lugar dos Estados Unidos.

– É possível – disse Sam. – Mas também foram as excentricidades e os excessos de Hitler que o levaram tão longe. Talvez ele não tenha sido excessivo o suficiente. As ideias extremas de uma pessoa podem ser a revelação de outra, um chamado à revolução. De qualquer forma, os membros do Die Elf têm sido bons comigo. Eu devo a eles.

Ott pegou sua cerveja e retornou sua atenção para o jogo de beisebol. Ele desejou que não tivesse tocado no assunto. Gostava da camaradagem do Die Elf, do treinamento paramilitar e dos jogos de *paintball* que eles jogavam – e, certamente, da forma como todos o tratavam como realeza, por conta do passado de sua família. Porém, a ira que eles tinham dos judeus e dos negros simplesmente os fazia parecer um bando de lunáticos. O fato de Sam defendê-los significava que ele provavelmente era igualmente fanático, o que era decepcionante, pois Ott estava buscando alguém que visse as coisas como ele e achou que talvez Sam, que sempre tinha parecido mais sensato que os outros, pudesse ser essa pessoa.

– De onde você é? – perguntou Ott, mudando de assunto.

– Nova York.

– Quero dizer, sua família. Que tipo de nome é Samar Mansour... francês?

– Não, palestino, na verdade – disse Sam.

Ott observou Sam mais atentamente. Agora ele via o rosto árabe, a barba preta grossa e a pele escura. No entanto, de onde vinham aqueles olhos azuis? Ott nunca tinha conhecido um árabe nem podia imaginar como os membros do Die Elf iriam querer ajudar um. Eles detestavam qualquer um que não fosse branco e cristão. Talvez fosse porque Sam parecia mais europeu do que do Oriente Médio, com seu jeito reservado, sua fala articulada e as camisas sociais azuis bem passadas e as calças pretas – mais como um londrino ou parisiense, ou talvez até um berlinense.

– Quando a sua família veio pra cá? – perguntou Ott, olhando de volta para o jogo de beisebol.

– Meu pai veio para cá quando tinha mais ou menos a sua idade. Ele era um dos refugiados palestinos... Os pais dele foram mortos pelos judeus, durante a guerra de 1948.

Ott deu uma olhada nele, depois voltou a olhar para o jogo.

– A maioria dos palestinos ficou no Oriente Médio – Sam continuou –, mas depois da guerra meu pai arranhou um emprego carregando equipamento numa escavação em Jerusalém para um arqueólogo americano, um professor de faculdade... do Juniata College, na verdade. Mijares era seu nome. De qualquer forma, ele era muito rico e muito generoso e gostou do meu pai. Acho que ele achou meu pai bem inteligente, pois se ofereceu para mandá-lo à faculdade, aqui, com tudo pago. Meu pai aceitou. Ele cursou a Universidade de Columbia, se casou com uma americana e ficou. Eu nasci em Nova York.

Sam acenou para Trudy lhes trazer mais uma rodada de bebidas.

– Já levo, meu bem – disse ela, pegando dois copos embaixo do balcão do bar, grata por ter algo a fazer.

– Apenas mais uma história de refugiados – Sam disse a Ott. – Não é muito diferente da de sua família.

Ott estava pensando a mesma coisa. Ele terminou a cerveja, sem querer derramando um pouco na camiseta.

– Você sabe nossa história? – ele perguntou, estendendo a mão para pegar um guardanapo.

– Sei tudo sobre sua família – disse Sam. – Brian Shelly me contou um pouco e eu pesquisei sobre os Rabun. As pessoas não percebem, mas alemães e árabes têm muito em comum. *Das ist warum ich beginnen wollte, Sie zu kennen.*

Uma expressão de surpresa surgiu no rosto de Ott.

– *Sprechen Sie Deutsch?*

– *Wenig.*

– *Wie viele Male sind Sie nach Deutschland gewesen?*

– *Ich habe ein ungefähr Fahr dort verbracht.*

Eles pararam de falar alemão, quando Trudy trouxe as bebidas até a mesa.

– Rapazes, vocês gostariam de algo da chapa? – perguntou ela. – Posso lhes fazer uns hambúrgueres.

Sam sacudiu a cabeça.

– Quer alguma coisa, Ott? – perguntou ele. – É por minha conta.

– Não, obrigado – disse Ott.

– Qualquer coisa é só me chamar – respondeu Trudy, meio decepcionada. Ela voltou à sua banquetta, atrás do bar, para assistir ao jogo.

– Que pena o que aconteceu com Brian, não foi? – disse Ott.

– É – respondeu Sam. – Ele era bem novo para ter um ataque do coração. Acho que nunca se sabe.

– O enterro foi duro – disse Ott. – Foi difícil, para o Tim e para a mãe dele. Para completar, acho que o Brian tinha hipotecado a casa e parado de pagar o seguro de vida. Tim disse que eles tiveram que vender a casa e a fazenda de cultivo de cogumelos, para quitar as dívidas. Ele está passando um tempo comigo.

– Ele tem sorte de ter um amigo como você – respondeu Sam. – Deve ter sido duro pra você, também, quando perdeu sua madrinha. Ela foi uma grande mulher. Eu admirava muito o que ela escrevia no jornal. Não faz muito tempo, faz?

Ott assentiu desconfortável, desviando o olhar.

– Agora faz quase um ano, eu acho; menos de um ano depois que ela deixou a prisão. A cadeia que a matou. – Ele olhou cabisbaixo, pela janela, constrangido por demonstrar seus sentimentos. – Então, o que exatamente você está fazendo pelo Die Elf? – Ott perguntou, mudando de assunto outra vez.

– Estou fazendo um documentário sobre o Holocausto. Vou mostrar que isso foi um embuste criado pelos Aliados e os judeus.

Na televisão, os Pirates marcaram mais um ponto. Sam olhou para cima, porém, subitamente, Ott estava menos interessado no jogo.

– Então, é *você*? – perguntou Ott. – Brian me disse que conhecia alguém que estava fazendo um documentário sobre o Holocausto, mas não me disse nada mais além disso.

Sam virou-se da televisão de volta para Ott, sorrindo como o jogador que tinha acabado de marcar um ponto.

– Por um tempo, foi segredo – disse ele. – Só alguns caras sabiam. Brian, Harlan Hurley. Harlan tem dado uma grande ajuda, no custeio.

– É mesmo? O cara que trabalha para o distrito escolar? – perguntou Ott. – Ele sempre pareceu tão quieto...

– Os quietos sempre fazem mais – disse Sam. – Ele tem pegado dinheiro do... – Sam se interrompeu. – Digamos que ele tem usado meios bem criativos para ajudar a custear meu trabalho. É preciso muito dinheiro para fazer um documentário direito... equipamento, equipes de filmagem, despesas de viagem, locação de estúdios. Acabei de finalizar a edição, na verdade. Ficou ótimo. Quanto mais eu descobria sobre seu passado, mais eu achava que você poderia se interessar no projeto. Por isso que eu quis encontrá-lo hoje.

– Posso ver? – perguntou Ott, ansioso.

– Claro, em breve – respondeu Sam.

– Onde aprendeu a fazer documentários? – perguntou Ott. – Você é cineasta?

– Não – disse Sam. – Esse é meu primeiro documentário, mas aprendo depressa e contei com uma equipe experiente. Eu estava concluindo meu PhD em história, na Juniata. Na verdade, com uma bolsa concedida pelo Mijares Fellowship. O documentário deveria ser minha dissertação, mas o chefe do departamento de história é judeu e, por motivos óbvios, ele não ficou muito feliz com meu tópico e minhas conclusões. Ele me deu a opção de escolher um novo tópico ou deixar a escola sem o diploma. Então fui embora. Harlan e alguns outros ouviram falar e estão custeando o projeto, já há alguns anos.

– Nossa – disse Ott. – Eu te admiro por escolher uma das questões mais controversas do mundo. Mas será duro convencer as pessoas que o Holocausto foi uma farsa. Não me entenda mal... nada me deixaria mais feliz do que descobrir que tudo foi uma mentira, só que eu já vi fotos e li as histórias. Também estive em alguns campos. Minha família construiu os incineradores. Há muitas provas a serem contestadas.

Sam franziu o rosto.

– Mas você não acredita que sua família ou seus compatriotas pudessem matar milhões de seu próprio povo, a sangue frio, sendo ou não judeus, acredita? Não faz nenhum sentido. Os alemães não eram bárbaros, eram europeus. – Ele parou e cuidadosamente dobrou seu guardanapo em um triângulo, depois novamente, num

triângulo menor. – Sou estudante de história, Ott – disse ele. – Como estudante de história, aprendi que os homens que deixam uma marca no mundo são os que transformam o preto no branco e o branco no preto. É ao longo da fronteira entre opostos que encontramos a energia para criar e destruir. – Ele subitamente amassou o guardanapo, como se ilustrando seu ponto de vista. – Átomos microscópicos se dividem em bombas que mudam o mundo. Placas tectônicas movem-se e novos continentes são formados. Políticos transformam paz em guerra e guerra em paz. As religiões transformam pecadores em santos e santos em pecadores. Não tenha dúvida: se as ações dos homens são boas ou más é algo que depende de que qualidades escolher ver.

Agora, a cerveja estava subindo à cabeça de Ott e ele começava a se divertir. Sentia um formigamento morno nos lábios e na testa. No fim das contas, Sam não parecia o extremista que ele temera. Na verdade, ele era um homem bem racional, que usava a lógica e a razão.

Ott gostava de discussões filosóficas e do desafio de conversar com gente bem-educada. Ele acreditava que poderia se sair bem na faculdade, se tivesse uma chance. Ele estava até pensando em talvez estudar em uma universidade na Alemanha. Não tinha feito muita coisa desde o ano em que se formara no ensino médio, exceto ficar na mansão, em Buffalo, ou no complexo de treinamento do Die Elf, na floresta perto de Huntingdon. A maioria dos membros do Die Elf era de locais entediantes, desempregados ou com empregos ruins. Eles dirigiam picapes, bebiam cerveja, adoravam armas e odiavam judeus e negros, ainda que não soubessem dizer o motivo. Mas tinham acolhido Ott, em seu segredo, e mostrado a ele como usar os sofisticados telefones de satélite do Die Elf, a tecnologia de criptografar e-mails e os servidores remotos que garantiam a comunicação segura com outras organizações brancas supremacistas ao redor do país. Talvez, Ott pensou, ele fosse estudar computadores na faculdade. Ele gostava da precisão e da falta de ambiguidade da matemática; e computadores, como máquinas imparciais, dariam-lhe a aceitação incondicional pela qual ele ansiava.

– Pense em todos os grandes homens – continuou Sam. – Einstein demonstrou que a matéria é energia e a energia é matéria. Ora, isso é transformar preto em branco e branco em preto. Galileu demonstrou que a Terra gira ao redor do Sol. Colombo demonstrou que a Terra é redonda. Em toda a história da raça humana, dos bilhões de pessoas que pisaram aqui, nós só nos lembramos de alguns milhares, no máximo. Por quê? Porque esses são os homens que derrubaram antigas crenças e formaram novos mundos usando a contradição como buril. É por isso que são lembrados... e é assim que eu quero ser lembrado.

– Bem interessante – Ott respondeu. – Acho que concordo com você, mas isso ainda não prova que o Holocausto foi uma fraude.

Sam ergueu os olhos para a televisão.

– Dois arremessos pra fora – disse ele, dando um gole em sua cerveja. Então, ele colocou o copo na mesa e olhou diretamente nos olhos de Ott. – Prova? O que é uma prova? – ele perguntou sorrindo. – Eu conheço você, Ott Bowles. Sei o que você quer. Sou igual a você.

Ott estava tão confuso quanto intrigado.

– Não sou racista nem fanático religioso, e nem você – Sam continuou. – Somos homens práticos, com um problema prático. A simples realidade é: as reputações do povo alemão e de sua família foram arruinadas, e os lares do povo palestino e da minha família foram tomados, quase ao mesmo tempo. Fora o tempo, talvez você pense que esses dois acontecimentos não tenham qualquer ligação. Eles aconteceram com grupos de pessoas diferentes, em partes diferentes do mundo. Mas há um denominador comum.

– Obviamente, os judeus – Ott respondeu, cauteloso. Ele voltou a rezear que Sam fosse igual aos outros. – Mas achei que tivéssemos acabado de concordar que não somos racistas.

– Não somos – disse Sam. – Somos pensadores racionais examinando se nossos problemas têm causas e efeitos semelhantes. Consideremos Israel, por um minuto. Ora, não havia Israel, entre o ano 1970 e 1948 – três anos depois que os Aliados ganharam a Segunda Guerra Mundial. Porém, antes do ano 1970, Israel existia. Qual era a base de sua existência, naquela época?

– Não sei – disse Ott. – Não estou por dentro da história israelense.

– É simples – disse Sam. – Os judeus contaram ao mundo uma história fantástica, inacreditável, que, por um tempo, todos aceitaram. Eles disseram que Deus pessoalmente prometeu a Palestina a Abraão. Sem testemunhas, nada escrito, nenhuma escritura, nada. Apenas a alegação de um homem de que Deus desceu do céu e disse que a terra era dele e de seus descendentes, porque eles foram favorecidos e escolhidos por Deus, para uma proteção especial contra seus inimigos. Incrivelmente, essa história era instigante o suficiente para que os judeus se agarrassem àquela terra por cerca de três mil anos. Porém, então, vieram os romanos e disseram “Vocês só podem estar brincando! Deus não disse nada disso pra nós, sobre vocês morarem aqui!”. Assim, eles botaram os judeus pra correr.

– Acho que sim – disse Ott, retornando a atenção para o jogo de beisebol.

– É verdade – Sam continuou. – E pelos dois mil anos seguintes não houve Israel. Não existia. Então, em 1948, os judeus pegaram a terra de volta. Como? O que aconteceu?

Ott já não estava mais prestando atenção e não ouviu a pergunta.

– Vamos, Ott – disse Sam –, como foi que os judeus retomaram Israel? O que aconteceu em 1948, para mudar dois mil anos de história?

– Eu não sei – disse Ott, desinteressado na pergunta.

– Eles contaram ao mundo uma nova história fantástica e inacreditável. Dessa vez, a história era sobre os alemães e os Rabun, não sobre Deus.

Isso captou a atenção de Ott. Ele parou de assistir ao jogo e virou-se de volta para Sam.

– O Holocausto – disse Sam. – Os primeiros judeus inventaram uma história de que teriam direito à Palestina, porque Deus lhes dera proteção especial contra seus inimigos. Mas, então, eles perderam a terra para os romanos. Depois de dois mil anos tentando pegá-la de volta, eles perceberam que precisavam inventar uma história nova. Porém, os judeus são um povo bem esperto. Sendo

assim, o que fizeram foi arranjar uma história que fosse exatamente o oposto da primeira. Dessa vez, eles disseram que tinham direito à Palestina, porque tinham sido escolhidos para extermínio por seus inimigos, e Deus não pode ou não vai protegê-los. Na verdade, é genial. Pura genialidade.

Ott suspirou.

– O problema com sua análise, Sam – disse ele –, é que eles estão dizendo a verdade. Eles *foram* escolhidos para extermínio.

Sam sacudiu a cabeça, desapontado.

– Será que você não entende, cara? Tem tudo a ver com *crenças*, Ott, não com a verdade. Se o Holocausto realmente aconteceu ou não, não importa mais do que se Deus fez, ou não, uma promessa a Abraão. Preto no branco, branco no preto. A questão do momento é “Onde a nova história dos judeus deixa o povo alemão e os Rabun de Kamenz?”. Deixe-me lhe dizer onde. Ela os deixa rotulados como açougueiros perversos, a encarnação do diabo, desacreditados e desprezados. Ela os deixa com museus do Holocausto brotando para todo lado, para ensinar a cada criança, todos os anos, de agora até o infinito, como vocês são vis e subumanos. E onde essa história deixa meu povo, os palestinos, que viviam na terra, quando os Aliados a tomaram e deram aos judeus? Somos ainda menos que os alemães! Não somos nem sequer dignos de reconhecimento como um povo desse planeta, com direito a um lar. Somos refugiados, vis e subumanos também. Eu lhe disse. Alemães e árabes têm muito em comum.

Ott estava intrigado. Pela primeira vez na vida havia encontrado alguém como ele, com um motivo legítimo para ter raiva – alguém que tinha sofrido tanto, senão mais, quanto ele.

– Você está certo! – Ott disse. – Está absolutamente certo. Então, por que seu povo está literalmente se explodindo, nos mercados israelenses? Por que sua terra foi tomada de vocês?

– Não – disse Sam, acendendo um novo cigarro e exalando uma nuvem de fumaça, com aversão. – Fazemos bombardeios suicidas porque somos imbecis, sem formação e não sabemos nada. Isso só fere os palestinos, não os judeus. Passei um tempo no Líbano, treinando com esses homens-bomba. Eles são malucos... Mas, em

sua defesa, isso é o que o desespero faz às pessoas. Você vê judeus se explodindo? Ou alemães? Ou qualquer outro povo? Claro que não. Porém, os judeus vêm trabalhando em retomar a Palestina há dois mil anos, enquanto nós só estamos trabalhando nisso há cinquenta. Quem sabe? Talvez os judeus estivessem lançando ataques suicidas contra os romanos, no primeiro século, quando eles estavam desesperados. Leva tempo para enxergar a realidade e o caminho daqui até lá. A história é tanto uma função do presente quanto do passado, e é mais uma função de emoção do que de fato. A história e a verdade são o que nós queremos que seja, Ott. Mas isso nos deixa num dilema. Como consertamos essa situação?

– Não sei – disse Ott.

Sam piscou.

– Acho que a resposta está bem na nossa cara, Ott. Nós precisamos usar as mesmas táticas que os judeus usaram. Precisamos de nossa própria história. Mas não pode ser qualquer história. Tem que ser uma *grande* história, uma história além da crença; como um segredo sussurrado por Deus ou uma conspiração para exterminar um grupo de pessoas da face da Terra. Se você quer alcançar um objetivo gigante, precisa ter uma história gigante. O que fez a história dos judeus dar tão certo é o fato de que elas são épicas em tamanho, totalmente fantásticas e tão absurdamente inacreditáveis que ninguém se atreveria a contá-las de maneira séria, a menos que fossem, de fato, verdade.

– Espere um minuto – disse Ott, confuso. – Achei que você tivesse acabado de dizer que eram mentiras.

– Não – Sam respondeu. – Eu disse que a verdade é irrelevante. O que importa são as *crenças*. A verdade é o que as pessoas acreditam que é. Quando todos acreditaram na história que Deus prometeu a Terra Santa a Abraão, então isso se tornou verdade para eles e os judeus viveram lá por milhares de anos. Quando todos deixaram de acreditar naquela história, deixou de ser verdade e os judeus foram despejados. Dois mil anos passaram e agora, quando todos acreditam na história que os alemães tentaram exterminar os judeus, essa é a nova verdade e os judeus podem voltar a viver em Israel. Está me entendendo? Qual é o próximo passo lógico?

Ott pensou, por um momento. Ele não concordava com a forma negligente de Sam encarar a verdade, no entanto, seu argumento tinha certo apelo lógico.

– Quando todos deixarem de acreditar que o Holocausto aconteceu, os judeus serão novamente despejados?

Sam sorriu.

– Eu lhe disse que pensamos parecido – ele disse.

– Mas como você vai fazer com que todos deixem de acreditar que o Holocausto aconteceu, se ele realmente aconteceu?

Um sorriso sinistro surgiu no rosto de Sam.

– Do mesmo jeito que os judeus fizeram todo mundo acreditar que Deus lhes prometeu a Terra Santa, quando isso nunca aconteceu.

Ott estava ainda mais confuso agora.

– Qual jeito?

– Com uma história! – Sam gritou. – Isso é o que acabei de explicar. Os alemães e palestinos precisam de uma história grande, fantástica e inacreditável. Uma nova história, uma nova crença, uma nova verdade.

– Então, qual é a nova história?

– A melhor forma de agir contra uma conspiração é com uma conspiração ainda maior. A história dos judeus é que havia uma conspiração na Alemanha para exterminá-los. Então, o que fazemos? Dizemos exatamente o oposto... que havia uma conspiração ainda *maior* dos Aliados para fabricar o Holocausto e demonizar os alemães e tomar o Oriente Médio.

Ott sacudiu a cabeça.

– Por que os Aliados fariam isso?

– Porque os alemães começaram duas guerras mundiais que custaram milhões de vidas, e os Aliados precisavam envergonhá-los e pacificá-los, de modo que eles jamais voltassem a pensar em algo assim. E porque os Aliados queriam uma presença amistosa no Oriente Médio, para assegurar o suprimento de petróleo que viabiliza a civilização ocidental.

Ott estava lentamente se convencendo.

– Acho que estou entendendo – ele disse. – Mas ainda parece bem improvável.

– Claro que é improvável – respondeu Sam. – Isso que é a genialidade. Essa é que tem sido a genialidade das histórias dos judeus, ao longo do tempo. A história precisa ser improvável para ser crível. Tudo que você precisa fazer é mostrar que foi possível ter sucesso com a conspiração. Isso é crucial. Com a promessa de Deus a Abraão, ficou fácil. Apenas diga que Deus falou com Abraão, em particular. Deus fala com as pessoas em particular? Talvez sim, talvez não, mas a maioria das pessoas, na época de Moisés, achou possível. A mesma coisa com o Holocausto. Seria possível que os alemães tenham assassinado milhões de judeus? Claro. Eles construíram campos de concentração, tinham grande parte da Europa sob uma lei marcial, e foi uma guerra sangrenta.

Ott deu uma olhada no jogo.

– Lance pra fora – disse ele, com um gemido. – Eles perderam. – Ele se virou de volta para Sam. – Mas como os Aliados poderiam ter fabricado o Holocausto? Foi um dos acontecimentos mais minuciosamente documentados da história.

– Fácil – disse Sam. – Por definição, as guerras são feitas para matar seus inimigos, certo? Bem, não é interessante que não houvesse tal coisa com um “crime de guerra”, antes da Segunda Guerra Mundial? Antes disso, a matança em massa, durante as guerras, era subestimada. Mas depois que os Aliados ganharam a Segunda Guerra Mundial, eles fizeram algo que nunca tinha sido feito. Eles inventaram esse novo conceito de crime de guerra, para certos tipos “especiais” de matança. Depois, eles categorizaram a matança de judeus pelos alemães como crimes de guerra e fizeram julgamentos... embora a Alemanha tenha assassinado mais milhões de russos, e os japoneses tenham exterminado milhões de chineses, e os Aliados tenham bombardeado cidades alemãs e lançado duas bombas nucleares no Japão. Nenhuma dessas matanças foram crimes de guerra, somente a matança dos judeus feita pelos alemães foi considerada incomum e merecedora de punição extra. Claro, a Alemanha não estava em posição de se defender, tinha acabado de ser derrotada. Então, será que os Aliados *poderiam* ter fabricado o Holocausto? Com certeza. Eles é que liberaram os campos, eles controlavam as provas, eles conduziram os

juulgamentos dos crimes de guerra. Motivo e oportunidade, Ott. E há explicações alternativas de sobra, para que grandes números de judeus tenham morrido nos campos de concentração, sem envolver asfixia a gás. Então, está vendo? Se quisermos resolver nosso problema mútuo de recuperar a reputação dos alemães e a terra natal dos palestinos, então, na verdade, se o Holocausto aconteceu ou não, não tem a menor importância. Só precisamos que as pessoas comecem a questionar suas convicções quanto a isso, com uma nova história.

– Incrível – disse Ott, agora completamente admirado com Sam e ficando cada vez mais embriagado com a cerveja. – É brilhante.

– Obrigado – respondeu Sam, satisfeito com o elogio.

– Então, qual é o próximo passo? – Ott perguntou.

Um sorriso confiante surgiu no rosto barbudo de Sam.

– Não há melhor forma de se contar uma história do que com um filme. Nós vivemos num mundo visual onde ver é crer. Portanto, é isso que eu fiz. Fiz um documentário que conta a nova história dos alemães e palestinos, uma história que vai mudar o curso da História. – Subitamente, a confiança de Sam sumiu. – Isto é, se eu conseguir o dinheiro para levar o filme ao público. Não vai adiantar nada se as pessoas não puderem ver. Distribuir um filme é algo extremamente caro.

Agora, um sorriso confiante surgia no rosto de Ott.

– Eu tenho dinheiro – ele disse, falando ligeiramente embolado, por conta do álcool. – Minha madrinha deixou tudo pra mim e minha mãe. Ela era bem rica.

– É mesmo? – perguntou Sam, fingindo surpresa.

Ott estufou o peito.

– Não gosto de falar sobre isso, mas eu provavelmente poderia comprar e vender todos no Die Elf. De quanto você precisa? Quero que seu documentário seja visto no mundo inteiro.

Trudy, a dona do bar, mudou de canal e agora estava começando o noticiário do Canal 10, *Evening News*, com sua trilha triunfante e montagem em *flash*, das cenas da área central da Pensilvânia, terminando com um *close* no belo âncora, já ficando grisalho.

– Boa noite – disse ele, em seu tom barítono autoritário. – O astro do futebol, O.J. Simpson, está sendo interrogado sobre a morte da ex-mulher e seu amigo, e o presidente Clinton deve anunciar o plano de reforma na assistência social... mas a grande história esta noite, no *Action News*, é nossa investigação secreta exclusiva, com revelações surpreendentes sobre milhares de dólares do fundo de educação do Distrito Escolar de Snow Creek sendo desviados pelo controlador do distrito para um grupo de supremacia branca do qual ele é membro.

– Ai, meu Deus – disse Sam. – Você pode aumentar? – ele gritou para Trudy.

– Quem cobre a história para o *Action News* é nosso repórter Bo Wolfson...

Trudy aumentou o volume da televisão, e a câmera passou a mostrar Bo Wolfson, sentado ao lado do âncora.

– Obrigado, Rob – disse ele, antes de virar e olhar diretamente para a câmera. – Ao longo dos seis últimos meses o *Action News* vem conduzindo uma investigação sigilosa sobre um grupo local de supremacia branca conhecido como Die Elf, que tem um campo de treinamento paramilitar próximo a Huntingdon. Durante nossa investigação, descobrimos que um dos membros proeminentes desse grupo é Harlan Hurley. O sr. Hurley é, por acaso, o gerente financeiro e controlador do distrito escolar da área de Snow Creek.

– Nossa investigação nos levou aos registros dos livros de contabilidade do distrito escolar, e descobrimos que nos três últimos anos quase cem mil dólares de fundos originados pelo pagamento de impostos, destinados ao orçamento de livros escolares, foram pagos a uma empresa de fachada chamada TechChildren, controlada pelo Die Elf. Também descobrimos que esses fundos eram usados para fazer um documentário alegando que o Holocausto, durante o qual mais de seis milhões de judeus foram assassinados pelos nazistas, durante a Segunda Guerra Mundial, foi uma farsa. Numa entrevista ocorrida hoje, nós confrontamos o sr. Hurley com essas alegações e uma fita gravada secretamente, de sua participação numa reunião do Die Elf vários meses atrás, durante a qual o documentário foi discutido.

Sam e Ott se entreolharam incrédulos, enquanto a tela mostrava uma imagem da frente do Colégio de Ensino Médio Snow Creek, depois a área da recepção e, finalmente, Harlan Hurley. Ele era um homem grande de meia-idade, calvo, sem queixo, um olho com ligeira ambliopia e pele branca. Vestia uma camisa azul de mangas curtas, apertada, e uma gravata de bolinhas vermelhas. Ele estava sentado em sua mesa, com um grande sorriso no rosto, aparentemente empolgado por seus quinze minutos de fama, sem ter a menor ideia do que estava prestes a acontecer.

– Sr. Hurley – disse Bo, após algumas perguntas preliminares –, o senhor tem familiaridade com uma empresa chamada TechChildren?

O olho ambliópico de Hurley involuntariamente virou para o teto, pensando, ganhando tempo.

– Ora, sim – disse ele, agora com um sorriso forçado. – Acredito que eu tenha ouvido falar dessa empresa.

– O que é a TechChildren?

– Bem, eu acredito que eles criam livros didáticos e outros materiais educacionais.

– O distrito escolar de Snow Creek faz negócios com a TechChildren?

– Não tenho certeza. Veja, nós fazemos negócios com muitas empresas. Seria melhor perguntar à nossa diretora, a sra. Biddle. Posso ajudá-lo em mais alguma coisa, sr. Wolfson? Estamos particularmente satisfeitos pela aprovação do novo orçamento, pela diretoria da escola. – Com essa mudança de rumo, Hurley relaxou ligeiramente e seu sorriso original voltou.

– É o senhor quem assina todos os cheques do distrito escolar, correto? – perguntou Bo, relutante em mudar de assunto.

Hurley limpou a garganta.

– Sim, sim, é claro. Sou o gerente financeiro. Pago a quem o diretor me manda pagar.

– Já ouviu falar numa organização chamada Die Elf?

O rosto de Hurley ficou vermelho, mas seu sorriso permaneceu, como alguém que acaba de acidentalmente dar de cara num poste, na frente de uma multidão, e quer que eles acreditem que ele o fez de propósito.

No bar de Trudy, Sam Mansour assistia à entrevista cada vez mais aflito, vendo seus planos se desfazerem diante de seus olhos.

– Não acredito nisso – ele disse a Ott. – Não acredito.

– Não, não posso dizer que tenha ouvido falar – Hurley respondeu a Bo, na televisão. – É outra empresa de livros?

– Não – disse Bo. – Die Elf é um grupo de supremacia branca, sr. Hurley. Tem certeza de que nunca ouviu falar?

– Tenho certeza – Hurley estrilou, elevando a voz. – O que isso tem a ver com o distrito escolar de Snow Creek? Não tenho tempo para isso. O que está insinuando?

A câmera voltou para Bo, que olhava para Hurley com um desprezo silencioso, pronto para o golpe fatal.

– Estou insinuando, sr. Hurley, que a TechChildren é uma organização de fachada para um grupo de supremacia branca chamado Die Elf, para o qual o senhor desviou ilegalmente quase cem mil dólares dos recursos do distrito escolar, e que o senhor é um supremacista branco.

Hurley olhou enviesado para Bo.

– Essas são acusações afrontosas, sr. Wolfson! O senhor está prejudicando, e muito, as crianças dessa escola ao fazê-las.

– Então, o senhor nega essas acusações? – perguntou Bo.

– Claro que nego!

– Muito bem. Eu tenho um vídeo que gostaria de lhe mostrar, sr. Hurley, e depois eu lhe darei a oportunidade de comentar a respeito.

Bo gesticulou na direção de uma pequena televisão, que havia sido colocada na mesa do sr. Hurley. A tela piscou com uma gravação pouco iluminada. Vozes abafadas podiam ser ouvidas no alto-falante, como se a câmera estivesse escondida dentro de uma bolsa. Harlan Hurley podia ser visto sentado numa sala repleta de homens, todos focados em um único homem, à frente, andando de um lado para o outro, diante de uma bandeira nazista.

Assistindo dentro do bar de Trudy, Ott sacudiu a cabeça, aliviado por não ter ido àquela reunião em particular e por seu rosto não estar sendo veiculado ao redor do mundo, em associação com Hurley e o restante do grupo.

– Meus irmãos arianos – disse o homem que andava na frente. – Hoje é um grande dia! Hoje nós estamos prontos para educar as crianças e o povo desta nação quanto à verdade. Nosso irmão ariano muito especial, do mundo árabe, Samar Mansour, acaba de concluir um documentário provando que o Holocausto não passa de uma mentira dos judeus, como sempre soubemos.

Ott deu uma olhada para Sam, observando sua boca abrir. No vídeo da tela, Sam levantou para aceitar o aplauso de Hurley e dos outros membros do Die Elf e agradecer o apoio.

– Está na hora – disse Sam à plateia – dos árabes e arianos juntarem forças contra seu inimigo comum. Esse documentário é o primeiro passo no que espero ser uma longa e bem-sucedida parceria. Minha contribuição à batalha contra os judeus não será outro bombardeio suicida como têm feito os meus corajosos irmãos palestinos, que estão dispostos a sacrificar suas próprias vidas pela causa. Não, eu pretendo demolir não somente alguns tijolos do Estado de Israel, mas a fundação na qual ele se apoia. Nada de câmaras de gás, nada de Israel!

A sala irrompeu em aplausos.

Trudy, a barista, desviou os olhos da televisão para Sam e de volta à TV, lentamente percebendo que estava vendo o mesmo homem, nos dois lugares.

– Acabou – Sam disse a Ott. – Eles provavelmente já estão à minha procura neste exato momento. Preciso ir. – Ele deixou vinte dólares na mesa para Trudy, que ficou observando enquanto saía.

Ott virou de volta para a televisão e viu o rosto de Harlan Hurley se contorcer num formato tão horrendo quanto a suástica na bandeira da reunião. Hurley disse a Bo:

– Às vezes, as pessoas defendem o que é certo para consertar o que está errado. Um dia, você entenderá que estou fazendo ambos, e as pessoas deste distrito escolar me transformarão num herói. Agora, dê o fora do meu escritório.

Que bizarro é, para mim, ver a vida através dos olhos de um homem. Através dos olhos de meu assassino.

Que bizarro é vivenciar seus humores e obsessões, suas tristezas e alegrias. Ver um bebê e não ansiar por tocá-lo, mas ver uma bela mulher e desejá-la, com cada nervo de seu corpo. Como é estranho ser Ott Bowles quando ele dá um tiro no banco ao lado de Sarah e ouvi-la gritando. Sentir a gratificação intensa, quase sexual, de exercer total domínio e controle sobre mim e ver o terror em meus olhos. Ver os pequenos movimentos de minha cabeça, enquanto dirijo pela estrada, sentir a maciez de meu corpo, através da arma, sentada no banco traseiro, sentir desprezo por mim e tudo que represento, e, ao mesmo tempo, estar fisicamente atraída por mim, imaginando como seria fazer amor comigo. Como é bizarro me ouvir implorando pela vida da minha filha e a minha e, por um instante, sentir compaixão por mim e questionar se eu deveria ter raptado mãe e filha. Contar os últimos dias de minha vida no corredor da morte, fazer as pazes com minha morte, contemplar e confrontar sua presença, depois ser entregue a ela, amarrado a uma cadeira, eletrocutado.

Como foi estranho ver o quão incrivelmente insignificantes Sarah e eu fomos na vida de Ott Bowles, a pouca importância que tivemos. Para Ott Bowles, Sarah e eu éramos símbolos, não seres humanos, um meio para um fim, nada além disso.

E assim, olhando para trás através dos olhos do meu assassino, eu pude apreciar a lógica do sequestro, porque através daqueles olhos eu pude ver como toda a esperança para os Rabun de Kamenz desapareceu quando meu marido veiculou seu vídeo de Harlan

Hurley e Samar Mansour, entalhando suas iniciais na árvore da história com os ferros tortos de uma suástica.

Aquele tempo havia sido tão diferente para nós, tão mágico e glorioso. A história foi escolhida pelas emissoras nacionais e nós demos uma festa para comemorar. Nunca pensamos no impacto da história em Hurley, Mansour ou nos outros membros do Die Elf, porque, para nós, eles eram símbolos, não seres humanos. Eles representavam *nosso* inimigo invisível: o provocador virando a esquina, o falso profeta no altar, a ideia subversiva apodrecendo o tecido da sociedade. Como um pequeno Davi, *meu* Bo tinha matado a besta e nós estávamos orgulhosos. Não fazíamos ideia de que, enquanto estávamos comemorando sua vitória maravilhosa, Samar Mansour estava lacrando um envelope com uma cópia de seu documentário, com o seguinte bilhete:

Ott,

A verdade é o que nós queremos que seja.

Talvez nós nunca voltemos a nos ver.

Plante as sementes.

Seu amigo,

Sam

Na manhã seguinte, a polícia tinha prendido Harlan Hurley, por inúmeras acusações de roubo, fraude, espionagem e extorsão. Uma caçada a Samar Mansour terminou com a confirmação de que ele havia deixado o país, provavelmente rumo ao Líbano. Dois dias depois, Ott recebe a fita de vídeo em Buffalo e a assiste em seu quarto, depois que a mãe vai dormir.

O documentário de Sam Mansour é muito bem elaborado e muito bem produzido, exatamente como ele havia prometido. Ele começa com fotografias melancólicas e catatônicas, em preto e branco, que surgem e desaparecem na tela: homens em uniformes nazistas, os rostos amedrontados de mulheres e crianças sendo embarcadas em vagões de trens, cercas elétricas ao redor dos campos de concentração, barracões de prisão, chuveiros, montes de cadáveres

em decomposição, chaminés, incineradores. As imagens piscam cada vez mais depressa, terminando numa tela preta.

Dessa escuridão emerge o grito pesaroso de um oboé. Esse é o primeiro som que ouvimos no documentário, tocando um hino fúnebre para acompanhar a marcha lenta de centenas de títulos de artigos, livros e filmes sobre o Holocausto – cada título que Sam Mansour conseguiu encontrar, durante sua pesquisa. Quando os últimos passam pela tela, o oboé é engolido pelo rugido sinfônico de *Die Walküre*, de Wagner, e o rosto sarcástico de Hitler toma a tela. Finalmente, surge o título do documentário em letras brancas sobrepostas a uma visão aérea de Auschwitz, dando um rasante na veia avermelhada das ferrovias enferrujadas que levam ao campo e à plataforma, onde milhões de pés caminham seus últimos passos: *O que aconteceu?*

Sam Mansour está nessa plataforma quando a câmera faz um *zoom*. Ele está usando a mesma calça preta e camisa azul que estava vestindo no bar de Trudy, a cor da camisa combinando com seus olhos. Seus cabelos fartos e escuros estão cuidadosamente penteados e ele está esperando por nós, o público, para se juntar a ele. Sua voz combina com o papel – educada, evocativa, ditatorial, crível. Ironicamente, ele parece e soa mais com um rabino do que um aluno palestino de doutorado tentando refutar o Holocausto. Sorrindo, ele se apresenta como Sam Mansour. Parece afável, imparcial, impassível. Ele faz uma pergunta muito séria ao público: “O que aconteceu?”.

Ele começa a andar até os chuveiros fatídicos. A câmera segue. Enquanto caminha, ele explica o propósito do filme e nos assegura de que não tem outra finalidade, exceto a verdade. À medida que suas provas se revelam, ele nos pede para pular com ele as inúmeras lacunas na lógica e na evidência que precisam ser puladas, mas continua voltando à “verdade”, sempre a verdade, insistindo nela, exigindo que acreditemos que ele está agindo para nosso próprio benefício.

Na questão cinematográfica – com os ângulos da câmera parabólica, a iluminação assombrosa da torre dos guardas, os efeitos de som das câmaras de eco – o documentário é excepcionalmente

bom, ao criar a impressão de que, de fato, se está lá, na época sombria. Ao assisti-lo pela primeira vez, em seu quarto, Ott fica hipnotizado. As habilidades do cineasta e o desejo desesperado de Ott em acreditar ajudam Ott a negligenciar os alertas implícitos nos pedidos de Sam por confiança e as alegações infundadas de conspiração e encobrimento da verdade que distorcem a razão, à medida que o documentário se desenrola.

Agora eu posso ver que somente a corrida frenética de Ott para vingar os Rabun de Kamenz, remodelando um novo final feliz para a Alemanha e os judeus, poderia tê-lo levado a trair o conjunto da história nazista, cuidadosamente registrada, e que ele tão conscienciosamente exumou, durante os longos anos de encarceramento da Nonna Amina. Agora eu posso ver que somente por ansiar e ser influenciado pela justiça, a droga mais inebriante e perigosa de todas, Ott Bowles poderia ter sido levado a negar o assassinato em massa de 360 mil judeus em Chelmno, 250 mil em Sobibór, 600 mil em Belzec, 360 mil em Majdanek, 700 mil em Treblinka e 1.100.000 em Auschwitz, como se a vida e a morte estivessem meramente à mercê das oscilações de humor de alguém e sujeitas às obras da imaginação. Ott Bowles passou a ver o “documentário” – se é que pode ser chamado dessa forma, em vez de uma mera propagação de mentiras – de Sam Mansour exatamente como ele queria ver: a vingança de sua família se revelando diante dele, como um doce sonho.

Bo havia esperado até depois da exibição da entrevista de Harlan Hurley para me contar que as noites durante o fim de semana, supostamente passadas na emissora, foram, na verdade, passadas numa picape alugada, acampada na floresta perto do complexo do Die Elf; Bo com um celular na mão e uma das armas do meu avô no colo, esperando que Bobby Wilson, seu produtor, saísse vivo e com o maldito vídeo – enquanto ele próprio se mantinha pronto para ir atrás dele, se necessário. Eu o fiz prometer jamais voltar a fazer algo tão imbecil.

Como recompensa pelo sucesso da investigação e os riscos que eles haviam corrido, a emissora promoveu Bobby a produtor sênior e ofereceu a Bo o cargo de âncora no noticiário matinal, com a promessa de transferi-lo para o meio-dia e para as chamadas das cinco da tarde, assim que suas habilidades melhorassem. Ficamos extasiados. As pessoas no mercado e no *shopping* começaram a parar Bo para pedir autógrafos. Subitamente, eu era esposa de uma celebridade local. Foi uma época feliz: meu escritório de advocacia crescia, nossa filha florescia e o sonho de Bo, de se tornar um âncora numa grande emissora de televisão, ou até nas redes nacionais, parecia mais promissor do que nunca.



Durante a confusão que cercou a prisão de Hurley e a fuga de Sam do país, Ott teve a presença de espírito de juntar os computadores do Die Elf, seus códigos de criptografia e senhas, e guardar tudo num lugar seguro. A ideia de sequestrar Sarah e eu para forçar as emissoras a transmitirem o documentário veio só depois. É justo dizer que ele nunca teve a intenção de nos ferir. Isso foi ideia de Tim Shelly.

A edificação na floresta, para onde Ott Bowles e Tim Shelly levaram Sarah e eu naquela noite de sexta-feira, em outubro de 1994, era o local original do cultivo de cogumelos na antiga fazenda Shelly, perto de Kennett Square. O lugar foi construído pelo bisavô de Tim, Clifton Shelly, nos anos 1930, quando a maioria dos cogumelos era colhida na natureza, e as pessoas ainda estavam aprendendo a cultivá-los comercialmente.

Assim como seu pai e seu avô, Clifton Shelly era fazendeiro de laticínios. Ele começou a experimentar o cultivo de cogumelos quando viu a demanda pelo *fungi* exceder, em muito, o suprimento provido por coletores experientes que percorriam as florestas úmidas com sacos, em busca de cogumelos brotando em compostos à sombra das árvores. Para recriar essas condições e controlá-las melhor, ele ergueu uma edificação sem janelas no pé de uma ravina isolada, distante dos olhos curiosos e perto de um lago onde a água seria farta e o gelo poderia ser produzido durante o inverno, para refrescar a estufa de cogumelos no verão. Não tardou para que ele estivesse produzindo safras volumosas de *funghi* e levado-as ao mercado, estarrecendo tanto merceeiros quanto coletores de cogumelos, pelo volume e consistência de sua produção. À medida que o cultivo de *funghi* e suas técnicas progrediram, e os lucros cresceram, ele substituiu sua produção de leite e milho por novas estufas de cogumelos e abandonou a estufa original, no pé da ravina, pois ela se tornara muito pequena e remota para uma produção de larga escala.

Tim Shelly estava certo de que ninguém sabia da existência da antiga estufa de cogumelos – em particular o vultoso conglomerado de agronegócio sediado na Califórnia que havia adquirido a fazenda

de cogumelos de sua família, num leilão, após a morte de seu pai. Era bem afastada do restante das construções e entranhada na floresta e estava agora coberta pela vegetação. Ele sugeriu o local para Ott, quanto este lhe contou sobre o plano de raptar Sarah e eu. Tim argumentou que num local tão remoto não haveria qualquer chance de serem detectados, e com paredes de alvenaria sem janelas não haveria nenhuma chance de fuga. Ott deu uma olhada no local e achou que serviria, mas, para ter certeza, ele foi até lá de carro várias vezes e em horários diferentes, do dia e da noite, ficando até alguns dias num prédio externo ao lado da estufa, para ver se alguém notaria. Ninguém notou.

Esse prédio externo, que era basicamente uma cabana de madeira para armazenagem, com duas janelas, foi onde Ott e Tim ficaram, após o sequestro. Antes de nossa chegada, durante várias semanas eles abasteceram o lugar com alimentos, além de um gerador, dois dos computadores do Die Elf, um telefone via satélite e vários engradados com rifles e munição, trazidos do complexo do Die Elf. Eles cobriram o carro no qual chegamos com uma lona e jogaram várias pás da terra de cogumelos por cima, para que não fosse visto do alto. Foi perto desse prédio externo e de um desses computadores que Ott enviou o e-mail para Bo, quando nós chegamos, anexando uma fotografia digital que ele havia tirado de mim e Sarah, na estufa de cogumelos.

Ott nem tentou ocultar sua identidade – ele queria que o mundo soubesse exatamente quem ele era e por que estava fazendo aquilo. Ele utilizou, porém, um programa de criptografia para ocultar nossa localização, encaminhando seu e-mail de servidor em servidor, ao redor do mundo, deletando os cabeçalhos e identificadores, fazendo parecer que a transmissão havia sido originada em algum lugar na Índia. A única exigência feita por Ott foi que o documentário de Sam Mansour fosse exibido em horário nobre, pela rede de televisão nacional. Ele prometeu que, se isso acontecesse, Bo e o mundo veriam nosso regresso em segurança e a rendição voluntária de Ott às autoridades. No e-mail, ele explicou que um vídeo com a cópia do documentário seria encontrado no chão de trás do meu carro, estacionado num bosque de pinheiros próximo à antiga estrada de

terra, em Ardenheim. Ele não exigiu dinheiro nem mesmo a libertação de Hurley da cadeia. Só pediu que o mundo considerasse a possibilidade de que as matanças por asfixia a gás, pelos nazistas, haviam sido uma invenção e que sua família e o povo alemão tinham equivocadamente sido condenados por genocídio. Como Bo era repórter de noticiário de televisão, esse simples pedido não deveria ser muito. Ele deu a Bo três dias para tomar as providências necessárias.

Ott não fez nenhuma ameaça expressa às nossas vidas e, em seu coração, ele nunca achou que fosse chegar a isso. Ele estava tão convencido dos méritos do filme que acreditava que as emissoras agarrariam a chance de veicular o filme assim que o vissem. E ele estava perfeitamente satisfeito em cumprir seu tempo na prisão pelo rapto, como troca. A ideia de se tornar um mártir pela causa o atraía profundamente e deu um propósito superior à sua vida. Ele esperava uma mensagem de resposta de Bo, em algumas horas, com a data e horário da transmissão, e tinha uma televisão portátil pronta, da qual ele poderia assistir ao documentário, quando este fosse exibido, e monitorar os informativos sobre nosso sequestro.

Apesar de ter tomado uma joelhada na virilha durante minha tentativa de fuga, Ott estava contentíssimo em ver como as coisas tinham corrido tão bem na primeira noite. Sarah e eu fomos trancadas na estufa de cogumelos, e a resposta de Bo chegou em uma hora, dizendo a Ott que ele estava fazendo todo o possível para que o vídeo fosse veiculado e implorando pelo nosso retorno em segurança. Duas horas depois, todas as emissoras de TV estavam transmitindo a história de nosso sequestro, com fotografias minhas e de Sarah, e de Ott, Harlan Hurley, Tim Shelly e Sam Mansour. O fato de Bo ser um repórter de noticiário televisivo e eu ser advogada – e Sarah e eu termos sido raptadas por um branco supremacista na tentativa de refutar o Holocausto – foi a centelha que causou uma tempestade na mídia. A possibilidade de um documentário misterioso sobre o Holocausto, uma caçada internacional por um fugitivo árabe e a habilidade de Ott para usar a tecnologia computacional para se comunicar ocultando nossa localização transformaram a história em sensação. Até a manhã seguinte, os

noticiários estavam apresentando especialistas em grupos neonazistas, Holocausto, negociações de reféns e internet, assim como debates mediados por estudiosos cristãos, judeus e muçulmanos, e líderes reunidos para confrontar a patologia intrínseca de grupos como o Die Elf. Esse era exatamente o tipo de atenção internacional da mídia que Ott queria.

A única coisa que preocupava Ott era como sua própria mãe, Barratte Rabun, estava lidando com as notícias. Ela recusava os pedidos de entrevista feitos pelos repórteres que espreitavam a mansão de Buffalo. Porém, para surpresa de Ott, na tarde de sábado algumas emissoras estavam transmitindo relatos equilibrados e até sensíveis sobre o passado de Barratte, Amina e os Rabun de Kamenz, explicando como Amina havia salvado os Schrieberg, na Alemanha; como os Rabun tinham sido metralhados pelas tropas soviéticas e Amina e Barratte tinham sido estupradas; e sobre o litígio por conta dos teatros e propriedades dos Schrieberg. Alguns comentaristas até começaram a criar uma imagem quase solidária do motivo pelo qual Ott tivesse nos sequestrado, em nome do documentário sobre o Holocausto, levando Ott a pensar, mais do que nunca, que ele tinha feito a coisa certa.

No fim das contas, tudo que ele queria era justiça. Ele começou a comparar suas ações às proezas da própria Amina, na Alemanha – não muito mais jovem do que ele. Ele até começou a ver Sarah e eu como Amina tinha visto os Schrieberg: “heroicamente”, provendo nossas necessidades para sobrevivência – água, comida, mamadeira, fraldas – e um abrigo austero, mas seguro, na floresta. Dois peixes vulneráveis entre as fatais anêmonas marinhas. Ele perguntava a si mesmo: *Não estou protegendo essa mulher e sua filha dos que poderiam prejudicá-las? De homens como Tim Shelly e os membros do Die Elf, que, um dia, iriam caçá-las e assassiná-las? Elas não estarão mais seguras quando a verdade do documentário for conhecida?*

Sarah dormia, enquanto eu ficava acordada, preocupada, durante nosso primeiro dia de cativeiro, na estufa de cogumelos esquálida e fedorenta. A única luz vinha de pequenos vãos e frestas ao redor da porta, e o único recurso como banheiro era um balde, num canto afastado. Eu não sabia nada sobre o documentário e estava convencida de que nós tínhamos sido sequestradas como parte de uma trama para forçar a libertação de Harlan Hurley da prisão. A essa altura, eu imaginava que a polícia e os agentes do FBI estariam nos procurando em todo lugar; nós só precisávamos aguentar até que eles nos encontrassem, sem fazer nada para provocar Ott e Tim. Eu rezava a Deus para nos libertar de nossos inimigos. E para castigá-los.

Quando Sarah acordava, eu a alimentava e trocava sua fralda, cantando “Hot Tea and Bees Honey”, repetidamente. Eu sussurrava para ela histórias sobre seu papai, seus avós e bisavós, e até sobre sua tataravó bisa Bellini. Fazia muito tempo que não pensava em bisa Bellini e lembrar dela me acalmava. Nós brincávamos e nos aconchegávamos em nosso saco de dormir. Sarah foi tão boa e corajosa. Ela não fazia manha nem chorava. Acho que ela gostava desse contato próximo e da escuridão que pode, de alguma forma, tê-la feito se lembrar de quando estava dentro do meu útero.

Ott e Tim se revezavam para virem nos checar. Como os sujeitos da famosa experiência psicológica de Stanford, com universitários designados aos papéis de prisioneiros e guardas, Tim Shelly se deleitava com o papel de carcereiro. Ele me empurrava, vociferando ordens e obscenidades para nós, jogando nossa comida no chão. Ele obviamente não tinha qualquer convicção própria. Só agia segundo o que os outros lhe diziam, mas morreria por esses outros – ou por qualquer um a quem ele pudesse atribuir sua adoração infantil, no vácuo criado pela morte de seu pai e a prisão de Harlan Hurley. Ele era um mercenário, não um mártir.

Ott compreendia isso e tirava proveito total, manipulando as fantasias de Tim sobre a batalha e a camaradagem entre soldados. Ott precisava da ajuda de Tim – de sua força e seu conhecimento sobre armas – para fazer seu plano emplacar. Para conseguir isso ele mentia para Tim sobre quase tudo. Ele disse a Tim que eles nos

manteriam reféns até que Harlan Hurley fosse libertado da prisão, e que a prisão e o sequestro dariam início à guerra racial, para a qual os grupos de supremacia branca havia tanto tempo vinham se preparando. Tim se tornaria um grande soldado na guerra, Ott previa; um herói. E Ott prometeu a Tim que, se algo desse errado, os contatos de sua família na Alemanha e em outros lugares, que tinham ajudado o Coronel Gerhard Haber, da SS, e outros nazistas, ajudariam na fuga dos dois para a América do Sul, onde haveria dinheiro aguardando.

Tim acreditava em cada palavra que Ott dizia e ansiava por sua chance de glória. Porém, no segundo dia de espera pela chegada do verdadeiro combate, o tédio se instalou. Tim tinha adquirido o hábito de conduzir buscas de hora em hora na estufa de cogumelos, usando sua lanterna e examinando as paredes e o chão de terra para ver se Sarah e eu estávamos cavando um túnel para fugirmos. Ele terminava sua inspeção apalpando o meu corpo, exigindo que eu ficasse virada para a parede, com as pernas abertas. Eu ainda estava com meu conjunto de seda preto com a blusa bege. Minhas meias já tinham desintegrado no chão áspero e havia muito eu as abandonara. A cada revista de apalpadinhas, Tim demorava mais tempo no meio das minhas pernas e nos seios, depois me chamava de piranha ou vagabunda e saía. Eu não respondia nada, temendo agité-lo ainda mais.

Mais tarde, em nossa terceira noite na estufa, Tim veio fazer sua verificação habitual das paredes e piso, mas, no fim, ele caminhou até onde eu e Sarah estávamos encolhidas, em nosso saco de dormir, e arrancou-a de mim. Eu lutei para continuar a segurá-la, mas ele me deu uma cotovelada na boca, fazendo minha cabeça bater na parede, depois carregou Sarah até o outro lado do prédio e a jogou no chão. Ela choramingou baixinho por um momento, depois ficou quieta outra vez. Tentei ficar de pé para ir atrás dela, ainda tonta pela batida da cabeça na parede, mas Tim me jogou novamente em cima do saco de dormir. Sob a luz fraca amarelada da lanterna, ele começou a arrancar e rasgar a minha roupa.

Eu gritei por Ott, tentei arranhar e morder Tim, mas mesmo se eu tivesse dois braços ele facilmente teria me dominado. Era um

homem grande – eu já não o via mais como um garoto – de porte vigoroso e sólido, com peito forte e braços grossos. Ele me esbofeteou no rosto e me disse para parar de gritar. Quando eu continuei, ele me deu vários socos, até que o sangue escorreu do meu nariz e da minha boca, e eu desmaiei. Quando recobrei os sentidos, ele estava em cima de mim. Tinha tirado minha calcinha e suspenso meu sutiã e estava sem calça.

Ott geralmente dormia duas ou três horas de cada vez durante a noite e tinha acabado de acordar para fazer sua ronda. Ele estava do lado de fora urinando quando ouviu meus gemidos abafados, vindos da estufa de cogumelos. Ainda meio sonolento, ele deixou a arma para trás. Quando passou pela porta e viu Tim se sacudindo em cima de mim, ele primeiro achou que estava tendo o pesadelo que às vezes o aterrorizava, de ver sua mãe, a tia Bette e a Nonna Amina sendo brutalizadas em Kamenz.

Tim olhou por cima do ombro e riu quando viu Ott em pé, na porta.

– Ela só transa com garotos judeus – ele disse. – Ela acha que gosta dos que fizeram circuncisão. Mas chegou a hora de descobrir a sensação de um homem de verdade. Você espera sua vez lá fora, e nós veremos o que ela acha. Não vou demorar muito.

Ott ficou maluco. Ele voou para cima de Tim e o chutou na cabeça com sua bota pesada, como se estivesse chutando um cachorro pregado na perna de um vizinho. Tim ficou estarrecido por um segundo, mas depois reagiu como qualquer macho quando outro tenta pegar sua fêmea. Ele se ergueu do chão com um urro, descarregando em Ott todos aqueles anos de treinamento de combate e a frustração por esperar por tanto tempo pela oportunidade. Ele bateu em Ott impiedosamente, jogando seu corpo em pânico contra as prateleiras e paredes de dentro da estufa de cogumelos, como se ele fosse um boneco.

Rolei para o lado, para pegar Sarah e fugir, mas, então, eu vi a calça de Tim e o coldre empilhados no canto. Em seu desejo de destruir Ott com as próprias mãos, Tim se esqueceu da arma. Meu avô tinha me ensinado a manusear as armas, na fazenda. Eu sabia

como destravar o gatilho, embora fosse difícil estabilizar a arma e atirar, com uma mão só, sem que as balas saíssem a esmo.

Peguei a arma de Tim, fiquei de pé e disparei um tiro na terra, ao meu lado. O som foi ensurdecedor e imediatamente parou a briga entre Tim e Ott. Ambos se viraram para mim, estarrecidos. Então, como Tim tinha feito com seu pai, no museu de Ott, em Buffalo, ele voou para cima de mim. Eu dei um pulo para trás e apertei o gatilho três vezes. Tim caiu de cara no chão, aos meus pés. Seu corpo estremeceu uma vez, e um filete de sangue escorreu pelo chão de terra, por baixo do peito dele. Suas nádegas nuas reluziam de suor, sob a luz da lanterna.

Olhei para seu corpo, espantada e horrorizada. Eu tinha acabado de matar um homem. Tinha acabado de matar um homem que sequestrara minha filha e eu, um homem que estava tentando me estuprar. Eu não conseguia acreditar que aquilo estivesse acontecendo.

Apontei a arma para Ott, tremendo violentamente, com o dedo no gatilho. Eu não sabia o que fazer. Só queria que ele fosse embora. Ele parecia tão espantado quanto eu e só ficou ali em pé, esperando, quase torcendo, ao que parecia, para que eu atirasse nele. Só que eu não podia. Ele tinha arriscado a vida para impedir que Tim me violentasse e tinha impedido que Tim me matasse quando eu tentei fugir de carro. Ele tinha poupado a vida de Sarah, quando poderia tê-la matado, através da janela. De alguma forma, embora ele tenha feito passarmos tudo isso, eu sentia pena de Ott Bowles e não queria feri-lo.

– Por quê? – eu berrei, a plenos pulmões. – Por quê? Tudo isso, para quê? Pelo quê? – eu recuei, em direção a Sarah, ainda apontando a arma para ele.

Sarah tinha começado a chorar quando Ott e Tim começaram a brigar, mas ela ficou quieta depois que eu disparei os três tiros. Desviei de Ott e cambaleei pela escuridão para encontrá-la. Ela ainda estava onde Tim a pusera, encolhida de lado. Eu me abaixei e a peguei. Ela estava molhada, como se estivesse suando ou como se o xixi tivesse vazado da fralda. Eu só queria levá-la de volta para o seu papai e para a vida que nós tínhamos, onde tudo voltaria a ser

seguro. Segurando-a junto a mim e empunhando o revólver, eu segui até a porta.

Mantive os olhos em Ott o tempo todo, iluminado pela lanterna e a pouca luz do céu noturno. Ele me olhava cauteloso, mas passivo, como se tivesse aceitado a trégua que eu tinha oferecido. Porém, quando passei pela porta da estufa de cogumelos, ele veio em nossa direção. Eu estava pronta e dessa vez não hesitei. Disparei a arma.

A bala o atingiu na perna e ele caiu no chão, ao lado de Tim. Eu o observei pela porta, por um instante, decidindo se atirava de novo. Então, percebi que Sarah não estava se remexendo ou chorando, embora eu tivesse acabado de disparar uma arma ao seu lado, com o mesmo braço que a segurava.

Eu ajoelhei para vê-la sob a luz da lanterna. Finalmente entendi por que ela parecia tão molhada. Sua roupa estava encharcada de sangue, e seu pequeno peito estava aberto. Havia sangue em seu lindo rosto, na barriguinha branca perfeita. Seus olhos castanhos estavam arregalados, olhando para o nada.

Um dos três tiros que eu disparei em Tim Shelly acertou meu bebê, minha Sarah.

Eu tinha matado minha própria filha.

O céu se abre, como se todo o firmamento que envolve a Terra estivesse cheio de água e o lacre que a continha subitamente tivesse sido rompido. Nunca vi chover tão forte. Apesar de toda essa chuva, Elymas e eu estamos escalando o penhasco rochoso de uma montanha, subindo cada vez mais alto, acima do nível do mar, do que minutos antes tinha sido um gramado e uma floresta mediterrânea. Os galhos das oliveiras, ciprestes e romãzeiras balançam como algas nas ondas, levando o capim flutuante, as bagas, as pétalas murchas, os pedaços de fezes, as toras de madeira, as peças de argila e as carcaças de animais – os detritos da terra onde essas árvores um dia buscaram o Sol. E pode-se perguntar: que Sol? Pois, apesar de ser meio-dia, há somente uma insinuação de sua melancolia ultravioleta passando sobre o planeta desesperançado.

Elymas tinha me encontrado caminhando pela floresta, a caminho do Tribunal, para apresentar a alma de Otto Rabun Bowles.

– Temos mais uma visita a fazer, Brek Abigail Cuttler – ele disse –, para encontrar outros interessados no desfecho do caso. Venha comigo, você não vai demorar muito.

Imaginei que ele me levaria para ver Bo e talvez meu pai e minha mãe, mas, em vez disso, ele abriu o portal de seus olhos cegos, para a terrível inundação de Cudi Dagh.

Os raios e trovões explodiam pelo céu. Elymas está acima de mim, no penhasco. A água sobe em palmos, não centímetros, as ondas abaixo engolindo os pés das montanhas e tudo pelo caminho.

– Vamos nos afogar! – eu grito para ele, lá em cima no penhasco, com a chuva escorrendo por meu rosto.

– Não se preocupe, Brek Cuttler! – Elymas grita de volta. – Cudi Dagh fica a sete mil pés de altura. Noé encontrou abrigo aqui. Venha, rápido!

Menos de um terço de altitude ainda permanece, enquanto colamos nossos rostos na face da montanha, para a subida final. Elymas usa seus dedos retorcidos como uma picareta, enfiando-os nas frestas. Ele perde a pegada somente uma vez, mas isso lhe custa sua bengala de quatro pés, que bate contra as rochas da descida, caindo no mar revolto abaixo. Eu mantenho distância, temendo que ele me leve junto, se cair. Agora, eu estou tão velha e acabada como Elymas, deslocando-me com lentidão e cautela, ofegante, e parando constantemente. Subo a montanha como um bode aleijado, usando o coto do meu braço direito para me equilibrar, mal conseguindo enxergar meus próximos passos, através da catarata que nubla meus olhos. Minha roupa se dissolve no aguaceiro, transformando-se num amontoado de tramas e tinta colado nas rugas da minha pele.

No cume, nós encontramos um monastério construído de barro e sapé, com vigas entrelaçadas, ladeado por um jardim rochoso anular salpicado de nacos de arenito, quartzo e blocos cheios de veios do mármore. Por trás da pequena edificação, uma escarpa estreita mostra o que, num clima melhor, teria sido uma vista magnífica de montanhas menores e planícies de Ararat. Ao longe, há um monumento entalhado no espinhaço de basalto cinzento. É uma imensa barcaça de madeira cercada pelo mar revolto, esperando a salvação, sob as asas do corvo e da pomba. No convés da barcaça há um bando de animais suficientemente afortunados para terem escapado da inundação – pares de animais menores, como mamíferos, répteis e outras espécies. Na proa estão as silhuetas humildes de um homem e uma mulher.

Elymas me empurra para dentro do monastério, onde encontramos uma pequena capela mantida por um fogo que permanece aceso sem combustível, dentro de uma lareira de pedras. Um semicírculo de bancos rústicos de madeiras contorna a lareira erguida e, entre eles e a chama, há uma pequena mesa retangular que serve aos monges como local de refeições e como altar. No centro dessa mesa

há uma menorá de bronze, manchada de cera preta. Um crucifixo de um só braço, como o que pendia no pescoço do meu tio Anthony, está preso aos braços mais baixos da menorá. O Rei dos Judeus flexiona seu braço esquerdo ao alto, em um gesto de sublime exaltação.

Elymas me conduz por uma alcova passando as celas dos monges, mobiliadas com uma cama feita de placas de madeira suspensas por cintas de ferro, presas acima do chão. Nós entramos na cozinha, que tem uma mesa de trabalho, uma cisterna transbordando de água da chuva e três cestos de madeira cheios de frutos secos e castanhas, como se o monastério tivesse sido recentemente habitado. Quando voltamos da cozinha e entramos na capela, vemos que todos os bancos no semicírculo em volta da lareira, com exceção de um, estão ocupados por monges com robes marrons de capuz. Eles estão virados para o outro lado, na direção do altar, com sua estranha menorá, e seguram *laptops* no colo, para os quais olham reverentes, curvados, como se rezassem. Halos de luz fluorescente da tela lhes dão uma aparência de santos numa pintura medieval.

Nós os contornamos para vermos seus rostos, e eu fico espantada ao descobrir que o primeiro monge é Karen Busfield, usando seu uniforme azul da Força Aérea por baixo do robe marrom. Ao redor de seu pescoço está a estola branca de linho, na qual eu bordara um alfa e um ômega quando lhe dera de presente, em sua ordenação. É uma vestimenta simples e conservadora, sem os desenhos coloridos eclesiásticos de que ela gostava, mas foi o melhor que pude fazer com uma mão só. Ela a usou no dia em que me casou com Bo e, novamente, no dia em que batizou Sarah. Mas ela tentou devolvê-la no dia em que eu e Bill Gwynne a aconselhamos a aceitar a oferta do governo para retirar a acusação de traição e espionagem, em troca de uma dispensa honrável e o tempo servido. Ela só teria que se confessar culpada por invasão criminosa à propriedade do governo e prometer manter sigilo quanto ao que acontecera dentro do silo de mísseis. Eu me aproximo e toco em seu ombro:

– Karen, sou eu, Brek. O que está fazendo aqui?

Ela ergue os olhos da tela de seu computador, mas não me reconhece, idosa como estou. Suas bochechas estão marcadas por

lágrimas secas. Lá fora, a tempestade prossegue. As vigas do monastério parecem tensas, como as costas açoitadas de um flagelado pagando sua penitência. Karen fecha os olhos e começa a entoar um cântico, baixinho.

Ao lado de Karen está minha sogra, Katerine Schrieberg-Wolfson, segunda monja de Cudi Dagh. Ela segura duas fotografias ao lado de seu computador. A primeira foto é de Sarah, sua neta, e a segunda foto, em preto e branco, é de seu pai, avô de Bo, em pé, diante de um de seus teatros, em Dresden. Katerine Schrieberg-Wolfson não chora enquanto se mantém sentada, imóvel, diante de seu computador. Ela testemunhou muita tristeza em sua vida e já não chora mais. Só se arrepende de nunca ter dito a Amina Rabun que fora seu pai, Jared Schrieberg, naquele dia sombrio, em Kamenz, quando Deus ignorou tanto os cristãos quanto os judeus, quem disparou os tiros na floresta, chamando a atenção dos soldados.

– Pobre Amina! – ela grita. – Mas não será uma bênção que ela não tenha vivido para presenciar seu único herdeiro se transformar nisso? Ah, mas agora minha preciosa neta e nora estão pagando por nossos pecados! Quando isso vai acabar?

Katerine também não parece me reconhecer. Em vez disso, ela olha desconfiada para o monge sentado à sua esquerda, Albrecht Bosch, que está digitando loucamente em seu teclado, com dedos manchados de tinta. Bosch chora copiosamente, como um pai chora pelo filho, e diz, em vão, para a tela:

– Não! Não! Não!

Albrecht Bosch achou que havia entendido o sofrimento de Ott Bowles e que, ao compartilhar suas próprias tristezas com ele, havia lhe mostrado o caminho. Ele estivera presente para Ott, como um amigo, como o pai que ele jamais seria substituindo o pai que o outro nunca teria. De sua banqueta, no monastério, Bosch envia outro e-mail para Ott, pedindo que ele se renda. Porém, o momento do último pedido de Albrecht Bosch passou, deixando-o novamente sozinho, em um mundo que, na verdade, nunca o acolhera.

Na banqueta seguinte a Bosch, Tad Bowles e Barratte Rabun acompanham, incrédulos, ao drama em seus computadores. Eles

não estão preocupados com o filho, mas com as dificuldades que surgirão em suas próprias vidas em decorrência do comportamento dele. A preocupação de Tad é com sua reputação:

– Meu nome ficará eternamente ligado a um assassino! – ele grita.

Barratte Rabun está consumida demais por nomes, porém, tem uma reclamação diferente – ela lamenta pela oportunidade perdida de ressuscitar um nome, não pela urgência de sepultá-lo. Esse nome, Rabun, agora está maculado além de todo reconhecimento e, com ele, está enlameado o seu sonho de ver a família, que há muito viveu, voltar a respirar nos corpos de seus filhos e netos. Ela suplica aos céus:

– Como? Como posso tê-los perdido outra vez? Duas vezes, na mesma vida!

O computador no colo de Barratte, onde ela antes acalentava esse sonho esperançoso, responde com uma mensagem de que esse sonho foi, de fato, perdido para sempre. É uma mensagem que confirma para Barratte Rabun o que sua prima Amina havia compreendido e explicado muito tempo antes – que a piedade de Deus jamais lançará sua luz sobre os Rabun de Kamenz. Barratte fecha seu computador e lança-o no fogo. Ela não vai conceder ao Deus impiedoso daquela relíquia insensata e perversa na mesa do altar nem mais um instante de satisfação.

A banquetta na outra ponta do semicírculo está vazia. Ao lado está Harlan Hurley, usando um macacão laranja de presidiário por baixo de seu robe marrom, sorrindo de orelha a orelha, como se estivesse brincando com um jogo no computador e ganhando cada movimento. Os acontecimentos se desenrolaram de um jeito que nem seu maior sonho poderia ter previsto. O escândalo usando os recursos do distrito escolar para apoiar o Die Elf e a realização do documentário colocou o drama fascista de Hurley na primeira página de cada grande jornal e nos noticiários e programas de entrevistas. Apoiadores desiludidos inundaram as ondas de rádio com palavras de incentivo e o correio com dinheiro.

Ao lado de Hurley, na capela, estão meus pobres pais, de olhos fixos em seus computadores, angustiados e incrédulos. Eles nem notam que estou em pé ao lado deles. Como se pode descrever a

agonia dos pais que testemunham o assassinato da própria filha e neta? Nos rostos tomados pelo desgosto, no alto de Cudi Dagh, eu vejo a alegria indescritível dos meus primeiros momentos de vida – o espanto exultante que surge com a vulnerabilidade do nascimento, para novamente declarar a um mundo cínico a existência do amor incondicional. Eu não podia suportar a dádiva desse amor, conforme fui ficando mais velha. Estava convencida de que não era digna de recebê-lo, embora eu reconhecesse que ele emanava de mim com o nascimento da minha própria filha. No entanto, ali está novamente, transbordando do rosto arrasado dos meus pais diante da tela do computador, numa tentativa fútil de me proteger do mal, de proteger o objeto moribundo de uma graça infinita.

Todos os relógios digitais no rodapé das telas dos computadores dos monges de Cudi Dagh mostram 04:02:34 a.m., 17/10/94. As telas piscam com uma luz forte, como se estivessem irrompendo em labaredas, depois me mostram segurando Sarah, ensanguentada e sem vida, sob a luz fraca da estufa de cogumelos. Estou gritando, mas não sai som algum, como se fosse um filme mudo. A arma cai dos meus dedos. Ott Bowles, com um buraco de bala na perna, se arrasta pelo chão até a arma.

As telas de computador não podem mostrar o que Ott Bowles está pensando, naquele momento, mas eu sei. Agora, sua alma é minha e, para sempre, seremos um. Ele está pensando em Amina, Barratte e nos Rabun de Kamenz. Está pensando nos Schrieberg e em como eles foram ingratos. Está pensando no mundo e em como ele foi impiedoso. Está pensando em Harlan Hurley e Sam Mansour, e em como meu marido os havia destruído. Está pensando em Tim Shelly e em como eu o matei e matei minha própria filha. Está pensando em como correu para nos ajudar a sair da estufa e em como eu o alvejei, a sangue frio. Está pensando o quanto a vida tem sido injusta.

Acima de tudo, Otto Rabun Bowles está pensando em justiça.

Ele sabe que o documentário jamais será exibido e que ele será eternamente mal interpretado, culpado e condenado, pelas mortes de Tim e Sarah. Os Rabun sempre foram mal interpretados, culpados e condenados por coisas que não fizeram.

As telas dos computadores nos colos dos monges finalmente mostram o que eu fui incapaz de aceitar, desde o momento de minha chegada a Shemaya. Ott Bowles ergue a arma e dispara três tiros silenciosos em meu peito. Eu caio por cima de Sarah. Instantes depois, os policiais irrompem na estufa de cogumelos. No fim das contas, eles acabaram conseguindo rastrear os e-mails.

O rugir da tempestade castiga o telhado do monastério de Cudi Dagh, exigindo que os culpados apareçam para serem sentenciados. Como a tempestade não abranda, a própria montanha começa a sacudir e o mar se apodera do cume, irrompendo pelas portas do monastério. O Salvador de um braço só, na menorá, solta-se de seus pregos e cai de cabeça na água, porém, nenhum dos monges se atreve a pegá-lo – e pode ser que nenhum deles se importe –, pois só ele pouparia os condenados, e não há mais espaço no monastério de Cudi Dagh para perdão.

– Encontrem-no! – eu grito, mas não estou à procura do Salvador caído. Estou caçando o pecador, Otto Rabun Bowles, e ardo de desejo de me tornar instrumento de sua tortura e de estar perto para ouvir seus gritos. A descarga de eletricidade que suavemente acabou com sua vida é só o começo do que tenho planejado para ele.

Harlan Hurley salta de sua banquetta, cego de pânico, acreditando que é dele a alma que a tempestade busca; e talvez seja, pois, quando chega à porta do monastério, ele é instantaneamente pulverizado por um raio, deixando para trás somente sua silhueta queimada na madeira. Barratte Rabun, Albrecht Bosch e Katerine Schrieberg-Wolfson olham para ele aterrorizados, mas decidem segui-lo através da mesma porta, acreditando que agora a tempestade está satisfeita. Eles também são desintegrados imediatamente, por mais três raios.

Agora a água bate em meus joelhos e, pela primeira vez, eu vejo Bo e meu avô Cuttler sentados num canto do monastério, alheios à elevação da água ao redor deles, olhando para um único computador, entre os dois. O vovô Cuttler não entende de

computadores e está perplexo pelo que agora é uma tela vazia. Juntos, eles apertam as teclas, tentando desesperadamente reiniciar a máquina.

Depois de fotografar a cena do crime na estufa de cogumelos, o legista levou Sarah e eu para o necrotério. Bo ligou para Karen e pediu a ela que o acompanhasse, quando ele fosse reconhecer nossos corpos. Ela foi a escolha lógica. Embora Bo fosse judeu, Karen tinha batizado Sarah apenas seis meses antes, sobre a linda fonte prateada da igreja Old Swedes. Naquela manhã, confiante de que o próprio Cristo proclamara Sarah como sua, Karen a ergueu ao alto, para que a congregação visse o milagre abençoado da fé e da água, e radiante e orgulhosa como uma mãe – porque Bo e eu convidáramos Karen para ser a madrinha de Sarah – ela carregou a nova afilhada até o púlpito para fazer o sermão. Sarah ouviu quietinha, como se quisesse entender.

Karen rezou ardentemente para que Cristo estivesse com Bo e ela, no necrotério, quando o legista puxou os lençóis. Ela rezou para que Ele recuperasse a filha que havia aceitado tão recentemente e a mulher, esposa, mãe e amiga, que havia sido levada. Ela ungiu nossas cabeças com óleo sagrado e pediu por nossas almas.

Mas Cristo não veio, pelo menos não de uma forma que Karen pudesse reconhecer. Ela uivou de aflição:

– Onde está você? Maldito, onde está você?

Uma torrente enfurecida de água enche o monastério. Cudi Dagh está sendo engolido pelo dilúvio. Bo, meu avô e meus pais fogem aterrorizados, mas Bo vê a estatueta do Cristo de um só braço flutuando na água e olha para trás, para Karen.

– Aí está seu Salvador, sacerdotisa! – ele ri loucamente. – A justiça o pregou na cruz e agora a justiça o está libertando!

Karen entra na água, atrás do Cristo quebrado, da mesma forma como corremos atrás dos lagostins, no Rio Little Juniata. Ela salta

em sua direção, porém, ele escapa por entre seus dedos, sumindo debaixo d'água.

– Não consigo encontrá-lo! – ela grita. Ela o vê mais duas vezes, e mais duas vezes ele escorrega por entre seus dedos, enquanto a água sobe, levando-o tempestade adentro.

Dos monges, Karen é a última a deixar o monastério. No caminho de saída, ela tira a estola branca que eu lhe dei e a insígnia alada da Força Aérea. Ela joga ambos no fogo, em cima dos restos chamuscados do computador de Barratte Rabun, que ainda está queimando.

Karen não olha para trás e não vê que a água subindo apaga as chamas e leva a estola e a insígnia para fora da lareira, ilesas. Por um instante, elas flutuam livremente, juntas, como uma pomba e um corvo em busca da terra seca. A estola prende nos braços longos da menorá, depois a insígnia, e juntas elas ficam ali, presas, até que a água engole a menorá também. No último segundo, enquanto a menorá desaparece embaixo de um rodamoinho de água, a estola e a insígnia saem flutuando outra vez, percorrendo a água, à procura de um sinal de compaixão.

Agora a água está batendo na altura do peito. Elymas agarra minha mão.

– Precisamos chegar à arca! – ele grita. – Antes que seja tarde demais!

Subitamente, Elymas e eu estamos em pé no convés de uma imensa arca de madeira, numa escuridão quase total. A tempestade castiga a embarcação e nós estamos sendo arremessados em ondas altas. Elymas, porém, insiste para que permaneçamos no convés, em lugar de buscarmos abrigo.

Ouçõ os sons aflitos dos animais embaixo dos meus pés – a cacofonia de um zoológico inteiro sob o mesmo teto. Cada vez que a arca emborca, os gritos dos animais ficam mais ruidosos, mas eu começo a ouvir outros gritos também: berros e gemidos horrendos, vindo de fora do barco, elevando-se acima do vento e dos trovões,

superando os sons dos animais. São os sons mais arrepiantes e aterradores que já ouvi.

– O que é isso? – pergunto.

Elymas aponta um dedo nodoso para cima e as nuvens se erguem só o suficiente para que os raios fracos de sol iluminem o mar agitado, até o horizonte. Lá do outro lado, até onde a vista alcança, em todas as direções, a água está coberta com uma camada de corpos humanos e de animais. Cada onda os faz bater contra o casco da arca. Os humanos ainda vivos nesse mar de horror estão usando os mortos como salva-vidas, agarrando-se aos cadáveres de suas mães e pais, filhos e filhas, gritando e pedindo piedade, clamando por perdão em línguas que nunca ouvi. O fodor da carne putrefata é esmagador, fazendo-me sentir ânsia de vômito.

Uma portinhola se abre no piso do convés e dali sobe um velho de barba e cabelos brancos, seguido por um jovem e sua esposa. Eles olham para o massacre espalhado pelo mar e ficam horrorizados.

– Depressa! Depressa! – grita o jovem. – Precisamos salvá-los, tantos quantos conseguirmos! Não podemos deixar que eles se afoguem!

O rapaz e a moça começam a correr pelo convés juntando cordas, mas o velho ordena que eles parem.

– Não! – ele comanda. – Eles escolheram e por suas escolhas foram sentenciados. Somente nós fomos considerados íntegros. Só nós seremos salvos.

A moça, esposa do jovem, cai de joelho aos pés do velho.

– Ah, por favor, pai, por favor, deixe-nos ajudá-los! – ela suplica. – Não suportamos o sofrimento deles. São pessoas como nós, que agiram certo e errado, como você e eu. Você certamente vê isso. Apenas você, pai, foi escolhido como íntegro, e o íntegro, pai, precisa ter pena dos desgraçados. Nosso barco é grande, e nós podemos salvar centenas, milhares. Por favor, pai, precisamos tentar!

– Tire-a de perto de mim! – grita o velho. – Tire-a da minha vista ou vou jogá-la com os outros. Não os ouço gritar. A hora de chorar já passou.

O filho olha o pai com raiva, mas imediatamente obedece e leva a esposa de volta para o interior da embarcação. O velho olha novamente para o mar e depois para o céu. A chuva cai em seu rosto e parece que ele está chorando. Então, ele também vira e desce pela portinhola, fechando-a firmemente. Como uma mortalha encharcada de óleos adocicados e temperos, as nuvens descem sobre o mar, comprimindo o ar pútrido de encontro às ondas e abafando os gemidos e gritos.

As batidas de carne e ossos contra o casco da arca continuaram por cento e cinquenta dias.

Então, as águas começaram a baixar.

Elymas e eu estávamos lá quando Noé soltou o corvo e o pombo, e estávamos lá quando o pombo voltou com um ramo de oliveira. Noé e sua família foram as únicas pessoas a embarcar na arca e também foram as únicas pessoas a desembarcar dela, ao chegarem em Ararat. Ninguém ao mar foi salvo.

Noé construiu um altar e fez um sacrifício a Javé naquele dia, e naquele dia Javé ficou satisfeito. Javé abençoou Noé e seus filhos, dizendo para eles repovoarem a Terra. Quando Javé sentiu o cheiro da carne queimando proveniente do sacrifício de Noé, prometeu nunca mais inundar a Terra. Como um lembrete de sua promessa, arcos-íris surgiram nas nuvens.

Depois de ver tudo isso, Elymas virou-se para mim e disse:

– Luas acusou Noé de ser covarde, mas agora você sabe a verdade, Brek Cuttler. Quando indivíduos inferiores teriam hesitado, Noé não desculpou-se para a humanidade. Essa história não é sobre amor, mas sobre justiça.

E então, de repente, eu estava de volta à floresta atrás da casa de bisa, a caminho da estação de Shemaya. Elymas havia desaparecido. Eu estava jovem outra vez, vestida com o conjunto de seda preto coberto pelo leite materno que se transformara em sangue. Eu estava a caminho do Tribunal para apresentar o caso do nº 44371.

O no 44371 está sentado no mesmo banco onde eu me vi logo que cheguei à estação de Shemaya. É como se o tempo não tivesse passado. Meu sangue ainda está seco no chão, tingindo de vermelho a sola branca dos tênis de prisioneiro do no 44371.

Ele parece exatamente como imaginei que estaria, depois que o executor lançou quatro mil volts de eletricidade em seu corpo. Seu couro cabeludo está careca e em carne viva, onde não fora chamuscado num pedaço cinza descascado e enegrecido pelo eletrodo. Sua pele e rosto são da cor de leite azedo. Queimaduras cobrem seus punhos e tornozelos. Seus olhos estão saltados das órbitas, e sua calça está suja. Ele está segurando um objeto nas mãos, mas, quando me vê, esconde-o e olha para o chão, torcendo para que este se abra e o devore. O no 44371 sabe que hoje é o dia em que ele irá enfrentar sua eternidade.

Junto do no 44371, do lado oposto do banco, uma menina também está olhando para o chão. Ela parece familiar, como uma jovem Amina Rabun, brincando com o irmão no canteiro de areia, ou uma jovem Katerine Schrieberg, caminhando com o pai até o café, em Dresden, ou uma jovem Sheila Bowles, brincando de boneca em sua cama, no sanatório. Essa menina é como todas as outras – inocente, reservada, sonhadora –, porém, ela está sentada nua no banco, pálida e emaciada como a morte.

O que ela poderia ter feito para ser trazida a esse lugar?

Como se respondesse ao meu pensamento, ela ergue os olhos para mim e diz:

– Deus pune as crianças pelos pecados de seus pais.

Um som baixinho e retumbante ecoa pelo grande hall, um som como se um trem estivesse adentrando a estação. Desvio os olhos da garotinha e vejo Gautama, o escultor da esfera da festa. Ele está vestindo o mesmo *dhoti* colorido amarrado ao redor da cintura e pernas, e está rolando sua pedra mágica entre os postulantes. Ele sorri para eles, como um mascate tentando vender seus produtos, mas os postulantes não lhe dão nenhuma atenção, nem mesmo quando a esfera se aproxima deles e pisca flashes de suas vidas, mapeando suas jornadas até agora.

Gautama para a esfera diante do no 44371. Ela fica lisa, antes de irromper na grotesca vida de Otto Bowles, tracejando a esfera de um lado para o outro, como um novelo de lã – aqui, um jovem constrangido e raivoso, incapaz de perdoar o pai por bater no avô num jogo de futebol americano; ali, um homem disparando três tiros em meu peito e exigindo a morte na cadeira elétrica. Em sua arrogância, sentado ali no banco, abaixo da cúpula de vigas enferrujadas, que bem do alto da estação de Shemaya pode parecer a tampa de um bueiro de algum beco esquecido do universo, o no 44371 não percebe sua vida entalhada na esfera nem pensa na necessidade de canalização para levar o esgoto da Criação. Ele teima em olhar para o chão, desafiando-o a se erguer e engoli-lo. Não ouço o grito de sua alma, como eu ouvira durante o momento ingênuo de compaixão em meu escritório, antes de vê-lo de frente. Não ouço nada. Faço uma anotação para incluir sua insolência em minha apresentação.

– Saudações, minha filha – Gautama me diz.

A superfície da esfera se modifica à medida que me aproximo dela, reproduzindo as imagens de minha própria vida. Eu só vira relances na festa, por entre os pares de portas, no entanto agora elas estão expostas com riqueza de detalhes, como um mapa rodoviário num globo. A trilha começa com meu nascimento, no topo da esfera, e a primeira injustiça de ser forçada a sair do útero de minha mãe, separada para sempre de seu abrigo e proteção. Em seguida, as portas abrem no enterro de bisa, e a injustiça de ser estapeada por minha mãe – a mãe que havia me criado e amado – por chorar quando fui forçada a beijar o cadáver de minha bisavó. A esfera

mostra as noites em que minha mãe estava bêbada ou deprimida demais para ligar para mim, além de suas brigas horrendas com meu pai, que era egoísta e ocupado demais para notar. Através de outro par de portas, eu estou enfiando minha mão direita na corrente, me oferecendo em sacrifício aos meus pais. E ali, através de mais um par, eu sou uma amputada, chorando em meio a um grupo de crianças que enfiaram seus braços em suas jaquetas e me cercaram, com suas mangas revoando ao vento. O padre O'Brien me diz que a justiça é feita por Deus depois, mas Bill Gwynne me diz que a justiça é feita por nós agora, e eu testemunho dizendo que a proteção da corrente estava no lugar, mas cedeu quando eu esbarrei nela. Meninos torturam lagostins em baldes e eu os coloco em julgamento, decidindo, naquele dia, tornar-me advogada, porque a justiça é a única salvação.

A esfera gira. Aqui estou eu, preocupada, junto de meu avô, com o preço do combustível e a recessão dos anos 1970, e lendo tratados de meu outro avô, sobre equidade e lei. Meu pai anuncia que ele vai se casar novamente, e minha mãe comemora isso e mais outro aniversário da morte do meu tio Anthony, no Vietnã, com uma garrafa de gim. Não sou convidada para a festa de formatura do ensino médio – os meninos têm muito medo de mim, e eu deles.

A esfera gira de novo e agora estou na faculdade de Direito, conhecendo meu primeiro cliente num estágio em uma clínica de assistência social, prometendo que vou fazer justiça por ela e seus oito filhos, que não comem há três dias. Pressiono os burocratas com papéis legais e ganho facilmente o caso. Lá estou, mais tarde, como estagiária do município de Filadélfia, conhecendo minhas primeiras vítimas de crime e prometendo-lhes justiça também. Supero o superocupado defensor público e facilmente ganho a condenação. Durante os verões, eu trabalho em grandes empresas de advocacia, com mesas de tampo de granito e obras de arte valiosas expostas nas paredes. Nós prometemos ao presidente de uma empresa química que faríamos todo o possível para derrotar a ação movida pelos herdeiros daqueles que morreram, após serem expostos aos pesticidas de sua empresa. Minha pesquisa legal para o caso é minuciosa e criativa, e os sócios da firma ficam tão

impressionados que me oferecem uma vaga efetiva, em tempo integral, mas eu recuso.

A esfera gira novamente. Bo está em minha cama, pedindo-me em casamento. Eu digo sim, cheia de alegria e amor. Nosso casamento é lindo, uma fantasia que se tornou realidade.

Nós mudamos para Huntingdon. Eu convenço minha sogra a processar Amina e Barratte Rabun por sua herança. Sei com adquirir e controlar a justiça a meu favor e saboreio seus muitos prazeres.

A esfera gira pela última vez. É um dia comum com meu marido. Estou repreendendo Bo porque ele deixou a roupa toda espalhada pelo chão, novamente. Ele sempre faz isso, embora eu o repreenda. Eu o ataco como a uma testemunha hostil, no tribunal. Ele não tem defesa. Só fica ali sentado, de *short* e camiseta, parecendo confuso. Quando ele não se desculpa nem assume a seriedade de seu crime, eu também o levo à justiça. Não estou disposta a deixar nem meias ou cuecas passarem impunes, temendo que a injustiça venha a pressionar minha vida e meu mundo. Mostro os dentes e fecho os punhos. Arremesso as coisas pela sala, esbravejando com um ódio irracional e injustificável. Então, a esfera chega alguns centímetros à frente e me mostra meu escritório de advocacia, onde estou escrevendo um esboço para ajudar Alan Fleming a fugir da responsabilidade de pagar seus débitos, usando uma questão técnica.

Agora a esfera completou o círculo quase inteiro, mostrando as duas últimas escolhas da minha vida. A primeira é minha decisão de não atirar em Ott Bowles na estufa de cogumelos, preferindo a porta da direita. A segunda é minha mudança de opinião, minha decisão de atirar nele quando vem em minha direção, escolhendo a porta da esquerda. Com essa decisão, o círculo se completa e a esfera volta ao lugar do início, de amor incondicional, antes que eu fosse separada do útero de minha mãe.

Gautama rola a esfera ligeiramente, em direção ao no 44371, e ela sobrepõe suas decisões às minhas. De alguma forma, nós tomamos caminhos semelhantes. Nosso desfecho, na estufa de cogumelos, parece quase matematicamente certo, um resultado inevitável de uma série de equações paralelas e princípios geométricos. Nós

passamos nossas vidas nos protegendo da dor insuportável da injustiça. Passamos nossas vidas renunciando à possibilidade inconcebível do perdão.

A menina no banco se remexe. Ela está interessada na esfera e estende a mão direita para tocá-la, mas não consegue, porque seu braço termina no cotovelo. Agora eu me lembro dela: eu a vi no salão, durante a festa, quando Luas me mostrou os postulantes, por entre as sombras. Naquela ocasião, eu não pude ver dentro de sua alma e, por algum motivo, a superfície da esfera não revela mais nada sobre ela agora.

A esfera se apaga outra vez. Surgem dois pares de portas. Eles parecem miniaturas das portas do Tribunal. Acima de um dos pares está a palavra "Justiça" e acima do outro, a palavra "Perdão".

– Noé uma vez esteve diante dessas três portas – diz Gautama. – E Jesus de Nazaré também teve que mostrar humildade diante delas. Agora chegou sua vez, minha filha.

A menina desvia o olhar de Gautama para mim, retraindo o coto do braço.

– Você viu Javé matá-los – Gautama prossegue. – Mães, pais, bebês. Você velejou com Noé, pelo mar de horror, sentiu o cheiro de seus corpos pútridos e ouviu seus gritos patéticos.

– Sim – eu digo.

– E, quando a água baixou e o sol voltou, você viu Noé erguer os olhos para o Assassino. Você O viu com seus próprios olhos, minha filha, no entanto, você ainda não enxerga.

– Eu vi a Justiça Divina se desfraldar em arcos-íris – eu respondo em minha defesa.

– Arcos-íris não são as cores da justiça, minha filha. São as cores do perdão.

– Deus não perdoou ninguém.

– Isso é verdade, minha filha. Porém, Noé perdoou Deus, e as cores da alegria de Deus irromperam através das nuvens. Milhares de anos depois, numa tarde sombria e terrível, as pessoas torturaram e assassinaram Deus. Naquele dia, Deus perdoou as pessoas, e as cores da alegria irromperam na manhã de Páscoa. O amor se mostra incondicional, minha filha, somente quando ele

abraça o que menos merece amor. O que você não entende ainda é que a justiça é exatamente o oposto de tudo que é o amor, e de tudo que você é. Quanto mais você a persegue, mais se distancia do lugar onde deseja estar. Só se pode entrar no Reino de Deus através do perdão.

O no 44371 se levanta do banco e caminha até o outro lado da estação de trem, deixando para trás a menina e o objeto que estava segurando nas mãos.

– Mas amor é justiça – eu digo a Gautama.

– Não, não é, minha filha – responde Gautama. – Caim matou Abel por justiça. Deus inundou a Terra por justiça. O povo crucificou Jesus de Nazaré por justiça. O terror e o assassinato são meios de justiça, não de amor. Cada guerra e cada ato que prejudica têm sido em nome da justiça. Soldados matam porque acreditam que sua causa é justa. Assaltantes atacam porque acreditam possuir uma causa justa. A justiça move os cônjuges abusivos, o pai zangado, o filho que grita, o vizinho que briga, a nação indignada. Aquele que busca a justiça é lesado, não curado, porque para se obter justiça é preciso fazer o que é injusto. Deus vivenciou a justiça perfeita quando inundou a Terra e destruiu a possibilidade do mal, mas o preço para se alcançar a justiça perfeita é insuportável. Toda a criação foi destruída, e Deus foi separado de tudo que Deus amava e de tudo que poderia ter retribuído o amor de Deus. Por isso a história é contada, filha. É um alerta, não um convite. Os arcos-íris contêm a promessa de Deus de jamais voltar a buscar a justiça.

– Mas não buscar justiça é permitir que os outros nos causem danos, é nos tornarmos vítimas.

– Não, minha filha. Não buscar justiça é amar os que nos prejudicam e nos tornarmos vitoriosos. O amor não é passivo ou submisso. É determinado pela aplicação da força oposta ao ódio e ao medo, exigindo maior esforço de habilidade. O guerreiro que revida com a arma é honrado e celebrado, porém, que bravura há em combater a arma com a arma? A verdadeira bravura é demonstrada ao se enfrentar a arma de braços abertos, recusando-se a se submeter ao ódio e ao medo, mesmo que sob a dor da morte. É verdade que um assaltante pode temer o revide e parar seu ataque,

mas é igualmente verdade que ele pode ignorar a ameaça do revide e continuar a matar. A justiça impediu o crime? Todos nascemos com a liberdade de escolha. O homem sábio que escolhe o amor acima da justiça tem o controle de si mesmo. Estendendo o amor incondicional, ele acaba com seu sofrimento e reingressa no Jardim, do qual ele veio. Ao se reunir com seu Criador, ele finalmente sabe o que significa ser Deus.

Eu estico o braço para pegar o objeto que Ott Bowles deixou no banco. É a pequena estatueta de um Cristo com um braço só que caiu da menorá, em Cudi Dagh. A menina se mexe e timidamente estende a mão esquerda. Deixo que ela fique com ele. Ela o pega e vai caminhando até o outro lado da estação de trem, onde está Luas, que acabou de entrar e está sentado num banco, acompanhado de um novo representante recém-chegado à estação e está sentado, sozinho, parecendo perplexo. Eu não o vira antes. A menina oferece a estatueta a Luas, mas ele acena que não e ela segue andando. Luas sorri para o novo representante, do mesmo modo como sorriu para mim logo que cheguei, como se dissesse: *Sim, meu filho, eu sei. Estou vendo o que você teme ver, mas vou fingir que não notei.*

O homem no banco tenta negar e esconder seus ferimentos, como eu havia feito logo que cheguei; no entanto, agora eu sou uma representante e posso vê-los e, com isso, vejo os últimos momentos de sua vida.

O nome do homem é Elon Kaluzhsky. Seu abdome está aberto e faltam pedaços de seu rosto e de sua testa, além dos dois braços e pernas. Vinte minutos antes de sua chegada à estação de Shemaya, quando seu corpo ainda estava inteiro, ele beijou sua bela esposa e seus três lindos filhos, despedindo-se, e caminhou duas quadras para além do apartamento onde eles moravam, numa rua tranquila em Haifa, até o ponto de ônibus. Rosh Hashanah começaria naquela noite, ao pôr do sol, e Elon Kaluzhsky estava pensando na refeição festiva que eles iriam compartilhar. Ele adorava essas reuniões e ao caminhar pela rua ele pensou na prece do Rosh Hashanah, que deve ser feita antes da refeição: "Que seja sua vontade, Deus, que meu inimigo seja exterminado".

Com esse pensamento na cabeça, Elon sentou no último banco vago do ônibus expresso 35, que o levaria até o escritório no centro da cidade do lucrativo negócio de exportação onde ele administrava as contas. Ele estava cheio de boa vontade essa manhã e disse um agradável "olá" ao homem sentado ao seu lado, estranhamente vestido com um casacão, mesmo com a temperatura de 30°C. O cumprimento não foi retribuído, mas nem isso estragaria o bom humor de Elon. Ele sorriu bondosamente para o casal de idosos sentado do outro lado do corredor e para a bela jovem secretária ao lado deles. Mais à frente havia vários homens de negócios lendo jornais, um grupo de alunos de ensino médio e uma jovem mãe segurando seu bebê no colo.

O ônibus expresso ganhou velocidade e os prédios de Haifa iam ficando para trás. No meio da jornada, no meio de uma rua, o homem de casaca levantou-se calmamente e tirou do casaco um rifle automático. Sem dizer uma palavra, ele abriu fogo contra os passageiros. Choveram cápsulas de bronze pelo chão e esguichos de sangue voavam pelo ar, enquanto corpos caíam, incluindo o casal de idosos, a secretária, os homens de negócios, os estudantes e a jovem mãe, agora segurando seu bebê mortalmente ferido.

Elon Kaluzhsky, que vinha pensando em datas e seus significados, era um homem atlético e reagiu corajosamente. Ele derrubou o homem armado e o prendeu no chão.

– Seu árabe bastardo! – ele gritou, em hebraico. – Seu filho da puta!

O homem cuspiu no rosto de Elon e disse:

– *La ilaha illa 'llah.*

Então, ele detonou a bomba suicida presa à sua cintura.

Luas abraçou Elon, que acabara de reconhecer que seu próprio sangue estava fluindo pelo ferimento aberto em seu abdome, chorando descontroladamente no banco. Luas o levou até onde Elon acreditava ser a casa na periferia de Moscou onde ele havia sido criado, para ali ser cuidado por um espírito bondoso, que ele julgava ser a alma de sua mãe, que morrera dez anos antes, de câncer. Ao sair da estação de trem, Elon não percebe que no banco seguinte estava sentado o homem árabe que se explodiu junto a ele, vindo para a estação de Shemaya. Posso ver os últimos momentos de vida desse homem também e reconheço seu rosto e seus pensamentos. Samar Mansour não estava pensando nos passageiros ou em datas especiais, quando embarcou no ônibus expresso 35, em Haifa. Ele nem sequer viu os rostos dos que estavam ao seu redor. Só viu os soldados israelenses disparando contra os corpos de crianças palestinas.

A véspera tinha sido um dia quente em Ramallah, e os clientes do café estavam irritados pelo calor, pelas humilhações dos pontos de

checagem israelenses e por ficarem presos dentro de seus bairros, como se fossem animais. Quando Samar Mansour ouviu os tiros, ele saiu correndo pelo beco com barricada e entrou na linha de fogo, para ver se podia ajudar. Crianças que estavam jogando pedras nos soldados israelenses voltavam correndo pelo beco, em sua direção, mas ao chegar ele viu três meninos deitados no chão, em poças de sangue. Os soldados israelenses miraram suas armas na multidão, dos locais onde ficavam, sobre os muros e telhados. Samar ergueu um dos meninos feridos e o carregou até uma ambulância que chegava. O menino tinha um machucado na perna, mas não estava muito ferido. Samar tentou confortá-lo.

Outros homens chegaram à mesma ambulância, carregando os outros dois meninos feridos. Samar ouviu uma mulher chorando atrás deles, “Hanni! Hanni!”, enquanto tentava estender os braços para um dos meninos. Samar logo viu que o menor estava morto. A munição militar faz estragos de violência indescritível ao corpo de uma criança pequena.

Naquele momento, algo mudou dentro de Samar Mansour. Ele pensou em seu pai, que havia ficado órfão pelos israelenses e fora forçado a carregar as malas de um arqueólogo americano para sobreviver. Ele pensou em seu documentário sobre o Holocausto, que não havia mudado nada, e em suas teorias, que não haviam libertado ninguém. Ele pensou no menino Hanni, cuja vida em Ramallah tinha sido cheia de miséria, e na mãe de Hanni, que jamais se esqueceria da imagem horrenda de seu filho naquele dia.

Luas regressa à estação de trem, após deixar Elon Kaluzhsky com a mãe, e senta no banco, ao lado de Samar.

– Bem-vindo à Shemaya – ele diz. – Meu nome é Luas.

Assim como Elon, Samar tenta esconder seus ferimentos, mas não sobrou muito dele para esconder, na verdade, apenas a cabeça e alguns pedaços de carne e ossos amontoados numa pilha, sobre o banco. Porém, na imaginação de Samar, ele está inteiro. Luas sorri

para ele, como se dissesse: *Sim, meu filho, eu sei. Estou vendo o que você teme ver, mas vou fingir que não notei.*

Do outro lado da estação de Shemaya, Gautama rola sua pedra esférica adiante, em direção a um jovem musculoso, sozinho num banco. Reconheço esse jovem como Tim Shelly. Ele está todo suado e sem calças, exatamente como o vi pela última vez na estufa de cogumelos. A superfície da esfera se modifica, mas eu não consigo ver.

– A escolha é sua, minha filha – Gautama me diz. – Você está diante das portas, assim como todas as pessoas que vieram antes de você e as que virão depois. Que porta irá escolher?

Não me lembro mais.

Meus olhos eram azuis como o céu ou castanhos como a terra recém-arada? Meus cabelos eram cacheados na altura do queixo ou pendiam por cima dos ombros? Minha pele era clara ou escura? Meu corpo era gordo ou esguio? Eu usava sedas de alfaiate ou algodão cru?

Não me lembro. Lembro-me que eu era uma mulher, algo que é mais do que uma mera lembrança uterina. E, por um instante, lembrei-me de todos os momentos em tempo linear, começando e terminando pelo útero. Mas essas lembranças agora estão se dissipando, como um mastro inútil de um navio que emergiu da tempestade.

Lembro-me de destrancar as portas e entrar no Tribunal para apresentar a alma de Otto Rabun Bowles. Ali, eu fui recebida pelo ser do monólito, porém, foi-me negada a passagem até a cadeira do representante.

– Por aqui – disse o ser, apontando o próprio monólito.

Uma fissura se abriu na parede de safira. Lá dentro, subi vários lances de escada até uma abertura triangular, no topo, através da qual a luz entra, mas não sai. Cheguei a uma pequena sacada, da qual eu podia ver o piso âmbar cintilante do Tribunal abaixo. Olhando adiante, pude ver outros Tribunais, milhares deles, com milhares de monólitos safira se erguendo como chaminés numa linha do horizonte, até onde a vista alcançava.

Em um dos tribunais perto do meu, Mi Lau, a menina vietnamita, estava na cadeira de representante e, estendendo os braços, anunciou:

– APRESENTO ANTHONY BELLINI... ELE ESCOLHEU!

A energia das paredes do Tribunal veio numa onda que passou por ela, trazendo para o Tribunal um túnel abaixo de uma vila, a família de Mi Lau, meu tio Anthony, uma granada e uma explosão horrenda. O ser do monólito terminou a apresentação quando o tio Anthony colocou uma arma contra a cabeça e apertou o gatilho. No entanto, Deus não passou o julgamento à alma do tio Anthony, da sacada do monólito. Deus nem estava ali para assistir. A sacada estava vazia.

Em outro Tribunal próximo, estava Hanz Stössel, declarando:

– APRESENTO AMINA RABUN... ELA ESCOLHEU!

Eu já tinha visto essa apresentação e sabia o final. Novamente, a sacada estava vazia. Ninguém ouviu os gritos de Hanz Stössel, clamando por justiça, de sua cela de prisão.

Em mais um Tribunal, a jovem Bette Rabun ergueu os braços e gritou:

– APRESENTO VASILY PETROV... ELE ESCOLHEU!

O Tribunal se transformou no pequeno quarto de Bette, em Kamenz, onde um soldado soviético chamado Vasily segurava os braços dela, enquanto um de seus camaradas a surrava e estuprava, na escuridão. Não havia ninguém na sacada do monólito para testemunhar o crime ou para condenar o prisioneiro.

Em outro Tribunal, Elon Kaluzhsky ergueu os braços e gritou:

– APRESENTO SAMAR MANSOUR... ELE ESCOLHEU!

Em seu Tribunal, entrou o ônibus expresso 35, com sons de tiros e a explosão de uma bomba. Novamente, a sacada do monólito estava vazia. Ninguém viu os últimos momentos terríveis da vida de Elon Kaluzhsky.

De um Tribunal atrás de mim, veio a voz de Luas:

– APRESENTO NERO CLAUDIUS CAESAR... ELE ESCOLHEU!

Virei para ver Luas sendo trazido em correntes diante de Nero. Seguindo a instrução do imperador, um soldado romano ergueu a espada e o decapitou. A cabeça careca e ensanguentada de Luas saiu rolando até os pés do imperador. Ele a chutou, depois gesticulou para que limpassem a sujeira. O ser do monólito terminou a apresentação e Luas voltou ao Tribunal. Ninguém assistia da sacada e ninguém condenou Nero por seu crime.

Instantes depois, Luas surgiu em meu Tribunal acompanhado por Samar Mansour. Eles tomaram seus lugares nas cadeiras de observadores. Samar Mansour olhou ao redor do Tribunal, com fascínio e admiração, como eu fizera em minha primeira visita.

– Brek Cuttler irá apresentar o caso de Otto Bowles – Luas sussurrou.

– Estou aqui! – eu gritei para Luas, mas ele não conseguiu me ouvir.

Então, Haissem entrou no Tribunal, o jovem garoto que havia apresentado a alma de Toby Bowles. Luas ficou visivelmente decepcionado, assim como ficara quando Toby deixou de aparecer para apresentar o caso de seu pai.

– Ah, é só você, Haissem – disse Luas, franzindo o rosto. – Nós estávamos esperando a sra. Cuttler... Bem, de qualquer forma, aqui estamos nós. Haissem, esse é Samar Mansour, o novo advogado da minha equipe. Samar, esse é Haissem, o representante mais sênior de Shemaya. Eu preciso dizer, Haissem, que Samar chegou na hora certa. Nós acabamos de perder Amina Rabun e agora, ao que parece, a sra. Cuttler.

– Bem-vindo ao Tribunal, Samar – disse Haissem, curvando-se educadamente. – Um dia eu me sentei aí, para testemunhar minha primeira apresentação. Abel apresentou o difícil caso de seu irmão Caim. Mas isso foi muito antes de seu tempo, Luas.

– Bastante – disse Luas.

– Desde então, pouca coisa mudou – suspirou Haissem. – Luas mantém a súmula em movimento, mesmo que o número de casos aumente. Temos sorte em ter você, Samar, e você tem sorte de ter encontrado alguém como Luas para ser seu mentor. Não há representante melhor em Shemaya.

– Exceto pela presente companhia – disse Luas.

– De jeito algum – disse Haissem. – Só lido com casos fáceis.

– Poucos considerariam Sócrates e Judas casos fáceis – respondeu Luas. – Sou apenas um atendente.

Haissem piscou para mim.

– Não deixe que ele o engane – disse ele. – Sem Luas, não haveria Shemaya. – Ele pegou a mão de Samar. – Preciso me preparar

agora. Voltaremos a nos encontrar, Samar, depois de seu primeiro caso. Você se sairá bem aqui, estou certo disso.

Haissem seguiu ao centro do Tribunal. O ser do monólito surgiu e sussurrou algo para ele, depois voltou. Haissem levantou, ergueu os braços graciosamente em arco e numa voz bem mais ruidosa do que os outros representantes, quase numa explosão, disse:

– APRESENTO BREK ABIGAIL CUTTLER... ELA ESCOLHEU!

Lembro-me de ouvir os sons de água correndo, do vento soprando, de golfinhos rindo e pássaros cantando, de crianças falando e pais suspirando, de estrelas e galáxias vivendo e morrendo... os sons da Terra respirando, se você pudesse ouvir isso do outro lado do Universo. Eu me lembro de ouvir Deus nesses sons, clamando perdão por Cudi Dagh, e eu me lembro de ouvir a humanidade naqueles sons, pedindo perdão por Golgotha. E também ali, na música, havia a alegria inefável de Noé, erguendo os braços do litoral para perdoar seu Pai, e acima disso estava a alegria inefável de Deus, estendendo as mãos para baixo, para perdoar Seus filhos. E em algum lugar, mais baixinho, porém ainda assim lá, eu ouvia o chamado de Otto Rabun Bowles, e com ele o canto de outra alma, tão alegre que podia ser ouvida acima de todos esses sons, cantando as palavras:

– EU SOU AMOR! EU SOU AMOR! EU SOU AMOR!

Era a canção de amor incondicional – a canção de Eva regressando ao lar, no Jardim, depois de uma jornada tão longa e aterrorizante. A canção ficava mais alta conforme a apresentação da minha vida prosseguia e nessa canção eu ouvia a perfeição Divina, porque nela eu ouvia toda a Criação: meu nascimento no mundo estava nessa canção, assim como o primeiro abraço de minha mãe. Lá havia flores e música, sol e chuva. Havia montanhas e oceanos lá, e livros, esculturas e pinturas. Havia namorados e amigas, e irmãos e irmãs, em balanços e varandas, crianças brincando em canteiros de areia, e um jovem correndo para defender uma mulher. Havia cavalos, veleiros, e bebês lá, macieiras e gado também, e mães acalentando

seus pequenos. Havia pão, água e vinho. Olhos e ouvidos, pele e cabelo, lábios e braços e pernas. Lá havia água e cobertores, pores do sol, luas e estrelas, trabalho e brincadeira, heróis e heroínas. As gerações estavam naquela canção, e a generosidade e a abnegação também. E havia o amor. Mas também havia o medo. O abuso de um pai e o egoísmo de um filho, um advogado desonesto e seu cliente desonesto, um adúltero e sua amante, um soldado e sua arma, uma câmara de morte e um incinerador; racistas, mentirosos, bêbados, estupradores e ladrões. Havia meninos que torturavam lagostins nessa canção, assim como o Deus que matava Seus próprios filhos, e os filhos que matavam seu próprio Deus.

O ser do monólito se juntou a mim na sacada e perguntou se eu tinha chegado a um veredicto, ou se eu desejava ver mais provas. Eu disse que já vira o bastante. O ser voltou ao salão do Tribunal e terminou a apresentação. Luas e Samar Mansour deixaram o Tribunal, porém Haissem ficou.

Ele adentrou o monólito e eu pude ouvi-lo subindo as escadas, mas a alma que surgiu na sacada para me cumprimentar não era a de Haissem, o menino. Era bisa Bellini. E ela estava segurando Sarah!

Corri até ela e a peguei nos braços. Meu bebê precioso, minha linda criança. Ela estava perfeita, completa, ilesa. Exatamente como eu me lembrava dela, quando a peguei na creche vestida com sua calça e blusa de moletom, sorrindo abertamente para mim, com melado marrom, de biscoito Nilla Wafer, ao redor da boca, os cabelos escuros e cacheados, como do seu papai.

Por entre as lágrimas, apertando Sarah junto a mim, eu vi o Tribunal abaixo se enchendo de almas. Tobias Bowles estava lá, e Jared Schrieberg, e Amina Rabun, todos radiantes e belos. Atrás deles, vieram Claire Bowles e Sheila Bowles, e, entre elas, Bonnie Campbell. Henry Collins estava lá, e Helmut Rabun, e os pais de Amina, seu tio, avô e primos. Meu tio Anthony estava lá, e atrás dele a família de Mi Lau. Então, a multidão se abriu, como se para permitir que alguém muito importante passasse. Um jovem carregando uma bandeja adentrou.

Ele entrou no monólito e subiu a escada, mas hesitou no topo, quando viu Sarah e eu. A princípio eu não o reconheci. Ele parecia tão diferente, com todo aquele cabelo e os olhos tão claros e azuis. Sarah sorriu e ele se aproximou. Então se ajoelhou e colocou a bandeja diante de nós. Era uma bandeja de prata com um bule e três xícaras de prata.

– Chá quente e mel de abelha – disse Ott Bowles, com os olhos cheios de lágrimas –, com vocês eu vou tomar.

NOTA DO AUTOR

Cresci numa fazenda no centro da Pensilvânia, mas meus pais não eram agricultores. Meu pai era agente de seguros e minha mãe era dona de casa. Como não ganhávamos nosso sustento da terra, eu não era aceito pelas crianças dos fazendeiros vizinhos. Foram anos de provocações e assédios crescentes e muita intimidação. Certa noite, isso culminou no ataque perpetrado por um grupo à minha casa, atirando e matando uma de nossas cadelas, quando ela estava dormindo em sua casinha – nossa doce beagle, chamada Paula, que tínhamos criado desde filhote. A polícia não fez nada. Uma semana depois, após outro ataque noturno, quando eles explodiram nossa caixa de correio, eu fui atrás deles numa crise de fúria, com um revólver calibre 32 no meu carro. Eu os cerquei contra um celeiro. Quando eles saíram de sua caminhonete, no escuro, eu foquei os faróis altos do meu carro sobre eles e peguei o revólver no banco do passageiro.

Naquele momento, eu imaginei como seria boa a sensação de finalmente fazer justiça, atirando neles, depois de tudo que tinham me feito passar. Eu já vira isso muitas vezes, no cinema e na televisão – o herói vitimado finalmente tem sua vingança. Eu tinha sofrido tanto abuso e humilhações nas mãos deles. E, agora, eles tinham matado uma criatura inocente. Se mataram meu cachorro, eu não seria o próximo? Era hora de impedi-los e fazê-los pagar. Eles mereciam o que estavam para receber. Abri a porta.

Porém, no último segundo, em um momento espantoso de inesperada clareza, pensei em tudo que eu estaria perdendo se puxasse o gatilho – e tudo que eu também estaria tirando deles. Num piscar de olhos, tive que calcular a culpa e a punição, a violência e a paz, do passado, presente e futuro, e se deveria tirar a vida de outro ser humano. Eu era o juiz, o júri e o executor. Poderia ter sido de outra forma. Mas, de alguma maneira, milagrosamente,

apesar de toda dor que eu havia suportado, percebi, naquele momento, que o preço da vingança era simplesmente alto demais. Tirei a mão da arma e fui para casa. Foi uma decisão fatídica que moldou o resto da minha vida.

Pouco depois eu concluí que queria ser advogado – para que pudesse fazer justiça contra as pessoas que me fizessem mal, e aos outros, legitimamente, sem ter que pagar um preço por isso – na verdade, eu é quem seria *pago*. Ou, assim pensei.

Trabalhei duro e me formei por uma faculdade de Direito da Ivy League. Fiz um estágio na Promotoria de Justiça da Filadélfia e trabalhei como atendente jurídico, com um juiz federal. Depois disso, ingressei num prestigiado escritório de advocacia, onde exercia litígio civil e ganhava um belo salário.

Eu me tornei muito bom em ganhar casos de litígio. Eu esmagava e destruía meus oponentes com pesquisas legais, depoimentos, interrogatórios e requerimentos – a artilharia sagaz de um litigante civil. Cada vitória deixava a mim e meu cliente extasiados. No entanto, algo inesperado aconteceu. Ao longo do tempo, comecei a perceber que cada uma dessas vitórias vinha a um preço muito alto, tanto para mim quanto para os meus clientes. Para obter a justiça que tanto almejávamos, nós tínhamos que dedicar nossa energia inteiramente na elaboração de meios para impor o sofrimento ao outro lado, até que eles se rendessem ou fossem derrotados. Estranhamente, isso significava lidar com o mesmo sofrimento de nosso lado, porque nós nos tornávamos instrumentos do sofrimento deles. Meus clientes e eu éramos forçados a reviver e ampliar, de modo incessante, o mal que havia originado o conflito – quer isso fosse um dano pessoal, uma doença, uma disputa familiar, um ato criminoso, um processo governamental ou uma controvérsia profissional. Alguns casos duravam anos, significando que nós estávamos, de fato, nos vitimando, repetidas vezes, cutucando a velha ferida, mantendo-a aberta e sangrando. Incrivelmente, como advogado, eu recebia uma pequena fortuna para fazer isso aos meus clientes – e a mim mesmo. No entanto, apesar do dinheiro e das vitórias, eu estava *menos* feliz com a minha vida – assim como meus clientes. Depois de passar a “embriaguez” inicial da vitória, nós

ficávamos nos sentindo pior, porém, querendo mais. Em meio a tudo isso, comecei a me perguntar: Será que estou ganhando batalhas, mas perdendo uma guerra muito maior? Como pode ser?

Meu avô era um pastor devoto. Fui criado como episcopal e considerei também me tornar um sacerdote. Desde então, passei a estudar as principais religiões do mundo e me tornei membro da Religious Society of Friends (Quakers). Então, comecei a procurar em minha experiência espiritual pelas respostas. Jesus ensina, no Sermão da Montanha, que, quando nos fazem mal, não devemos buscar a justiça, mas, em vez disso, dar a outra face e perdoar. Buda tem uma mensagem semelhante. Eu nunca entendera esse proceder. Quando as pessoas me ferem, instintivamente quero revidar. Elas devem pagar por seu crime, e eu não me sinto melhor até que paguem. Os tribunais e a justiça servem para isso. E isso foi o que Moisés instituiu nas leis sobre as quais a maioria dos sistemas judiciais do Ocidente e Oriente Médio são baseados: “Olho por olho, dente por dente”. Mas ali estava Jesus, dizendo exatamente o contrário. Ele parecia estar dizendo que para você será melhor se apenas for embora, como eu fiz naquela noite, com os garotos da fazenda. E, por tabela, ele também pareceu dizer que a profissão jurídica e todo o sistema judicial são fundamentalmente falhos. Isso me gerou um dilema pessoal, tanto profissional quanto espiritual, mas também é um dilema com o qual todo ser humano precisa lutar. Nesse mundo, ao longo de nossa vida, nós inevitavelmente nos sentiremos prejudicados, em ocasiões e de modos incontáveis. Qual é o caminho para recuperar nossa felicidade e paz, quando isso acontece: buscar a justiça ou ofertar o perdão?

Esse é o conflito fundamental que se desenrola em *O Julgamento de Shemaya*. Eu quis analisar essa questão sob as circunstâncias mais extremas que pude imaginar – durante o pós-morte, no Tribunal do Julgamento Final, onde o que está em jogo é toda a eternidade e onde o próprio Deus é chamado a responder pelo ato máximo da justiça, o Grande Dilúvio. Como seria exercer o papel de um advogado que representa almas, nesse tribunal celestial? Qual a sensação de ser uma alma que precisa enfrentar esse Juiz – e confrontar todas as escolhas fatídicas feitas durante uma vida

inteira? E se um advogado nesse lugar fosse solicitado a representar a alma de seu assassino, no Julgamento Final? Restaria algum espaço para a possibilidade inconcebível de perdão?

Ao examinar essas questões fundamentais da condição humana, eu quis escrever um romance que seria, ao mesmo tempo, uma história de suspense que fizesse o leitor virar uma página após a outra. Enquanto escrevia esse livro e descobria as respostas inesperadas a essas perguntas, eu fiquei perplexo. E transformado.

AGRADECIMENTOS

É com grande humildade que meu nome figura na capa deste livro. De muitas maneiras, essa história data de milhares de anos atrás e é um trabalho de milhares de autores. Seria melhor se eu fosse citado como um escriba.

Porém, até os escribas são beneficiários de assistência indispensável, para tornar seu trabalho possível. Em meu caso, isso começa com minha extraordinária esposa, Christine, que trabalhou ao meu lado nesse projeto, dando apoio incansável e também no papel de editora exigente, ao longo de mais de uma década. Os presentes que ela deu a mim e ao mundo, deixam-me sem palavras e admirado. Minha filha Alexandra tinha menos de um ano quando comecei a escrever esse livro, porém, durante o processo, passou a ter idade e talento suficientes como escritora para editá-lo como uma profissional. Em breve, ela será mais que uma mera escriba. Meu filho Adam ainda não chegou à maturidade, mas já tem idade suficiente para ter enfrentado o fardo de um pai obcecado por um sonho. Por suportar tão bem esse fardo, e com tanta paciência, humor, alegria e amor, eu lhe estendo meus sinceros agradecimentos e minha esperança de que ele persiga seus sonhos, pois, às vezes, os sonhos se tornam realidade. Outros que se encaixam nessa categoria de inspiradores, incentivadores e acalentadores são minha mãe, Faye Kimmel, meu irmão e minha cunhada, Martin e Sherri Kimmel, e meus primos Myers Kimmel e Sielke Caparelli, e seu marido, David.

Recebi apoio crucial e edição incisiva de meu amigo de escola, que se tornou um brilhante professor de inglês, Stephen Everhart. Também recebi apoio crucial e edição igualmente incisiva de meu sogro, Louis Savelli, multitalentoso e enciclopédico. Este livro se beneficiou imensamente de sua proeza intelectual e sensibilidade.

Por último, mas primeiros em cada detalhe, eu cubro de elogios e gratidão os profissionais dedicados que assumiram os riscos e devotaram suas habilidades para levar este romance a um público mais abrangente. Sam Pinkus foi o primeiro agente literário a se tornar um defensor dele, seguido, depois de vários anos, pelo imensamente talentoso Matt Bialer. Depois, o gigante editorial Larry Kirshbaum assumiu o manto, não somente como agente literário, mas também como editor pungente e sábio, que trouxe foco e uma sutileza inesperada ao trabalho. Agora minha história está nas mãos hábeis de Jay Mandel e do maravilhosamente entusiástico agente cinematográfico Jerry Kalajian. Os viajantes Lance Fitzgerald e Tom Dussel garantiram a publicação do livro em outras terras e idiomas, enquanto Mark Birkey, erudito e intrépido copidesque, melhorou imensamente a redação do texto em inglês (quaisquer erros que tenham permanecido são exclusivamente meus). Liz Stein, a assistente editorial que faz tudo acontecer, e Lisa Amoroso e Chris Welch proveram desenhos fantásticos para a capa e o interior do livro. E uma equipe não identificada, mas altamente apreciada de artistas, vendedores, distribuidores, livreiros, *web designers*, leitores e promotores sociais realizarão algo milagroso.

Com exceção daqueles a quem eu possa ter esquecido e imploro perdão, ainda resta uma pessoa a agradecer. Quando a editora Amy Einhorn, da Amy Einhorn Books, leu o manuscrito pela primeira vez, ela me disse: "Geralmente, não publico romances espirituais, mas, se o fizesse, eu publicaria este". Não posso imaginar um elogio maior ao livro e à editora. Amy deu um passo corajoso, ao editar algo de além desse mundo. Em sua brilhante edição, ela contribuiu com porções de sua alma. Ela é uma das heroínas editoriais. Serei eternamente grato.

Índice

CAPA

Ficha Técnica

PRIMEIRA PARTE

1

2

3

4

5

6

SEGUNDA PARTE

7

8

9

10

11

12

13

14

15

16

17

18

TERCEIRA PARTE

19

20

21

22

23

24

25

26

27

28

29

30

QUARTA PARTE

31

32

33

34

35

36

37

38

39

40

41

42

43

NOTA DO AUTOR

AGRADECIMENTOS